

EVELANNE SAMARA ALVES DA SILVA

**SEXUALIDADE E CONHECIMENTO POPULAR
A PARTIR DO USO DE GARRAFADAS:
possibilidades para intervenções em Educação
Sexual**



ARARAQUARA – S.P.
2017

EVELANNE SAMARA ALVES DA SILVA

**SEXUALIDADE E CONHECIMENTO POPULAR
A PARTIR DO USO DE GARRAFADAS:
possibilidades para intervenções em Educação
Sexual**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

ARARAQUARA – S.P.
2017

Silva, Evelanne Samara Alves da
Sexualidade e conhecimento popular a partir do
uso de garrafadas: Possibilidades para intervenções
em Educação Sexual / Evelanne Samara Alves da Silva
- 2017
232 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Conhecimento popular. 2. Garrafadas. 3. História.
4. Mulher. 5. Sexualidade. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EVELANNE SAMARA ALVES DA SILVA

SEXUALIDADE E CONHECIMENTO POPULAR A PARTIR DO USO DE GARRAFADAS: Possibilidades de intervenções em Educação Sexual

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Data da qualificação: 16/12/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Livre Docente, UNESP

Membro Titular: Dra. Ana Claudia Figueiredo Rebolho, UNICEP

Membro Titular: Dra. Maria Regina Momesso, UNESP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao Sr. José Portela da Silva (in memoriam) que, como muitos, deixou suas memórias para que outros sujeitos históricos pudessem refletir sobre sua identidade.

AGRADECIMENTOS

O estudo proposto é resultado de anseios profissionais, pessoais e acadêmicos. Nasceram em uma trajetória com o outro, com todos os que me acompanharam em vários momentos da vida e me estimulam para novos desafios.

Agradeço aos meus amados pais, Iza Regina de Souza Alves e Paulo Roberto Campelo da Silva e meu amado irmão Paulo Roberto Campelo da Silva Junior que sempre estiveram ao meu lado com as palavras de carinho e todo o apoio necessário.

Às minhas sobrinhas Hiara Maína dos Santos Silva e Maria Paula Maia Campelo, por compreenderem minha distância e tornarem minhas chegadas em Macapá cheias de alegria.

Agradeço em especial aos meus avós paternos Jardelina Campelo da Silva e Francisco da Silva Filho. Ensinarão-me ainda na infância a amar minha terra, o Amapá e me ajudaram a construir memórias que valorizam as garrafadas.

Ao amor pelo meu lugar também dedico a pesquisa, sentimento que está no cerne do objetivo de estudar em Araraquara para, também, de alguma forma, contribuir com a minha gente.

Aos amigos encontrados em Araraquara, que com solidariedade e alegria acolheram-me e ensinaram-me em todos os nossos momentos de convivência.

Aos ilustres professores do Mestrado Profissional em Educação Sexual da UNESP/FCLAR, sempre dispostos a problematizar mais do que conhecimentos, nos ensinam a termos uma postura reflexiva constante para pensar a sexualidade, para pensar a educação e o próprio humano.

Ao professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro por sua paciência e por suas valiosas orientações. Estas proporcionaram-me a visão das práticas culturais como provas da diversidade da sexualidade através dos tempos.

Aos meus amigos professores do Estado do Amapá e aos meus ex-alunos. Estes nas aulas de história oportunizaram a reflexão do quanto é valiosa a contribuição da sexualidade para uma educação significativa.

Agradeço aos participantes desta pesquisa, pois mostram a beleza de sua interpretação de mundo, que nos vê como um todo indivisível, como parte da natureza e parte de Deus.

Agradeço a todos que, apesar de não citados, contribuíram para minha caminhada.

“(. . .) A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Jacques Le Goff (2003, p.469)

RESUMO

O estudo tem como tema a sexualidade na perspectiva do conhecimento popular através do uso de garrafadas, prática cultural presente no cotidiano das populações da Amazônia. A pesquisa versa sobre como a prática pode contribuir para intervenções no campo da Educação Sexual, sejam inseridas na disciplina de História ou em Projetos de Educação Sexual, por meio de disciplina específica. Objetiva-se relacionar o currículo formal ao que é vivenciado no cotidiano de adolescentes e jovens amapaenses, que revela o uso de garrafadas, prática que pode ser considerada para proporcionar uma aproximação entre sexualidade, História e cultura popular no ambiente escolar. A metodologia está pautada na revisão de literatura científica e pesquisa qualitativa por meio de coleta e análise de entrevistas semiestruturadas com pessoas que produzem garrafadas na cidade de Macapá, Estado do Amapá. A proposta da pesquisa se insere no campo da História Cultural considerando a História de vida dos indivíduos, suas vivências e identidades e destaca-se as mulheres como grupo social, antes silenciadas pela História positivista e que muito recorrem ao uso de garrafadas para solucionar questões ligadas à saúde e sexualidade. A memória dos produtores de garrafadas de Macapá expôs características desta prática, destacou a procura de garrafadas por parte das mulheres e acentuou a distância entre universo popular e a escola, afastamento que pode ser suprimido ao se considerar a sexualidade em sua amplitude.

Palavras-chave: Conhecimento popular. Garrafadas. História. Mulher. Sexualidade.

ABSTRACT

The study has as its theme sexuality in the perspective of popular knowledge through the use of bottles "garrafadas", a cultural practice present in the daily lives of the populations of the Amazon. The research deals with how the practice can contribute to interventions in the field of Sexual Education, whether inserted in the discipline of History or in Projects of Sexual Education, through specific discipline. The purpose of this study is to relate the formal curriculum to what is experienced in the everyday life of adolescents and young Amapaenses, which reveals the use of bottles "garrafadas", a practice that can be considered to provide an approximation between sexuality, history and popular culture in the school environment. The methodology is based on the review of scientific literature and qualitative research through the collection and analysis of semi-structured interviews with people who produce the bottles in the city of Macapá, Amapá State. The proposal of the research is inserted in the field of Cultural History considering the life history of the individuals, their experiences and identities and highlights the women as a social group, previously silenced by the positivist History and that much use the use of bottles to solve related issues health and sexuality. The memory of the Macapá bottle growers exposed characteristics of this practice, highlighted the demand for bottles by women and accentuated the distance between the popular universe and the school, a departure that can be suppressed when considering the sexuality in its amplitude.

Keywords: Popular knowledge. Bottles. History. Woman. Sexuality.

LISTA DE FOTOS

- Foto 1* - Garrafadas para diversos fins, como infecção urinária, comercializadas na Feira do Pacoval, localizada na Zona Norte na área urbana da cidade de Macapá/AP.54
- Foto 2* - Detalhe de uma garrafada para Cálculo Renal. Popular: pedra nos rins. Comercializada na Feira do Pacoval localizada na Zona Norte na área urbana da cidade de Macapá/AP.54
- Foto 3* - Garrafadas para diversos fins comercializadas na feira do Ver-o-peso em Belém/PA.....55
- Foto 4* - Garrafadas para diversos fins, como para reprodução, miomas e cânceres no útero ou para impotência sexual, comercializadas na feira do Ver-o-peso em Belém/PA.....55
- Foto 5* - Garrafada para atrair parceiro (a) comercializada na feira do ver-o-peso Belém/PA.....56
- Foto 6* - Banhos de purificação e atrativos comercializados na feira do Ver-o-peso, Belém/PA.....56
- Foto 7* - “Banho de folhas” para afastar “males da alma” comercializado na feira do Ver-o-peso Belém/PA.57
- Foto 8* - Garrafada para questões ligadas ao útero comercializada na feira do Ver-o-peso Belém/PA.....57

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i>	- Eixos estruturantes: Ensino Médio – Primeira série.....	166
<i>Quadro 2</i>	- Eixos estruturantes: Ensino Médio – Segunda série.....	169
<i>Quadro 3</i>	- Eixos estruturantes: Ensino Médio – Terceira série	173
<i>Quadro 4</i>	- Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Primeiro ano.....	180
<i>Quadro 5</i>	- Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Segundo ano.....	182
<i>Quadro 6</i>	- Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Terceiro ano.....	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
APINA	Conselho das Aldeias Wajãpi
AVC	Acidente Vascular Cerebral
AWATEC	Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura
CPZG	Centro de Pesquisas Zoobotânica e Geológicas
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPA	Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá
IEPÊ	Instituto de Pesquisa e Formação Indígena
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
NEM	Núcleo de Ensino Médio
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações não governamentais
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEED	Secretaria de Estado da Educação do Amapá
SUS	Sistema Único de Saúde
UDC	Unidade de Documentação e Conservação
UEAP	Universidade Estadual do Amapá

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	19
1.1 Objetivos	30
1.1.1 Objetivo geral	30
1.2 Objetivos específicos	30
1.3 Percurso metodológico	30
2 O AMAPÁ COMO CENÁRIO DA QUERELA ENTRE SABERES	37
3 GARRAFADAS: CONCEITO E UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	52
3.1 Mulheres e garrafadas: uma relação suspeita aos olhos dos homens	65
3.2 Garrafadas: entre o saber popular e o científico	68
4 PRÁTICAS POPULARES À MARGEM DA HISTÓRIA: O CONHECIMENTO POPULAR EM CHEQUE	80
4.1 Inserções sobre miscigenação	84
4.2 História, sexualidade e diversidade cultural: pontos convergentes	93
5 APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL	100
6 AS NARRATIVAS DOS PRODUTORES DE GARRAFADAS	112
7 ENUNCIADOS PARA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE EM HISTÓRIA E EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL QUE CONSIDEREM A CULTURA POPULAR E O USO DE GARRAFADAS	163
7.1 Possibilidades para a disciplina História	163
7.2 Possibilidades para um projeto de Educação Sexual	177
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS	193
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	206
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	207
ANEXO A – ENTREVISTA COM SUJEITO 1: MARIA	208
ANEXO B – ENTREVISTA COM SUJEITO 2: RITA	213
ANEXO C – ENTREVISTA COM SUJEITO 3: ANTÔNIO	216
ANEXO D – ENTREVISTA COM SUJEITO 4: BENEDITO	223
ANEXO E – ENTREVISTA COM ANA	228

APRESENTAÇÃO

A História sempre despertou minha curiosidade. Desde a adolescência imaginava as diferenças entre o modo de vida no presente e no passado; a divertida comparação motivou-me a escolher o curso como opção de licenciatura após ser discente do antigo Magistério na cidade de Macapá/AP. Neste movimento de curiosidade e descoberta, a História dos grandes heróis ensinada desde o ensino básico era colorida com os aspectos do cotidiano das sociedades antigas.

Com o curso de graduação em História, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), essa curiosidade foi instigada, aumentou o interesse por temáticas antes consideradas irrelevantes, mas que nas disciplinas mostraram-se interessantes, como as ligadas à vida privada e ao cotidiano das pessoas. Temáticas nas quais a sexualidade estava presente.

Como o curso de Licenciatura e Bacharelado em História foi iniciado no ano 2000, sentíamos as novidades de outros cortes temáticos que adentravam o ambiente acadêmico brasileiro ultrapassando as tradicionais interpretações marxistas e processuais, que davam à cultura e às mentalidades um lugar secundário, já que, as interpretações mais ortodoxas privilegiavam o campo econômico e davam às outras temáticas um lugar de apenas consequências de necessidades materiais (Vainfas, 1997).

Na turma “História 2000” da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) não foi cursada uma disciplina específica sobre a sexualidade, no entanto, o tema perpassava as disciplinas obrigatórias em diversos momentos e em diversas cenas das periodizações históricas tradicionais.

O interesse que a História despertava se relacionada aos temas inovadores, como casamento, sexualidade, família e vida cotidiana, foi confirmado posteriormente com minha atuação como professora de educação básica a partir do ano de 2005.

Observei que as temáticas consideradas micro para a História, causavam curiosidade e interesse dos alunos, que demonstravam prazer em estudar uma disciplina antes vista como distante do seu cotidiano. Presenciei uma resposta positiva, no que diz respeito ao interesse e participação, após a abordagem da sexualidade em seus múltiplos aspectos, como nas questões de gênero, relações familiares, religiosidades e diversas práticas culturais.

No planejamento e realização das aulas, buscava fazer inserções sobre a sexualidade, argumentava para tal as orientações existentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos pelo Ministério da Educação em 1997, que davam espaço para a abordagem transversal do tema. Durante as aulas o tema era tratado, frequentemente, em meio aos conteúdos oficiais, já que a matriz curricular adotada no Amapá não contempla explicitamente o tema sexualidade.

Ainda no tempo da graduação, como estagiária na Unidade de Documentação e Conservação (UDC) do Museu Sacaca¹, tive contato com fontes primárias escritas pelo pesquisador Waldemiro de Oliveira Gomes², que acentuava a natureza regional como inválida se não passasse pela chancela do saber científico.

Os escritos de Waldemiro de Oliveira Gomes falavam sobre o potencial do Amapá, no que diz respeito à flora, matéria-prima que só teria valor se estudada pela ciência e mostrada

¹ O Museu Sacaca está atrelado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), este é fruto de uma trajetória histórica ligada aos seguintes museus: Museu Comercial/Industrial (1965), Museu Joaquim Caetano da Silva (1970), Museu de História Natural Ângelo Moreira da Costa Lima (1974), Museu de Plantas medicinais Waldemiro de Oliveira Gomes (1988) e Museu do Desenvolvimento Sustentável (1997). O IEPA foi criado em 1991, composto de dois centros localizado onde hoje funciona o Museu Sacaca e o Centro de Pesquisas Zoobotânica e Geológicas (CPZG) (Almeida, 2000).

² Waldemiro de Oliveira Gomes nasceu em Belém (PA) em 04 de dezembro de 1895, formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, após realizar estudos em Portugal, nos quais obteve certificados de especialização em antropologia científica e fisiológica, agricultura, sericultura, apicultura, extração de princípios ativos de vegetais e histologia dos vegetais. Chegou em Macapá no ano de 1935, atuando no Museu Comercial e Industrial e posteriormente no Museu Histórico e Científico Joaquim Caetano da Silva até seu falecimento em 21 de agosto de 1981 (Almeida, 2000).

aos grandes centros urbanos do país, por meio do Estado, na figura de seus representantes políticos, intelectuais e funcionários públicos que dariam àquela riqueza sua visibilidade e validade (Silva, 2011).

O discurso apresentado pelo pesquisador era apenas um lado da História, atrelada aos “homens importantes”; por outro lado, os habitantes do Amapá sempre fizeram uso da flora para sua sobrevivência, por meio do que a ciência designa “senso comum³”. Assim, no cotidiano da cidade de Macapá, o consumo de garrafadas era e é estratégia utilizada frequentemente para tratar questões ligadas à sexualidade como em toda a Amazônia.

Macapaense e neta de mulher que produzia garrafadas para consumo doméstico, tal uso faz parte de minha memória de infância. Sou testemunha da importância das garrafadas para a comunidade local. Assim como eu e minha família, diversos agentes vivenciaram e vivenciam o uso da natureza atrelado ao cotidiano. Essas vivências estão distantes da educação e medicina formais. Cabendo também afirmar que tais conhecimentos ficaram e ficam à margem da própria História. Convém, neste sentido, perguntar quem faz parte da História? O grupo social no qual estamos inseridos faz parte? Essas perguntas inquietavam-me na graduação e no dia-a-dia escolar também eram suscitadas pelos alunos.

Minha memória abriga a prática do uso de plantas para tratar da saúde, dentre vários costumes atrelados a este uso estavam: “puxar” (massagear⁴) uma parte do corpo acometida de um mal, esfregando unguentos e proferindo orações; “bater” a pele com um ramo de planta específica para afastar um mal; usar banho de folhas para afastar um mal material ou

³ Nunes (1987) conceitua senso comum como: “a primeira síntese de pensamento de um determinado grupo social” (p.13). O termo sugere uma ideia irrefletida sobre algo, portanto, pode se tornar problemático, visto que, os produtores de garrafadas refletem sobre suas produções, adaptam suas produções e seu conhecimento pela vivência, agregação e recriação de saberes. O termo “senso comum” ainda ganhou uma conotação pejorativa, pois é um pensamento “carregado de equívocos, eivado da ideologia dominante” (Nunes, 1987, p. 23).

⁴ Para alguns termos colocamos entre parênteses o que seria o similar para a medicina formal, sabemos, no entanto, que nem sempre é possível tal similaridade, pois de acordo com o que pontua Pereira (1993) as mesmas categorias aplicáveis para a medicina formal, muitas vezes, não são aplicáveis para a medicina popular, esta última carrega em seus termos um caráter mágico inexistente nos termos científicos, “puxar”, por exemplo, requer orações e fé ao serem depositadas no local tocado, além da técnica das mãos.

imaterial; ingerir garrafadas para tratar uma enfermidade material ou imaterial; benzer pessoa acometida por males espirituais como o “quebranto”.

A memória é, aliás, outro campo interessante e prazeroso da História, por dar vida aos fatos imersos em sentimentos, promove significado ao passado. Através da presença do afeto na comunicação e leitura de lembranças, há o acesso de “histórias dentro da história”, por meio da oralidade, ampliando-se as possibilidades de interpretação do passado (Alberti, 2010).

A História tradicional, com aporte positivista, por muito tempo desprezou fontes não documentais como a memória dos sujeitos, como os de minha família, também não privilegiou regiões como centros da produção do saber, como o lugar onde eu moro. A História estava atrelada à escrita da biografia dos heróis nacionais o que excluía a mulher e a sexualidade de sua produção. Nesse estudo, buscamos contribuir para sanar essas lacunas, pois, uma História da sexualidade da mulher na Amazônia permanece sem significativo número de produções acadêmicas e ainda não há sua inserção como temática no ambiente escolar.

Dar visibilidade à cultura popular por meio da ciência para sanar silêncios relacionados à sexualidade é o meu intento, como também sanar o apagamento das regiões, como o Norte do Brasil como lugar de produtor científico; região que até hoje carrega o estereótipo de atrasada, julgamento que alega o uso de saberes populares como sinal de barbárie, em uma atribuição moral que lançou características negativas para essa macrorregião.

A tentativa de dar destaque para todos esses campos está no bojo deste estudo, que por este motivo, se torna um desafio por dar notoriedade às práticas tão inferiorizadas, como a manipulação de ervas sem um saber especializado aos moldes da medicina oficial.

A pesquisa vem alinhada ainda às indagações que motivam muitos estudos contemporâneos e são perguntas que faço em minha atuação como professora, tais como: Onde se encontram as minorias na História? Por que temas tão interessantes como a sexualidade são ainda afastados do currículo escolar, apesar das inúmeras produções acadêmicas escritas ainda no século passado e que atestam sua pertinência e viabilidade? De que forma a História pode contribuir para a inserção do tema sexualidade na escola? Já que abrir alternativas para a abordagem da sexualidade se faz urgente pelo próprio direito assegurado aos discentes de uma aproximação com o tema, conforme anuncia marcos legais internacionais⁵, além da realidade de violências sexuais vivenciadas por muitos jovens.

Em minha trajetória profissional e estudantil, foi possível também sentir a incômoda impressão de que o que se estudava em diversos espaços não adentrava ao meu local de trabalho. Na escuta de colegas professores é recorrente a queixa que os avanços em termos de pesquisa e propostas na área da educação, muitas vezes, parecem não ter espaço efetivo na escola por diversos condicionantes e isto engloba várias temáticas como a sexualidade.

Cabendo, neste sentido, aos profissionais da educação e a universidade estabelecerem uma ponte de colaboração e conhecimento que surta efeito para a realidade dos alunos. Essa foi a percepção que pude alcançar no Mestrado Profissional em Educação Sexual.

Tenho a expectativa que a dissertação contribua para sanar vazios deixados pela não abordagem de práticas culturais e especificidades locais, aspectos que os professores podem considerar para aproximar os alunos da temática sexualidade além de contribuir para uma educação que considere as diversidades e instigue a reflexão para o alcance da plena cidadania.

⁵ Como exemplo temos a Declaração dos direitos sexuais como direitos humanos, aprovada no XV Congresso

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

No universo da escola, a sexualidade aparece como tema marcado pela concepção judaico-cristã (Figueiró, 2010), ora de pecado ou pela concepção marcada pelos objetivos de prevenção e higiene, num discurso biologizante (Nunes, 1987). Em muitas experiências a sexualidade continua sendo tratada de forma pontual, dentro de eventos e campanhas voltadas para a saúde (Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura, 2014). Essas maneiras de abordagens da sexualidade não alcançam os anseios dos jovens e, por vezes, os profissionais que deveriam dialogar com os alunos acabam lançando abordagens que não permitem aos estudantes a oportunidade de reconhecerem sua identidade. Assim, a proposta do presente estudo é repensar as interseções possíveis entre o saber popular e a sexualidade no espaço escolar, dando protagonismo a uma temática alijada do ambiente escolar, a qual faz parte do universo de muitos jovens no Amapá: o uso de garrafadas⁶.

A hipótese que instigou o estudo foi a de que os conteúdos formais ministrados nas escolas ainda estão distantes da cultura popular que está presente na realidade dos discentes.

Outro pressuposto é que os discentes e seu universo ainda hoje são descartados, privilegia-se ainda a matriz curricular com uma influência do positivismo na área de História, na qual a racionalidade enfatiza o saber científico em detrimento de problematizações sobre os saberes não científicos. Isso impede a compreensão da historicidade das ações e dos costumes do universo do aluno.

Mundial de Sexologia, em Hong Kong entre 21 e 27 de agosto de 1999, tal declaração acentua entre outros pontos o direito à informação baseada no conhecimento científico (Decker, 2010).

⁶ O *Dicionário On line de Português* ([2016]), define garrafadas como “1- Conteúdo de uma garrafa. 2- Pancada com garrafa. 3- Beberagem que os curandeiros dão como medicamento”. Também pesquisamos no *Dicionário Priberam de língua portuguesa* ([2016]) que define garrafadas como: “1- Líquido ou gás contido numa garrafa cheia. 2 Medicamento que vem da farmácia em garrafa. 3 Remédio que vem de curandeiro”. Atualmente recorre-se às ferramentas disponíveis para encontrar o significado de palavras pela internet, optamos em exemplificar por meio deste material pelo seu acesso frequente. A definição encontrada nos dois importantes veículos da atualidade não supre a complexidade do termo, estabelecemos um espaço específico neste estudo para tratar do significado de garrafadas.

O uso das garrafadas é um exemplo de prática cultural assentada no saber popular que possui relação direta com a sexualidade e que resulta da mescla de influências múltiplas para o cuidado do corpo (Camargo, 1975). As garrafadas, contendo mistura de elementos da natureza, servem para veículo de cura, receitado por diversos especialistas do universo popular⁷.

Para apresentarmos a sexualidade em sua ampla dimensão, traremos questões subjetivas e sociais, como a memória dos sujeitos sobre aspectos da sexualidade e a demanda social para o uso de garrafadas e lançaremos um olhar sobre questões relacionadas ao biológico, como a saúde sexual e reprodutiva⁸ das mulheres, apontada pelos participantes da pesquisa como objetivo para as garrafadas que produzem. Outras garrafadas, como as confeccionadas para a conquista de parceiros, serão exemplificadas, porém não evidenciadas.

No estudo serão feitas principalmente inserções sobre o universo feminino, para dar voz a um segmento marginalizado até recentemente, no campo do conhecimento histórico.

Ao cuidar do seu corpo, as mulheres usam, desde as sociedades antigas, misturas com elementos da natureza no intuito de proteger a saúde compreendida de maneira global, na qual corpo e a alma fazem parte do mesmo conjunto. A utilização de ervas para a cura do corpo e da alma é um uso com origem no passado, mas realizado no contemporâneo. Um uso que é desprezado na escola, mas que pode ser problematizado neste lugar.

Para alcançar tal proposta, interseções foram necessárias, como articular cultura popular e sexualidade, definir em que consiste a Educação Sexual, o que é a sexualidade e

⁷ Pereira (1993), ao citar Galvão (1976), afirma que são diversos os terapeutas populares na Amazônia, sendo o pajé em geral um homem que trata de pessoas acometidas de doenças provocadas por entidades sobrenaturais, espíritos que povoam a mata ou o fundo dos rios. Os pajés conhecem plantas para fins terapêuticos. Já as parteiras, especialistas na arte do partejar, não tem os poderes de um pajé, no entanto, recebem influência da pajelança, bem como, da religiosidade católica popular. Existe o benzedor, que lança mão de orações para a cura sem fazer necessariamente manipulação de ervas. Tais grupos não são estáticos em suas ações realizando apenas uma única forma de atuação (Pereira, 1993).

⁸ No que diz respeito à saúde sexual, os entrevistados abordaram aspectos como inflamações nos órgãos sexuais, doenças e comportamentos que afetam tais órgãos e no que diz respeito ao tema reprodução, os entrevistados abordaram temáticas como gravidez, prevenção de gravidez precoce, fecundidade e aborto.

por que deve ser abordada tanto dentro dos programas das disciplinas tradicionais, como em uma disciplina obrigatória.

A escola deve problematizar o que a ciência estipulou como verdade e responder por que certas formas de vivenciar a sexualidade foram silenciadas historicamente (Britzman, 2001), ou seja, a escola deve se contrapor à ideia de homogeneidade cultural em torno do tema e apresentar a pluralidade de concepções de mundo, além de problematizar as inúmeras vivências.

Os conteúdos de História que são organizados para a rede estadual de ensino do Amapá não consideram os conhecimentos populares, não para torná-los sinais de exotismo apenas, o que não acrescenta para reflexões mais profundas, mas para compreensão de outros modos de interpretação da realidade. Assim, ainda numa perspectiva tradicional, os conteúdos são ensinados afastando criações que são resultado do hibridismo cultural e sincretismo religioso, como a confecção e uso das garrafadas.

Uma dupla ausência é constatada historicamente nas escolas amapaenses: o silenciamento de práticas populares e a carência de projetos em Educação Sexual. No entanto, questões relacionadas à sexualidade são reforçadas desde o passado até o presente na escola, mesmo que não tratadas formalmente no currículo, pois, como nos afirma Guacira Lopes Louro (2014) “gestos, movimentos e sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos” (p. 65). Assim, os sujeitos são fabricados em um processo sutil e quase imperceptível neste processo, as dimensões do currículo oculto moldam os alunos, mas não são questionadas para acrescentar novas possibilidades de interpretações sobre a sexualidade e identidades.

Buscamos neste trabalho considerar uma prática cultural típica da Amazônia, o uso de garrafadas, para a vivência da sexualidade feminina através do cuidado com o corpo, que é

uma dimensão da sexualidade (Nunes, 1987) e olha-se tal perspectiva como possibilidade para o ensino de História e para uma proposta de Educação Sexual.

Alguns conceitos foram fundamentais para a pesquisa, como o conceito de sexualidade⁹ em sua ampla dimensão, o conceito de cultura popular¹⁰ e Educação Sexual, o conceito de gênero, o conceito de discurso¹¹, bem como, o conceito de identidade¹². Adota-se também a filiação ao campo História Cultural, no qual o tema sexualidade aparece com frequência e importância após a década de 1970 e no qual um aporte metodológico que destaca a história de vida dos sujeitos e suas experiências é evidenciado.

A partir das décadas de 1960 e 1970¹³, no cenário mundial de Revolução Sexual, formulações advindas do movimento feminista proporcionaram novas reflexões em torno da sexualidade, conforme afirma Magali Engel (1997), abrindo possibilidades de se compreender a sexualidade como construção social que se modifica ao longo da História e está imersa em diversos campos dos relacionamentos humanos.

Apesar do avanço teórico, com a ascensão de conceitos como gênero para as ciências humanas, persiste a ideia de que a abordagem da sexualidade nas escolas deve estar restrita às aulas de ciências, para as primeiras etapas do Ensino Básico, ou de Biologia para a etapa final, demonstrando uma concepção antiquada, distante dos interesses dos adolescentes e centrada em uma perspectiva informativa e simplista (Britzman, 2001; Egypto, 2012; Nunes,

⁹ Adota-se o conceito de sexualidade apresentado por Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2011) como “um fenômeno amplo que se expressa de diversos modos: nas práticas sexuais, nos desejos, nos sentimentos, nos pensamentos, nas emoções, nas atitudes, nas representações”, envolvendo questões orgânicas, psicológicas e sociais (p. 25).

¹⁰ Concebemos que cultura popular engloba os conhecimentos populares que resultam na produção de garrafadas. Vanusa Santos (2015) ao referenciar Pierre Bourdieu (1989) afirma a impossibilidade de um recorte preciso de classe popular. A autora afirma que as classes populares constroem um espaço de relações, sendo a cultura popular o capital inventado pelas pessoas desses segmentos. As práticas que realizam são indissociáveis de sua experiência cotidiana, tais saberes são reconectados à territorialidades e temporalidades, portanto, os saberes populares não são cristalizados.

¹¹ Compreende-se neste estudo o termo discurso como fruto da relação entre língua e ideologia, tendo o discurso como lugar de observação desta relação, conforme afirma Orlandi (2003).

¹² Adota-se o conceito de identidade utilizado por Guacira Lopes Louro (2014) como sentimento construído de pertencimento a um grupo.

1987; Quadrado & Barros, 2014), pois evidencia um discurso biologizante e científico do corpo, desprezando questões como o prazer, o desejo, a diversidade sexual e a diversidade cultural, ou seja, se exclui o caráter histórico e cultural da sexualidade, limitando-a à genitalidade (Maia, 2011).

A sexualidade compreendida em sua diversidade, ainda hoje, é tema tabu para as sociedades modernas. Problemas resultantes da falta de diálogo sobre o tema são, muitas vezes, revelados pelo “analfabetismo sexual” vivido por muitos adolescentes (Boarini, 2004), apesar do bombardeio de informações e imagens exibidas por veículos de comunicação que banalizam o sexo, mas não incidem em uma problematização sobre sexualidade.

Por outro lado, a sexualidade e sua relação com a cultura popular é descartada na escola, o que é fruto tanto da visão de sexualidade com os resquícios dos julgamentos proveniente das interpretações de raiz judaico-cristã, como da inferiorização de práticas culturais de origem híbrida para percepções da sexualidade alicerçada no que Paula Regina Costa Ribeiro (2013) conceitua como discurso biológico do sexo, que vê a sexualidade pelo prisma de uma ciência excludente.

A sexualidade esteve imersa em um discurso repressivo que impede a problematização das diversas visões construídas historicamente em relação ao tema. É preciso compreender a multiplicidade de narrativas, para valorizar as diversas construções simbólicas em torno da sexualidade percebendo os discursos judaico-cristão ou cientificista como instrumentos disciplinadores dentro das relações de poder. A partir desse quadro será possível encontrar as motivações para o afastamento do saber popular da instituição escola.

A vivência da sexualidade pelos agentes sociais está imersa nos ensinamentos construídos por gerações no passado, formulações pertencentes ao campo religioso, ao universo simbólico de comunidades, ao discurso produzido no interior das famílias em

¹³ Neste estudo não haverá ocupação incisiva sobre o percurso histórico da sexualidade na ciência, bem como,

contato com interações e espaços diversos. O conhecimento popular é composto por uma pluralidade de saberes arregimentados por todos esses condicionantes, portanto, não nos ocuparemos aqui de fazer uma genealogia rigorosa da contribuição de cada uma das raças¹⁴ que popularizaram o uso das garrafadas no Brasil, devido a complexidade de tal exercício e por se definir a prática cultural em questão como fruto da miscigenação não só por meio da criação, mas recriação de saberes tanto no passado quanto no presente.

É pertinente discutir a percepção da sexualidade do local de vivência do aluno, numa perspectiva da História que considera representações, experiências, discursos e saberes construídos no passado que resultam em práticas do cotidiano, como o uso de garrafadas pelas populações da Amazônia.

O uso de garrafadas é feito sem acompanhamento convencional ou concomitante à orientação institucionalizada e é difundido a partir de uma relação secreta com a natureza e entre as pessoas. Seu uso é resultado de um saber perpassado pela oralidade que apresenta caminhos para o cuidado com o corpo, a proteção do corpo em múltiplos aspectos, o tratamento de enfermidades, problemas relacionados à reprodução, afetividade e outras especificidades incluídas no amplo campo da sexualidade. Muitos desses conhecimentos se aliam à outras práticas¹⁵ tradicionais como as vivenciadas pelas parteiras e benzedadeiras, num

da Educação Sexual, a proposição será salientar alguns momentos que consideramos importantes para o desenvolvimento destes campos do conhecimento.

¹⁴ Fazemos uso do termo etnia por sua aceitação acadêmica no contemporâneo, mas também faremos uso do termo raça na pesquisa alicerçados nos argumentos de Foster (2015) que defende o uso da categoria raça, não acentuando seu caráter puramente biológico, como muitos estudiosos alegaram para a substituição do termo por etnia, mas acentuando um caráter de submissão e dominação construídos historicamente num processo em que se elencou raças puras e inferiores. O conceito de etnia muitas vezes, para a autora, pode esvaziar este caráter de poder chamando atenção apenas para diferenças étnicas. Vainfas (1999) compartilha da mesma ideia propondo que o conceito raça seja ainda considerado, não como fundamentação biológica própria do século XIX e início do século XX, mas como social e ideologicamente construído.

¹⁵ Outro exemplo é a classificação de alimentos para a saúde da mulher, na qual se define o que se deve e o que não se deve comer, definindo mitos, proibições e tabus alimentares caracterizados pela definição de comida remota. Del Priore (2009) afirma que no Brasil Colônia uma coleção de nomes foi apresentada na culinária ora como estimulantes, ora como inibidores de prazeres sexuais. Pereira (1993) utiliza o termo “culinária mágica” (p. 168) nos quais os elementos da alimentação assumem os poderes para o reestabelecimento do equilíbrio do corpo por uma cura cósmica proveniente da natureza.

universo que dá aos materiais coletados da natureza um poder mágico e simbólico (Loyola, 1984; Del Priore, 2010).

As práticas de tratamento de enfermidades através de uso de ervas relacionadas aos aspectos da sexualidade feminina estão presentes no cotidiano amapaense, complementando ou sobressaindo ao tratamento formal oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS); um exemplo é o uso desse conhecimento por parteiras e o papel social das mesmas, principalmente nas comunidades rurais do Estado do Amapá. É importante ressaltar, porém, que a interpretação de uso de ervas para o trato com o corpo está ainda arraigada numa concepção repressora da sexualidade, que inferioriza saberes não europeus marginalizados por um pensamento pautado na ciência contemporânea que marcou também a produção historiográfica e um modelo de ensinar História.

A justificativa deste estudo se assenta principalmente numa dupla lacuna: a primeira diz respeito à consideração de práticas populares no contexto escolar, visto que, apesar da prerrogativa de considerar o regional e a diversidade cultural nas recomendações para o currículo do ensino básico de História (MEC, 2001a) e inscritas nos temas transversais Orientação Sexual e Pluralidade Cultural (MEC, 2001b), ainda não se dá a devida importância à cultura popular se privilegiando conteúdos vistos como universais para as etapas de ensino (Bittencourt, 2014).

A segunda ausência diz respeito à exclusão do tema sexualidade na escola, sobretudo, na consideração da diversidade cultural para formas de ver a sexualidade por diferentes grupos, apesar das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 2001b).

Considera-se ainda, como motivação para efetuar a pesquisa, os vazios acadêmicos deixados para uma parte específica do Brasil, a Amazônia e o Norte, que em inúmeras produções acadêmicas não apresentaram a voz de seus habitantes, como os produtores de garrafadas e sim interpretações externas sobre o seu modo de vida.

Temos como aporte considerar segmentos marginalizados por um longo período da produção histórica, como as mulheres, afastamento simultâneo à exclusão de práticas populares nas quais as mesmas tinham atuação para produção, difusão e uso (Del Priore, 2010). Também consideramos as classes populares que foram por um longo período vistas como coadjuvantes da História em prol de uma elite política nacional.

A desconsideração das práticas populares para a sexualidade atribuída pela ciência, está assentada no discurso construído em uma trajetória histórica com marco no século XVIII, no qual se estipulou o lugar para quem poderia falar de sexualidade, numa perspectiva normativa. Tal visão tradicional adentra os muros da escola e exclui saberes construídos sem formalismo, solidificados com grande contribuição da memória, que na perspectiva apresentada por Jacques Le Goff (2003) é sinônimo da própria identidade individual ou coletiva.

A proposta de diálogo entre práticas populares relacionadas à sexualidade e o currículo remete à tentativa de aliança entre o particular e o universal, entre o saber ligado ao cotidiano e o conhecimento acumulado historicamente pela humanidade. A consideração da relação entre os dois polos é o próprio papel da escola (Karnal, 2008).

Compreende-se como pressuposto nesta dissertação, que o saber popular ligado ao cotidiano, que dá base às práticas populares, está presente na escola na própria subjetividade dos indivíduos e em sua identidade, porém, inevitavelmente presente, este saber é afastado da rotina escolar e descredenciado diariamente ao ser ignorado ou depreciado.

A proposta deste estudo é tanto ensejar alternativa para evidenciar a cultura popular e sua relação com a sexualidade na própria disciplina História, quanto para uma Educação Sexual em uma possível disciplina obrigatória que considere essa relação. Por que optamos por enunciar estas duas vertentes?

Sabemos que a existência da Educação Sexual por meio de uma disciplina obrigatória não é uma realidade em todas as escolas brasileiras por vários fatores, como: falta de espaço físico, falta de apoio de gestores e representantes políticos e falta de formação de professores, o que prejudica uma compreensão abrangente acerca da sexualidade, conforme sucintamente voltaremos a tratar adiante.

As escolas que não possuem um espaço específico destinado para a Educação Sexual podem tratar a sexualidade no âmbito das disciplinas por meio da transdisciplinaridade¹⁶ entre os campos do saber ou em projetos interdisciplinares, sendo estas alternativas para que o tema não seja silenciado.

Antes de estabelecermos possibilidades para intervenções em Educação Sexual faremos um percurso a partir da apresentação do espaço de realização da pesquisa, de modo que, na seção dois deste estudo buscaremos compreender nuances do Amapá e como a educação formal enxergou o conhecimento popular neste lugar, pois foi estabelecido em um período específico, que a educação sistemática deveria alcançar meta nacional, tirar a natureza de seu não aproveitamento, tirar a população de uma suposta selvageria, ensiná-la a se portar corretamente perante a sociedade nascente, destacando nesse anseio o papel colocado para a mulher que em consonância com um projeto governamental, não poderia se reportar mais à figura familiar da parteira¹⁷ e da benzedeira ou insistir em repetir costumes

¹⁶ Compreende-se transdisciplinaridade, no âmbito da legislação educacional brasileira, como um conjunto articulado de temas, com relevância social, que nortearam o trabalho escolar de acordo com o estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e que se articulam ao conjunto das disciplinas. Compreende-se como interdisciplinaridade a relação possível entre uma ou mais disciplinas, para a abordagem de um tema, neste sentido história e língua portuguesa podem se articular em torno do tema sexualidade, ao se debruçar sobre sua vivência em diferentes épocas.

¹⁷ Mulher que utiliza conhecimentos populares para a realização de parto no ambiente domiciliar. De acordo com o Ministério da Saúde (2010) “o parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais estão presentes no País, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, sobretudo nas áreas rurais, ribeirinhas, de floresta, de difícil acesso e em populações tradicionais quilombolas e indígenas” (p. 9). Como afirma Loyola (1984) as parteiras não possuem o objetivo de curar doenças, dispensam cuidados para tal, como no período de quarentena ou resguardo, período de 40 dias após o parto no qual a mulher deverá se abster de relações sexuais e seguir normas alimentares e de comportamento. Benzedeiras são mulheres que usam como instrumento de trabalhos orações para reestabelecimento do bem-estar da pessoa, com destaque para o cuidado com as crianças que podem ser acometidas de males imateriais que comprometem sua saúde. É importante acentuar que a prática de partejar e de benzer não exclui uma à outra, já que, para a realização de

seculares de cuidado de si e sim, buscar os cuidados médicos específicos para tratar de seu corpo em lugares elencados para tal.

Na seção três, definiremos o que são as garrafadas, como produto do universo popular, considerando sua produção e utilização como prática cultural de origem híbrida, que fez parte do cotidiano do Brasil Colônia e é presente no Brasil contemporâneo. Neste momento do estudo também situaremos as garrafadas no bojo de um conflito maior entre dois modelos terapêuticos distintos de cura do corpo e de saúde proferidos pela medicina e pelo saber popular. Conflito provenientes de interesses mercadológicos, imposição da ciência, lógica do Estado e visões de mundo opostas expressas em diferentes modelos terapêuticos.

Na seção quatro, situaremos a marginalização de práticas populares no bojo de uma racionalidade com forte impressão no século XIX, que institui saberes não sistematizados como ilegítimos. Neste cenário, formulam-se os estudos para a sexualidade, elencam-se os sujeitos que podem inferir sobre o tema e os espaços selecionados para o seu ensino. No bojo deste contexto será importante compreender: Como a História, como ciência e disciplina, enxerga o saber popular? É possível abordá-lo como conteúdo inserido no currículo formal da disciplina? Sua abordagem pode inferir sobre o tema sexualidade?

Na mesma seção, apresentaremos assertivas sobre miscigenação e identidade nacional, compreendendo que a preservação ou refutação de práticas pertencentes à cultura popular, perpassam pela construção de uma ideologia de unidade étnica brasileira que inviabiliza na escola problematizações sobre uma heterogeneidade cultural.

A escola abriga lacunas no que diz respeito à sexualidade, discutir essa realidade é o objetivo da seção cinco, na qual faremos um breve panorama sobre a sexualidade no que consiste às suas relações com o ambiente escolar. Destacaremos de maneira sucinta os entraves para, até o momento, não ser efetivada uma Educação Sexual em todas as escolas

um parto são necessários os conhecimentos sobre as orações dominados por parteiras que também podem ser

brasileiras, apesar das inúmeras produções acadêmicas que destacam tal urgência. Nesse momento também mostraremos que as abordagens em torno da sexualidade continuam ainda com forte traço biologizante, as quais descartam saberes e sujeitos.

Na seção seis, apresentaremos as narrativas de quatro pessoas que produzem garrafadas no Amapá, cujos depoimentos atestam a contemporaneidade da alternativa para o cuidado com o corpo. Fizemos uso da história oral, por meio da consideração das memórias dos sujeitos, o que permitiu acessar histórias de vidas, identidades e representações sobre o passado e o presente dos participantes.

Na seção sete, apresentaremos o posicionamento da Secretaria de Educação do Amapá (SEED) sobre o tema sexualidade, no que diz respeito a uma inicial proposta interventiva nas escolas para abordagem do tema, pois acreditamos na importância de demonstrar os avanços conquistados no Estado em torno da questão. Apresentamos ainda observações sobre o documento: *Proposta Curricular da Educação Básica do Estado do Amapá*¹⁸, para alicerçar a hipótese de que o conhecimento popular não é considerado na relação dos conteúdos propostos pela Secretaria de Estado da Educação do Amapá. A partir da lacuna, traremos possibilidades de abordagens da sexualidade, considerando o conhecimento popular e, conseqüentemente, a produção de garrafadas para o conteúdo de História no Ensino Médio e para um projeto específico em Educação Sexual.

benzedeiros.

¹⁸ A fonte em questão encontra-se disponível para a consulta na Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED), no Núcleo de Ensino Médio (NEM). Órgão localizado na cidade de Macapá-AP. No setor foi informado que tal relação de conteúdos passará por reformulação até a data limite do ano de 2018, a partir do qual um novo documento estará disponível devido mudanças curriculares provocadas pela Reforma do Ensino Médio sancionada em 08/02/2017, pela medida provisória 746/2016. O documento que contém a proposta curricular de educação básica do Amapá ainda vigente é composto por 379 páginas, no corpo deste estudo apresentamos apenas um recorte, expondo na íntegra a relação de conteúdos referente à disciplina História, para o primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o uso de garrafadas como prática cultural resultante do saber popular e incidente na vivência da sexualidade no Amapá, propondo a utilização desta temática nas aulas de História e em Projetos em Educação Sexual.

1.2 Objetivos específicos

Contextualizar e apresentar o uso das garrafadas como produto da miscigenação brasileira e no cerne dos discursos disciplinadores do Estado, destacando o Amapá; bem como, apresentar o uso das garrafadas como alternativa contemporânea de cuidado com o corpo no cotidiano do Amapá, a partir da narrativa de sujeitos históricos.

Sugerir inserções sobre sexualidade, cultura popular e garrafadas a partir do conteúdo da disciplina História, estabelecido pela Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED).

Propor temas para um Projeto em Educação Sexual que considere o saber popular do qual faz parte a produção das garrafadas.

1.3 Percurso metodológico

Método

Para a metodologia da pesquisa, elencamos investigação qualitativa com aporte na História de Vida, que dá às narrativas do sujeito uma valorização, considerando seus feitos vividos, considerando a oralidade e o testemunho de épocas ou períodos históricos (Chizzotti, 2000).

Realizamos pesquisa de levantamento para a coleta de dados, que tem para Cozby (2011) o objetivo de “solicitar às pessoas informações sobre si mesmas – suas atitudes e crenças, dados demográficos (idade, gênero, renda, estado civil etc.) – e outros fatos, além de comportamentos passados e previsão de comportamentos futuros” (p.143), tal perspectiva permite ampliar o conhecimento sobre o fenômeno estudado por meio do levantamento de percepções resultantes dos relatos de pessoas.

Realizamos pesquisa bibliográfica¹⁹ considerando o levantamento de produção acadêmica relacionada não só à produção de garrafadas, mas que também abordam gênero, sexualidade e Educação Sexual, bem como, realizamos coleta e análise do documento *Proposta Curricular da Educação básica do Estado do Amapá* (SEED, 2016), para sustentar a hipótese de ausência de Educação Sexual e conhecimento popular no currículo de História. Também apresentamos trechos do *Jornal Amapá* para ilustrar especificidades do Estado no período em que foi Território Federal.

Para compreender a existência de uma proposta relacionada à sexualidade direcionada pela Secretaria de Educação para escolas do Amapá, foi necessário realizar entrevista com um de seus autores. Procedimento justificado pela inexistência de fontes escritas sobre a formulação de tal proposta.

Por fim, realizou-se a técnica de coleta de dados por meio de entrevistas com produtores de garrafadas, o que permitiu dar protagonismo aos agentes e suas narrativas e por ser única forma possível, diante a carência de fontes escritas que evidencie suas impressões sobre a prática cultural em questão.

A abordagem dos produtores de garrafadas foi feita através de entrevistas semiestruturadas que apresentaram as principais questões abertas: Com quem aprendeu a

¹⁹ Adota-se a definição de Rampazzo (2015), para pesquisa bibliográfica como sendo premissa para qualquer estudo acadêmico, no sentido de fazer o levantamento dos conceitos, para respostas às questões, para fundamentação teórica e justificar os limites da pesquisa.

produzir as garrafadas? Qual o significado da produção das garrafadas para a sua vida? Outra questão colocada foi: Qual o envolvimento dos mais jovens com a produção das garrafadas? Perguntou-se ainda: Você acha importante que os mais jovens conheçam sobre as garrafadas? E por fim: Quais os males ligados à saúde e a sexualidade que as pessoas buscam curar com as garrafadas?

Salientamos que as perguntas funcionaram apenas como um roteiro, pois como afirmam Rosa e Arnoldi (2008) para entrevistas semiestruturadas:

As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também mais subjetivo, levando ambos (o entrevistador e o entrevistado) a um relacionamento recíproco, muitas vezes de confiabilidade (. . .) As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que ocorre naturalmente. (pp. 30-31).

Deste modo, uma pergunta nem sempre foi feita da mesma forma para todos os entrevistados, cabendo adequações para a coesão da conversa; em muitos momentos foi aproveitada uma resposta como espaço para propor novas indagações.

De acordo com a classificação de perguntas para levantamento utilizada por Cozby (2011) as perguntas proferidas dizem respeito à “atitudes e crenças”, já que “focalizam a maneira como as pessoas avaliam e pensam determinados assuntos” (p. 156). Acreditamos também que estão inclusas na classificação “comportamentos”, utilizada pelo autor, pois as respostas também expressam comportamentos passados ou futuros.

Nos relatos dos participantes, frequentemente apareceram formulações autobiográficas, sentimentos, valoração, nuances da subjetividade dos sujeitos, a expressão de sua interpretação de mundo e representações²⁰, olhares que nos permitiram analisar o objeto de estudo garrafadas, considerando as percepções de seus próprios produtores.

A captura da fala foi justificada, para os entrevistados, como estratégia para facilitar o arquivo de dados, o que iria contribuir com o objetivo de propor uma Educação Sexual que considere a medicina popular. O objetivo foi explicado para os participantes, imperativo para que os mesmos relatassem suas experiências. Para os entrevistados, foi assegurado, no primeiro contato, que o estudo se tratava de uma pesquisa acadêmica com fins que poderiam ajudar a comunidade a validar seus saberes diante de um público diverso e distante.

Propusemos a coleta de imagem dos entrevistados, porém a captura de imagem foi argumentada uma das entrevistadas, como algo que poderia colocar seu próprio poder em cheque, pois obteve de sua mãe a orientação de que o olhar malicioso do outro sobre sua imagem poderia prejudicar sua saúde, conseqüentemente, a qualidade de sua produção poderia ser atingida, pois seu bem-estar está intimamente ligado à eficácia de seu trabalho.

O uso da imagem, apesar da boa intenção do pesquisador, não estaria sob o controle do mesmo, de acordo com a interpretação da entrevistada, impressão exposta em conversa não documentada. Para a participante, o pesquisador não seria mais o dono da imagem após o início de sua circulação, já que a foto estaria presente em um estudo acadêmico que poderia ser manipulado por muitas mãos, sendo que um possível mau uso da imagem comprometeria a saúde da participante. A visão da entrevistada sobre o valor de sua imagem é paralela à

²⁰ Como nos afirma Sandra Makowiecky (2003) o termo representação possui uma complexidade, no entanto, utilizamos o conceito de representações apresentado pela autora, que ao citar o sentido etimológico do termo afirma que “representação provém da forma latina *repraesentare*”, no sentido de fazer presente ou apresentar de novo e fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto.

narrativa Wajãpi²¹, na qual o princípio vital de uma pessoa está também na sua imagem que carrega a sua força, o mesmo ocorre com a gravação da fala (APINA, AWATAC & IEPÉ, 2015).

Pelo desconforto dos entrevistados perante a sugestão de captura de suas imagens ilustraremos a pesquisa somente com imagens das garrafadas.

Participantes

A seleção dos participantes foi feita através de indicação de pessoas que apontaram os produtores de garrafadas e facilitaram o acesso às mesmas. Portanto, para uma conversa inicial com os quatro participantes, foi necessário o que Rosa e Arnoldi (2008) apontam como um “grupo de contato” que seria um “canal social” (p. 50) para a ligação entre entrevistado e entrevistador.

Não há nenhum dado na cidade de Macapá que indique quais são as pessoas que produzem garrafadas, sendo estas conhecidas pelas comunidades através das relações espontâneas e familiares estabelecidas entre as pessoas, no qual umas informam as outras sobre cada produtor e sobre o sucesso de seu receituário.

Realizando o levantamento dos participantes a partir de indicações de parentes e chegou-se ao número de 6 pessoas, no entanto, dois selecionados se recusaram a participar da pesquisa.

Uma possível participante, na tentativa de um primeiro contato, perguntou através de sua filha do que se tratava a conversa, não atendeu pessoalmente a pesquisadora alegando estar indisposta e no segundo dia combinado, sua filha respondeu que a mãe não estava interessada em falar.

²¹ Os povos Wajãpi (pronunciado Waiãpi) habitam terras indígenas no Estado do Amapá, no Município de Pedra Branca do Amapari, ao norte do Estado, no Município de Laranjal do Jari, ao sul do Estado e no Parque Indígena do Tumucumaque, unidade de conservação que fica na divisa entre Amapá e Pará, englobando a

Outra pretensa participante alegou que “já deu entrevista para muita gente” e hoje está mais preocupada com a produção e venda de seu trabalho. A mesma produz e vende garrafadas e pacotes de ervas medicinais em frente a um importante órgão do seguimento de saúde, localizado em uma das principais avenidas da cidade. A senhora nos relatou alguns fatos e impressões, mas não permitiu o registro da conversa, tampouco aceitou formalmente a participação no estudo.

Participaram do presente estudo, então, quatro pessoas que produzem garrafadas no Amapá, em sua capital Macapá. Das quatro pessoas, foram entrevistados dois homens e duas mulheres (mãe e filha). As mulheres são naturais de Amapá, nasceram e residem na comunidade remanescente de quilombo Curiaú, legitimada em 1999, pelo programa do Governo Federal *Brasil Quilombola* (Anjos, Silva & Sangel, 2008).

Os homens são, um natural de Maranhão e um natural do Ceará. Um residiu em um bairro relativamente novo de Macapá chamado Marabaixo, com ocupação incisiva na década de 1990. O outro participante reside em um bairro antigo de Macapá chamado Perpétuo Socorro.

Para as entrevistas adotamos os seguintes nomes fictícios: Sujeito 1: Maria, Sujeito 2: Rita, Sujeito 3: Antônio e Sujeito 4: Benedito²². A pesquisa seguiu os procedimentos éticos e na realização das entrevistas se primou para o não constrangimento dos entrevistados que ficaram livres para expor suas impressões.

área do Município de Almerin e os municípios de Calçoene, Amapá, Ferreira Gomes, Oiapoque, Pedra Branca do Amaparí, Pracuúba e Serra do Navio (Instituto Iepê, 2016).

²² Para preservar o anonimato dos sujeitos adotamos nomes fictícios associados aos santos católicos com representatividade na cultura popular do Amapá. A devoção aos santos católicos esteve ligada à cura de doenças e reestabelecimento da saúde do corpo desde o Brasil Colônia, um exemplo é a devoção à Virgem Maria, que em uma de suas denominações foi dita “Nossa Senhora do Parto”, tais santos eram invocados em ladainhas e promessas (Silva, 2000). Preferimos nomear os entrevistados por compreendermos que um nome dá rosto ao depoente e demarca a autoria da memória, já que valorizamos a identidade e subjetividade de sujeitos específicos já muito silenciados historicamente.

Os participantes informaram as seguintes idades no período de realização das entrevistas: as duas mulheres sendo 79 anos e a outra 41 anos, um homem 56 e o outro 58 anos. O Sr. Benedito faleceu no dia 29/10/2016.

O Sr. Benedito tinha na produção de garrafadas sua fonte de renda, assim como a participante Rita. A Sra. Maria disse não fazer mais com frequência as misturas e o Sr. Antônio informou que além de fazer o produto quando solicitado, vende produtos naturais que já passaram por rotulação e manipulação externa, cuja venda é realizada em um estande na Feira de Peixes do Perpétuo Socorro.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2016, nos seguintes dias: 16/01/2016, 23/02/2016 e 26/02/2016, com data predeterminada pelos entrevistados de acordo com sua disposição e consentimento e de modo que não atrapalhasse as suas atividades diárias.

Os locais das entrevistas foram assim definidos: com Maria, Rita e Benedito, na casa dos entrevistados e com Antônio, na Feira de Peixes Perpétuo Socorro.

A fala dos entrevistados foi de suma importância para validar a hipótese de que a garrafada é afastada do contexto escolar, mas permanece com grande aceitação e procura dos amapaenses, mesmo com a existência e procura de outras práticas terapêuticas. Além disso, foi possível perceber as interpretações que tais agentes possuem sobre o seu conhecimento na contemporaneidade.

2 O AMAPÁ COMO CENÁRIO DA QUERELA ENTRE SABERES

O consumo de garrafadas é prática reconhecida no Amapá como alternativa terapêutica válida de cuidado com o corpo utilizada por inúmeras comunidades do meio rural e urbano. Prática antiga, mas não descartada no presente, sendo acrescidas influências e condicionantes da realidade que tornam a prática cultural vigente.

O aumento populacional do Amapá²³, após o alcance de categoria de Estado em 1988, não foi acompanhado pelo atendimento hospitalar, persistindo práticas já conhecidas e propagadas de cuidado com o corpo pela população, que alia fé a este uso. Frente a morosidade da oferta de assistência à saúde pelo Estado, as comunidades continuam utilizando formas acessíveis para se tratar. No entanto, a morosidade do sistema oficial de saúde não é por si só o motivo de permanência do uso de garrafadas, visto que, sua existência é baseada em crenças e visão de mundo perpetuadas e sua persistência é acentuada nos ambientes urbanos, nos quais presumidamente o acesso à assistência formal é facilitado.

As garrafadas e seu caráter mágico fazem parte do cotidiano do Amapá para o cuidado com o corpo, um dos pilares da sexualidade. O caráter mágico e mítico é, aliás, componente das primeiras explicações sobre a Amazônia, na qual as terras Tucujus²⁴ estavam inseridas. Tudo o que envolvia o povo e a natureza da Amazônia estavam permeados de visões fantásticas na época colonial, como a presença de guerreiras Amazonas que raptavam homens

²³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001) no período intercensitário (1991-2000), as maiores taxas de crescimento ocorreram nas Regiões Norte e Centro-Oeste, onde em algumas subáreas observou-se a presença de contingentes migratórios. A realidade amapaense demonstra uma demanda de atendimento nas instituições públicas de saúde bem maior do que sua oferta, o que se agrava com o aumento populacional. No Estado, possuidor de 16 municípios, a população se trata de enfermidades na capital Macapá que conta com uma maternidade chamada “Mãe Luzia”, nome de parteira da região, um hospital de especialidades e um hospital de emergências, todos localizados no centro da cidade. Os municípios não possuem estrutura hospitalar para resolver os problemas de saúde de sua população, tema que é constantemente alvo de destaque na imprensa local. Sobre este aspecto destacamos que a população amapaense para o ano de 2016, de acordo com dados do IBGE ([2016]), consta de 782.295 habitantes, distribuídos em 16 municípios. Sendo que a capital Macapá conta com 465.495 em número populacional, em 2010 este número era de 398.204 habitantes.

²⁴ Nome dado à região devido numerosos índios da etnia Tucuju, que habitavam o lado esquerdo da foz do rio Amazonas (Cambraia & Lobato, 2013).

para se servir sexualmente, que constam na narrativa de Gonzalo Pizarro e Francisco Orellana (1541-1542), após viagem pela foz do rio Amazonas (Cabraia & Lobato, 2013).

A natureza era então fonte de mistérios e riquezas para os europeus, o que acarretou uma série de viagens científicas para o conhecimento do novo mundo. Os cronistas do século XVI definiram os habitantes daquele lugar como inferiores, o que explicaria não registrar em documentos o uso que os indígenas faziam de ervas e sim privilegiar a classificação e descrição do tipo humano e da natureza, conforme apontam Cabraia e Lobato (2013). A preocupação para a Amazônia seria, a partir de, então, planejar uma agricultura para exportação de gêneros para a Europa, segundo os autores.

O Amapá tinha, no Período Colonial, a população constituída por diversos grupos indígenas. Espaço concorrido por espanhóis, ingleses e holandeses. Após a assinatura do Tratado de Madri (1750), a ação do governo português para consolidação dos limites permitiu a criação da Vila de São José de Macapá (1758) e a criação da vila de Mazagão²⁵ (1770), estratégias para assegurar a posse portuguesa (Cabraia & Lobato, 2013).

O século XVIII vilipendiaria qualquer sinal de superstição e magia dos nativos da terra. É certo que o uso das ervas pelos indígenas era feito *in natura*, com o contato direto do material coletado que era colocado diretamente no corpo, através de unguentos, por exemplo, já que artigos manufaturados eram raros e outros objetos faziam parte do cotidiano indígena, além de um contato singular que este grupo possuía com a natureza.

²⁵ A criação da Vila de Mazagão fez parte de um projeto administrativo ambicioso do governo Português, no qual a Fortaleza de Mazagão, possessão portuguesa em Marrocos, foi desocupada e transferida para o Amapá, obedecendo paradas em outras regiões, sendo as famílias transferidas primeiramente para Lisboa, depois para o Estado do Grão-Pará e Maranhão e finalmente o Amapá, processo que se deu entre os anos de 1769 até depois da criação da vila. As últimas famílias chegaram por volta de 1778 (Vidal, 2008). Laurent Vidal (2008) faz panorama da rotina da cidade nas fases citadas, bem como, demonstra detalhes do planejamento português para aceitação da ocupação da Amazônia por parte dos colonos, controle dos habitantes e adaptação e não adaptação dos moradores da Mazagão Africana para a então Nova Mazagão, às margens do rio Mutuacá. A vila de Nova Mazagão é hoje denominada Mazagão Velho e está localizada a aproximadamente 64 Km da capital Macapá. Em Mazagão velho se realiza uma das maiores manifestações culturais do Amapá, a Festa de São Tiago, ocorrida na segunda quinzena do mês de julho. A festa traz entre seus elementos a batalha entre Mouros e Cristãos.

Com o aumento do fluxo de escravos no século XVIII, através da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (Cabraia & Lobato, 2013), novos saberes chegaram ao Amapá, afinal, múltiplos novos saberes eram acrescentados com a chegada do negro africano no Brasil, como tão bem salientou Laura de Mello e Souza (2009), mas o conhecimento sobre ervas trazido por outros povos era descartado pelos europeus, que viam com suspeita e repreendiam com violência as saídas encontradas para a sobrevivência em um meio desconhecido e hostil para os que chegavam.

No Brasil oitocentista, o Amapá continuou como área estratégica para o governo português. Com risco de revoltas pela grande concentração de negros e índios e por ser área de fronteira, Macapá e Mazagão receberam cuidados especiais do Grão-Pará (Cabraia & Lobato, 2013).

No século XIX, a indústria internacional enquadraria a Amazônia como produtora de borracha, estimulando a migração de cearenses para a região. Neste contexto, a chamada *Belle Époque*, enunciava a cultura europeia com modelos para o comportamento, moda e arquitetura (Cabraia & Lobato, 2013). Neste cenário emerge uma preocupação do governo para conter epidemias (Cabraia & Lobato, 2013). As classes populares continuavam certamente vivenciando suas fórmulas seculares de cuidado com o seu corpo, acrescidas dos conhecimentos trazidos pelos cearenses, mesmo em uma sociedade excludente com forte perseguição policial²⁶ ao chamado charlatanismo da cura por ervas.

No século XX, o Amapá abrigava grupos diversos (Cabraia & Lobato, 2013), um verdadeiro caldeirão cultural, no qual o uso de garrafadas estava inserido. Como, então, definir precisamente a influência trazida de cada espaço e cada grupo social para tal prática, se a criação e recriação de práticas culturais está imersa em diversos tempos e múltiplas relações sociais?

Em oposição ao uso de garrafadas feito pelos amapaenses, a única verdade irrefutável para os homens do Estado é que na Amazônia o uso da natureza deveria passar unicamente pela via da racionalidade europeia/ científica, bem como, era importante apenas uma relação econômica com a natureza que não perpassaria pelo extrativismo e sim por uma agricultura planejada. Os ribeirinhos, então, que vivem ao longo dos rios, eram vistos como objetos passivos do desenvolvimento (Cabraia & Lobato, 2013).

É importante destacar que a prática de uso de garrafadas teve uma trajetória de repulsa ligada ao pensamento de civilização de uma região que, por sua vez, apresentava por meio de suas práticas culturais um sinal de ligação com um passado inculto na concepção de seus dirigentes. Tal historicidade é possível cotejar para a compreensão do afastamento da cultura popular do ambiente escolar.

É recorrente uma interpretação de que a História do Amapá se inicia com sua elevação à categoria de Território em 1943²⁷. As ações das populações locais a partir da data foram silenciadas tanto em fontes governamentais, quanto em produções historiográficas, conforme afirma Cabraia (2009). Neste contexto, os chamados conhecimentos tradicionais²⁸ foram apagados da confecção de uma própria identidade para o Amapá, conhecimentos que apenas nos últimos anos voltam a ser considerados para compreender as peculiaridades da região, no entanto, ainda estão afastados do âmbito escolar.

A criação do Território Federal do Amapá integrou um projeto nacionalista e desenvolvimentista implementado no Estado Novo (1937-1945) para as chamadas áreas de

²⁶ Figueiredo (2008) exemplifica inúmeras perseguições às sessões de pajelança em fins do século XIX e século XX, no cotidiano da Amazônia, demonstrando que era comum a denúncia e fechamento de locais considerados suspeitos para a prática ilegal de cura.

²⁷ O Território Federal do Amapá foi desmembrado do Estado do Pará e criado como área de proteção pelo Decreto-lei 5.8120 de 13 de setembro de 1943, juntamente com outros Territórios como Ponta Porã, Rio Branco, Guaporé e Iguazú. Os objetivos para a criação destes Territórios eram colonizar e valorizar as regiões de fronteira (Lobato, 2009).

²⁸ Alguns autores, como Oliveira (2009), utilizam o termo populações tradicionais, que no Amapá é bastante utilizado para designar grupos como os ribeirinhos, que vivem à margem dos rios, as parteiras, as benzedeadas, moradores de comunidades quilombolas e demais grupos sociais, embora, compreendamos que

fronteira (Lobato, 2009). A criação do Território também estava ligada aos interesses da Segurança Nacional, exaltados no contexto da Segunda Guerra Mundial, período no qual foi construída uma base aérea norte-americana no município do Amapá, que possuía uma posição geográfica estratégica no Norte do Brasil, conforme Porto (1999), citado por Oliveira e Ferreira (2015).

O Amapá ideal foi concebido por uma série de discursos políticos simultâneos, como um espaço a ser ocupado, protegido e civilizado, movimento que englobaria as mudanças de hábitos dos caboclos²⁹, que, de acordo com seus dirigentes, faziam uso da flora de maneira peculiar e anacrônico aliado às superstições. Um hábito que deveria ser descartado em uma educação que integrasse o habitante ao projeto de nação formulado pelo Estado autoritário. Cada vez mais, então, seria demarcada a diferença entre um conhecimento assistemático e um conhecimento sistematizado direcionado pelo Estado através da escola.

Para falar da distância existente entre a consideração de práticas populares, como a produção de garrafadas e o ambiente escolar amapaense, é necessário rever o próprio objetivo da educação para os Territórios Federais na Amazônia, pois compreende-se aqui, estigmas atuais como resultados de discursos construídos e conduzidos também por um Estado centralizador que planejava os rumos da Educação para o Amapá.

A educação em áreas de fronteiras, como o Amapá, foi parte de um planejamento estatal para civilização, de modo que, hábitos seculares precisavam ser modificados a favor de atitudes consideradas adequadas ao desenvolvimento para um espaço considerado atrasado.

o termo “tradicional” possa enunciar uma estagnação do conhecimento popular e de grupos sociais, como se as interações contemporâneas não fossem significativas.

²⁹ Termo utilizado pelos governantes à época do Território para indicar as pessoas naturais do Amapá, descendentes de indígenas, negros e brancos (destacando a presença de nordestinos que foram indicados para a ocupação da Amazônia em planos de governos), conforme Ribeiro (1995).

O Jornal *Amapá*³⁰ demonstra a saga governamental iniciada em 1943 para modificar o caboclo amapaense, no que diz respeito aos hábitos de higiene, hábitos com a alimentação, hábitos relacionados à vestimenta e postura frente à vida urbana, no que concerne aos direitos e deveres (Leal, 2009), com destaque para a sua adaptação ao mundo do trabalho de acordo com os imperativos econômicos e capitalistas do país. Questões relacionadas ao comportamento feminino também foram publicadas nas páginas do jornal.

Na fonte destacada, há o registro da importância atribuída para a educação formal que levaria ao progresso numa perspectiva linear da história na qual se caminha da barbárie à civilização (Lobato, 2009). Há um silenciamento sobre modos seculares do habitante em lidar com a natureza, sendo ressaltada uma perspectiva de atraso de antigos costumes frente aos conhecimentos formais e uma necessidade de adequação dos habitantes para um novo modelo (Leal, 2009), para a configuração do que seria um comportamento padrão, como a atitude feminina frente ao lar e ao marido, o que indica papéis de gênero estritamente desenhados socialmente.

No trecho a seguir do artigo intitulado *O lar é alicerce da família – A escola doméstica de Macapá cumpre e amplia suas possibilidades*, se apresenta os feitos do Governo Territorial do Amapá ao construir e manter uma escola para jovens:

Em suas salas a mulher amapaense se educa e se aprimora para a direção de um lar. Costura, corte, arte, culinária, bordados, tricô, croché, etc, são aí ensinados aos pobres e aos ricos, e é animadora a constatação de 100 por cento de frequência bem como cresce o número de matrícula. Conduzindo suas alunas, pelo caminho da

³⁰ Jornal impresso pela Gráfica Oficial do Governo do Território Federal no Amapá. O Jornal foi fundado em 19/03/1945, com periodicidade semanal e com tiragem média na ordem de mil exemplares. O então Governador do Território Coronel Janary Gentil Nunes foi seu fundador. O Jornal tinha como objetivo ser um veículo de informação oficial do Governo do Amapá (Cambraia, 2009).

felicidade a Escola Doméstica de Macapá é também uma trincheira moral e espiritual (Jornal Amapá, 1952, pp. 2-3).

É notório no trecho, o lugar que a mulher amapaense deveria ocupar aos olhos dos representantes do governo Territorial, ou seja, o caminho da felicidade estava bem traçado, conduzido pelo Estado para um tipo de comportamento que habilitaria a mulher para a condução pertinente de um lar, através da obtenção de habilidades específicas que lhe instrumentalizasse a cuidar da casa e da família.

E o texto prossegue:

Essa tebaida do aprimoramento dos lares, da preparação das donas de casa, do amparo às jovens amapaenses órfãs, possui, pelo devotamento que desfruta do governo, todo o aparelhamento destinado ao seu perfeito funcionamento, já tendo exposto trabalhos das internadas, os mais delicados. Ê dos mais promissores o seu futuro a contribuir para o melhor porvir da família territorial (Jornal Amapá, 1952. pp. 2-3).

O Estado estaria conduzindo as moças para um futuro considerado adequado através de um exemplo de ação para a civilização, a construção e manutenção de uma escola-modelo, amparando as abandonadas e colocando-as em um oásis de aprendizagem para que se aprimorem para no seio de uma família contribuírem com o progresso do Território.

O Estado, então, aparece como a figura de um pai condutor generoso e que sabe o melhor para suas filhas que é adotar o papel cívico de rainha do lar que deverá velar para a cidadania. A figura do Estado como pai condutor aparece semelhante à figura do rei e sua autoridade sobre os súditos nos modelos do antigo regime francês (Pinsky, 2010). Assim,

ressalvados anacronismos, já que a figura do rei tinha um apelo divino em contexto histórico diverso, o Estado teria também um discurso inquestionável sobre os cidadãos amapaenses para apresentar o modelo burguês de mulher, no qual eram ressaltados traços que iriam ser considerados naturais para este grupo, como passividade, a propensão à maternidade (Del Priore, 2010), a fragilidade, reclusão no ambiente doméstico e dependência da autoridade do marido, sendo a mulher uma legítima cidadã amapaense se assumisse tais prerrogativas.

Interessante comparar trechos do Jornal *Amapá* relacionado às mulheres com o que Ronaldo Vainfas (2014) escreve sobre a disciplina relacionada às moças no Brasil Colônia, onde o mesmo afirma que os recolhimentos na colônia tinham o objetivo de “adestrar” a mulher para a vida digna e pacata de um bom casamento e eram destinados para a correção de atitudes, aprendizado de tarefas que distanciassem a mulher do ócio perigoso que poderia arruinar seu casamento, a boa educação para a mulher a afastaria de qualquer vício. Presumimos que dentre tais vícios estava o uso de ervas para questões diversas o que permitiu historicamente uma certa autonomia às mulheres frente ao direcionamento da Igreja e Estado (Chauí, 1991; Del Priore, 2010).

Vainfas (2014) afirma ainda que no Brasil do Período Colonial o termo “mulher solteira”, tinha conotação diversa que é na atualidade, sendo vista como mulher desimpedida, livre para relações sexuais, poderia designar “mulheres devassas e meretriz de ofício” (pp. 90-91). O termo “mulher solteira” substituiu muitas vezes o próprio termo prostituta. Neste contexto, mulher negra e indígena eram de condição inferior, sendo justo, em muitos discursos de colonos, que relações sexuais fossem feitas com tais mulheres para a própria preservação do casamento (Vainfas, 2014). O autor afirma ainda que a “solteirice” das mulheres demarcava um descrédito social, a formulação do discurso de mulheres solteiras

como um perigo para sua honra teve desdobramentos posteriores na mentalidade³¹ coletiva, não é, portanto, de se estranhar que o governo territorial enxergasse em sua obra um verdadeiro ato de salvação de moças indefesas.

A civilização das mulheres no Amapá e sua educação para o lar, fazia parte de um projeto maior e considerado ambicioso para um Território no qual o uso de saberes populares ainda imperava e tinha a influência das mulheres para sua criação e continuidade.

Os dirigentes do governo amapaense acreditaram que fariam obra grandiosa de civilização para todo o Brasil num contexto em que para a Amazônia tomavam força os planos de povoamento e desenvolvimento.

De acordo com Artur Cézár Ferreira Reis³² (1966), o aproveitamento dos recursos da Amazônia, era feito de modo primitivo pelos habitantes da região, através de um contato ingênuo com o meio, com base no extrativismo, sendo necessário o emprego da técnica, métodos científicos, orientação estatal e planejamento no aproveitamento das potencialidades naturais para um desenvolvimento econômico do Amapá. O habitante da Amazônia, neste sentido, deveria ser orientado em todos os aspectos para superar sua pequenez perante a natureza.

Segundo Oliveira (1994), o Estado autoritário planejou uma intervenção interna na Amazônia, na qual a criação dos Territórios Federais era um desdobramento, que incluía a ocupação dos espaços de fronteira e a tutela de indígenas, considerados “sem história, sem

³¹ Compreende-se o termo mentalidade como forma duradoura de pensamento e por ser uma forma que possui durabilidade explicaria a persistência de formulações de pensamento por extensos períodos. A História das mentalidades se tornou um ramo da historiografia no século XX e privilegia estruturas de longa duração, sendo nítida até hoje a polêmica na qual este campo estaria ou não defasado pelo surgimento de uma História Cultural que também abarcaria os estudos de modos de pensar (Vainfas, 1997).

³² Considerado um dos historiadores clássicos da Amazônia o amazonense Arthur Cézár Ferreira Reis concebia que valorização econômica da região dependia a consolidação da soberania brasileira sobre o Norte (Lobato, 2009), sendo a área uma promessa de desenvolvimento econômico e civilização brasileira, defendia a técnica para a produção agrícola e planos coordenados pelo Estado para a Amazônia. O renomado autor escreveu importante obra sobre o Amapá, *intitulada: Amapá - perfil histórico*, lançada em 1949, logo após o Amapá ter alcançado a condição de Território Federal, o livro tratava das querelas coloniais em torno de sua posse até sua então condição de promessa para o Brasil.

passado, sem presente e sem futuro” (p. 86), investida na qual os conhecimentos dos primeiros povos da região foram descartados.

O consenso para a Amazônia no início do século XX e que permanece no período dos governos militares é que os seus problemas eram tão grandes, que as sociedades, comunidades, nações indígenas e etnias locais e regionais não teriam forças, competência técnica, recursos financeiros e poderes para superá-los (Oliveira, 1994). Interpretação que pode ser estendida para as comunidades tradicionais amapaenses.

Maura Leal (2009) afirma que no discurso do governador do Território Janary Nunes “Exaltava-se a vitalidade do caboclo como ‘a maior fortuna territorial’, mas ao mesmo tempo era negado seu modo de vida, visto como decadente e calamitoso” (p. 279), ou seja, seu comportamento era visto como impróprio para o desenvolvimento do Amapá.

A educação formal no Território Federal do Amapá não convergiu para o reconhecimento do saber fazer local (Lobato, 2009), pelo contrário, desenhava um outro tipo de ensinamento para o cidadão amapaense trabalhador e sua família; este era o discurso pregado pelo primeiro governador do Amapá Capitão Janary Gentil Nunes³³, que expressa tal projeto na obra de sugestivo nome *Confiança no Amapá, impressões sobre o território*³⁴, na qual o Amapá é apresentado como espaço abandonado antes de seu Governo, lugar no qual a insalubridade prevalecia, no entanto, a partir de uma ação governamental coordenada foi possível uma recuperação desse espaço em todos os sentidos, econômico, educacional e moral.

³³ Janary Gentil Nunes nasceu em Alenquer (PA) em 01/06/1912 e faleceu em 15/10/1984 no Rio de Janeiro, com 72 anos de idade. Em 27/12/1943 aos 31 anos, foi nomeado governador do Território Federal do Amapá pelo então presidente Getúlio Vargas, estando no cargo de janeiro de 1944 a fevereiro de 1956, neste ano foi nomeado presidente da Petrobras. Esteve pela primeira vez no Amapá no ano de 1936, no município de Oiapoque designado pelo exército brasileiro para o inquérito das fronteiras com a Guiana (Lobato, 2009).

³⁴ Trata-se de uma coletânea de textos encomendada e organizada pelo então Governador, lançada no ano de 1962, com a participação de diversos especialistas, dentre eles, médicos, professores, políticos e demais autoridades que visitavam o Amapá. O governador Janary Nunes foi apontado como político de caráter personalista e tal obra foi vista como propaganda política de Governo (Leal, 2009).

O atraso da Amazônia devia ser superado, de acordo com o discurso de Janary Nunes e neste lugar deveriam ser instauradas as “vantagens da civilização” para todos os habitantes dos sertões, que incluía, neste contexto histórico, a Amazônia, como salientava o presidente Getúlio Vargas em seu discurso proferido no ano de 1941 (Lobato, 2009)³⁵, bem como, deveria ser sanada a carência de formação adequada para o habitante que não estava em consonância com a emergente indústria do país. À educação escolar caberia o papel de contribuir para o fornecimento de cidadãos trabalhadores que ajudariam na obra de valorização econômica da região³⁶.

A partir da fonte *Jornal Amapá*, inferimos que na opinião de seu governante, a mesma ignorância que impedia os habitantes de dominarem os códigos formais da língua, os impedia de adquirir novos hábitos aliados a um conhecimento considerado válido. Conforme trecho a seguir do artigo intitulado *Educação*:

(. . .) nas regiões onde a ignorância predomina, quer a que impede o homem de ler livros, jornais e cartazes, por analfabetos, que não deixa ouvir diretamente preleções pelos rádios receptores, porque não só a miséria não permite a aquisição em

³⁵ Lobato (2009, p. 22) apresenta trecho do discurso: “Os benefícios que conquistastes devem ser ampliados aos operários rurais, aos que insulados nos sertões, vivem distantes das vantagens da civilização. Mesmo porque, se não o fizermos, corremos o risco de assistir o êxodo dos campos e superpovoamento das cidades — desequilíbrio de conseqüências imprevisíveis [...]. Não é possível mantermos a anomalia tão perigosa como a de existirem camponeses sem gleba própria, num país onde os vales férteis como a Amazônia, permanecem incultos e despovoados de rebanhos, extensas pastagens como as de Goiás e Mato Grosso. É necessário à riqueza pública que o nível de prosperidade da população rural aumente para absorver a crescente produção industrial; é imprescindível elevar a capacidade aquisitiva de todos os brasileiros — o que só pode ser feito aumentando-se o rendimento do trabalho agrícola.”

³⁶ Para o erguimento do Amapá como civilização é significativo ainda um trecho do *Jornal Amapá* proveniente do discurso proferido pelo então Governador na ocasião da inauguração do Museu Territorial em 1948, no qual afirmou: “Meus compatriotas. Se a enumeração desses benefícios introduzidos no Amapá, são gratos a quem sonha com a sua transformação em Estado, eles não fazem sombra insignificante sequer ao perfeito sentimento de tudo o que falta fazer. Não esqueço, em nenhum instante, o nosso caboclo, o homem do interior que continua vivendo na beira dos rios quase na mesma situação em que o encontramos. O nosso trabalho deverá ser, por isso, orienta-se dia a dia, no sentido de soerguer essa gente que carece de assistência sanitária, de assistência técnica, de educação, que precisa sobretudo ser sacudido moralmente contra a tara da miséria e da descrença que herdou de séculos de abandono e escravidão” (Nunes, 1948, p. 3).

um número razoável, como também o espírito conservador arraigado despreza a inovação com luxo de gente rica, quer a que se escuda na desculpa do passado - “se meus pais e avós foram assim porque vou ser diferente” – A educação terá de constituir fator preponderante, adotando as formas mais intensas e variadas para a conquista do aperfeiçoamento (Nunes, 1947, p. 1).

Sugerimos que uma das práticas advindas das influências dos avós e pais citadas no trecho exposto seria o uso das ervas de modo peculiar, porém, a descrição de tal prática não aparece na fonte em questão. Um não dito que deve ser considerado nas fontes, pois ignorar a existência e eficácia de práticas populares no Amapá era necessário para o anúncio de um saber adequado ao progresso e livre do “espírito conservador” do caboclo.

Para Cambraia (2009), o silêncio encontrado em uma documentação revela, sendo pertinente questionar o que levou determinado conteúdo a ser suprimido e mais, em que condições de verdades instituídas aquele silêncio foi formulado.

Eni Puccinelli Orlandi (2007), afirma que o silêncio significa em si mesmo, é, portanto, fundante. A autora afirma que o silêncio possui uma materialidade significativa, à medida que, produz sentido, o silêncio é mais que ausência de palavras e pode inclusive atravessar palavras. Ao alirmos esta formulação à inexistência da visão de mundo do caboclo em um prestigiado veículo de comunicação, definimos que essa falta é resultado da confecção de um sentido universal para todos os habitantes do Amapá, para o que seria importante, de acordo com um projeto de governo e naquele contexto, a fonte era veículo para ignorar saberes e instituir outros.

No discurso do Governador do Território, uma nova forma de se portar seria necessária para o morador do Amapá, uma forma alinhada ao progresso. O caboclo precisava não só de orientação urgente para não cometer os velhos erros do passado, mas salvação de

seu estado de abandono, que seria não só material, mas moral. O habitante da região nesta concepção vivia perdido em meio à natureza, com hábitos incoerentes que precisavam ser modificados.

O Amapá foi aclamado historicamente por sua exuberância natural, porém a natureza era vista de forma utilitária, encaminhando o espaço para o desenvolvimento conduzido pelos agentes da História em uma concepção que colocava em destaque homens do Estado, funcionários públicos ou cientistas. Assim, é como se a partir do Território Federal, uma obra de reconquista devesse ser efetivada, não a de definição de fronteiras territoriais, como no período colonial, mas para a civilização atrelada à indústria.

Por fim é elucidativo o trecho do *Jornal Amapá*, de 19 de março de 1945, citado por Leal (2009).

Vamos em frente CABOCLO! O Brasil precisa de ti. Viveste até hoje? A morte não te vencerá mais! Entrega as veias, recebe o sangue novo. Escuta a idéia nova. Podes continuar sorrindo desconfiado (. . .) Mas caminha conosco que a nossa trilha só tem um destino – e esse DESTINO tu mesmo dirás ao mundo do porvir qual é (p. 280).

O trecho em voga dá pistas de que os caboclos não eram submissos aos novos ensinamentos, pois apresentavam desconfiança diante às novas orientações, além disso, sabemos que tais práticas continuaram sendo realizadas, uma repetição de costumes que demonstra uma resistência das classes populares, conforme nos aponta Santos (2015). O abandono das práticas seculares, então, citadas por Janary, carecia de uma intervenção planejada e institucional que caberia à escola.

Interessante notar que, de acordo com o recorte exposto, a sobrevivência do caboclo amapaense se deu por sorte, à medida que, sem nenhuma, assistência ou orientação o habitante resiste, então, o “escutar a ideia nova”, que só traria uma vida segura e promissora adequada ao próprio desenvolvimento do Território.

Os enunciados do *Jornal Amapá* indicam uma depreciação do modo em que o caboclo vivia, os trechos não apresentavam suas inúmeras estratégias para sobrevivência, que englobavam o uso de garrafadas, porém criticavam o modo com que este habitante continuava a se portar. Pelo silêncio dos documentos e enaltecimento da educação formal, o saber do caboclo não teria lugar para os novos tempos de progresso que se iniciavam no Amapá. Tudo que se aliasse a um conhecimento não formal era visto como ultrapassado e que deveria ser suplantado.

Como demonstra Lobato (2009), a educação seria a principal força para o projeto estatal de modernização idealizado por Janary Gentil Nunes, que foi responsável pela construção das primeiras instituições de ensino no Amapá. Neste cenário, o conhecimento popular se encontrava distante do universo escolar, visto como um conhecimento de ordem inferior diferente do que deveria ser ensinado na escola.

Sabemos que as interpretações inferiorizantes referentes aos modos de vidas que não correspondessem ao que a racionalidade moderna estipulava marcaram o século XIX; teorias científicas foram criadas para legitimar hierarquias, superioridade ou inferioridade de uma etnia ou um grupo sobre outro (Ferreira, 1997), assim como, intervenções estatais eram baseadas em uma visão autoritária sobre as diferenças culturais, com hipótese no atraso cultural de comunidades tradicionais.

Perspectiva ultrapassada, mas ainda presente nas escolas, nas quais muitas vezes, o aluno nega sua própria identidade, visto que, saberes não formais construídos no interior de sua família e que resultam em práticas para cuidar da saúde do corpo são descartados.

Para elucidarmos possibilidades para a consideração das garrafadas no conteúdo escolar, é importante a compreensão da complexidade do termo garrafada e apontarmos características de seu uso e modelo terapêutico.

3 GARRAFADAS: CONCEITO E UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Para estudiosos do tema³⁷, a garrafada consiste em fórmula terapêutica contendo misturas de elementos da natureza, como plantas e gordura de animais e/ou produtos minerais, tendo como veículos água ou bebidas alcoólicas, como vinho ou aguardente (Camargo, 1976) e comercializadas ou doadas para a cura de diversos males da pessoa.

A garrafada é muito utilizada no Amapá³⁸ e é uma prática cultural popular genuinamente brasileira (Camargo, 1975), cuja composição reúne diversos ingredientes coletados que são aliados à religiosidade e crenças populares seculares.

As garrafadas, numa tradição popular, são utilizadas para diversos fins relacionados à cura material e imaterial do corpo (Loyola, 1984), estando aí inclusos diversos males ligados à sexualidade, existentes desde o Brasil Colônia até a atualidade.

Sua dosagem é estabelecida pelo produtor, bem como a procura de materiais para sua composição (Camargo, 1975). A dosagem da garrafada receitada ao consumidor varia de acordo com a enfermidade ou a pretensão a ser alcançada; o líquido também pode ser usado externamente como banho de folhas, despejado sobre a cabeça, ou usado externamente no local afetado.

Dependendo dos fins específicos para a mistura, são acrescentadas orações que reforçam o poder curativo por meio da fé do usuário e de seu produtor. No passado havia a prática de enterrar as garrafadas, obedecendo por exemplo, as fases da lua (Camargo, 1975), porém, tal costume não foi relatado pelos entrevistados no Amapá.

³⁷ Dentre eles destacamos as obras de Eduardo Campos (1955), Maria Thereza L. A. Camargo (1976; 1975; 2011) e Maria Andréia Loyola (1984). Na área de ciências humanas os cursos de pós-graduação e congressos realizados em todo o Brasil tem trazido uma produção acadêmica que considera a cultura popular, como exemplo temos o estudo de Marcelo Rodrigues Dias (2009) *Repressão ao curandeirismo na comarca do Rio das Mortes na segunda metade do oitocentos*. Diversas outras contribuições recentes dão conta da relação entre religiosidade e práticas terapêuticas populares conforme demonstraremos.

³⁸ O Estado do Amapá está situado no nordeste da Região Norte do Brasil, no escudo das Guianas, delimitado pelo estado do Pará a oeste e sul, pela Guiana Francesa a norte, pelo Oceano Atlântico a leste e Suriname a noroeste. Possui uma extensão de 142.828,523 km² (IBGE, [(2016)]).

A garrafada não está relacionada apenas aos seus componentes materiais e à materialidade de seu uso, para curar pontualmente uma parte afetada do corpo humano, mas agrega um simbolismo em sua forma, visto que retém também componentes imateriais, além dos princípios ativos das plantas (Pereira, 1993), sendo a mistura confeccionada com elementos mágicos, por exemplo, sob o proclamar de uma oração, numa formulação marcada ainda pela oralidade, onde os saberes são perpassados entre gerações.

As garrafadas foram utilizadas e ainda o são em várias partes do país por curandeiros, benzedeiros e “doutores raizeiros” (Camargo, 1975), e compõem a pluralidade de práticas terapêuticas da chamada medicina popular, a despeito da medicina formal.

As misturas são doadas e feitas no interior das famílias, tendo ou não lugar fixo para sua comercialização, como em feiras, causando a polêmica de que suas fórmulas passam ou não por rigor sanitário e validade curativa frente aos métodos formais (Camargo, 2011).

Temos como exemplo de garrafadas a apresentada na obra de Camargo (1976):

Para cólicas:

Ingredientes: 1 garrafa de pinga (aguardente); 1 punhado de arruda; 1 punhado de artimijo; um pouco de buta.

Modo de fazer: Queimar o açúcar com a arruda, artimijo, buta e despejar a pinga sobre tudo.

Uso: Tomar um cálice. Repetir a dose se for necessário. (p. 19).

Apresentamos o exemplo somente para ilustrar a mistura dos componentes, uma vez que os entrevistados não forneceram tal receituário e foi assegurado no primeiro contato entre pesquisadora e participantes que este não era o objetivo do presente estudo.

Em seguida demonstramos imagens de garrafadas para diversos fins:



Foto 1 - Garrafadas para diversos fins, como infecção urinária, comercializadas na Feira do Pacoval, localizada na Zona Norte na área urbana da cidade de Macapá/AP. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva. Coleção Particular.



Foto 2 - Detalhe de uma garrafada para Cálculo Renal. Popular: pedra nos rins. Comercializada na Feira do Pacoval localizada na Zona Norte na área urbana da cidade de Macapá/AP. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.



Foto 3 - Garrafadas para diversos fins comercializadas na feira do Ver-o-peso em Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.



Foto 4 - Garrafadas para diversos fins, como para reprodução, miomas e cânceres no útero ou para impotência sexual, comercializadas na feira do Ver-o-peso em Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.

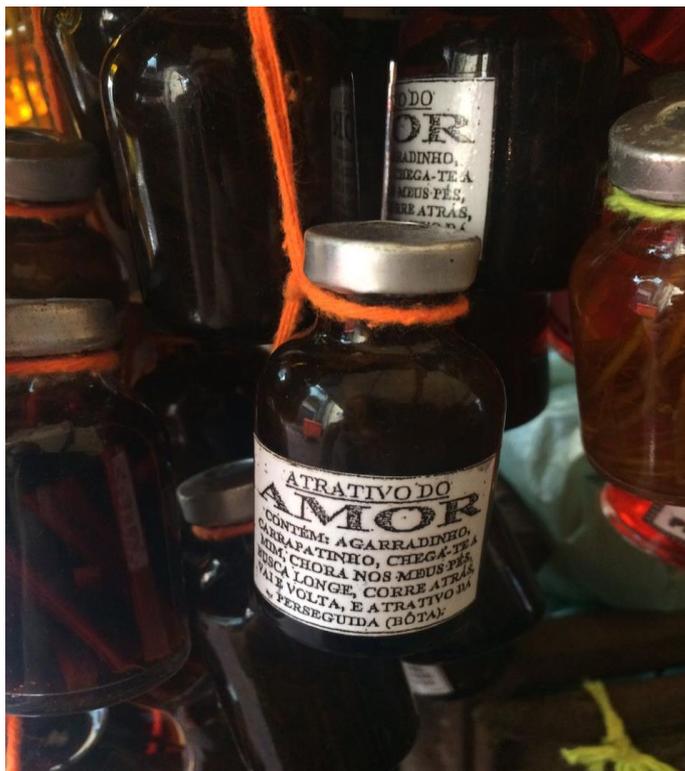


Foto 5 - Garrafada para atrair parceiro (a) comercializada na feira do ver-o-peso Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.



Foto 6 - Banhos de purificação e atrativos comercializados na feira do Ver-o-peso, Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.



Foto 7 - “Banho de folhas” para afastar “males da alma” comercializado na feira do Ver-o-peso Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.



Foto 8 - Garrafada para questões ligadas ao útero comercializada na feira do Ver-o-peso Belém/PA. Copyright: Evelanne Samara Alves da Silva, Coleção Particular.

O conhecimento popular está atrelado às múltiplas influências, como as da religiosidade em suas distintas manifestações e se desdobrou historicamente em

adivinhações, cura do corpo através de ações como sopro, defumações, sucções, sangrias, rezas e diversas outras práticas que exprimem formas de interpretar o mundo, que não perpassaram pelo conhecimento formal e científico. São práticas culturais antigas e/ou atuais, dentre elas está a produção e o uso de garrafadas.

O uso de plantas medicinais por meio de um saber não formal é resultado de uma interação entre natureza e cultura para a sobrevivência humana, não se tem definido, portanto, como este uso foi iniciado; sabe-se que as antigas civilizações viam-se aliadas ao mundo natural nos diversos aspectos da vida³⁹.

O uso de misturas de ervas fez parte do cotidiano de civilizações como Egito, Grécia e Roma para diversos fins como: erótico, abortivo, seja para facilitar a reprodução, seja para efeito curativo por meio dos remédios, para produção de cosméticos e perfumes. O saber sobre ervas era dominado por uma parcela vista como privilegiada, pois possuía uma sabedoria divinizada. Podemos citar o conhecido exemplo de uso de ervas e óleos para a preservação do corpo após a morte no Egito antigo. Os encarregados dos embalsamentos ao desenvolverem a técnica de mumificação conheceram melhor o corpo humano, legado deixado para a medicina ocidental.

De todo modo, as pessoas que dominavam a formulação dessas misturas de ervas, eram vistas como seres que possuíam poderes virtuosos. Era indivisível para essas civilizações o mundo dos humanos, da natureza, da magia e da sexualidade, divisão que será acentuada nos posteriores períodos da História, nos quais os poderes de conhecer plantas e seu uso de maneira intuitiva serão vistos como perigosos.

³⁹ Nunes (1987) exemplifica a ligação das sociedades antigas com a natureza pelo culto à fertilidade, representada pela “Deusa mãe terra” ou “Mãe-Terra” nas sociedades agrárias do Oriente Médio. A veneração de partes do corpo feminino, como a vagina, também era a tônica desses rituais. Num momento entre aliança entre natureza e humanidade, o próprio sexo era visto como elemento sagrado e religioso.

No século XVI a ordem religiosa dos Jesuítas teve forte influência para a confecção de garrafadas no Brasil, através da produção das *triagas*⁴⁰, que foram misturas milenares a base de vinho e mel, acrescidas de substâncias de origem animal, vegetal e mineral, conhecidas desde a antiguidade (Camargo, 2011). Poderíamos acentuar essa confecção como uma herança portuguesa, próxima ao que Tramonte (2012) denominou como “medicina teológica”, que abrigava práticas de curas mais aceitas se comparadas ao uso de ervas por afrodescendentes, definido como feitiçaria.

As maneiras de preparo e componentes utilizados nas *triagas* eram divergentes, de acordo com o produtor das misturas, bem como, o tempo para ingestão era modificado de uma *triaga* para outra; algumas tinham que ficar expostas ao sereno em determinadas noites, sendo famosa a chamada *triaga brasílica*, fórmula utilizada para inúmeras enfermidades e mantida em segredo pelos jesuítas (Camargo, 1975; 2011).

O milagroso efeito das *triagas* tinha relação com o modo secreto de sua preparação. A *triaga*, teve influência incisiva sobre as garrafadas. Camargo (2011), indica que não se sabe ao certo quando as *triagas* passaram a ser chamadas de garrafadas; a autora presume que ocorreu a partir de meados de 1600, quando se popularizou a colocação e venda das misturas em vidros, garrafas.

A *Triaga* foi produzida em um “contexto sacralizado” envolto em elementos misteriosos, produzidas em lugares específicos e sob condições elencadas, como claridade e escuridão (Camargo, 2011). A autora afirma que os jesuítas se adaptaram ao que a terra podia dar através de suas plantas medicinais e diante a carência de medicamentos vindos da Metrópole (Camargo, 1975), para isso os membros da ordem também se apropriaram do saber indígena.

40 O termo, de origem grega (*Theriake*) e latina (*Theriaca*) significava antídoto contra envenenamentos de qualquer origem, exceto os corrosivos (Camargo, 2011).

Souza (2009), afirma que as práticas mágicas na Colônia eram diversas e demonstram interessante relação entre cultura erudita e popular; a garrafada seria apenas uma dentre as várias práticas que evocavam a magia e o uso de ervas, pois no interior da Colônia ocorriam as práticas de adivinhações, produção e utilização de bolsas de mandinga⁴¹, rezas e benzeduras para curar quebranto⁴², feitiçarias⁴³ para diversos fins amorosos e eróticos, como proporcionar casamento, aumentar o vigor sexual, feitiçarias para vingança, com o benefício de preservar a integridade física e criar alternativas de sobrevivência no mundo colonial.

Algumas práticas apontadas são utilizadas no Brasil até a atualidade para solucionar questões já buscadas no passado e questões contemporâneas. A autora afirma que o uso destas soluções muitas vezes ampara as pessoas em posição de desvantagem, desigualdade, dando-lhes elementos para enfrentar os problemas cotidianos.

As práticas realizadas no Brasil eram confundidas com práticas demoníacas subscritas em um costume medieval de caça às bruxas. Na Europa, era comum a perseguição aos feiticeiros e o Brasil abrigava muitos deles e se tornava um lugar propício para tal, na visão dos componentes do clero e do Estado, por ser um lugar no qual o cristianismo encontrava obstáculos como a devassidão sexual e onde também havia a incidência de doenças e pragas que num discurso religioso tentavam atrapalhar a grandiosa obra de civilização e cristã (Souza, 2009).

⁴¹ Laura de Mello e Souza (2009) explica que bolsas de mandinga também serviam como talismãs, seu uso consistia em prática popular setecentista usada por escravos e que congregava tradições europeias e indígenas. Considerada um amuleto a bolsa de mandinga consistia em um pedaço de tecido em forma de bolsa contendo em seu interior diversos elementos como papéis com orações, buço de lobo, pedra d'ara, raminhos de arruda, alho. Usadas para proteção do corpo e da alma, como para prosperidade nos negócios ou para se ter o corpo fechado. A bolsa geralmente era trazida no pescoço e foi popularizada no século XVIII. A autora elucida ainda que “mandingas ou Malinkê, eram povos que habitavam um dos reinos muçulmanos do vale do Níger, por volta do século XVIII: o reino de Mali” (Souza, 2009, p. 282).

⁴² Ao citar Artur Ramos (1940) Laura de Mello e Souza (2009) afirma que o “quebrando” é um mau que acomete a pessoa trazendo-lhe ainda sonolência, palidez, indiferença e olhar amortecido. Acomete muitas vezes a criança na primeira infância, ou logo após o parto (Pereira, 1993).

⁴³ Tramonte (2012) afirma que houve o julgamento moral de que a feitiçaria se ocuparia do mal numa associação da prática de cura e etnia, sendo os benzedores nesse julgamento alinhados à branquitude e ao catolicismo e, portanto, ocupantes de praticar o bem, enquanto os feiticeiros seriam os negros, alinhados às religiões de matriz afro que praticavam magia para o mal. Neste julgamento a prática da feitiçaria era

O uso de misturas de ervas para determinados fins, esteve no Brasil nos primeiros três séculos de colonização aliado ao que Souza (2009) e Del Priore (2010) designaram práticas mágicas, incluindo a chamada feitiçaria, práticas aliadas à condensação de uma gama de elementos de matrizes diferentes que foram utilizadas para compensar os problemas cotidianos da população e atestavam resistência cultural e novas vivências para as matrizes étnicas que aqui se encontravam.

As misturas de ervas foram colocadas já como suspeitas antes do século XVI, pois, suas formulações eram secretas e pressupunham para a Igreja Católica a evocação de demônios que insultavam o cristianismo, demônios estes muito presentes no imaginário medieval europeu, de modo que, nas visitações do Santo Ofício, várias práticas populares foram proibidas, curandeiros foram denunciados, benzedores foram perseguidos, no entanto, a feitiçaria era comum na Europa e muitos dos feiticeiros perseguidos lá vieram degredados para o Brasil e aqui continuaram utilizando suas formulações com o adendo de outras de outros povos (Souza, 2009).

Para Figueiró (2010), o movimento da Contra-Reforma, presente nos séculos XVI e XVII, deu origem à moral tridentina que colocou a sexualidade popular com ligação direta a condenação ao inferno. A autora afirma que o catolicismo popular foi herdado dos próprios colonizadores europeus e que as doutrinas oficiais da Igreja Católica eram pouco respeitadas. A imposição das doutrinas oficiais da igreja começou a se dar nos séculos XVI e início do século XVII, com a chegada da Inquisição ao Brasil.

É necessário, por outro lado, ressaltar que as práticas de feitiçaria e manuseio de ervas para magia e cura, poderiam estar à parte das orientações oficiais da Igreja, mas não estavam desligadas da religião católica; como exemplo, citamos os objetos utilizados no altar das celebrações católicas para magias, os elementos como restos de hóstia e o recipiente em

considerada ofensiva para a sociedade, de acordo com autoridades médicas, policiais, políticas e intelectuais

mármore para colocá-la, a pedra d'ara, a água benta utilizada para feitiços, orações evocando santos e outros elementos do catolicismo que eram utilizados na vivência das práticas populares (Souza 2009). A historiadora exemplifica que no Brasil Colônia, o roubo de materiais utilizados nas celebrações católicas para a composição de magias causava situações inusitadas como denúncias de indígenas que roubavam os objetos nas Igrejas na Província do Grão-Pará e Maranhão, região na qual o que mais tarde se designaria Macapá, estaria inclusa.

Souza (2009), afirma que africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial, “o conhecimento que tinham de ervas e procedimentos rituais atrelados ao seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu da medicina popular” (p. 22), na qual, por sua vez, também se via a doença como algo sobrenatural.

O hábito de mulheres em compor misturas e engarrafá-las para fugir de diversos males é mais antigo, remetendo ao mundo clássico, porém posteriormente o arquétipo de feiticeira foi reformulado no período do Renascimento, como uma “alcoviteira”, “mulher de má reputação” que fabrica cosméticos, mas também pratica a feitiçaria (Souza, 2009).

A associação entre misticismo e saber popular, que se tornou cada vez mais frequente a partir do século XVI, ligando também o conhecimento popular ao risco da feitiçaria condenada pela Igreja Católica, estimulou a perseguição às práticas populares de cura utilizadas pelas mulheres.

É necessário considerar que o misticismo foi percebido diferentemente conforme diversos contextos, pois:

Misticismo, visões proféticas estiveram sempre presentes em todas as épocas e acompanham sucessivamente a história humana, porém, com ênfase distinta de um período para outro, variando sua interpretação, aceitação e difusão de acordo com as

e a prática dos benzedores era considerada inofensiva (Tramonte, 2012).

transformações do universo mental das sociedades nas quais são produzidos (Palazzo & Sabeh, 2007, p. 17).

Os autores afirmam que, na Idade Média, o misticismo foi aceito por muito tempo, inclusive expõem relatos de monjas que afirmam suas visões fantásticas como um chamado de Deus, porém, tais acontecimentos não abalavam a mentalidade medieval e forneciam inclusive base para explicação das escrituras como o tema do pecado original. (Palazzo & Sabeh, 2007). Ocorre, no entanto, inflexão nos séculos posteriores, sendo as mesmas religiosas perseguidas pela Inquisição, na qual as visões eram avaliadas.

O medo em utilizar frutos de um conhecimento não autorizado pela Igreja Católica foi a tônica ideológica construída desde o Brasil Colônia, visão acentuada séculos depois, apesar das influências deixadas por práticas populares híbridas, nas quais, “índios da América, negros da África e brancos da Europa se combinaram” para construir (Souza, 2009, p. 206).

Patrícia Crawford (1998), ao realizar estudo sobre o conhecimento sexual na Inglaterra moderna (1500-1750), afirma que nesse período já havia um distanciamento discursivo entre os médicos profissionais que se intitulavam donos de um conhecimento superior sobre a sexualidade, em oposição ao conhecimento das mulheres curandeiras, porém, a população subvertia a moral médica e continuava buscando aconselhamentos com parteiras e como fonte alternativa e as observações e experiências populares eram consideradas em uma rede de troca de informações. Então havia uma resistência quanto ao chamado conhecimento formal, o discurso dominante que menosprezava práticas populares.

No Brasil oitocentista, a perseguição à feitiçaria continua, é o que nos demonstra Marcelo Henrique Dias (2009), ao tratar do contexto mineiro e as curas mágicas existentes naquele cotidiano; a repressão ao curandeirismo continuava sendo predominante naquela sociedade, sendo os produtores réus, vítimas de repressão no qual valores religiosos, morais e

científicos convergem para o mesmo discurso repressivo. Assim, tais práticas eram condenáveis, sendo inclusive mencionadas no Código Imperial e no Código Criminal Republicano de 1890. O curandeirismo assim definido nas documentações do Estado, era alternativa para a cura de doenças e problemas cotidianos e tinha dentre uma de suas práticas, o uso de misturas específicas.

O medo em utilizar soluções para doenças sem a chancela religiosa católica foi reafirmado historicamente e hoje o receio em evidenciar construções discursivas sem chancela da medicina formal e ciência, permanece.

Hoje há ainda carência de formulações sobre a relação do chamado conhecimento popular e o conhecimento formal, porém há tentativas de aproximações para a compreensão dos dois paradigmas nas produções acadêmicas contemporâneas, apesar do ambiente das escolas ainda ser fechado para problematizações acerca de conhecimentos construídos no seio de muitas famílias, como ocorre na realidade amazônica.

Entraves precisam ser ultrapassados para o entendimento da ciência e sua historicidade no ambiente das escolas, nas quais se adota tradicionalmente o conhecimento formal como único, de modo que se torna um desafio para o professor realizar um movimento contrário à ciência compartimentada, resgatando e ressignificando construções históricas baseadas na memória, como o conhecimento sobre ervas medicinais por comunidades da Amazônia.

A tradição em aliar a capacidade de misturar ervas para diversos fins à capacidade de invocar demônios também permaneceu no imaginário brasileiro. Muitos discursos religiosos instituídos posteriormente no Brasil, apresentam argumentos que contribuem para um silenciamento que não permite problematizações sobre a diversidade cultural que remonta às várias formas de vivenciar a sexualidade no percurso temporal.

3.1 Mulheres e garrafadas: uma relação suspeita aos olhos dos homens

Historicamente, a conotação negativa atribuída às misturas que resultaram hoje nas garrafadas, está atrelada à ideia de perigo associada às mulheres, pois por dominarem receitas utilizadas para fins sexuais e eróticos, instituições afirmavam que as mesmas controlavam desejos sexuais e a sexualidade era associada à ideia de não cristandade (Del Priore, 2010).

A composição de mistura com ervas para fins amorosos pelas mulheres, fez com que inquisidores e juízes tendessem a sexualizar os crimes de feitiçaria, taxando bruxas como prostitutas (Souza, 2009). A perseguição à feitiçaria e aos comportamentos sexuais desviantes “andavam juntas” (Souza, 2009). Os comportamentos das mulheres eram fiscalizados para a verificação de uma normalidade na qual a mesma deveria desprezar o prazer e o sexo era aceitável apenas para a procriação, portanto o sexo permitido afastava a autonomia feminina em possuir segredos do uso da natureza para objetivos sexuais (Del Priore, 2010; Souza, 2009).

O perigo foi desenhado a partir do entrelaçamento da mulher e a figura da bruxa na preparação dos filtros de amor na cultura medieval, como afirma Chauí (1991). Carlos Ginzburg (2012), ao citar um ensaio de 1967 de H. R. Trevor-Roper, afirma que, na Europa, ao mesmo tempo em que se vive uma revolução científica, ocorre uma perseguição à feitiçaria, baseada no delírio clerical medieval contra as bruxas.

As mulheres em um processo pedagógico de descarte de práticas populares tiveram que abandonar os ensinamentos tradicionais ao mesmo tempo em que ocuparam os bancos da escola, o que é bem demarcado no Brasil do século XX, nos quais as mesmas teriam uma Educação Sexual adequada, sendo perpetuada por um ensino sistematizado e/ou um currículo oculto, a exemplo do que ocorreu no Território Federal do Amapá.

O discurso da racionalidade que inferioriza o saber popular é o mesmo que qualificará o corpo da mulher exclusivamente para a reprodução e privilegiará o atendimento médico para este corpo no século XX.

O corpo feminino passa a ser estudado e disciplinado através da ciência estudada por homens e que é legitimada para atender o que se acreditava ser a principal necessidade feminina: a reprodução (Rohden, 2002).

Mary Del Priore (2010), faz interessante relação entre mulheres e saber popular, acentuando o espaço de poder e prestígio que algumas feiticeiras que conheciam os segredos da natureza para a cura dos males femininos tinham no Brasil dos tempos coloniais. Males relacionados ao útero, ou menstruação suprimida ou falha. Para a mesma autora, as curandeiras e benzedoras passaram a incomodar as autoridades civis e eclesiásticas, que viam nos segredos das mulheres para a cura a própria presença do mal e viam no saber popular algo incontrolável e difundido entre as mulheres em uma rede de relações, assim:

Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar o próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas (Del Priore, 2010, p.81).

Segundo a autora mencionada, o próprio corpo da mulher estava envolto em mistérios indecifráveis no Brasil do século XVI, o corpo feminino recebia interpretações inferiorizantes, como a podridão do sangue menstrual, o perigo do útero ao se deslocar, lançar substâncias até o cérebro da mulher levando-a a loucura. Neste contexto acreditava-se

que se a mulher não fosse disciplinada poderia virar a casa de forças ocultas malélicas devido sua fragilidade e inferioridade intelectual.

Marilena Chauí (1991), chama a atenção para a suspeita permanente lançada sobre as mulheres, que numa formulação anterior ao século XIX representavam o mal, encarnavam o perigoso sexo em si e abrigavam, portanto, o demônio, já que este era o próprio sexo.

A autora também fala que por causa da prática da mulher em produzir e consumir poções e filtros para alcançar objetivos, recaía a punição e fiscalização da igreja, inclusive através da confissão. Para a filósofa, a igreja temia a criação de um mundo paralelo autônomo, afastado do controle eclesiástico, um “mundo feminino” que incluía a solidariedade e a profissionalização de mulheres (Chauí, 1991). A filósofa aponta que após este momento, houve uma reformulação que passava pela inflexão científica, na qual será imposta à mulher a orientação de sua sexualidade, sendo deixada no passado a autonomia em buscar soluções para problemas com a sua saúde e imateriais, como matrimoniais.

A procriação era o remédio para o mal propenso ao próprio corpo da mulher, tais interpretações feitas por homens foram incisivas para a medicina moderna séculos mais tarde, que lançaria ideologia para a classificação do corpo e delineamento de papéis femininos (Rohden, 2002).

Rohden (2002), afirma que as maternidades e os médicos serão indicados como exclusivos para realizar o parto, de modo que, o local e especialistas passaram a ser reconhecidos como as únicas opções para o diagnóstico e tratamento do corpo feminino. Uma abordagem sistematizada e ideológica sobre o corpo, alinhada a uma visão da própria sexualidade feminina, incidiu sobre a Europa e as demais sociedades. O corpo da mulher estará alinhado à medicina e distante de antigas superstições e práticas e assim, as produções seculares perdem espaço.

É no contexto do século XIX que a ginecologia aparece como ciência voltada exclusivamente para a mulher, voltando seus olhos para reprodução como função da mulher; o nascimento deste ramo da medicina formulado por homens naturaliza papéis sociais, colocando à mulher um papel de inferioridade intelectual e suspeita por estar sob o risco frequente de seus desejos sexuais, como evidencia Fabíola Rohden (2002).

3.2 Garrafadas: entre o saber popular e o científico

As garrafadas estão no cerne de um conflito com a própria indústria farmacêutica e medicina oficial, que por meio de uma lógica de mercado e metodológica rotula outras alternativas de cuidado do corpo.

De acordo com o discurso proferido pelos representantes do saber científico, o uso de plantas medicinais pela população não é suficiente para sua validação. Para a ciência, tal uso deve ser validado pelo cumprimento de itens fundamentais, como pela possibilidade de reprodução química das fórmulas e por critérios de eficácia como passagem por experimentos “que qualquer xenobiótico sintético é exposto”, de acordo com L. Argenta, S. Argenta, Giacomelli e Cezarotto (2011). Para os autores, a manutenção da prática terapêutica popular tem como principais fatores o “baixo nível de vida da população e o auto custo dos medicamentos” (p.1).

O artigo pesquisado é recente, mas ilustra um debate antigo sobre conhecimento popular e a medicina e indica uma hierarquia no campo do conhecimento quando coloca a medicina popular como alternativa somente pela falta de medicação adequada. A terapêutica popular é descredenciada por não obedecer aos métodos proferidos pela ciência e, conseqüentemente, causar riscos a seus usuários.

Um longo período separa o artigo *Plantas medicinais cultura popular versus ciência* (Argenta et al., 2011) da obra *Medicina Popular* produzida pelo escritor e folclorista Manuel

Eduardo Pinheiro Campos. No entanto, semelhanças interpretativas podem ser acentuadas. Campos (1955) afirma:

(. . .) E o médico, no sertão, infelizmente, desacreditado, visto como um ser estranho, mais para ser respeitado do que propriamente para oferecer seus meios ao pronto reestabelecimento da saúde, não conseguiu impor-se à confiança do sertanejo distanciado da civilização e inculto, certo de seus princípios curativos, ser marginal apesar da radiodifusão, da Imprensa e do Cinema, que não conseguiram transformar ainda a sua primária maneira de raciocinar, deixando-o entregue à prática de sua medicina popular, danosa quase sempre, de par com a magia primitiva, crendices e superstições (p. 29).

Nas duas interpretações a medicina popular é buscada pela população pelo não acesso à medicina formal e a falta de critérios para um conhecimento visto como primitivo pode acarretar riscos para seus usuários. Definitivamente a medicina popular não possui chancela científica, portanto sua validade é suspeita.

Campos (1955), tem posicionamento mais incisivo: “Decididamente o médico não pôde ainda impressioná-lo. Não se deixará vencer tão facilmente, preferindo acreditar nos avisos misteriosos, na encenação dos curandeiros, nas garrafadas de sabor acre” (p. 31). O folclorista fazia uma triste constatação, que apesar dos feitos heroicos dos médicos em adentrarem o sertão, as práticas inferiores continuavam sendo repetidas. Os pobres e “incultos” sertanejos, na concepção do autor, deveriam ser levados à civilização e a compreenderem as vantagens de um tratamento científico e confiável.

Campos (1955), além de acentuar o isolamento do sertanejo e seu não acesso aos melhores meios de restabelecimento da saúde, acrescenta pontos relevantes como a magia,

crendices e superstições que possuem lugares importantes na medicina popular, mas o autor agrega às tais práticas uma conotação de inferioridade, perigo e invalidade.

O cerne da questão não está nos itens de validação ou não dos conhecimentos populares para a ciência e nem é esta temática que pretendemos discutir na pesquisa. É definitivo que práticas como as garrafadas são úteis para suas comunidades, que as enxergam como eficazes e necessárias independente do discurso científico; o que a nosso ver deve ser problematizado é a trajetória de invalidação destes conhecimentos pela própria ciência, o que influenciou no afastamento da medicina popular do currículo escolar.

A explicação citada pelos autores não engloba a complexidade do significado de práticas como as garrafadas para seus agentes, bem como, a complexidade de sua fórmula e ação terapêutica que atinge o material e o imaterial, sendo que, as garrafadas agregam não só a combinação de elementos químicos, mas também espirituais em sua fórmula, ou como afirma Pereira (1993), a mistura de ervas para a cura agrega o simbólico, sendo a fé um ingrediente potente. Obviamente esta é uma lógica de pensamento que causou estranhamento a muitos profissionais de saúde no passado até a atualidade.

De acordo com Maria Andrea Loyola (1984), o uso de práticas divergentes da medicina oficial para o cuidado com o corpo, está também incluso num conflito no campo religioso, no qual, o catolicismo erudito e igrejas de influência protestante condenam e desconfiam de várias práticas de cura, no entanto, as mesmas concordam sobre uma incidência divina sobre o corpo, cuja medicina tradicional não alcança.

A autora afirma que o uso de ervas, por também fazer parte de referências de matrizes religiosas marginalizadas como a Umbanda e Candomblé ou de práticas aliadas ao catolicismo popular, é descredenciado como recurso terapêutico por religiões de referência protestante ou pelo catolicismo oficial. Assim, terapêuticas como as garrafadas estão também no centro de um debate religioso, de modo que, muitas vezes, se reverterem em uma prática

não declarada por parte de seus usuários, o que é justificado por discursos religiosos oponentes à tais práticas (Loyola, 1984).

O uso das garrafadas também traz à tona questões sobre problemas que envolvem o alcance das políticas públicas para saúde no Brasil, já que é tida como uma prática que chega com urgência para sanar os problemas relacionados à saúde das comunidades, na ausência da assistência do Estado.

No estudo de Loyola (1984), em um bairro do Rio de Janeiro, os entrevistados afirmaram que faziam uso dos remédios receitados por raizeiros ou religiosos, pois a busca de tratamento oficial demandava tempo e dinheiro para se deslocarem ao hospital mais próximo. Os moradores só faziam este percurso após a indicação pelo “especialista de ervas” de que o problema apresentado só poderia ser resolvido pelo médico, chamado “homem da casaca”. Reproduziremos trecho de uma entrevista descrita pela autora:

P- Quando os seus filhos estão doentes o que a senhora faz?

R- Primeiro eu levo no Centro, agora depois que eu chegar lá se o vovô vim em terra e dizer, não é para mim, é pros home de casaca (médico), mesmo assim, eu não vou acreditando muito nos homens de casaca não.

P- Você não acredita não?

R- Tou pensando, acredito mais nos velhos no que nos homens de lá.

P- Por quê? Em que casos você foi no guia e ele mandou procurar o homem de casaca?

R- Por aqui, graças a Deus, até nenhum deles me mandaram não.

P- Nunca alguém mandou você procurar um homem de casaca? Mas você conhece algum caso de alguém que tenha mandado?

R- Já. Antônia mesmo, ela deu a crise lá, ficou ruim de negócio do coração, o vovô da Sebastiana veio em pé e falou que o problema não era para o Orixá; se fosse pra eles, eles dava um jeito, ensinava o que era para fazer, mas não era para eles, que eles procurassem o mais depressa possível, um corre-corre para levar para o homem da casaca (Loyola, 1984, p. 173).

No depoimento descrito é exemplificado a recorrência aos dois sistemas de cura, tanto o oferecido pelos religiosos, quando o oferecido pelo hospital. No texto, o próprio guia espiritual indica a procura do profissional da medicina. Mas a procura imediata da senhora para reestabelecer a saúde de seus filhos é com os guias do espiritismo⁴⁴, que possuem mais proximidade com a moradora e conhecem a vivência de sua comunidade. A este respeito Loyola (1984) afirma:

A especificidade da prática dos médicos populares reside em larga medida no fato de aceitarem a participação dos doentes na elaboração do diagnóstico e, principalmente, no conhecimento que possuem das categorias, da linguagem e das representações de sua clientela a respeito da doença (p. 29).

Na relação descrita por Loyola (1984), o diálogo entre o especialista das ervas e seu paciente é possível. Há um entendimento da realidade do outro, pois os sujeitos dominam os códigos culturais semelhantes, há um consenso na elaboração do diagnóstico e do que é prescrito.

⁴⁴ De acordo com Barros (2012), os guias ou entidades na umbanda são personagens do imaginário que transitam pela mitologia e cerimonial, podem ser os caboclos, pretos velhos, crianças, ciganos, soldados e outras categorias. Cada guia representa um tipo de virtude que deve ser desenvolvida pelo ser humano para se chegar aos altos graus de evolução.

Na relação entre médico e paciente, muitas vezes, tal unidade se parte, o médico se porta como o conhecedor de leis específicas existentes no campo formal e assume o lugar de ativo para analisar o paciente e sua doença (Loyola, 1984). A autora afirma que as experiências que os pacientes apresentam geralmente são invalidadas no discurso dos médicos que, por sua vez, se auto intitulam detentores do único saber legítimo. Há a partir dessa relação dispare, o estabelecimento de um comportamento instrumental manifestado nas consultas.

Outra questão pertinente ao refletirmos sobre as garrafadas é a discussão sobre um atendimento convencional para a saúde que dialogue com outras visões sobre o corpo humano, bem como, outra problemática que podemos acentuar é quanto à permanência e atualização de saberes milenares mesmo após o alcance da modernização estatal através da racionalidade de suas instituições que possuem a pretensa ideia de aniquilar ou reordenar saberes locais.

As garrafadas são comercializadas atualmente no Brasil em lugares específicos como em feiras livres de grandes centros urbanos, como em Fortaleza - CE, Recife - PE, João Pessoa - PB, no Nordeste; Goiânia - GO, no Centro-Oeste; São Paulo - SP, no Sudeste (Camargo, 2011), em feiras icônicas como a feira do Ver-O-Peso, na cidade de Belém do Pará e são comercializadas também em uma rede de relação de solidariedade na qual são divulgadas informalmente.

No que diz respeito à saúde da mulher⁴⁵, se utiliza a mistura como reguladora de menstruação, resolução de cólicas menstruais, inflamações, infecções, corrimentos, hemorragia, para proporcionar a reprodução (Pereira, 1993), doenças que implicam nas

⁴⁵ Neste estudo apontamos o uso de garrafadas para a cura do corpo, lembramos, porém que a cura do corpo na perspectiva do uso das garrafadas vai além da incidência sobre o biológico. O uso de garrafadas também objetiva resolver questões diretamente sentimentais e eróticas, ligadas ao que Laura de Mello e Souza (2009) intitulou “Preservação da afetividade” (p. 301), porém, tais garrafadas não são produzidas pelos participantes da pesquisa.

chamadas disfunções sexuais⁴⁶ femininas, todos os males são genericamente indicados pelos terapeutas populares como “inflamação que dá no útero”, como ilustra a fala da parteira Maria, uma das entrevistas nesta pesquisa.

As garrafadas também atuam em males que acometem as crianças como “quebranto” e “mau olhar”, causando sintomas como diarreia ou febre após a ação de uma força maléfica externa (Pereira, 1993), tais problemas com os filhos incidem diretamente sobre a saúde da mulher, de acordo com a visão popular.

Em uma perspectiva totalizante, a medicina alternativa, em questão, concebe o corpo na interação com o meio social e simbólico, assim as doenças citadas são resultado de fatores internos do corpo, como tipo de sangue (Pereira, 1993) em contato com o externo, como um olhar malicioso do outro ou uma característica do meio, como uma alimentação ou temperatura inadequada nas quais as mulheres estão submetidas. Sob este prisma, as doenças são concebidas como desarmonias (Pereira, 1993), provenientes de/ou que desencadeiam desarranjos em outros campos como o ambiente doméstico e a relação entre as pessoas.

O uso de ervas é aliado ainda hoje, assim como no passado; à fé e a sua validação não está ligada à chancela científica, na qual existe um tratamento do corpo que passa por especificidades médicas, sendo exemplos, a ginecologia e obstetrícia para as mulheres. Por este motivo, a garrafada integra o que se designou medicina popular definida por Camargo (2011) como:

(. . .) um sistema médico, por envolver, basicamente, técnicas de diagnóstico e interpretações etiológicas, como as determinantes das terapêuticas a serem aplicadas às questões que envolvem saúde física, mental e espiritual. Esta medicina, calcada em

⁴⁶ Costa e Trindade (2009) tendo como referência Masters e Johnson (1997) e Kaplan (1978) afirmam que a resposta sexual apresenta quatro etapas sucessivas: o desejo, excitação, orgasmo e resolução. A falta, o

ideias e valores ditados pelo consciente coletivo, tem seus conhecimentos transmitidos por meios predominantemente orais. Com base no conhecimento empírico acumulado, desenvolvido através de uma dinâmica própria, as práticas médicas populares vão se adequando às realidades que o tempo histórico vai delineando; segundo, os diferentes contextos socioculturais, nos quais se inserem. Seu vínculo com elementos doutrinários de cunho religioso, de diversas origens, nos faz entendê-la como uma medicina sacralizada, de contorno nitidamente mágico-religioso. (pp.41-42).

De acordo com a afirmação de Camargo (2011), a medicina popular só pode ser compreendida se considerada seu caráter religioso e de formulação cultural múltipla, que irá definir o corpo como um conjunto entre o visível e o invisível.

Para a produção das misturas, há a importância atribuída à memória da pessoa que registra os componentes de cada combinação. O sujeito que produz a garrafada obteve ensinamentos de seus parentes, mas sobretudo, a partir de um chamado divino (Camargo, 1975), pelo qual pôde conhecer e receitar cada planta.

A aprendizagem dos produtores não é imutável, à medida que seus conhecimentos sofrem imperativos dos diferentes contextos históricos e culturais em uma dinamicidade de interações que englobam elementos contemporâneos, porém à despeito de mudanças que incidem sobre o aprendizado, a aliança com o sagrado é mantida para a cura de males que não são vistos apenas como físicos, mas também imateriais.

O vínculo com a religiosidade é latente na criação de garrafadas, de acordo com Camargo (1975). A autora afirma que tais misturas podem ser recomendadas por guias

excesso, o desconforto ou a dor na expressão ou no desenvolvimento do ciclo caracteriza-se como disfunção sexual.

espirituais, ligados aos grupos espíritas de influências Kardecistas⁴⁷ ou em religiões de matriz indígena e africana como a Umbanda e o Candomblé⁴⁸. A mesma autora afirma que os saberes que resultam em garrafadas são modificados ao longo do tempo, recebendo influência de contribuições culturais, que agregam elementos das mais diversas regiões, desde a antiguidade.

O ato de benzer e rezar, para muitos produtores de garrafadas, reforça o poder curativo das mesmas, e eis aí uma acentuada diferença entre a prática popular e a medicina formal que não considera o oculto ao tratar do corpo, aplicando uma racionalidade desligada de traços de religiosidade, porém para muitos usuários das garrafadas os conhecimentos científicos e os remédios tradicionais podem ser usados conjuntamente, de modo que, quem utiliza as garrafadas não se refuta à recorrer à medicina oficial quando julga necessário (Loyola, 1984).

Neste sentido, é necessário também considerar que o uso de garrafadas se dá paralelamente ao uso de formas indicadas pela medicina oficial de cuidado com o corpo, o que irá ser atestado no relato dos entrevistados neste estudo, formulação que permite abandonar uma visão dicotômica e dualista de cura do corpo. Tal dualismo também terá incidência sobre o estudo da sexualidade conforme nos fala Guacira Lopes Louro⁴⁹ (2014), sobre diversas categorias.

⁴⁷ O espiritismo de orientação Kardecista, “autodefinido como ciência e filosofia” teve surgimento na França em 1857, a partir das formulações de seu fundador Léon Denizard Rivail, com o pseudônimo Allan Kardec. O espiritismo sob essa orientação veio para o Brasil no século XIX (Concone & Rezende, 2012. p.209).

⁴⁸ Silva (2000, p.15) afirma que o desenvolvimento do Candomblé teve como referência “as matrizes religiosas africanas”, já o desenvolvimento da Umbanda se deu pela busca de segmentos da classe urbana que legitimasse as contribuições de grupos da sociedade nacional. Figueiredo (2008) afirma que a tentativa de se estabelecer uma pretensa pureza de matrizes religiosas na Amazônia é tarefa complexa, à medida que, os limites de influência de uma matriz religiosa para outra são tênues. Na Amazônia as matrizes religiosas se fundem sendo difícil estabelecer limites entre formas de ver o divino. Neste estudo não nos ocupamos de tais limites por compreender que práticas religiosas na Amazônia são provenientes da condensação de várias influências, atores sociais, espaços e práticas.

⁴⁹ A autora afirma que numa tradição de uso da dicotomia, categorias como gênero também são marcadas por esta polaridade, onde feminino e masculino não se misturam, obedecendo a uma lógica simples de dominação e submissão (Louro, 2014).

Só é possível considerar o uso das garrafadas a partir do distanciamento do discurso da posição binária entre a atualidade, urbano, evolução e medicina formal de um lado e passado, campo e atraso, junto ao conhecimento popular de outro, compreendendo que práticas antigas permanecem, com as devidas adaptações de acordo com mudanças provenientes de imperativos contemporâneos. É necessário considerar a presença da medicina popular no meio urbano como alternativa legítima para os indivíduos que dela fazem uso e opção concorrente à medicina formal (Camargo, 1976; Loyola, 1984).

A medicina como campo do saber e prática sobre o corpo humano, nem sempre esteve desligada do sagrado como na atualidade; este deslocamento se deu historicamente. Na antiguidade era indissociável a ideia de expulsão de um mal imaterial para a cura da pessoa, como afirma Childe (1966, p. 2013) citado por Camargo (1975):

As doenças, tanto no Egito como na Mesopotâmia, eram consideradas essencialmente como obra de demônios, ou potências mágicas ainda mais vagas. Portanto, a medicina consistia essencialmente na expulsão do espírito maligno pelas fórmulas mágicas e pelos atos rituais. Tais atos, porém, tomaram comumente a forma de aplicação ou administração de lenimentos ou poções. Quanto mais repugnante a poção, tanto mais depressa fugiria o demônio; as excreções de homens e animais eram, com frequência receitadas. A tradição de que os remédios devem ser desagradáveis é um remanescente da teoria demoníaca da enfermidade, localizável nos mais velhos textos médicos existentes. A mesma teoria aprovava, naturalmente, os purgativos e os vomitórios fortes como meio de expedir o agente maligno. (p. 9).

A ideia de justificar a doença pela existência de um mal oculto ou um castigo divino é recorrente também em períodos posteriores e seria frequente no Brasil do século XVI. Souza

(2009), afirma que em um momento em que não se tinha ainda explicações para mortes súbitas, a justificativa do corpo tomado por um mal oculto vinha ao encontro da necessidade de se atribuir a causa das mortes repentinas. Para Del Priore (2010), as lacunas do conhecimento da medicina tornavam o corpo “extrato do céu ou do inferno” (p. 78), no qual a doença era uma advertência de vida ou prova de que o demônio teria abrigado a pessoa.

Camargo (1975), afirma que as interpretações demonológicas sobre as doenças proferidas pelas sociedades antigas foram ainda utilizadas, nos períodos posteriores, como explicações para doenças neurológicas, ou estados psicóticos.

A autora lembra que os remédios nas sociedades da antiguidade eram revelados pelos deuses, situação de revelação semelhante às ocorridas muito posteriormente nos centros de candomblés e espíritas, nos quais os agentes recebem orientação de Orixás⁵⁰ e guias espirituais para ditar receitas (Camargo, 1975). Portanto, não havia uma nítida separação entre religiosidade e medicina no passado, o que irá ser demarcado veementemente no século XVIII.

A medicina popular e a médica para Camargo (2011), são dois modelos distintos e que convivem lado a lado, com paradigmas diferentes, sobressaindo a visão da medicina hegemônica que dá a medicina popular a colocação de produto de uma cultura inferior, produto da ignorância sob formas consideradas corretas de cuidado com o corpo e assim, a medicina e a ciência passaram a ignorar o saber popular.

Na discussão sobre garrafadas, podemos ainda elencar a existência de duas concepções de saúde apontadas por Teresa Vilaça (2014), uma tradicional, na qual a saúde é a ausência de doenças e outra holística, na qual a saúde é vista como um bem-estar físico, mental e social, que implica também uma dimensão subjetiva. A autora afirma que a

⁵⁰ Nome popularizado para as divindades do Candomblé. Silva (2000) afirma que são exemplos de divindades “vistas como forças espirituais humanizadas, com personalidades próprias, características físicas e domínios naturais” (p. 69), sendo, por exemplo, o Ogum o Orixá da guerra e do fogo, Oxóssi o Orixá da mata,

definição de saúde para a Organização Mundial de Saúde (OMS), já a considera em uma ampla dimensão que não se restringe à ausência de doenças, no entanto, uma ideia restrita sobre saúde persiste na abordagem da sexualidade na escola.

A dimensão holística da saúde é encontrada nas explicações dos produtores das garrafadas, porém, uma concepção simplista da saúde ainda é utilizada para justificar olhares de desconfiança sobre o produto garrafadas.

4 PRÁTICAS POPULARES À MARGEM DA HISTÓRIA: O CONHECIMENTO POPULAR EM CHEQUE

A renovação da ciência História⁵¹ convidou para um repensar sobre a sexualidade, permitindo o afastamento de abordagens centradas unicamente em eixos como prevenção e reprodução, suscitando novas problematizações que consideram práticas culturais excluídas. Com este intento, é necessário refletir sobre o que motivou a exclusão no contexto escolar de temáticas como as garrafadas.

O estudo das garrafadas, por décadas, foi feito pelos chamados folcloristas, no século XIX, que viam em tal produção um conhecimento aliado à tradição e que estava se extinguindo, à medida que, as sociedades eram urbanizadas e os conhecimentos médicos científicos eram legitimados. Há uma historicidade neste discurso que descarta a medicina popular dando a este conhecimento um lugar secundário de sobrevivência folclórica (Loyola, 1984).

A partir do século XVIII os estudos sobre a sexualidade passam por grandes transformações no sentido de especificar comportamentos sexuais ideais e desviantes nos vários ambientes. Foucault (1999), mostra que deriva desta realidade a separação entre o patológico e o normal e a qualificação de quem poderia falar de sexualidade. Permissão não possuía pelos detentores do conhecimento popular e sim por diversos especialistas elencados para tal, já que, os conhecedores das práticas populares não apresentavam os requisitos pertinentes para a mentalidade utilitarista, como chancela de especialistas, registro escrito e aval científico.

medicamentos feitos a partir delas (Silva, 2000).

⁵¹ A abordagem de novas temáticas na História tem como marco a proposta de renovação trazida pelo periódico *Annales*, originalmente *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada na França, pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929 (Vainfas, 1997). A revista francesa convidou os historiadores a mudarem seus enfoques e metodologia, na qual houve o abandono de fatos estanques e fixação em indivíduos e elites, favorecendo outros caminhos para as pesquisas na área, como a História Oral (Vainfas, 1997). A análise de ritmos diferentes de tempo, foi também outra novidade, em vez de considerar o tempo rápido dos eventos, passou a ser valorizado um tempo mais longo, da cultura material e das mentalidades,

Na tese de Foucault (1999), a repressão exercida pela Igreja Católica não foi modificada para uma liberação sexual e sim novos mecanismos e outras formas repressivas para a sexualidade foram criadas, tese apoiada pela filósofa Marilena Chauí (1991) e assim, a repressão assume uma nova dimensão, não uma ruptura.

Para Foucault (1999), quatro foram as estratégias criadas entre os séculos XVIII e XIX a partir das quais os dispositivos de saber e poder a respeito do sexo serão produzidos, são estas a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso (Engel, 1997). Há um destaque dado para a pedagogia na orientação de um sexo apropriado e a mulher é enquadrada a um novo modelo que irá disciplinar seu corpo e seu comportamento que por sua vez serão classificados como aceitáveis ou não.

No contexto da modernidade apresentado por Foucault (1999), se estabeleciam lugares próprios para se moldar a sexualidade da pessoa e dentre estes espaços de poder e verdade, a escola, por meio da educação formal, seria campo privilegiado.

A História contribui para o estudo das mudanças que irão configurar os saberes tradicionais no contemporâneo, se olharmos para o passado do Brasil compreendemos que a prática de uso das garrafadas foi combatida no bojo de um processo de fiscalização e direcionamento do conhecimento popular pelo campo religioso e pelo campo científico defendidos pela medicina e pelo Estado.

A aproximação entre saberes populares e a sexualidade foi suplantada pela tradição escolar ocidental que se inaugurou a partir do século XIX e que marcaria os conhecimentos aprovados no ambiente escolar, sendo a sexualidade moldada para a saúde e higiene, com forte influência da medicina.

assim como, o diálogo com outras ciências como a Antropologia e a permissão de novos objetos de estudo (Le Goff, 2003).

É necessário lembrar que Foucault (1999), argumenta em seus estudos que, a partir do século XVII, determinou-se o lugar de quem poderia falar de sexo, suas interdições e permissões, bem como, as instituições autorizadas para compor um discurso visto como pertinente. Os efeitos apontados a partir deste marco foram a recusa, o bloqueio e a desqualificação de discursos diferentes dos aceitos socialmente (Foucault, 1999). A partir deste quadro, um silenciamento característico nasceu nas cidades modernas sobre o tema sexualidade, silenciamento este que permanece, apesar da “explosão discursiva” (Foucault, 1999), que não caracterizaria uma liberação sexual e sim novas formas disciplinares. A este respeito, Marilena Chauí chama a atenção para evitar-se o binarismo “passado repressivo” e “presente libertador” (Chauí, 1991, p. 27), a filósofa ao escrever sobre a repressão sexual reforça que novas formas de controles foram criadas, sendo uma das vias a pedagogia.

Uma verdade sobre a sexualidade é formulada nas mais diversas instituições como no ambiente escolar como espaço de produção de discursos e que irá produzir os próprios sujeitos. Neste espaço se enaltece saberes e se silenciam outros, com exclusão e desqualificação do discurso do conhecimento não formal em detrimento do fortalecimento do discurso de legitimidade da ciência.

No pragmático século XVIII, ocorrendo uma obsessão pela classificação e técnica, através do crivo racional, o único discurso aceitável sobre o sexo são aqueles advindos dos desdobramentos da medicina. A escola conseqüentemente irá assumir e apropriar-se do discurso da medicina recomendado, excluindo saberes populares que não seguem a mesma lógica.

A escola tornou-se veículo para os interesses possíveis do Estado. Para a saúde, os médicos e demais técnicos se tornaram disseminadores privilegiados, compondo a explosão de discursividades (Foucault, 1999), na qual houve uma incitação institucional a falar de sexo pelas instâncias de poder. Neste contexto, há uma interseção entre medicina e escola, que irá

marcar a gênese de Educação Sexual no Brasil, com traço normativo ainda no século de XVIII.

A ideologia⁵² do descrédito atribuída ao conhecimento popular foi impressa junto à ideologia de superioridade da ciência positivista. Pode-se supor que um dos traços do descrédito ao conhecimento popular foi atribuído por este privilegiar a própria oralidade, que necessita da memória para se perpetuar.

Foucault (1996, p.32), afirma que a vontade de uma única verdade, colocou em destaque formas classificáveis, a procura de um nível técnico no qual deveria ser revestido o conhecimento para se tornar útil, neste aspecto o científico foi valorizado. A atribuição de um autor em um escrito continuou sendo uma proposição de verdade, assim, os conhecimentos transmitidos pela oralidade com o anonimato das formulações ganham conotação de inverdade e a credence popular ganha conotação de “fantasma”.

Os saberes de populações que não dominavam a escrita formal eram passados por gerações através da fala, maneira que foi descartada por uma concepção de valorização da escrita para a ciência, destaque que marcará um próprio modelo de História apegada aos vestígios materiais, ideia expressa pela escola historiográfica metódica do século XIX, na qual o trabalho do historiador restringia-se a análise de fontes escritas preservadas que revelavam exatamente o passado. O documento neste sentido seria privilegiado como fonte e a partir dele se chegaria à verdade, ou seja, a ideia era de que sem documentos não havia História, conforme lembram Karnal e Tatsch (2009), havia, portanto, uma concepção restrita de fonte que invalidava o testemunho não escrito.

Ampliando as possibilidades de fontes, podemos considerar a História de vida e as impressões que uma pessoa tem sobre suas experiências e sabe-se que a memória tem protagonismo para considerar o conhecimento popular.

4.1 Inserções sobre miscigenação

Para o estudo de práticas populares, é caro um conceito amplo de cultura para as ciências humanas, compreendendo as criações culturais como produtos de diversas influências e interpenetração entre o popular e o erudito acerca da religião e sexualidade, portanto, não é válido a própria concepção de pureza do popular em relação ao erudito (Montenegro, 2010).

Alguns exemplos tornam a referida interpretação inadequada, como características do catolicismo popular, no qual a cultura europeia se fundiu às práticas populares. A ética cristã estava presente tanto na vertente culta, quanto na vertente popular, que legitimava o amor e a sexualidade no Brasil no cotidiano colonial e nas formulações religiosas que estavam eivadas de reminiscências europeias (Souza, 2009), ou se considerarmos que diversos grupos sociais fizeram e fazem uso de práticas como o uso de garrafadas, não estando restrito este saber apenas às classes com menor poder aquisitivo.

Se considerarmos a prática cultural das garrafadas como produto da miscigenação brasileira, podemos supor que o modo negativo como a miscigenação da população foi vista no universo acadêmico e pelos homens do Estado no início da formação de uma identidade nacional no final do século XIX e início do século XX, contribuiu diretamente para o modo com que a cultura popular foi descredenciada, efeito que teve desdobramentos no ambiente escolar, por este motivo, daremos atenção ao conceito miscigenação.

É preciso, de antemão, afastar uma concepção romântica de cultura popular inaugurada com o próprio olhar da ciência positivista sobre a cultura no século XIX, na qual os folcloristas viam no popular uma nostalgia, com uma necessidade de preservação da tradição considerada pura e imutável de elementos culturais, tradição esta que deveria ser

⁵² Usaremos o conceito de ideologia como mascaramento da realidade para a exploração e dominação conforme apresenta Marilena Chauí (1997).

conservada (Figueiredo, 2008). Há na concepção, a formulação de que as criações de um passado rural não se remodelariam nas sociedades industriais e urbanas (Canclini, 2008; Gallois, 2011; Loyola, 1984).

Néstor García Canclini (2008), afirma que o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tidas como tradicionais, sendo pertinente estudar as formas de transformação dessas culturas. Aponta também que o popular não é monopólio dos setores populares, concepção que estabelece um vínculo fatalista de produtos culturais à grupos fixos, assim, o popular é constituído por processos híbridos e complexos, que extrapolam interpretações binárias (Canclini, 2008); tal formulação poderia explicar o quanto os entrevistados fazem considerações a respeito do hoje para a aplicação de suas práticas de cura, o quanto estão engajados em problemas contemporâneos, como a procura para a cura do câncer e a realidade de desconhecimento do próprio corpo por parte dos jovens.

A mestiçagem no Brasil foi vista por muitos intelectuais como algo negativo que deveria ser sanado, um mal nacional, a mestiçagem, então, deveria ser branqueada o máximo possível, assim, foram incisivas diversas ações de governo através de um planejamento sistemático para esse objetivo e que iniciou desde a colonização para dissipar diversas influências raciais (Ortiz, 2012).

Bem antes do enquadramento de uma identidade nacional brasileira, a ciência e seus métodos ganharam estatuto de neutralidade, com o poder de estipular uma verdade ao outro, numa trajetória histórica que nasceu no velho mundo e adentrou o Brasil desbravando o desconhecido por parte dos europeus, reinterpretando o vivenciado pelos sujeitos históricos que viviam no espaço e que possuíam oposta visão de mundo do colonizador.

Após o impacto da “descoberta⁵³” foi ensinado pelos Jesuítas aos indígenas, outra forma de ver o corpo e o sexo através de preceitos cristãos, afastando os nativos de um comportamento considerado animalesco. A ordem religiosa ensinou aos habitantes novos comportamentos sexuais.

A vivência da sexualidade indígena era permeada de práticas horrendas aos olhos do colonizador, como os rituais tupinambás⁵⁴. Os costumes da terra foram acentuados como negativos, costumes com a presença do conhecimento empírico sobre o mundo que essa população possuía, resultado de uma longa tradição de várias comunidades.

Os Jesuítas, em uma ambiciosa empreitada educativa, instituíram o casamento, proibiram a nudez, criminalizaram a “prática de pederastia” e proibiram todos os atos considerados libidinosos como a poligamia, sodomia, introduzindo a tradição da monogamia e heteronormatividade como padrão (Gomes & Novais, 2013).

A mentalidade jesuítica sobre a população nativa brasileira, subsidiou produções acadêmicas que consideraram o indígena como animalesco, formulação que teve desdobramentos para o senso comum e estende seus tentáculos até os dias atuais, em discursos que aliam a etnia indígena às características como atraso, selvageria e perversão (Vainfas, 1999).

As produções acadêmicas a partir da década de 1930 tiveram importância na compreensão da sexualidade indígena, assim, Gilberto Freyre (1984) ressaltou que:

⁵³ Termo hoje bastante questionado por não evidenciar as populações nativas e seus modos de vida anteriores ao encontro com os portugueses.

⁵⁴ Os rituais tupinambás foram definidos como bárbaros pelo colonizador, tais rituais eram vistos como sinal de atraso e selvageria. Nestes rituais se realizava a antropofagia no qual os povos Tupi comiam seus prisioneiros de guerra, tais rituais tinham um significado de diálogo entre guerreiro altivo e seu matador, significado não compreendido pelo invasor europeu quando chegou no litoral da “Ilha Brasil” conforme nos aponta Darcy Ribeiro (1995). Ilustrativa a passagem de um relato de Hans Staden lembrado por Ribeiro (1995), no qual o viajante afirma: “três vezes foi levado à cerimônias de antropofagia e três vezes os índios se recusavam a comê-lo, porque chorava e se sujava, pedindo clemência. Não se comia um covarde” (p.34).

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho. (p. 92).

Apesar de inúmeras críticas acadêmicas posteriores que apontaram uma exagerada harmonia racial no Brasil ressaltada por Gilberto Freyre (1984), o autor inaugura um olhar sobre a sexualidade assentada na contribuição dos continentes Europeu, Americano e Africano, enxergando a miscigenação com positividade e apresenta a possibilidade de uso de diversas fontes para a compreensão da cultura brasileira (Vainfas, 1999). No trecho exposto, há uma estreita relação entre sexualidade e etnia, à medida que, os grupos indígenas viviam o sexo de modo peculiar em um ambiente diferente do europeu no qual liberdades eram vividas, liberdades que afrontavam as recomendações clericais.

No estudo de Freyre (1984) a sexualidade indígena era vivida de maneira livre, livre das convenções da igreja e do pudor europeu. O europeu se adaptou à maneira peculiar de se viver a sexualidade no novo mundo (Vainfas, 1999).

Freyre inovou ao demonstrar que o colonizador participou ativamente do cenário encontrado nas novas terras, adaptando-se muito bem à “devassidão”. Outra inovação foi a metodológica com aporte na cultura (Gomes & Novais, 2013).

A ideia de selvageria tornou-se elemento essencial para uma representação estigmatizante do indígena, associada às outras representações, a visão do colonizador e

jesuíticas consolidou que os indígenas possuíam uma sexualidade aflorada ou mesmo uma perversidade sexual (Gomes & Novais, 2013).

A tradição acadêmica posterior à década de 1930, que compreendeu os indígenas e negros apenas como força de trabalho e resultado de evangelização, evitando adentrar o domínio da sexualidade, contribuiu para não tratar de temas ligados a este campo (Vainfas, 1999), sendo na atualidade um aspecto a ser descortinado.

A visão do indígena foi, por muito tempo, ora romântica e folclórica ou ligada à ideia de selvageria (Gallois, 2011), ocultando hábitos sexuais e transformando a sexualidade indígena em tema silenciado, o que impediu o conhecimento do cotidiano indígena neste aspecto.

Vainfas (1999), aponta que os negros, por sua vez, foram situados como objeto da escravidão numa tradição historiográfica que só será modificada nos anos 80, período no qual os negros passam a ser vistos como sujeitos da história, possuidores de autonomia, sem, no entanto, desprezar o fator violência da escravidão em vários aspectos, inclusive o sexual.

Renato Ortiz (2012), ao se debruçar nas teorias explicativas do Brasil elaboradas nos séculos XIX e XX afirma que interpretações implausíveis foram legitimadas pela própria ciência, assim, a releitura de clássicos como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, permite um olhar surpreso para interpretações sobre nossa origem (Ortiz, 2012).

A questão racial adquire um contorno racista no Brasil, como afirma Ortiz (2012), visão compartilhada por Eugênia Foster (2015), sobre a construção de uma ideologia racial brasileira que tentará purificar e branquear o Brasil em todos os aspectos, claramente inclusos os aspectos culturais relacionados às religiosidades e demais práticas acionadas por etnias vistas como secundárias, com um papel meramente coadjuvante como a indígena e a negra. Os autores concordam que a ideologia de integração nacional desconsiderou as diferenças em

prol de uma ideia forjada de harmonia, numa concepção monolítica de cultura que descarta a pluralidade cultural.

Foster (2015), afirma que houve um processo de negação racial em curso no Brasil, que impõe à própria população negra a negação da beleza e de valores diferentes dos europeus; tais padrões foram impostos por meio de um planejamento estatal sistematizado como a própria política de branqueamento implementada no Brasil do início do século XX.

A colocação de grupos étnicos sob uma ordem hierárquica etnocêntrica, inferioriza criações culturais que tais grupos fazem uso. Colada à ideia de inferioridade que tais grupos assumiram historicamente no Brasil, está a ideia de barbaridade de suas formulações culturais em vários aspectos.

Foster (2015), ao citar Guimarães (1995), afirma que a tônica do projeto de nacionalidade para o Brasil foi apagar ancestralidades desfavoráveis, o nascimento de uma população harmônica e mestiça foi delineado, com a ideia de diferença como inferioridade e homogeneidade como evolução.

As visões de mundo tanto da etnia indígena como a de matriz africana foram vistas como desfavoráveis. Tais etnias possuíam uma interpretação da natureza e seu uso para resolver questões cotidianas que é descredenciada na sociedade e o são diariamente na escola, reafirmando uma hierarquia de saberes e reforçando estigmas que afastam o mito da democracia racial (Foster, 2015). Tais conhecimentos também foram afastados dos espaços acadêmicos, à medida que, também, a desigualdade social, proveniente de concepções racistas, excluem ainda no século XIX grupos étnicos de determinados espaços privilegiados, através dos quais podem estudar e dar visibilidade à sua própria cultura.

Ortiz (2012), apresenta que a questão racial esteve no cerne da formulação de uma identidade nacional, na qual foi pensada a tríade de soma, na qual as três raças compõem o espaço da miscigenação, pensada como o europeu liderando a ação civilizatória, sendo que ao

indígena coube uma reformulação romântica que abandonaria a visão de barbaridade e que lhe transformaria em símbolo nacional, sem os traços da temida selvageria. Os negros, por sua vez, foram vistos como forte braço para o trabalho, aliado do homem branco para o progresso (Ortiz, 2012), interpretação que oculta violências e a cultura construída por esses povos em sua ancestralidade. Assim, o conceito mestiço e mestiçagem foi forjado para a exclusão de questões raciais e racismos existentes no Brasil (Foster, 2015). A organização das três raças no sentido de uma evolução civilizatória, foi a saída encontrada por intelectuais para adequar o Brasil no progresso da humanidade direcionado pela supremacia racial do branco, neste sentido, “o negro e o índio se apresentam como entraves no processo civilizatório” (Ortiz, 2012, p. 20).

A miscigenação, vista negativamente por vários intelectuais “racistas de ofício”, no início do século XX, que se debruçaram em escrever um sentido para a História do Brasil (Vainfas, 1999), foi reconhecida como uma boa característica na década de 30, concepção fortalecida pela contribuição de Gilberto Freyre, conforme nos aponta Ortiz (2012), porém, o ideário da unidade formulado esconderia o racismo e o descrédito sobre a variedade de interpretações de mundo, condição que permanece até os dias atuais e em vários ambientes como a escola.

O Território do Amapá foi legitimado no bojo do Estado Novo (1937-1945) e havia também nessa parte do Brasil uma variedade étnica que precisava ser orientada para o progresso, conforme apresentamos no início deste trabalho, perspectiva que reverbera não apenas no campo da cultura, mas inclusive no aspecto geográfico. Uma das medidas interessantes sobre essa orientação Estatal no Amapá foi a saída dos negros residentes no

centro da cidade de Macapá, para ocupar um bairro que foi nomeado Laguinho e que permanece com seu nome original até a atualidade⁵⁵.

Ortiz (2012), afirma que a década de 1960 apresenta um marco para o Brasil na integração do capital internacional, no qual o processo de “modernização” alcançou uma dimensão inigualável no país, pois o processo de racionalização se estende através da administração à vida dos indivíduos, neste contexto, a miscigenação e o ideário de harmonia entre raças continua sólido.

A cultura passa a ter o significado de somatória ao desenvolvimento capitalista brasileiro. Diversos órgãos foram criados em 1975, como a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), que irá gerenciar as artes e o folclore brasileiro (Ortiz, 2012), porém há uma continuidade das representações tradicionais do Brasil, o que irá fortalecer a “ideologia de harmonia”, na qual a noção de conflito é descartada e são valorizados termos como conservação e aculturação⁵⁶. Seria necessário portanto, preservar conhecimentos tradicionais, o que demarcaria veementemente a ideia de proteção ao folclore para sua sobrevivência. A política de cultura do Brasil, ao cotejar tal preservação, assume na fala de seus técnicos, o contorno de promotora do respeito às diversas etnias, assim, o popular teria o princípio de ocupar um lugar especial na memória nacional, um lugar definido no passado.

Seguindo a vertente descrita, os museus e casas de cultura buscaram preservar conhecimentos que os povos construíram no passado para dar um sentido à História do Brasil, de um primitivismo de criações culturais populares (Ortiz, 2012), para uma evolução cultural engendrada nas escolas.

⁵⁵ Um trecho de um ladrão de Marabaixo retrata o fato: Pra onde tu vais rapaz, por estes caminhos sozinho, vou fazer minha morada, lá nos campos do Laguinho. Os ladrões são os versos que expressam cenas do cotidiano cantadas na dança do Marabaixo que ocorre no Amapá (Canto, 2017).

⁵⁶ Ortiz (2012) afirma que o termo aculturação remete ao sentido de que uma cultura se sobrepõe simplesmente sobre a outra, por meio desta interpretação se a cultura popular não fosse preservada, cuidada pelo Estado, correria o risco de desaparecer, sendo suplantada pela cultura erudita.

Ao popular, caberia um sinal de exotismo lembrado nas escolas em eventos específicos, neste sentido, são reforçadas práticas como o festejo do dia do folclore, ou o dia do índio (Ortiz, 2012), o que se repete até a atualidade. Nesta perspectiva não cabe uma problematização sobre criações culturais de grupos étnicos e suas readaptações ao Brasil urbano, pois aos grupos e a suas criações, é apenas assentado um lugar na construção da identidade nacional, na qual, as diferenças e tensões étnicas foram apagadas em prol de uma unidade. Tal visão embasa o desprezo às problematizações atuais sobre etnia na escola, descartando uma consideração reflexiva de diversas práticas populares.

Para Fabiane Lopes Teixeira (2014), a escola possui dificuldade em tratar de influências culturais e os diversos sujeitos sociais e a autora afirma que:

(. . .) a escola parece não saber lidar com essas questões, mostrando-se em crise e, com isso, tendendo a silenciar e neutralizar a pluralidade e a diferença porque se sente mais confortável com a padronização de sua prática. Essa crise não diz respeito apenas à inadequação de métodos e técnicas utilizados em desacordo com o avanço tecnológico no mundo globalizado, mas abarca as tentativas de fabricação de um modelo único de sujeito. (p. 109).

Ao não saber se situar quanto à conceitos idealizados e conhecer outros modos de ser e de viver (Teixeira, 2014), a escola prefere repetir fórmulas consagradas num currículo compreendido como “saber oficial”, com uma receita de conhecimentos, não como um processo de construção social atravessado por relações de poderes (Quadrado & Barros, 2014)

Em toda a discussão sobre miscigenação, é necessário esclarecer que não se trata de desprezar o conceito, por causa de seu uso ideológico no início do século XIX, mas sim,

considerá-lo em sua historicidade. A miscigenação é característica brasileira no sentido de mistura de influências étnicas e dela resulta produtos culturais, no entanto, as tensões sobre uma ordenação de saberes e relações de poder nas interações raciais devem ser consideradas, bem como, a ancestralidade e memória de cada raça (Foster, 2015).

A permissão de recortes étnicos e de temáticas como a sexualidade no Brasil recente, se dá em momentos estanques na escola e com resquícios de objetivos definidos, sendo no caso da etnia, preservar a memória nacional e no caso da abordagem da sexualidade, instituir posturas e definir comportamentos. Contestar tais formulações permite refletir sobre as dificuldades ainda presentes na ação pedagógica, como a discussão do tema sexualidade na educação e as problematizações de práticas culturais de matrizes não europeias no universo escolar.

4.2 História, sexualidade e diversidade cultural: pontos convergentes

O tema sexualidade ganha mais destaque na História em uma rica intercessão com a categoria gênero, abrindo possibilidades de compreender a sexualidade como construção social que se modifica ao longo da História e está imersa em diversos campos dos relacionamentos humanos (Engel, 1997).

A historiadora Joan Scott (1995), afirma que as diferenças entre papéis de homens e mulheres são construídas e modificadas permanentemente, resultado de hierarquias que só podem ser analisadas se observadas imersas no social e na temporalidade, portanto gênero não é uma categoria fixa e necessariamente só pode ser estudada se observados os seus condicionantes históricos.

A visão da mulher por meio da categoria gênero possibilita hoje um olhar sobre a relação entre homens e mulheres distanciando-se de posições binárias sobre a mulher, na qual

ora é mostrada como vítima, ou como rebelde (Del Priore, 2007), e privilegia análise deste grupo na teia social.

A categoria gênero é fundamental para essa dissertação, pois perpassa pelos modelos relacionados à sexualidade que as mulheres deveriam seguir e permite relacionar o feminino ao social de uma maneira dinâmica no qual a mulher é atuante, apesar de modelos engendrados.

Para a sexualidade como objeto da História, foram também decisivas as produções de Michel Foucault (1999), que buscou uma vertente histórica diferente da marxista e da promovida pela *Escola dos Annales* ao desenhar uma História da sexualidade investigando práticas culturais (Hunt, 2001), que são afetadas por múltiplos poderes. Tal abordagem é importante para este estudo, pois Foucault (1999), considerou a repressão sexual pulverizada nas diversas instituições que direcionam e legitimam saberes acerca da sexualidade, silenciando outros. Há exemplos que poderíamos indicar, alguns modelos de uma Educação Sexual nas escolas que viabilizam discursos, nos quais se fala muito sobre a sexualidade, mas a partir de um único viés.

Carla Pinsky e Jaime Pinsky (2008), afirmam que na atualidade, a História não deve abandonar a ideia de processo e cultura material que tradicionalmente são considerados, porém, novos temas devem ganhar espaço levando em conta aspectos mais íntimos da vida privada e as várias dimensões da experiência humana ligadas à sexualidade, aos costumes, aos afetos e crenças, assim, as complexidades das relações sociais devem ser consideradas, indagando-se sobre as identidades pessoais em dimensão temporal (Bezerra, 2008).

Diversos historiadores propõem a renovação do ensino de História alinhado às novas temáticas e à ampliação do conceito de cultura nas ciências humanas, considerando formas de organização de trabalho, casa, família, cotidiano, ritos, religião, festas, num olhar sobre

identidades sociais no âmbito das representações culturais conforme aponta Holien Gonçalves Bezerra (2008).

A História Cultural permitiu considerar a diversidade de vivências e interpretações dos diversos grupos sociais e suas relações. O campo que “revela uma afeição pelo informal, pelo popular” (Vainfas, 1997, p. 221), permitiu uma interação entre o individual e o universal para os alunos, para que este se perceba enquanto sujeito histórico, que, apesar dos imperativos sociais poderá enxergar sua autonomia, liberdade de escolha e sua capacidade transformadora (Pinsky & Pinsky, 2008), posicionando-se de forma crítica sobre o seu presente, buscando relações possíveis com o passado (Bezerra, 2008).

Mesmo com as inovações teóricas expostas é pertinente o questionamento: Será que a sexualidade é abordada em diferentes prismas na escola? Ou a mesma é um espaço legitimado de confissão, numa sociedade confessanda (Foucault, 1999), como afirmou Foucault? Refletindo sobre uma necessidade de confissão generalizada sobre a sexualidade apontada por Foucault (1999) o aluno que utiliza práticas populares deve confessar que faz uso em sua prática de um conhecimento inadequado para a ciência? Ou deve, junto com seus pares, problematizar sobre este conhecimento e seu rótulo de inválido? Também é pertinente questionar se a escola ainda é veículo para a orientação dos sujeitos para a repressão dos desejos, de modo que são realizados ordenamentos e controles de condutas ao invés de produção de saberes relevantes (Souza, 2013).

Propor questões do presente na própria abordagem do tema sexualidade com os alunos, a partir de seu local de vivência e seu tempo, é relevante para problematizações pertinentes sobre a sexualidade em sua amplitude, como a permanência de um cuidado informal do corpo em áreas urbanas, nas quais são impostos cuidados condicionados pela medicina formal, ou ainda, coletar pistas sobre como os mais velhos, que fazem as

garrafadas, enxergam a sexualidade. São inúmeras as possibilidades para o professor de História no sentido de realizar uma “inclusão histórica” (Pinsky & Pinsky, 2008), dos alunos.

É relevante considerar que características do tempo dos alunos vivem ao lado da memória dos mais velhos sobre formas de ver a sexualidade, são discursos diferentes e penetráveis em ambientes diversos, compondo uma complexa teia entre passado e presente. No entanto, no ambiente escolar, tal diálogo não ocorre, silêncio a favor de uma ordenação constante, feita em abordagens muitas vezes entediadas para os alunos e repassadas em momentos isolados, sem a interferência dos diversos sujeitos, já que, emprestando a afirmação de Foucault (1999), o sexo ainda é objeto da grande suspeita, por isso deve ser apresentado por agentes determinados e especializados.

É preciso sempre uma postura crítica ao sistematizar a abordagem do tema sexualidade na escola, não perdendo de vista uma Educação Sexual que possa fornecer mais que informações, mas um espaço de reflexão sobre a sexualidade em seus múltiplos aspectos, permitindo uma visão positiva da sexualidade e esclarecendo sobre os mecanismos de repressão sexual (Maia & Ribeiro, 2011).

Para a disciplina História, no que diz respeito à sexualidade, os PCNs elencaram “As imagens e os valores em relação ao corpo, relacionados à história da sexualidade, dos tabus coletivos, da organização das famílias, da educação sexual e da distribuição de papéis entre os gêneros nas diferentes sociedades historicamente construídas” (MEC, 2001a, p. 45).

As imagens, os valores em relação ao corpo, bem como as famílias, os tabus, os papéis de gênero, itens citados no documento, também são aspectos que podem ser inclusos na abordagem da sexualidade através de práticas culturais, que foram construídas por relações étnico-raciais ao longo do tempo.

Trazer o tema da sexualidade para a escola foi legitimado pelos PCNs, no entanto, vários entraves incidem sobre a proposta, como formação dos professores (Leão, 2012),

interpretação biologizante da sexualidade (Nunes, 1987), incidência de interpretações moralistas pautadas na religião sobre a sexualidade (Figueiró, 2010), falta de estrutura escolar e diversos outros imperativos.

Apesar da orientação do MEC, uma concepção restrita da sexualidade impede que se observe outras óticas de interpretação de mundo. Se falar da sexualidade ainda é tabu, falar de uma sexualidade na perspectiva do conhecimento popular é mais complexo ainda, pois é considerado um saber descredenciado numa tradição judaico-cristã, pela ciência e Estado e assim, tal conhecimento é silenciado ou mesmo desprezado, impossibilitando a percepção sobre o lugar que o aluno, seu conhecimento e seu presente ocupam na História.

O conhecimento popular pode ser problematizado a partir da consideração de relações de poderes estabelecidas entre homens e mulheres. Em contextos diversos, as mulheres foram colocadas como suspeitas se não cumprissem seu papel social no qual os traços definidos eram a passividade diante a figura masculina e atendimento às orientações de especialistas sobre a sua sexualidade e assim, nesse processo, a prática das garrafadas foi silenciada.

Apesar dos avanços nas produções acadêmicas historiográficas, com a contribuição da categoria gênero, e com o amadurecimento de diversos ramos deste campo de conhecimento, a História ensinada na sala de aula está ainda muito relacionada à tradição instituída no século XIX. Assim, cabe afirmar que a produção acadêmica leva tempo para adentrar os muros escolares em ações pedagógicas (Bittencourt, 2014), sendo que, práticas tradicionais relacionadas ao ensino de História ainda são reproduzidas em pleno século XXI.

Determinados personagens pertencentes à elite continuam tendo espaço significativo em um modelo de aula que expressa influências de uma história biográfica que pode persistir apesar das inovações teóricas, hipótese apontada por Leandro Karnal (2008), Janice Theodoro (2008) e José Alves de Freitas (2008).

É pertinente então, a adequação do avanço teórico à prática pedagógica e escuta dos diversos sujeitos para produção de novos conhecimentos dentro da escola, movimento que não se faz a curto prazo, já que a História como disciplina por muito tempo privilegiou abordagens centradas na política e em personagens vistos como relevantes para a pátria, sendo a História protagonizada por homens, brancos, pertencentes à elite, modelo presente na tradição engendrada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)⁵⁷ (Queiroz & Coelho, 2001) que organizou uma escrita histórica adequada a um projeto de nação no qual a miscigenação foi vista com empecilho para um Brasil ideal.

Cabe argumentar que, quanto mais houver despreparo em tratar o tema sexualidade em suas múltiplas facetas, mais difícil será a apresentação das relações existentes entre o conhecimento popular e a sexualidade na atuação do professor de História ou em projetos de Educação Sexual, já que a perspectiva científica emergente no século XIX, que configura apenas um parâmetro para a sexualidade, inferiorizou abstrações de outros grupos étnico-raciais, conforme elucida Edgar Ferreira (1997).

A percepção de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, em tempos diferentes e de como o corpo é percebido é destacada na proposta lançada pelo MEC em 1997; compreende-se neste estudo que apesar da instabilidade de adoção de documentos que servirão de referências para a organização dos conteúdos para as escolas brasileiras, ficando a mercê este ordenamento de contingências governamentais, um aspecto importante recomendado nos PCNs não pode ser descartado, o princípio da transversalidade do tema

⁵⁷ O modelo de história utilizado pelo IHGB foi dominante no Brasil desde o século XIX até à segunda metade do século XX, o Instituto tinha como objetivos propostos: identificar recursos naturais, estudar o índio como força-de-trabalho, civilizar e integrar a sociedade, demonstrar os feitos dos grandes homens da nação. O instituto foi responsável pelo estabelecimento de um modelo conservador que iria marcar muitas produções da historiografia brasileira contemporânea. Produções que privilegiaram a utilização de fontes escritas, a preocupação em delinear uma identidade nacional e os feitos de grandes homens. Somente na década de 50, a partir de novas produções acadêmicas é que um novo discurso histórico ganha espaço gradativamente (Queiroz & Coelho, 2001).

sexualidade, que propõe a aliança de diversos campos do saber para uma compreensão mais global do tema que contribua para um alcance da cidadania (MEC, 2001b).

O documento em questão (PCNs), no mesmo volume que apresentou o tema transversal *Orientação Sexual*, apresentou o tema *Pluralidade Cultural* (MEC, 2001b) e nas duas propostas a História está assentada, à medida que, a referida ciência, após renovação teórica, reconhece o caráter de multiplicidade das relações humanas.

O tema pluralidade cultural também encontra entraves para adentrar o ambiente escolar. A lei que inaugurou sua entrada na realidade pedagógica foi a lei 10.639/03, que se remete mais aos afrodescendentes, o que foi corrigido pela lei 11.645/08, que amplia a discussão étnico-racial considerando os grupos indígenas (Bittencourt, 2014). O movimento social que teve participação incisiva para a configuração dos documentos, reconhece o ganho que estes trouxeram para se considerar a cultura e histórias étnicas antes estigmatizadas e marginalizadas do currículo escolar (Bittencourt, 2014), no entanto, modelos curriculares conservadores insistem em homogeneizar culturas se reportando ao próprio objetivo de uniformidade estabelecido para as escolas e para a educação alinhavado no século XIX.

5 APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Adota-se, como parâmetro neste estudo, que a sexualidade é conceito amplo e historicamente construído, apresentando-se de forma diversa em fatores biológicos, psicológicos, sociais e cada ser humano tem um modo particular de ver a sexualidade, tanto por sua subjetividade ou em modos coletivos que são aprendidos (Maia & Ribeiro, 2011). Dentre tais modos estão os consubstanciados pelo conhecimento popular. Compreende-se o conceito de conhecimento popular adotado por Reis e Ribeiro (2004) como:

(. . .) aquele conhecimento que homens, mulheres, jovens, famílias têm à cerca de questões envolvendo sexualidade em sua vida cotidiana, derivando de sua própria observação e experiência e da interpretação que fazem do saber científico ou profissional que adquirem através de leituras ou contatos com profissionais que detêm o conhecimento científico, ou mesmo aquele decorrente do que é aprendido na fala das ruas. (p. 27).

Antes de adentrar na escola, os sujeitos já possuem vivências e posicionamentos no âmbito da sexualidade e mesmo adentrando o ambiente e possuindo a oportunidade de aprender conceitos sistematizados sobre sexualidade, sua vivência extraescolar continua possuindo importância e significância.

A Educação Sexual que cada pessoa tem acesso desde seu nascimento, tem um caráter assistemático e é desdobrada em vários discursos como o religioso e o midiático e a Educação Sexual Escolar está restrita à ação coordenada, com objetivos e metodologia bem definidos (Maia & Ribeiro, 2011). No texto apresentado, adotou-se Educação Sexual⁵⁸ para

⁵⁸ Adotamos neste estudo o termo Educação Sexual por considerar este consolidado, inclusive pela Instituição que promove no Brasil o primeiro e único Mestrado em Educação Sexual, a Universidade Estadual Paulista

designar ações intencionais direcionadas no interior da escola em torno da sexualidade. Temos como referência também Figueiró (2010), que a caracteriza “como sendo toda ação ensino-aprendizagem sobre sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionada à vida sexual”. (p. 3).

O nascimento da Educação Sexual no Brasil foi um desdobramento da ciência que ressaltou a valorização da técnica e compartimentação do conhecimento discutido por Foucault (1999), processo iniciado no século XVII e paralelo ao desenvolvimento da sociedade moderna⁵⁹. O filósofo afirma a necessidade de escolha de quem poderia falar de sexualidade e evidencia o papel da medicina e pedagogia nesse processo. Na escola haveria o foco em ensinar o modo correto de viver a sexualidade sob o prisma de uma verdade universal, obedecendo a discursos pautados não mais no conhecimento popular e sim na ciência, assim, o silenciamento feito pela Igreja foi substituído por outro silenciamento alicerçado num discurso chancelado pelo cientificismo.

A pedagogia e a medicina são campos privilegiados para um novo controle, uma nova repressão emergente na sociedade moderna, uma severidade relacionada à sexualidade que vai instituir o que Foucault (1999), nomeou sexualidades periféricas, indicando modelos não aceitáveis e classificáveis, normais ou patológicos.

Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2004), afirma que uma Educação Sexual informal no Brasil ocorreu desde seu período colonial. No Império tal conhecimento passa a ser

(UNESP) “*Júlio de Mesquita Filho*”. O termo é utilizado e conhecido como uma educação de caráter sistemático no interior da escola, por isso apesar de outras alternativas de nomenclatura existentes optamos por Educação Sexual. Há outras opções como Educação em Sexualidade adotado pela UNESCO (2014), já Fabiane Lopes Teixeira (2014) escolhe o termo Educação para a Sexualidade, por acreditar que desnaturaliza entendimentos da sexualidade como algo inato.

⁵⁹ Karnal (2008) afirma que há uma confusão conceitual para o termo moderno, a história moderna cronologicamente e tradicionalmente delimitada inicia no evento queda de Constantinopla (1453) até a Revolução Francesa (1789), a partir daí se iniciou o período chamado História contemporânea, no entanto, o termo moderno é rotineiramente utilizado para evidenciar as mudanças após o final da idade média que coincide com a queda de Constantinopla até a atualidade. Assim, tomamos a liberdade de usar os dois temos

documentado em livros, manuais, teses consubstanciadas na medicina higienista. Ribeiro (2004) atenta para o surgimento da sexologia enquanto ciência própria do campo do saber médico sobre a sexualidade, um cenário de especialização de saber impulsionou tanto a produção intelectual sobre o tema nas primeiras décadas do século XX (Reis & Ribeiro, 2004), como influenciou incisivamente o modelo de Educação Sexual implementado nas escolas.

Na década de 1960, escolas do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo introduzem a Educação Sexual no currículo (Ribeiro, 2004). Os programas de orientação sexual marcariam uma nova fase de sistematização do tema no interior das escolas (Ribeiro, 2004). Apesar de focalizar a abordagem sob forte cunho biológico, tais escolas foram pioneiras em um planejamento e execução de uma Educação Sexual que foi repreendida após o Golpe Militar. Tais implantações foram retomadas somente no final da década de 70, com a abertura política no Brasil (Ribeiro, 2004).

Na década de 1990, com a intenção de se trabalhar questões preventivas nas escolas, principalmente depois de muitos casos de DST e contágio pelo vírus da AIDS, projetos em Educação Sexual foram formulados e se tornaram importantes para uma orientação sexual na esfera educacional, mas mudanças de governo comprometem a continuidade dos projetos (Ribeiro, 2004).

Na década de 1990, também ocorre um marco na política educacional que colocará o tema sexualidade no bojo do planejamento pedagógico através do lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação para o, então, Ensino Fundamental em 1997 e no ano de 2000 foi lançado os Parâmetros Curriculares para o Novo Ensino Médio, que considerou o tema orientação sexual como pertinente, assim como, propôs uma adequação dos alunos às

neste trabalho, o contemporâneo e o moderno para delimitar o cenário no qual as práticas populares são descredenciadas pela ciência.

premissas da cidadania moderna brasileira e às transformações no mundo do trabalho (MEC, 2001).

O enfoque “normatizador do comportamento sexual a partir de uma ideologia médico-moral que determina o que certo e o que errado, o que é o normal e o que é patológico, o que é lícito e o que é imoral” (Reis & Ribeiro, 2004, p. 69), tem influência até a atualidade em modelos de Educação Sexual implementados na escola. É recorrente o discurso de que tal tema ainda pertence ao domínio do professor de ciências ou biologia trazendo, claramente, a formulação de que a sexualidade é um fato apenas biológico. Assim, como é recorrente a interrupção de projetos após mudanças de governo freando, muitas vezes, boas experiências.

Para a realidade amapaense não ocorreu uma produção acadêmica sobre uma, então, Orientação Sexual nos anos 1960 ou posteriores, com a produção de propostas sistemáticas sobre Educação Sexual para as escolas, ausência que pode ter sido influenciada pela própria interrupção provocada pelo Regime Militar, que, como acentua Ribeiro (2004), colocou em voga novamente a repressão a qualquer manifestação da sexualidade.

A década de 1960, que abrigou uma efervescência dos movimentos culturais, também iria marcar o início de uma produção teórica sobre uma educação popular consubstanciada nas experiências e formulações de Paulo Freire. Assim, a ideia de uma educação para a democracia através da autonomia popular, tomou fôlego para uma reinvenção na educação. Inovação incompatível com a premissa ideológica do Regime Militar. A partir de então, o promissor método Paulo Freire, que considerava a cultura popular, foi considerado subversivo (Brandão, 1981).

As formulações deixadas para uma educação para libertação delineadas por Paulo Freire (Brandão, 1981), iriam permitir um repensar sobre o valor da educação formal e a leitura de mundo como partes de um processo de autonomia do sujeito e neste sentido, a visão de mundo das classes populares não poderia ser descartada em prol de uma educação

bancária que visa apenas o a memorização do conteúdo (Decker, 2010), mas deveria ser problematizada na escola, proposição presente para escolha das palavras geradoras nas comunidades que participaram da inicial implementação do método de alfabetização Paulo Freire (Brandão, 1981).

A perspectiva de leitura de mundo pode ser vislumbrada para consideração do universo conceitual que o aluno construiu fora da escola; sob essa ótica caberia conhecimentos produzidos no interior da sua comunidade, como a produção e uso das garrafadas.

Decker (2010), acentua ainda mais o caráter inovador da teoria de Paulo Freire e pontua sua contribuição para uma Educação Sexual emancipatória, para a busca da liberdade, que acentua a diferença e possibilita uma reflexão crítica para além do modelo padrão hegemônico e normativo da sexualidade. Para a autora, Freire, ao considerar o diferente, a não neutralidade, dá protagonismo às práticas diversas que fugiram ao modelo imposto pelas classes dominantes, abrindo espaço para o reconhecimento das diversas manifestações da sexualidade, bem como, práticas populares pautadas em uma compreensão singular da mesma, sendo um dos exemplos as garrafadas trazidas como objeto deste estudo.

No período de atuação dos Governos Militares, os possíveis avanços de uma educação libertadora foram estancados e neste contexto as visões sobre Amazônia como espaço de exuberante riqueza natural era somada à ideia de racionalidade na aplicação de políticas públicas que viriam a aproveitar estes recursos. Nos dois posicionamentos sobre a Amazônia, há a tentativa de se interpretar o espaço através de uma concepção divergente de seu habitante (Queiroz & Coelho, 2001). A racionalização do próprio saber que adentrava a escola através de um formalismo e disciplina, bem como, a racionalização como paradigma estatal planejado para a Amazônia, eram convergentes.

Há um hiato no que diz respeito a adoção da Educação Sexual nas escolas amapaenses na década de 60, 70 e posteriores, no entanto, o tema está presente e sempre esteve no currículo oculto, como a afirmação da família como modelo patriarcal, ou o modelo de mulher passiva e guardiã do lar.

Muitas escolas no Território Federal do Amapá (1943-1988), tinham direta relação com a religião, com prédios pertencentes à Igreja Católica (Oliveira & Ferreira, 2015), o que também contribuiria para a afirmação de um modelo de família e negação da diversidade cultural e sexual, já que, “a Igreja Católica também passou a se fazer mais presente entre o povo, aumentando a assistência religiosa, mas ao mesmo tempo recriminava tudo o que não estivesse de acordo com suas representações com forte vigilância sobre a população” (p. 78).

Cabe, nesse sentido, uma discussão para destacar práticas pedagógicas estigmatizantes e preconceituosas recorrentes no Amapá que foram reforçadas principalmente na década de 1960, mas que reverberam até a atualidade, como as que trazem uma visão caricata dos indígenas, que desliga esses povos do cotidiano da cidade e exalta sua figura em datas específicas, ou uma visão que enquadra todos os saberes populares como primitivos e no presente inadequados, aí se enquadraria também a habilidade de compor garrafadas.

A visão caricata também pode ser estendida à compreensão dos povos africanos que chegaram no Brasil, exaltados ainda, quase sempre, como força de trabalho, não havendo uma compreensão de suas práticas culturais como a utilização de ervas para a cura do corpo.

Ao invés de problematizar tais criações, são evidenciadas ainda na realidade um exotismo lembrado em datas comemorativas. No Amapá são comuns apresentações de danças típicas como o Marabaixo⁶⁰ nas escolas, sendo mais pertinente uma problematização

⁶⁰ O Marabaixo é uma manifestação cultural que inclui um conjunto de eventos ritualísticos, com a participação popular e a presença de diversos atores sociais, sendo a maioria negros que habitam as localidades: Mazagão velho, Maruanum, Curiaú e os bairros laguinho e antiga favela, hoje Santa Rita (Canto, 2017). Canto (2017) afirma que o Marabaixo não é somente de origem africana, sofrendo influência de várias culturas agrega o catolicismo em sua composição, o que se desdobra na homenagem ao Divino Espírito Santo, costume proveniente do território português e suas possessões no século de 1700. Há uma explicação para o termo

constante e não eventual sobre a matriz cultural africana, que não exclua a exibição da dança, mas a problematize como construção cultural.

Em outro viés, o europeu ainda é apresentado como o homem branco que conduziu a civilização em contraposição à barbaridade, a religião católica ainda é apresentada como preponderante, com uma entonação de pureza e solidez, sem considerar sua influência no conhecimento popular, na qual referências foram utilizadas em práticas culturais incidentes sobre a sexualidade.

É possível trazer a curiosidade dos alunos para favorecer uma Educação Sexual prazerosa, pois como afirma Deborah Britzman (2001), uma Educação Sexual relevante seria a que envolvesse os estudantes eticamente, para uma prática de liberdade, para um cuidado de si. Para a autora, o currículo deve incitar a curiosidade e o prazer de descobrir também a historicidade da sexualidade, proporcionar aos alunos imaginar outra realidade e ao imaginar e refletir sobre outros espaços de sexualidade, os mesmos discutiriam a relevância da posição de que existe somente uma forma cultural apropriada. Explorar as fissuras do conhecimento, investigar seu movimento, é requisito para uma Educação Sexual mais interessante e proporcionadora de uma relevância social (Britzman, 2001).

Diversos especialistas apontam que ainda permanece uma abordagem da sexualidade distante do universo dos alunos, apontam também que o aspecto biológico da sexualidade não deve ser o único a ser evidenciado na escola (Britzman, 2001; Nunes, 1987), pois as próprias categorias que facilitarão uma discussão sobre a sexualidade, devem ser vistas dentro de uma construção humana que inclui a história e a cultura e é neste sentido que para Louro (2014,),

Marabaixo que remete a travessia dos negros como escravos para o Brasil por “mar-a-baixo”, porém, Canto (2017) ao citar Távora Buarque (1972) afirma que é provável que a origem do nome esteja relacionada ao ritual malê, sendo o termo uma corruptela de “marabuto” ou *marabut*, do árabe *morabit*, que significa sacerdote dos malês (Canto, 2017, p. 34). O “ciclo do Marabaixo” inicia no sábado de aleluia, as festividades envolvem um lado religioso e lúdico, toda a comunidade participa da dança, o aprendizado do Marabaixo se dá pela prática e oralidade. No Marabaixo são comemorados o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, se rezam ladainhas e após se vivencia a dança ao som de instrumentos de percussão e com a presença da gengibirra, bebida que tem como componentes a gengibirra e a cachaça (Videira, 2009).

por exemplo, “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que constituem” (p. 27), portanto, tal categoria está atrelada não ao que é feminino ou masculino, mas ao que é percebido como tal pelos sujeitos em diversas realidades sociais e culturais.

Ao se privilegiar uma postura biológica e universal sobre a sexualidade conforme os modelos edificados (UNESCO, 2014), os conteúdos ensinados nas escolas tornam-se distantes do vivenciado pelos alunos, que não possuem a oportunidade de problematizarem sua região, suas famílias e suas práticas cotidianas.

Uma abordagem normativa da sexualidade distante da vida prática se torna enfadonha, pois os estudantes detectam que os adultos estão “fazendo sermão” (Britzman, 2001) e implica na ausência de problematizações de diversos contextos culturais que apresentam práticas como a produção de garrafadas.

Partimos do pressuposto de que está muito presente o caráter repressor da instituição escola, pois, como afirma Chauí (1991), a educação e um de seus espaços privilegiados, a escola, são responsáveis por empregar procedimentos sociais que serão interiorizadas pela consciência individual que reprimirá a sexualidade. A mesma conceitua repressão sexual como sendo:

(. . .) um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos (. . .)
(Chauí, 1991, p. 9).

Uma abordagem antiquada da sexualidade apresentada por Chauí (1991), continua bastante presente. Uma abordagem mais crítica da sexualidade não está centrada apenas no caráter preventivo e passa a considerar a mesma como produto social, tal compreensão como afirma Richard Parker (2001):

Tem, então, redirecionado grande parte da atenção da pesquisa antropológica e sociológica não apenas para os sistemas sociais e culturais que modelam nossa experiência sexual, mas também para as formas através das quais interpretamos e compreendemos essa experiência. Essa visão da sexualidade e da atividade sexual tem, cada vez mais, focalizado a atenção da pesquisa sobre a natureza intersubjetiva dos significados sexuais – seu caráter compartilhado, coletivo, considerado não como propriedades de indivíduos isolados ou atomizados, mas de pessoas sociais integradas no contexto de culturas sexuais distintas e diversas (p.132).

Neste sentido, a experiência subjetiva das pessoas deve ser considerada para a vivência das diferentes práticas sexuais e seus contextos sociais e culturais considerados e problematizados. Além disso, é preciso considerar a dinamicidade das interações nestes contextos, o que poderia lançar luzes para a questão: Como as garrafadas têm seus desdobramentos no Brasil contemporâneo como prática cultural que persiste?

Na atualidade, há um consenso teórico sobre a pertinência da Educação Sexual em uma concepção plural na escola, um espaço no qual os jovens encontram a oportunidade de dialogar com seus pares (Egypto, 2012). Outros indicativos, como o ataque ao princípio do respeito à diversidade sexual e de gênero, que se desdobra na violência contra a mulher e contra homossexualidades (Ferrari, 2014), a violência sexual expressa na exploração e abuso sexual, a maternidade precoce e a incidência de doenças sexualmente transmissíveis, são

imperativos que pressionam a abordagem do tema sexualidade, discussão que deve ser realizada nas escolas para um efeito positivo para o alcance da cidadania entre os jovens.

Figueiró (2014), afirma que hoje vivemos um momento no qual o sexo é egoístico, desprovido de respeito e afeto, sendo pertinente realizar o “resgate do erótico” para ajudar o educando a encarar o sexo como algo bonito. A autora chama atenção para a dimensão prazer que não é valorizada nas abordagens na escola.

É consenso que a dimensão histórica da sexualidade não pode ser descartada em prol de exposições em momentos estanques como palestras direcionadas por órgãos de saúde, sem o envolvimento das diversas pessoas que compõem a dinâmica pedagógica, assim como, é consenso que os aspectos social e cultural devem ser evidenciados dando sentido à reflexão sobre o modo de se perceber a sexualidade na atualidade.

Além de diversos dispositivos legais internacionais⁶¹, os PCNs em 1997 deram legitimidade para se tratar o tema sexualidade nas escolas (Quadrado & Barros, 2014), no entanto, a trajetória da relação entre educação e sexualidade possui avanços e retrocessos que resultam em uma ausência do tema ainda no contexto escolar de forma ampla e sistematizada.

A resistência à Educação Sexual tão comum após 1964, como bem apresentou Ribeiro (2004), persiste na atualidade, a exemplo, apresenta-se um reviver de um argumento moral que reclama a não discussão da sexualidade na escola, ainda fundamentado no risco de uma chamada iniciação precoce da prática sexual, ou uma influência vista como negativa sobre a orientação do desejo sexual da pessoa.

A narração de conteúdos que não permite a criticidade, deve ser questionada tanto para uma abordagem da sexualidade em um projeto de Educação sexual, como para a abordagem do tema na própria disciplina História.

⁶¹ Um exemplo é a carta de Aveiro, assinada no I Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual que propõe a educação sexual como componente dos currículos escolares para todos os níveis e setores da educação e ensino (Maia & Ribeiro, 2011).

Paulo Freire (2016) elencava como própria condição para a docência, considerar o conhecimento dos alunos, indicando que “ensinar não é transferir conhecimentos” (p. 47) e “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (p. 31), o mesmo afirma:

(. . .) Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (. . .) (p. 31).

Paulo Freire (2016), coloca em destaque umas das certezas propagadas nas produções relacionadas à educação e para a Educação Sexual atualmente, a de que o conteúdo formal deve ser relacionado ao contexto vivido pelos estudantes, os estudantes deverão através de um exercício reflexivo, problematizar conteúdos, dando-lhes sentidos para a realidade.

Nesta ótica, é possível relacionar as criações e concepções acerca da sexualidade historicamente construídas à realidade de homofobia, discriminação contra grupos étnicos, preconceitos e sexismos que estão no cotidiano escolar. Neste exercício, é possível criar conjuntamente com os alunos, condições para refletir sobre a permanência de noções de inferioridade feminina, ódio aos que não são heterossexuais, refletir sobre racismo, sobre o preconceito com adolescentes grávidas e agressões de diversos tipos, proferidas a quem expressa padrões diferentes dos normatizados.

Para Nádia Geisa Silveira de Souza (2013), é necessário, ao considerar o corpo, “estabelecer conexões entre os saberes veiculados pelas disciplinas e os saberes construídos nas experiências cotidianas” (p. 17), os saberes dos alunos sobre sexualidade devem ser

considerados, para a aprendizagem de um cuidado de si, a tradição de seguir listagem de conteúdos impede a construção de um saber relevante para a vida das pessoas.

Um saber relevante é aquele que está também imerso no cotidiano dos alunos, neste sentido a escuta atenta de experiência de outros agentes, que não são consagrados nos livros didáticos, permite também a problematização de outros conhecimentos que não os científicos, tradicionalmente privilegiados na escola.

6 AS NARRATIVAS DOS PRODUTORES DE GARRAFADAS

A memória individual⁶² é campo privilegiado para a compreensão de diversas formas de lidar com a sexualidade inscritas nos saberes populares. A memória dá sentido ao passado, já que proporciona a expressão de um conjunto de funções psíquicas (Le Goff, 2003) e é uma elaboração subjetiva e múltipla, manifesta afetividade, ordenação de fatos, valorização ou censura de fatos, desejos e diversos aspectos construídos pelo indivíduo que reedita o passado.

Considerar a memória no estudo em tela é imprescindível, pois através dela, os indivíduos dão valorização à sua ação de produtores de garrafadas, pela memória recorrem para encontrar os elementos para sua produção e para ensinar o uso dos remédios da natureza. Os elementos da memória para os produtores não foram construídos mecanicamente como o que constantemente ocorre na escola, mas foram construídos no cotidiano, em uma relação com os mais velhos⁶³, na prática diária.

Montenegro (2010), afirma que, “À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao seu redor” (p. 16), portanto, os depoimentos permitem uma leitura da contemporaneidade. Este mesmo autor afirma que as práticas populares não contêm uma pretensa pureza, pois não excluem uma intervenção das elites em suas formulações e não podem ser adjetivadas como imersas numa cultura dominada ou pobre, numa perspectiva instituída pela cultura oficial, visão compartilhada por Marilena Chauí (1991) e Vanusa Mascarenhas Santos (2015).

⁶² Jacques Le Goff (2003) cita também outras categorias de memória como memória coletiva, em nosso estudo consideramos a memória individual, pois esta será prioritariamente considerada como fonte através da História de vida revelada de cada entrevistado, no entanto, a memória individual está atrelada à memória coletiva.

⁶³ A distinção entre tais memórias, a repetitiva, que chama “palavra por palavra” e uma memória criativa é tratada por Le Goff (2003). Nesta distinção o autor apresenta que nas sociedades antigas não letradas as memórias estiveram ligadas fortemente às práticas ligadas à magia religiosa.

A história de vida de cada sujeito entrevistado aparece em sua narrativa que enquadra a produção de garrafadas como herança familiar carregada de afetividade e valorização; nas quatro falas é acentuado o caráter mágico das produções, sua aliança com a fé, que valida as misturas, bem como, é acentuada a ideia de distanciamento entre o universo juvenil com a prática e uso dos “remédios caseiros”.

Adentrar a história de vida dos entrevistados registrada em sua memória, na qual se formula a trajetória do aprendizado de sua prática, tornou-se um desafio para a pesquisadora, à medida que, como afirma Montenegro (2010), os depoentes enxergam seu aprendizado como algo que foi compartilhado muitas vezes em uma via de mão única para estudos acadêmicos, experiência na qual o pesquisador busca informações em uma unilateralidade, à medida que, os resultados dos trabalhos alcançados não são compartilhados com os sujeitos e assim, a procura muitas vezes é vista com desconfiança, algo já apontado por Loyola (1984), quando pesquisou práticas terapêuticas incluindo a medicina popular em Nova Iguaçu, região metropolitana do Rio de Janeiro.

Loyola (1984), ilustra a suspeita sobre o interesse de pesquisadores que se lançam na tarefa de entrevistar pessoas que dominam o conhecimento popular sobre ervas. Essa suspeita pode vir em forma da negação para colaboração na pesquisa. Interessante notar a resposta de uma entrevistada, negando, inicialmente, que fazia garrafadas, conforme verificamos no diálogo a seguir:

⁶⁴Maria: Ela que deveria falar a Rita (Referindo-se à sua filha) porque ela é que prepara as garrafadas. Não é eu que faço, é ela que faz as garrafadas pras doença ou problema de barriga pras mulheres que querem engravidar

Pesquisadora: A senhora não faz?

Maria: Não, é ela é que prepara essas garrafadas

Pesquisadora: Ah sim... Ah tá... Eu pensava que a senhora fazia também...

Maria: Eu fazia muito mas depois eu parei de fazer, até pra asma eu preparava as garrafadas mas eu parei de fazer

No decorrer da entrevista a resistência inicial foi diluída, à medida que, a entrevistada ganha confiança, relata até mesmo aspectos do preparo de garrafadas e seu uso.

O componente segredo está presente no envolvimento entre pesquisador e pesquisado. Interessante a observação de Camargo (2011), a respeito deste detalhe quando afirma sobre sua pesquisa com garrafadas no Estado de São Paulo:

(. . .) os dados obtidos nos ambientes religiosos visitados, resultaram de diálogos informais, toda vez em que havia a oportunidade de abordagem sobre garrafadas e indicações terapêuticas, cujas formulações, mantidas em segredo, são do conhecimento exclusivo dos dirigentes das casas de culto. (p. 43).

Camargo (2011) compreendendo a característica secreta relacionada ao preparo de garrafadas, criou uma forma de observação que adjectivou como informal.

Na pergunta: “Qual o envolvimento dos mais jovens com a produção de garrafadas?” alguns entrevistados, espontaneamente, ou pela mediação do entrevistador, incluíram o universo escolar formal em suas falas.

Cada entrevistado tem sua interpretação quanto ao distanciamento que se faz entre o contexto passado e presente e projeções para o futuro, ambivalência entre gerações e

⁶⁴ Optamos por destacar em itálico a fala dos participantes da pesquisa para diferenciar de citações bibliográficas. Optamos também por preservar a fala dos entrevistados em suas pausas e pronúncia das palavras.

oposição entre conhecimentos, que coloca em polaridades os saberes populares e os adotados pela medicina formal.

Dividimos a organização da exposição das respostas dos participantes em seis blocos, acreditamos que a divisão em blocos facilita a exposição das respostas e discussões.

Um dom divino, nos referimos aos resultados da pergunta 1;

Uma satisfação pessoal, nos referimos ao resultado da pergunta 2;

Conflito entre visões de mundo e o (des)respeito ao outro, se refere ao conflito entre conhecimento popular e medicina científica;

Os jovens e as plantas medicinais, se refere às perguntas 3 e 4;

Aspectos da saúde do corpo feminino e as garrafadas referente à pergunta 5;

A escola e o saber popular sobre plantas medicinais, referente às formulações sobre a escola e sexualidade feitas por dois entrevistados.

Optamos por organizar o resultado dos dados através dos chamados “trajetos temáticos”⁶⁵, opção adotada por Paniago (2005). Assim, foi realizada a tentativa de selecionar e agrupar temas recorrentes nas respostas dos entrevistados.

Apesar da tentativa de ordenação das respostas em trajetos temáticos, no relato da história de vida dos sujeitos, por vezes, outras questões vieram à baila em um único bloco, posicionamentos que somaram ao entendimento do que são as garrafadas e sua adequação à contemporaneidade. É importante salientar também que um assunto se entrelaça ao outro, sem uma limitação determinada, sendo que em uma mesma resposta, o participante pôde falar tanto da saúde da mulher, como da relação dos jovens com as garrafadas.

Os quatro entrevistados tiveram ainda esclarecimentos do entrevistador, de modo a deixar claro que não se tratava de tentativa de descoberta de seus “segredos” e suas receitas

⁶⁵ Maria de Lourdes Farias do Santos Paniago (2005), compreende a perspectiva dos trajetos temáticos como alternativa para análise de acontecimentos de curta duração, sob influência da análise de discurso francesa associada à História, de acordo com os escritos de Charaudeau e Maingueneau (2004). Paniago analisou os dados de sua tese de doutorado em busca de diferentes temas recorrentes nos enunciados surgidos.

aprendidas em um longo processo de aprendizado; sentimos resistência, por exemplo, sobre alguma interferência de profissionais da saúde na pesquisa, o que demonstra a consciência, por parte dos entrevistados, de que técnicos da saúde formal inferiorizam seus saberes.

Um dom divino

Os participantes se mostram conscientes de sua missão, o dever de recompensar o outro a partir de seus conhecimentos, já que ganharam o “dom de Deus”.

Sobre a aprendizagem deste conhecimento que resultou na produção das garrafadas, os entrevistados interpretam como um chamado de Deus, com a mediação de suas famílias.

Assim, Rita ao ser indagada sobre com quem aprendeu a fazer as garrafadas:

... foi através de meu dom, por causa que tipo assim eu trabalho vou tirando as folhas e tirando as cascas e eles vão me ensinando como usar, tipo assim, eles eles sabem me guiar pra coisa certa entendeu? Tipo assim, aí no caso eu uso barbatimão, eu uso aroeira, eu uso é quina eu uso folha de uxi, eu uso mel, eu uso cabi que chamam e boto pra ferver tudinho esses pau junto e às vezes depende de cada problema a gente. ... eu... se for pra inflamação aí é isso aí ajuda, se for pra outro problema de problema como gastrite isso vai ser outro material, como vai ser canaficha, vai ser ... leva mel, mas só que as folhas são diferentes vai ter arruda, catinga de mulato, é mastruz que já é tipo assim pra, como é meu Deus? Pra infecção urinária, aí isso que eu tô te falando...pra cada inflamação, no caso pra engravidar já é outro material, já é, só usa só o barbatimão que é para cortar o efeito da inflamação e o o o cabil, aí você já coloca já o azeito doce e coloca que é pra firmar, pra dá limpeza e coloca o ... eu coloco água benta nesse meio.

Rita afirma que modifica o material coletado de acordo com a indicação de uma força imaterial como guia para coleta dos materiais. A este respeito Camargo (1976), afirma: “E nas religiões é que o homem vai encontrar um meio de comunicação mais direta com as entidades que poderão orientá-lo e dar-lhe conforto. É quando ele vai se deparar com os processos mágicos” (p. 16). A combinação dos materiais para Rita não é uma opção apenas individual, mas é motivada por uma orientação oculta, ligada à religiosidade, em uma de suas misturas se acrescenta água benta, elemento do rito católico que tem grande tradição em possuir poderes curativos (Del Priore, 2010; Souza, 2009).

Ao responder a pergunta: “Mas aí esse seu dom foi manifestado desde a juventude assim ... como foi?” Rita continuou:

Não já foi, foi de agrado, já foi com uns 23 anos eu comecei a tipo assim, a sentir diferente eu fui fazendo as coisas eu comecei a sonhar e eu no caso eu sonhava aquilo eu contava e aquilo se realizava e tudo o que eu sonhava se realizava e tudo o que eu pedia outro dia pra mim e pra outras pessoas acontecia, aí foi daí que comecei a fazer banho⁶⁶ às pessoas aí dar certo e fazer os remédios⁶⁷ também e começou a dar certo, tipo assim eu fiz tipo um teste e graças a Deus ia melhorando e eu continuei que eu senti segurança que tava dando certo porque tipo assim eles falam pra gente o que tem que usar o que é pra cada coisa pra cada tipo de problema.

No depoimento da entrevistada, a direção dada para a produção das garrafadas é por algo imaterial, uma força que incide sobre sua intuição, então, existe uma orientação que

⁶⁶ A entrevistada se remete ao “banho de folhas” no qual, geralmente, as pessoas despejam na cabeça para a cura de um mal, sua utilização pode estar associada às fases da lua, o banho de folhas é receitado para ser realizado em determinada hora do dia e a pessoa que o realiza deve mentalizar a vontade ao despejar a mistura sobre a cabeça.

“eles” lhe deram. Os experimentos com os clientes, de acordo com a fala da depoente, foram surtindo efeitos e agradando em seus resultados, o que encorajou Rita a continuar sua missão. O impulso para produzir garrafadas “foi de agrado”, ou seja, um interesse que ocorreu, na concepção da entrevistada, por um gosto que se manifestou espontaneamente, que surgiu em sua subjetividade para experimentar o dom.

O aprendizado faz parte de um planejamento imaterial, no qual o chamado foi atendido, as explicações dadas pelos entrevistados consideram forças sobrenaturais para sua atuação com grande presença de religiosidade. Camargo (1975), afirma que é comum tais pessoas afirmarem que seus saberes são adquiridos por forças superiores, que as situam no mundo como pessoas enviadas por Deus com o dom de curar e para tal, devem obedecer sua intuição apoiados em sua fé (Loyola, 1984).

O sujeito Antônio ao responder sobre com quem aprendeu a produzir as garrafadas, afirma:

Eu aprendi que eu sou filho de índio com negro, a minha mãe é guajá, índio guajá lá da região de Barra do Corda aí a gente vem de descendência já de família não sabe, de minha mãe para cá minha família trabalha sempre trabalha sempre com ervas naturais que sempre os índios ele busca o recurso ao lado da saúde sobre a natureza ...

E Antônio conclui: (foi) “da minha família mesmo” ... “ai vem vindo”.

Em seu relato os ensinamentos se deram na vivência cotidiana, no aprendizado familiar e por meio da memória de seus antepassados, pois é “filho de índio com negro”. Seu Antônio afirma seu saber como produto da mistura entre as duas matrizes étnicas, no entanto,

⁶⁷ Intitula assim as garrafadas, em outro momento denomina “remédios caseiros”.

acentua o papel de sua mãe descendente de índio Guajá⁶⁸, afirma que os conhecimentos foram herdados por sua família até chegar ao seu aprendizado, em um movimento que por sua fala foi processual e natural, pois este conhecimento “vem vindo”. Antônio acentuou a herança indígena para seus aprendizados e acentuou que este povo foi capaz de tirar da natureza os elementos para o cuidado da sua saúde desde um tempo remoto.

Desde a literatura clássica, como em Gilberto Freyre (1984), se aponta que os indígenas conheciam os elementos da natureza e deles faziam uso para sua alimentação, cura, feitiços, envenenamento, caça, cerimônias, estabelecendo uma relação diversa com o meio ambiente diferente da perspectiva de exploração do colonizador europeu.

Geralmente os aprendizados indígenas sobre a natureza são vistos em um momento estanque da História do Brasil. Na fala de Antônio, podemos compreender que tais conhecimentos não só foram perpetuados pelos seus antepassados, como fazem parte da sua própria identidade, servindo para delimitar sua família e seu aprendizado. Neste sentido, é preciso compreender a etnicidade não estaticamente, numa visão em que os índios moravam em ocas, viviam no mato (Gallois, 2011) e estavam aqui somente na época da colonização do Brasil; tais imagens tão refutadas por antropólogos e absurdas e antiquadas se trazidas para o universo acadêmico atual, são reproduzidas no contexto escolar quando não se atenta para as marcas das criações indígenas em sua contemporaneidade.

Tais interpretações, para Gallois (2011), impedem refletir sobre as adaptações criativas de saberes ancestrais, adequações que influenciaram o conhecimento sobre ervas para a família do Senhor Antônio.

É importante acentuar que, apesar da lembrança de Antônio sobre sua origem indígena, o pertencimento a uma origem étnica como fundamental para a prática garrafadas, não foi acentuada pelos outros entrevistados, cabendo, afirmarmos que, apesar dos

⁶⁸ Etnia que vive atualmente no noroeste do Maranhão, nas terras indígenas Alto Turiaçu e Caru (Forline, 2005).

especialistas se preocuparem em acentuar a prática como fruto da miscigenação, com elementos das três raças que constituíram a gênese brasileira, a contribuição de cada raça não é demarcada pelos produtores, que vivenciam o seu aprendizado no cotidiano e não teorizam sobre a origem étnica das garrafadas.

Sobre a origem do aprendizado Benedito afirma:

Meu avô, meu avô fazia por parte da minha mãe, o pai da minha mãe... Aí eu era pequenino na época aí ele mandava tira o pau pra, aí eu ia lá tirava tal pau tirava, aí eu tirava para ele aí na época esse remédio caseiro não tinha saída como tem hoje né, aí levava para a feira lá vendia, aí eu aprendi e fiquei eu morei no interior assim mas quase não trabalhei em roça trabalhei mais com remédio.

Mais uma vez um depoente afirma os ensinamentos familiares para seu aprendizado, no entanto, este evidencia a intencionalidade do ensinamento praticado por seu avô que já produzia as misturas. O interessante neste trecho é que o depoente afirma a contemporaneidade do uso de ervas medicinais para a cura, de modo que, hoje apresenta-se uma maior procura. A fala de Benedito descarta a ideia de que esses saberes, com desenvolvimento das cidades para uma urbanização, são eliminados, conforme acentua Canclini (2008). Na fala do Senhor Benedito, ocorre um movimento contrário, já que, as misturas estão popularizadas hoje.

Em outro momento de sua entrevista, acena com novos instrumentos facilitadores hoje para a produção de garrafadas, como um “maquinário” exclusivo para tal. A fala de Benedito ilustra o que diversos estudiosos das sociedades humanas afirmam, são simplistas visões que apresentam somente as polaridades, antigo e moderno, ou rural e urbano, ou ainda erudito e

popular e geralmente estes polos se entrelaçam apresentando a complexidade das relações humanas e a implicação de suas criações no tempo (Montenegro, 2010).

O depoimento do Senhor Benedito nos remete à dualidade que precisa ser evitada ao se analisar práticas culturais e saberes ditos tradicionais como a que coloca tais saberes aliados ao campo e ao passado, pois tais saberes não estão estanques em um momento histórico e a eles são agregados os resultados de novas realidades como criações tecnológicas, a exemplo, o “maquinário” citado.

A própria experiência do Sr. Benedito ilustra a agregação de saberes em espaços diferentes, vindo do Ceará na década de 1990, num momento em que a migração do Amapá foi ascendente, de acordo com os dados do IBGE (2001), no Estado do Amapá, Benedito encontrou novos produtores e com eles estabeleceu uma troca de experiências e diversas interações, como o conhecimento das especificidades da flora local, conhecimento da paisagem do Amapá, das espécies que mais se adequavam ao clima, solo e temperatura da região e realizou, então, diversas adaptações no seu pequeno plantio.

Interessante a adaptação de Benedito à nova realidade feita a partir de um novo espaço e interações sociais, se aliarmos sua fala ao que Canclini (2008), afirma sobre cultura: “O popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições” (p. 221), concluímos que os aprendizados do depoente com sua família não foram somente repetidos como uma velha roupa do passado, mas foram refeitos, foram recriados numa dinamicidade e dialética própria das práticas culturais.

Existe, então, um arquétipo para quem domina os conhecimentos populares como alguém preso em demasiado ao passado, ao primitivo (Santos, 2015). Diversos trechos das entrevistas demonstraram o contrário, que os conhecimentos dos participantes possuem estreita relação com problemas contemporâneos. Benedito, por exemplo, afirmou sobre o Amapá:

Eu achava ... ixi!!! se o jovem se interessasse, o governo se interessasse desse área de terra pra a gente plantar olha em Santarém o meu terreno é 33 metros e 10 centímetros por 46 e meio de fundo que o prefeito me deu lá mas os daqui não dão nada, tem a terra e fica aí, tu vai cortar, rimpar o que não vale nada e não quer que corte, olha se me desse uma área de terra dessa aí eu plantava eu ia no Ceará no mês de outubro, a catingueira só flora no mês de outubro, terminasse o mês de outubro trouxesse o remédio e plantava aqui.

A pergunta versava sobre o interesse dos jovens sobre as garrafadas, ponto que vamos abordar mais adiante. Neste momento, chamemos a atenção para a falta de incentivo governamental para a doação de áreas para cultivo para a população na opinião do entrevistado. Para o Senhor Benedito, mais do que a falta de interesse dos jovens, não há um interesse do Governo em disponibilizar terras para o cultivo de plantas medicinais.

O sujeito Antônio, em torno de uma outra questão contemporânea, se posiciona sobre a educação dos indígenas, que a seu ver, deveria ser feita em seu próprio local de vivência e há ausência do Governo no sentido de fomentar que este indígena possa continuar em sua comunidade:

... sempre os índios ele busca o recurso ao lado da saúde sobre a natureza, antigamente, hoje não porque os índios, o índio, porque o próprio governo ele está tirando o direito deles trazerem do interior para a cidade abandonando a riqueza deles, o conhecimento deles com o da cidade que eu acharia se o Governo Federal quisesse ajudar os índios ele quisesse fazer algumas coisas ele botava ele lá e botava quem pudesse ensinar ele lá dentro para ele não perder os costumes dele, não é trazer para a cidade não, porque hoje daqui uns tempos o nosso bisneto se você falar

em índio ele não vai saber nem o que é índio, ele vai achar que era uma lenda, porque eles estão tirando os índios da natureza e tá acabando mas não sabe quanto estão perdendo tanto nós como eles, porque os índios preservam a natureza, preservam os animais da floresta e tudo.

Os apontamentos de Antônio estão no cerne de uma questão atual que é a pertinência de uma educação indígena (Bittencourt, 2014), e no trecho há também impressões sobre as interações dos grupos indígenas com os ambientes urbanos e os conflitos inerentes à essa integração, contextos nos quais os grupos indígenas saem de seu território adentram as cidades e não conseguem neste espaço uma “cidadania ativa” que considere sua identidade e se encaixam em um modelo de cidadania excludente que realiza uma homogeneização cultural (Dantas, 2005).

Os participantes atentam para questões contemporâneas que afetam indiretamente sua produção. O Sr. Antônio acentua a natureza comprometida pela degradação, após a saída dos indígenas de seu espaço e o Senhor Benedito não tem terra para plantar suas ervas medicinais, pela inexistência de planos de governo.

Um dos argumentos com forte apelo na atualidade para a invalidação do uso de garrafadas, é o de que não há uma preocupação sobre seus riscos, seus efeitos colaterais, o que é refutado por Antônio, à medida que, afirma:

... Cada organismo tem o tipo de você respeitar e quem trabalha com produto natural também tem que não abusar com o cliente, “ah porque o fulano tomou!” porque o fulano tomou a dose minha e tua não é a dose de uma pessoa de setenta anos não, você tem que reduzir, a dose de uma pessoa de setenta anos é que nem de uma criança de menos de dez anos, não vai dizer, não é o mesmo ... Não senhor e tem

vezes que tem uma pessoa adulto que ele não pode tomar uma dose de um adulto porque o organismo dele é mais fraco aí ele tem que diminuir reduzir e os pessoal que trabalha com produto natural ele tem que saber respeitar e tem que ter conhecimento, saber se a pessoa tem o...vamos supor...tem capacidade de usar...se você vai passar um remédio para um produto natural, um xarope desse daí para uma pessoa que ele é para fazer laxante você tem que perguntar se tem o organismo forte ou fraco, tem gente com três, quatro pula contra ele tá direto no banheiro e outros que tomam até cinco seis não, aí você tem que saber é é...manipular, administrar o remédio para ele para não errar, não fazer mal, se não trazer benefício, mas também malefício não traz é isso que eu te digo, é que nem a rodada do chá, nós temos faz um chá, muitas pessoas quer fazer um chá fazer esse chá aqui (aponta para um pacote com ervas que está em exposição para venda) aí eu peguei coloquei dentro de uma vasilha, abafei, ai acaba eu vou tomo, não, se eu fazer um chá eu pego umas três folhinhas dessa aqui aí eu boto dentro numa xícara, venho com água fervendo ai abafo vinte a trinta minutos eu vou côm e tomo, porque tem gente que acha que é ferver, ferver não é benefício, ferver sim, se você quiser espantar algum inseto, carapanã, muriçoca aí você pode ferver erva cidreira o ferver o capim porque aquele odor ele espanta o mosquito da carapanã e vários outros tipos de inseto, aí você pode botar para ferver que é para tomar conta do cheiro da casa mais o resto, aí muitas pessoas acham que não que toda vez é assim, a rodada de chá, quando eu vou fazer a rodada de chá, que eu tenho uma preparação sobre chá, eu tenho oito horas de chá, vários tipos de chá, porque muitas pessoas pensam que fazer chá, muitas pessoas idosas fazem chá, é só botar para ferver, não, não e você não pode deixar o chá ferver bem para ficar bem forte não, porque ele vai lhe fazer mal, tem que ser sempre aquela dose, bem...(faz um movimento com as mãos que indica suavidade).

Antônio indica que não é qualquer pessoa que pode receitar remédios naturais e após a leitura dos sintomas na conversa com o paciente, é preciso detectar se o organismo é “forte ou fraco”. Antônio afirma que deve haver um conhecimento sobre dosagem dos remédios atrelada ao perfil dos pacientes, de acordo com o relato e não se pode generalizar a falta de cuidado por quem receita produtos naturais. Há um cuidado necessário na dosagem receitada, há uma avaliação preliminar, não pautada logicamente nos trâmites científicos, mas resultante de uma avaliação dialógica entre paciente e raizeiro (Loyola, 1984); os efeitos colaterais sobre um organismo, tão evidenciados por Argenta et al. (2011), são projetados para cada pessoa, de acordo com Antônio.

Sobre como aprendeu a fazer garrafadas Maria afirma:

Ah a gente é como diz ... a ideia da gente, a gente às vezes aprende as coisas sem ver ... sem ver alguém fazer as vezes é a ideia...porque sempre não é todas, porque tem muitas parteiras que tem o dom mesmo de parteira e tem ajuda divina então é por essa ajuda de espírito que a gente faz certas coisas que às vezes a gente nem lembra como faz.

Diante a condução da pesquisadora: “Vai guiando né?”. A resposta imediata de Maria: “Vai guindo para pegar as plantas, para pegar os caules né...”. A Sra. Maria completa:

É é, já fala quais são as plantas que é medicinal que é bom para fazer aquilo e aí a gente junta tudo e pila aquelas plantas bota numa garrafa e bota ou quando não é com vinho é com cachaça e álcool também que a gente ... mas pra botar a cachaça a gente tem que queimar pra tirar o álcool da cachaça.

Pesquisadora: Tem que queimar é?

Maria: É a gente bota numa vasilha a cachaça e bota um pouco de açúcar e bota a cachaça dentro numa vasilha assim que dê pra coisa e tapa e bota e risca o fósforo e tapa para poder queimar tirar a fortidão da cachaça.

O sujeito que faz a indicação das plantas na fala de Maria, não assume a forma de uma pessoa, é um impulso divino que irá atuar sobre quem faz a garrafada, a pessoa irá sentir a vontade de coletar cada elemento para a mistura, então é um saber intuitivo como afirma Loyola (1984), sem registro e que se dá num processo de vivência, experimento e aperfeiçoamento, de acordo com a atuação do imaterial, que assume no saber um protagonismo e não um lugar coadjuvante ou inferior, de acordo com a colocação dos especialistas da cura somente do corpo, os farmacêuticos, os enfermeiros. A autora afirma que tais profissionais apresentam um comportamento dessacralizante e instrumental para representar a doença, realizar o diagnóstico, no trato com outro para receitar os remédios, no estabelecimento de um modelo dessimétrico entre especialista e paciente.

No relato dos participantes, é numa relação dialógica que se realiza o diagnóstico da doença e a procura das ervas para a cura de uma enfermidade e tal processo só é possível pela consideração de forças ocultas que estão além do entendimento médico e da ciência (Camargo, 1976). Para Camargo (2011), são inseparáveis da produção das garrafadas um universo religioso e mágico que se coloca entre as pessoas e as misturas, para resolver problemas de ordem natural ou sobrenatural.

Sobre o processo de aprendizado da propriedade das ervas foi estabelecida a seguinte conversa com Benedito:

Pesquisadora: Esse seu aprendizado foi de ver o seu avô fazer e hoje em dia o senhor vai buscar? Como é que o senhor vai buscando aprender assim?

Benedito: Hoje eu já sei tudinho

Pesquisadora: Já sabe... já sabe... de memória...

Benedito: Você me mostra uma planta tal aí eu digo que planta é, se ela é, se for Sacaca, Aroeira, porque aqui na região norte já tem muito plantado, já também em Monte Alegre plantaram muito Aroeira, catingueira, plantaram muito, porque a catingueira ela serve para cirrose, ela serve para câncer, ela o mufumbo tudo é planta que dá aqui é planta que dava muito....

O aprendizado se solidifica na vivência e seu resultado é espontâneo, a ponto de Benedito afirmar “eu sei tudinho”, o saber não é propenso a medição nesta perspectiva, simplesmente ele existe e é utilizado. Camargo (2011), ao citar Cantini (2005), afirma que muitas vezes a escolha das plantas não se faz de modo racional, havendo uma criação e recriação de garrafadas não obedecendo uma “lógica de escolha” das plantas. A autora também cita Lévi-Strauss (1975), no que diz respeito à “eficácia simbólica das garrafadas” (Camargo, 2011), ao afirmar que o princípio ativo das plantas é apenas um dos elementos que proporciona a cura, sendo pertinente a crença do curador em sua eficácia simbólica, crença do produtor em sua técnica e experiência, exemplificada na fala de seu Benedito “eu sei tudinho” e pelo consenso expresso pelo grupo familiar e religioso nos poderes de cura do curador e da garrafada. Como a eficácia simbólica não pode ser quantificada pela medicina, o poder curativo cai no campo da suspeita para a mesma.

O sujeito Benedito traz uma questão polêmica para a entrevista: a cura para o câncer, se mostra conformado em compreender que a ciência não reconhece essa cura por meio das garrafadas, no entanto, em sua realidade e na realidade das pessoas que lhe procuram não só é possível como é recorrente. Benedito afirma:

É por exemplo olha para câncer, câncer cura muito o câncer é hoje o quê, a aroeira, a catingueira, o uxi amarelo, arapoãma, catuaba, para câncer, qualquer tipo de câncer cura

Pesquisadora: Tem muita saída...

Benedito: Tem

Benedito: Se for para gastrite você usa o memelera é um pau que tem no Nordeste, aí então vem de avião vem caro.

Algumas plantas Benedito compra, não produz em seu quintal e diz que no Amapá algumas espécies não nascem. Camargo (2011), afirma que geralmente o curador produz as plantas, coleta as mesmas em casa ou coleta em ambientes dispersos e no caso de seu Benedito, há a compra no mercado, o que é próprio da característica do espaço urbano (Pereira, 1993), além de sua produção em casa:

Benedito: É um bocado tem aqui outro eu peço do Nordeste vende muita casca já

Pesquisadora: Já vem pronto...

Benedito: Já sim a baruêra você compra lá embaixo (Comércio da cidade, no bairro Central), o jucá jucá eu tenho um pé aqui atrás que eu até já plantei, então o pessoal daqui ele não liga muito para plantar e o governo se tu for pedir empréstimo de terra ele não te dá, tanta terra que tem, pode plantar bastante ó que socorria muita gente porque porque até você chegar pro médico às vezes você chegar o médico não tá, aí “tal dia tu vem”, até tal dia a doença tem desenvolvido bastante né?

Benedito chama atenção na demora do atendimento do paciente nos hospitais, os problemas na oferta de atenção básica à saúde, que estimulam as pessoas a buscarem uma

solução mais imediata para a cura de sua doença. Loyola (1984), aponta um chamado “efeito de bairro” (p.12), um efeito contextual de variável socioeconômica, na qual a experiência familiar da doença vem antes de se recorrer ao médico, o que só ocorre quando todos os recursos próximos disponíveis para a pessoa são esgotados. Já afirmamos, no entanto, que a busca das garrafadas também se dá por uma tradição histórica com forte presença de religiosidade, confiança e fé que envolve este uso.

Na fala das duas mulheres, é acentuada uma intuição que incide sobre a produção das garrafadas, na fala dos homens, é acentuada uma classificação aprendida pela experiência dos familiares. É o que demonstra a fonte oral analisada, porém novos estudos poderiam abordar as diferenças relacionadas aos discursos e confecção em torno das garrafadas, de acordo com o gênero do produtor, visto que, não é este o objetivo da dissertação.

Uma satisfação pessoal

Na pergunta sobre o significado da produção das garrafadas para a vida dos produtores, os entrevistados expuseram:

Rita:

Não eu me sinto feliz, eu me sinto agradecida, entendeu, porque você ter uma dádiva e conseguir um dom desses e ajudar para vários problemas que antes só era com a medicina que curava, não com remédio caseiro se torna no meu caso tenho ajudado mais gente mais rápido do que o remédio de farmácia então eu agradeço a Deus por tudo pela oportunidade que ele tem me dado de ter me dado uma sabedoria e um dom desses.

Na fala de Rita, a falta de acessibilidade ao remédio convencional é acentuada, bem como, Rita reconhece a importância da produção de outra alternativa para a comunidade. A entrevistada demonstra satisfação por vivenciar um dom divino que ajuda as pessoas, já a assistência da medicina formal chega tarde às necessidades das pessoas. A depoente reconhece seu papel de importância na comunidade como sujeito que influencia positivamente na vida dos demais.

A realidade de busca de solução imediata para saúde que a medicina formal não atinge, é evidenciada por autores que abordam as garrafadas, de modo que Del Priore (2010), Loyola (1984), Souza (2009), Camargo (2011), Tramonte (2012), acentuam que o uso de terapêuticas alternativas através das ervas enuncia a busca de soluções para a sobrevivência pelas pessoas, o que ocorria em séculos passados e ocorre até a atualidade.

Respondendo a mesma pergunta, feita da seguinte forma: “E isso sempre foi muito importante para a senhora... fazer garrafadas? É importante para a senhora?” Maria responde:

Não só para mim como pra muita gente que tiveram filho de antigamente mas agora essa nova geração não fazem isso, eles não tomam isso

Pesquisadora: Não?

Maria: Hum hum (balança a cabeça negativamente), eles não tomam antes de oito dia elas já tão andando por aí, como bicho aí, não tem resguardo, não tem nada, não se cuidam não...

Pesquisadora: Não se cuida mais como antes?

Maria: Não

A entrevistada afirma imediatamente a importância de sua prática para a comunidade com a fala “não só para mim como pra muita gente...”. A entrevistada também acentua sua prática em um passado no qual a procura por saberes tradicionais presumidamente era maior.

Maria, então, demonstra relação entre passado e presente para situar sua ação, o sentimento da valoração do passado descritos por Maria Luiza Garnelo Pereira (1993), ao estudar parteiras de Manaus está, portanto, presente na memória de Maria.

Maria foi a única que se auto intitulou como parteira e benzedeira. De acordo com a recomendação das parteiras, existe uma série de procedimentos e cuidados que a mulher grávida e após o parto deveria seguir, inclusive cuidados com alimentação, como ingerir caldos bons para a recuperação da parturiente e produção do leite materno. No Brasil Colônia também havia um vasto receituário de alimentação após o parto, “o caldo de galinha temperada de sal e fervido com macela e alfazema” era um exemplo, (Del Priore, 2010, p. 99).

Maria compara as mulheres de antigamente, que possuíam um maior cuidado com a recuperação de seu corpo após o parto, com as mulheres de hoje que não possuem o mesmo cuidado, pois “ficam como bicho aí”, logo após o parto. A entrevistada faz uma avaliação pessimista das mulheres que não obedecem nem o resguardo, para a medicina o período de puerpério, e não vivenciam adequadamente os cuidados após o nascimento do bebê. Interessante a similaridade deste depoimento com o que Pereira (1993), apresenta em entrevista na qual uma parteira afirma:

A mulher de hoje é diferente, não liga pra resguardo; mal espirra o menino fora já fica andando por aí prá lá e pra cá; tem muitas que são sassarica mesmo, que não obedece nada, que diz que é besteira da gente esse negócio de fazer resguardo; não fazem dieta um resguardo, querem comer de tudo. (p. 229).

Na resposta trazida por Pereira (1993), a mesma avaliação feita por Maria é exposta, a falta de um comportamento adequado da parturiente é afirmada, numa comparação entre as

mulheres de ontem e de hoje, os depoimentos das duas parteiras permitem refletir também sobre a redefinição dos papéis femininos no tempo e no espaço.

O ambiente urbano trouxe uma nova forma de se portar por parte das mulheres, afetadas pela aceleração do tempo na cidade, pois “o tempo de resguardo se choca com o tempo da produção capitalista” (Pereira, 1993, p. 232), ou pela falta de solidariedade no espaço da cidade e que existia no campo, no qual todos se comprometiam em ajudar em uma alimentação adequada para a mulher após o parto; este último aspecto é evidenciado na entrevista trazida por Pereira (1993), no qual a parteira afirma: “no interior todo mundo dava uma ajuda, aqui não.” (p. 230).

Maria, apesar das mudanças que avalia em torno do comportamento feminino, sabe que sua atuação é importante para a comunidade, o que é reiterado pelo Ministério da Saúde (MS, 2010), no entanto, as parteiras abrigam em sua prática visões da natureza, do corpo feminino e dos elementos de cura diferenciadas, a não compreensão dessa visão de mundo por parte dos profissionais de saúde incide sobre a ideia depreciativa da prática dessas terapeutas populares conforme apontou Pereira (1993).

Benedito respondeu a questão: “Seu Benedito e qual o significado disso (a produção das garrafadas) para sua vida, assim... como é que o senhor se sente podendo fazer esse conhecimento?”

Eu me sinto assim feliz, feliz porque deu ver uma pessoa gritando com dor e dez vinte trinta minutos você tá alegre e satisfeito a gente não faz assim por amor ao dinheiro não, às vezes tem gente que não tem condição eu faço de graça e dou mas é o meu dever é fazer que a pessoa fica boa quando tem dinheiro ele dá quando não tem o que pode fazer? Né. É porque não tem vai deixar morrer? Não, faz. Aqui eu fiz

muito remédio para aquele finado Sacaca⁶⁹, Sacaca eu...morava no Zerão na época Sacaca ia lá comigo contava a história aí eu fazia aí botava na garrafinha... um senhor que era muito bacana pagava direitinho.

Benedito apresenta que mais do que interesses financeiros ajudar, o outro é gratificante, existe o estabelecimento de uma sólida relação de confiança entre o produtor de garrafadas e seu cliente.

A solidariedade impulsiona a ajuda ao outro e é destacada pelos quatro entrevistados como um presente que se pode ofertar em agradecimento ao dom que ganharam.

O sujeito Antônio respondeu sobre o significado da venda/indicação de produtos naturais:

Eu penso em vamos supor, aliviar os problemas daquelas pessoas é.... eu me sinto bem quando eu preparo, apronto um produto aí o meu cliente se sente bem, eu não quero saber de fama, eu quero saber que aliviei as dores mas também não é importante como eu vou vender isso aqui e dizer você vai ficar bom porque nós, qualquer um que trabalhamos com produto natural não vai te vender o produto e dizer “toma o produto que você vai ficar bom”, nós não podemos garantir, nós dissemos assim “esse produto aqui é bom”, “o pessoal usa e tem se dado bem”, mas também eu não posso dizer pra ti que você vai tomar e ficar boazinha, alguns que trabalham com produto natural se ele chegar e te garantir isso aí não acredita, não acredita, ele tem...você tem que acreditar naquele que diz, “olha eu não sei”, muitas pessoas já se deram bem, porque organismo o meu e o teu é diferente...

⁶⁹ Benedito se refere ao Sacaca, Raimundo dos Santos Souza, muito conhecido em Macapá. Residia em um bairro tradicional da cidade chamado Laguinho. Sacaca faleceu em 1999, quando o Museu “Sacaca” existente em Macapá recebeu seu nome. Sacaca fazia garrafadas e cultivava ervas na sua casa.

Os entrevistados reconhecem sua importância para a comunidade em um contexto de dificuldade para acessar a saúde formal e em um contexto de própria limitação da ciência para dar conta de males contemporâneos como o câncer⁷⁰, no entanto, Antônio é cauteloso ao elucidar que a cura de uma doença dependerá de vários fatores incluindo a reação orgânica de cada pessoa em contato com o princípio ativo de determinada planta.

A avaliação do Sr. Antônio da relação entre organismo e substância curativa é semelhante a ideia de corpo “forte” ou “fraco” para a recepção da terapêutica popular de acordo com Pereira (1993), assim um corpo pode ser “fraco” ou “forte” para a recepção de determinado elemento curativo, assim como, para determinado alimento considerado leve ou pesado. A reação de cada organismo é singular, cabendo um diagnóstico constante do terapeuta popular para a observação do processo curativo e remodelação do receituário utilizado.

Os entrevistados se colocam como representantes de uma verdade diferente da verdade instituída pelos médicos, o que é evidenciado em diversos trechos das entrevistas. Tal afirmação foi sentida em relatos do cotidiano por parte dos entrevistados. O desprezo da medicina formal pelo conhecimento popular é exemplificado em vários trechos das entrevistas.

Conflito entre visões de mundo e o (des)respeito ao outro

Para os agentes que fazem uso de terapêuticas tradicionais, não é necessária a averiguação da ciência para atestar os efeitos das garrafadas, pois estes já são sentidos no cotidiano por quem vivencia tal prática. Percebemos que a questão que se faz mais urgente

⁷⁰ De acordo com Neto e Teixeira (2017) o câncer por uma série de produções teóricas foi visto como um flagelo no Brasil a partir do século XX, principalmente a partir de 1960. Os autores afirmam que na atualidade é visível a falta de assistência à população mais pobre para detectar e tratar a doença, o que motiva o câncer ser definido como um problema de saúde pública no Brasil.

para os entrevistados, é o respeito ao seu trabalho por parte dos profissionais de saúde, conforme poderemos inferir a partir do trecho proferido pelo sujeito 4: Benedito:

O querosene, você molha no algodão né, você pega o querosene você molha no algodão aí você bota no dente pronto para de doer ... Aí quer dizer que hoje se passar no médico ele já diz que é receita doída né que a pessoa não pode usar aquilo.

A solução de Benedito parece estranhíssima, no entanto, Manuel Eduardo Pinheiro Campos (1955), demonstrando a terapêutica do interior do Ceará afirmou “para-dor-de dente costumam usar um remédio um tanto violento: colocam no dente cariado um algodão embebido de creolina” (p. 87).

Como se vê, a terapêutica⁷¹ para dor de dente utilizando composições químicas fortes é antiga, apesar de não aceita pela medicina tradicional, visto como um uso “violento” na concepção de Campos (1955) e para Benedito tal receita nem se pode falar para os médicos. No entanto, Benedito aponta como um remédio de efeito imediato para acabar com a dor. De acordo com nosso entrevistado, a receita seria adjetivada por um médico como “receita doída”, no sentido pejorativo de absurda, infundada e inválida. O entrevistado demonstra ter consciência do silêncio necessário diante alguns profissionais da medicina formal.

Nenhuma pergunta versou diretamente sobre a oposição entre medicina formal e o saber popular, no entanto, tal oposição e o conflito entre estes campos de saberes perpassaram por muitos trechos das entrevistas e ganharam um destaque nas falas que nos surpreendeu. Diversos autores que tratam de conhecimentos populares e que utilizamos para este estudo, afirmam a oposição entre uma concepção sobre corpo, saúde e cura da medicina científica e a

⁷¹ Na literatura houve a exposição de dezenas de elementos utilizados em diferentes momentos históricos na terapêutica popular, dentre os exemplos cabelos, esperma, suor (Souza, 2009), partes de animais como chocalho de cascavel (Camargo, 1975), excremento de porco, moela de galinha, também o tabaco, a urina humana e de animais (Campos, 1955) e inúmeros outros que poderíamos citar.

medicina assentada na cultura popular (Argenta et al., 2011; Camargo, 2011; Loyola, 1984; Pereira, 1993; Del Priore, 2010; Tramonte, 2012).

Tramonte (2012), aponta que argumentos contrários à prática de benzedura e uso de ervas, que caracterizam uma terapêutica popular tanto espiritual como corporal, associam-se para a medicina oficial às ideias de charlatanismo e ignorância, ou seja, remete à ideia de falsa medicina em oposição ao que seria a verdadeira medicina calcada na academia e cientificismo.

A Sra. Maria também apresenta elementos sobre tal oposição quando afirma:

A gente foi chamada para ir fazer o curso das parteiras leigas dos interior⁷² e a gente foi pra lá, foi passar a experiência que a gente sabia para os médicos e os médicos disseram que eles iam passar a deles, e a gente ficou de passar a experiência dum pro o outro, mas teve foi só uma parteira que não quis aceitar quando por que cada dia tinha, cada aula a gente tinha que passar pelo um médico, por uma enfermeira, uma doutora e a doutora (cita o nome da médica) não recebeu nós e disse que ela não ia dar a experiência dela, eu digo, a experiência dela ela foi estudada e nós aprendemos sem estudar porque nos fazia sem estudo e muitos parto bom, muitos parto complicado e a gente mesmo com as oração com as ervas medicinais a gente tinha a gente realizava e dava tudo certo mas ela se achou que ela por ela ser estudada ela era mais sabia de que a gente né e teve uma época que eles também eles não acharam bom a gente receber eles porque eles é que eram médicos que deviam ser pagos não nós, mas isso aí é consciência divina que pesa também porque todo

⁷²Tal curso mencionado por Maria fez parte do programa Parteiras tradicionais do Amapá instituído pelo Governo do Estado do Amapá em 1995, na gestão do Governador João Alberto Capiberibe (1995-2002), apelidado pela entrevistada como “Capi”. O Projeto mencionado proporcionou a criação de diversas associações em municípios do Estado, houve uma discussão sobre profissionalização, distribuição de materiais e instrumentos e difusão dos conhecimentos das parteiras para os profissionais de saúde. (Projeto Aparando Vidas - Casa das parteiras tradicionais do Amapá). (IEPA, 2013).

mundo trabalha né, todo mundo tem sua missão de fazer as coisas pelo outro, ajudar uns aos outros, e apesar que os o nosso trabalho ninguém... não era de cobrança ninguém cobrava nada muitos davam de consideração e por causa da luta que a gente tinha né ficar ali cuidando da mãe e do filho durante oito dias e então eles nos davam alguma coisa, outros não ficava só pelo obrigada e ficava por isso mesmo.

Maria é enfática ao reforçar que a produção de garrafadas é uma prática resultante de um dom divino, uma ligação com o sobrenatural, é uma sabedoria diferente da conhecida pela médica citada. Aponta uma tentativa de diálogo entre os saberes dos médicos e parteiras como proposta implementada por um curso em uma gestão governamental, porém, tal tentativa, na opinião da entrevistada, encontrou entraves pela falta de compreensão de alguns sujeitos sobre a complementaridade de saberes na tessitura social.

O diálogo entre conhecimentos proposto no curso indicado pela Sra. Maria é prerrogativa do próprio MS (2010), que reconheceu a importância das parteiras em comunidades distantes dos hospitais e previu uma série de ações no sentido de agregação entre os saberes dessas mulheres e saberes dos profissionais de saúde.

O programa *Trabalhando com parteiras tradicionais*, lançado em 2000 pelo MS previa uma rede de assistência e apoio às parteiras, às parturientes e às crianças, bem como, a realização de cursos. Para a medicina, as parteiras ensinariam a humanização do parto, para as parteiras, a medicina traria o auxílio à prevenção de riscos como a redução da mortalidade infantil (MS, 2010).

O MS reconhece a necessidade da inclusão de reflexão no SUS sobre os conhecimentos de detentores dos saberes tradicionais, admite a necessidade de aprendizagem e reconhecimento de tais saberes numa perspectiva ampla de saúde que engloba a vivência da

comunidade (MS, 2010), no entanto, a fala da entrevistada expõe que tal visão não é compartilhada por todos os profissionais representantes da medicina oficial.

Ao responder: “A maioria dos médicos aceitaram, só essa médica que não quis?”

Maria continua:

Maria: Só essa que não quis! Foi só essa, já morreu e levou o saber com ela...não adiantou nada isso

Pesquisadora: A pessoa tem que trocar o saber...

Maria: É trocar ideia, trocar ideia, trocar ideia

Pesquisadora: Vocês sabem coisas que eles não sabem...

Maria: Justamente, olha depois que nós fizemos esse curso ainda teve um médico que veio aqui em casa me perguntar como era, querendo que eu explicasse as coisas como era que a gente fazia eu disse “todo mundo tem um segredo vou te passar o meu segredo e o senhor vai e me passa o seu”, todo mundo tem os seus segredos e a experiência nem tudo que a gente faz a gente tem que falar como é que a gente faz

Pesquisadora: Hum...

Maria: É se eu fiz um parto que da primeira barriga da menina que teve um filho né nunca tinha tido um filho o primeiro filho dela veio errado porque ela nunca mandou puxar a barriga pra ver porque a gente sendo controlada pela a parteira a criança a gente sabe do jeito que tá, mas às vezes muitas não procuram

Pesquisadora: Não sabem como é que fica...

Maria: Não sabem como fica acaba às vezes a criança, às vezes tá de lado, tá de atravessado como o dela veio de bumbum as todo as perninhas para pode ele nasceu, foi botou primeiro um lado da bunda na nascença enquanto tinha que vim a cabeça veio a bunda, isso e as pernas tava tudo para de baixo assim....muito, muito

complicado esse parto dessa menina, porque se fosse no hospital já tinha ido para a faca porque eu acho que eles não iam conseguir fazer aquele parto

Pesquisadora: Entendi, não iam saber como é que tava...

Ao indicar, em outro momento, o medo que as parteiras tiveram em participar do programa de governo, Maria nos dá a possibilidade de encontrar semelhanças com o medo do policiamento feito às parteiras pelas autoridades civis e eclesiásticas no Brasil colônia, evidenciado por Mary Del Priore (2010). Entoando a acusação de assassinas de mulheres e detentoras de ignorância, muitos médicos realizaram uma verdadeira campanha para que os partos não fossem mais realizados aos velhos e populares moldes (Del Priore, 2010). Contraditoriamente a esses discursos, as parteiras eram as únicas pessoas disponíveis para o cuidado da saúde da mulher das classes populares (Del Priore, 2010).

A fala de Maria elucida vários aspectos, o conflito entre conhecimentos distintos e assim, a mesma aponta como negativa a reação da médica que não quis compartilhar saberes e acentua positivamente a reação do médico que buscou novos saberes, indica que cada grupo tem os seus “segredos” sobre o cuidado com o corpo, tais saberes na visão de Maria não deveriam ser conflitantes e sim complementares. Posições opostas são demarcadas nos exemplos de Maria, uma relação harmoniosa com o médico que foi à sua casa, em contraposição à relação tensa com a médica participante do curso.

Na resposta da Sr. Maria também encontramos uma diferenciação entre a medicina popular e científica com relação a parturiente, se para as parteiras deve se “ajeitar a barriga”, ou seja, modificar a posição do bebê no ventre da mãe, a medicina científica não vê essa necessidade (Pereira, 1993, p. 210), não valorizando o possível desconforto da mulher grávida, que para as parteiras tradicionais, pode ser resultado de uma má posição do feto.

Maria afirma que, o desconhecimento para colocar o feto na posição certa faria a mulher “ir para a faca” na hora do parto, o que, para a medicina oficial significa submeter a mulher grávida ao parto cesariano. A parteira insinua que somente a partir de técnica específica para corrigir a posição do bebê, que a medicina formal não domina, o parto pôde ter ocorrido da melhor forma, assim, foi graças aos seus “segredos”.

É aparente a interrupção do projeto citado por Maria por uma questão de gestão governamental e assim, uma tentativa de aproximação de saberes já proferida pelo MS (2010), que caminhava para uma tentativa de um diálogo entre grupos, foi interrompida.

Como sabemos, as mudanças de gestões políticas tanto podem comprometer um possível diálogo entre medicina científica e medicina popular, como afetam também a própria discussão da sexualidade, sendo que gestões de perfis mais conservadores observam com desconfiança o tratamento deste tema na escola e a consideração da cultura popular no ambiente da medicina científica. Assim, ações que possuem um resultado positivo na atuação de diversos atores sociais são interrompidas.

O sujeito Antônio ao responder sobre sua família demonstra também a oposição entre saberes e descrédito atribuído ao saber popular:

... a minha mãe ela tá com noventa e poucos anos... Mora no Maranhão, ela enxerga bem, ela conversa bem, a minha mãe já teve dois AVC (Acidente Vascular Cerebral), mas se tratou com remédio do mato, tu não vê sequela alguma nela, porque remédio de boutique, remédio de farmácia, de médico não cura AVC, você pode tomar ele melhora mas se não ser o remédio do mato tudo bem, o remédio da farmácia ele te deixa sequela, você vai ficar com uma coisa, você não vai controlar os seus nervos nem nada porque você acha que o remédio da medicina traz recurso para o AVC não, você vai buscar o mato, a natureza como nós temos gergelinho, nós temos, aliás

muitos tipos de coisas, a pula contra, pula do mato, jalapa, tudo traz sobre a benefício do AVC, como nós temos também a marapuãma que ajuda também a controlar os nervos também vale para o AVC, o cipó Pucá, a gente faz o banho, vai puxando os nervos deles fazendo simulação, alongamento dos nervos, não é dizer assim, porque os médicos, químicos eles não gostam dos homeopáticos das pessoas que trabalham com produto natural, eles não gostam, eles acham que isso aí é coisa satânica, é ralado ter um médico, médico mesmo da medicina ele amar a natureza eu não sei porque isso, porque todos os produtos químicos é tirado da substância da natureza mas eles acham que não, mas aí ele se ele for buscar o conhecimento o produto, produto químico foi tirado da natureza, todos os benefícios foi tirado das ervas medicinais, mas ele não é a favor, eles sempre eles nós, se nós chegamos lá ao lado de um médico que ele é formado nas faculdades é graduado pós graduado essa é a palavra ele já nos traz como coisa satânica, aí eu digo se é coisa satânica como tem nas drogarias? Como foi tirado daqueles produtos? Eu não acho correto isso aí, eu acharia que cada uma pessoa tem o direito de respeitar o espaço do outro e ter ética no trabalho, porque se você não tiver uma ética no seu trabalho você não é um bom profissional, eu sou vendedor de produto natural, trabalho com produto natural se tiver outro vendedor de produto natural se ele faz o serviço dele, eu não vou chegar e dizer que ele trabalha mal, eu falo assim fulano trabalha bem, porque a palavra mais inferior para mim é a palavra eu, a palavra mais importante para mim é tu trabalha bem e nos profissional que trabalhamos para o lado da natureza temos que honrar respeitar um ao outro o espaço do outro se ele tá trabalhando ali com aquele produto é porque Deus deu um conhecimento para ele e ele tem que respeitar um ao outro, o mal profissional se ele chegar e tu tá fazendo aqui esse objeto aqui para uma pessoa ele vai dizer “poxa tu tá trabalhando” vamos supor...tu tá...como é

teu nome: (Com a resposta: “Evelanne”) “Evelanne esse cara não sabe Evelanne ele vai só ganhar o teu dinheiro” eu sou o mal profissional. Se tu chegar e me procurar “Antônio ele trabalha bem?” Eu digo “rapaz eu acho que ele trabalha”. Meu dever não é ir te derrubar porque se eu for te derrubar tu que saiba que quem não presta sou eu, eu não gosto disso, o meu amigo que trabalha bem, mas eu respeito gosto sempre de respeitar para mim ser respeitado porque quem quer respeito começa de si mesmo para poder ser respeitado.

Mais uma vez, um dos entrevistados admite o uso de conhecimentos que a medicina oficial não domina, assim, para eliminar danos causados pelo Acidente Vascular Cerebral (AVC), o melhor recurso é o “mato, a natureza”.

Antônio demarca mais o conflito entre a medicina oficial e a popular, chamando atenção para o desrespeito ao saber construído pelos não especialistas da saúde. Não compreende essa depreciação, já que todos os remédios são provenientes da natureza; atesta que “os médicos, químicos eles não gostam dos homeopáticos das pessoas que trabalham com produto natural”, e, desta forma, o médico demonstra não amar a natureza, se assim o fizesse, respeitaria o saber do outro.

Na perspectiva de Antônio, uma convivência respeitosa com todos os profissionais de saúde assinalaria uma convivência harmoniosa com a própria natureza, pois respeitar o outro é também respeitar a natureza; tal pensamento é global sobre a própria ordenação do mundo e se aproxima do criativo termo paradigma ecológico de mundo utilizado por Capra (1997), no qual a ecologia profunda vê o homem como parte integrante da natureza e o mundo como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes.

Tramonte (2012), afirma que a partir do século XX, uma nova concepção de medicina aponta as forças energéticas como incidentes na saúde da pessoa. A necessidade de inclusão

de terapias alternativas é apontada como um dos caminhos da medicina oficial no Ocidente, uma visão já sedimentada no Oriente onde se reconhece uma força universal ativa em todos os seres, percepção que concebe a pessoa como um todo integral, físico, emocional e energético.

Pelo depoimento de Antônio, a ideia de complementaridade entre medicina oficial e práticas alternativas, complementaridade entre os saberes e boa convivência entre os diversos profissionais da cura ainda está longe de ser proeminente, pois a relação entre os dois campos medicina formal e popular acionam relações de poderes, que ainda colocam em primeiro plano a primeira forma de lidar com o corpo. Para Antônio, as tensões nas relações sociais causam um desequilíbrio da própria natureza, que é generosa com todos os profissionais e o desejável seria o expresso pela Sra. Maria que *“os que estudam eles não tem que se afastar dos que já sabem as coisas né...”*, para os entrevistados os que detêm um conhecimento formal deveriam ter relação respeitosa com quem possui uma sabedoria diversa.

O pensamento racionalista sobre o corpo pautado na medicina hegemônica é o que é ensinado na escola; na expressão da compartimentação de saberes está a ideia de uma própria compartimentação do mundo, no qual a espécie humana é distanciada da natureza, e esta por sua vez, só pode ser conhecida e usada para a cura se passada pelo crivo da ciência.

Antônio acentua o caráter demoníaco atribuído para quem trabalha com *“produto natural”*, assim, recordemos à ideia atribuída aos detentores dos saberes populares desde o medievo, remetendo às heranças do pensamento europeu de condenação ao conhecimento popular (Souza, 2009), que foi incisivo sobre as mulheres. Tramonte (2012), lembra que há um julgamento moral, também evidenciado no século XIX, sobre práticas de curas populares motivada por instituições como a igreja e a medicina oficial, assim como a própria indústria farmacêutica, que vê nos manipuladores de ervas fortes concorrentes econômicos.

Na fala dos entrevistados é evidente o conflito entre saberes, na tentativa de sobreposição de um ao outro que foi acentuado na modernidade, numa relação que alia verdade ao poder, relação evidenciada por Foucault (1999), na qual a sexualidade será inserida também no conflito entre o popular e o científico.

Neste sentido, as práticas hegemônicas de cuidado com o corpo irão incidir sobre uma visão disciplinar e funcional da sexualidade, que determina funções para o corpo descartando práticas e comportamentos destoantes de instruções médicas oficiais. Sobre este pano de fundo haverá um afastamento do universo dos jovens tanto da cultura popular quanto de uma reflexão sobre si.

Os jovens e as plantas medicinais

Os entrevistados apresentam um modo peculiar de ver o envolvimento dos jovens com as plantas de efeitos curativos, também chamadas de plantas medicinais pelos participantes, sobre esse envolvimento Benedito afirma:

Alguns vamos de mil tira um, ou dois mil tira um para poder, mas é uma coisa você sabe que a unha suja, porque mete naquele coisa lá (a terra), vai ficar roxo logo, aí os jovens não quer andar com a unha suja quer andar limpinho.

Para Benedito, é desproporcional a quantidade dos jovens que não se interessam por garrafadas, a maioria absoluta está e quer ficar distante do universo que compõe tal prática. Para Benedito, os jovens apresentam, na sua própria vestimenta, modo de vida, preocupação com a sua imagem, uma incompatibilidade com a produção das garrafadas. Benedito afirma que o saber sobre as ervas está morrendo, assim como morrem os sujeitos que os detém:

... e os mais velhos já estão morrendo, ó a Maroca um dia desses morreu aí vai acabando até para benzer criança hoje anda de muito longe não acha e o pessoal não quer mais.

Pesquisadora: O senhor benze seu Benedito?

Benedito: Eu benzo

Para Benedito, a prática de benzer é vista como mais simples, por não exigir tantos conhecimentos sobre plantas medicinais, já que, a matéria-prima para benzer alguém é a fé e orações (Loyola, 1984; Tramonte, 2012). Para Benedito, é um dado da realidade a extinção dos saberes sobre as garrafadas, à medida que, os jovens não aprendem o preparo dos remédios.

Sobre o envolvimento dos jovens com o universo das garrafadas Maria responde:

Pesquisadora: E os jovens não se interessam de aprender sobre as garrafadas dona Maria?

Maria: Os jovens? Principalmente os homens não...

Pesquisadora: De aprender como é que faz?

Maria: Ahhh não, não, não eles não se interessam.

Em outro momento Maria afirma: “Os jovens mesmo não, é só as pessoas que tem idade e tem... quando se sentem com problema de barriga aí pede pra fazer e tomar”.

Dois detalhes são importantes na fala de Maria, a procura das garrafadas pelos mais velhos, que em sua prática cotidiana de um longo período já fazem o uso das misturas e a não procura pelos homens da prática das garrafadas.

Os mais velhos recorrem a um meio terapêutico já muito experimentado em sua vivência e em contrapartida, os jovens estão se afastando desse contato com as garrafadas,

com destaque para o distanciamento dos jovens homens, de acordo com a fala da entrevistada.

A relação das mulheres com a natureza é perdida nos tempos, de modo que no século XVI a natureza e a mulher deveriam ser dois objetos a serem domesticados pelos homens. Ao homem havia a colocação de uma racionalidade que iria inclusive classificar o corpo da mulher e a natureza (Del Priore, 2010). Natureza e mulher ligadas no cotidiano eram duas realidades selvagens aos olhos dos homens, a tradição específica da mulher em se tratar em segredo através de ervas (Del Priore, 2010), talvez incida sobre uma tradição trazida até a atualidade, na qual se construiu um afastamento dos homens deste universo.

Acreditamos que a escola pode incitar um diálogo sobre práticas populares entre os jovens, aproximá-lo do universo dos produtores de garrafadas, que muitas vezes tem relação com o seu próprio universo, que contém sua família, sua ancestralidade e que não é valorizado e conhecido no espaço escolar.

A imaginação, curiosidade tão evidenciados por Britzman (2001), para o resgate de um sentido em se considerar a sexualidade, pode ser a mesma estratégia para o entendimento do uso das garrafadas, a partir de perguntas e não de dados prontos. É possível ensinar diversas questões como, de que forma, as mulheres cuidavam de seu corpo no passado, já que a ginecologia como ramo da medicina na história da humanidade é recente? Como as mulheres cuidam de seu corpo hoje, será que há resquícios de aprendizados do passado? Então é preciso “sair do óbvio”, ou colocar o “óbvio em risco”, reorganizando questões (Britzman, 2001, p. 90), atravessando a fronteira da fria informação sobre o corpo, que é desinteressante para os jovens.

Aspectos da saúde do corpo feminino e as garrafadas

Ao propor a questão para os participantes “*quais os males ligados à saúde e a sexualidade que as pessoas buscam curarem com as garrafadas?*” não buscamos a relação de doenças tratadas pelas misturas ou a classificação dos componentes de cada mistura e sua ação terapêutica, visto que este não é o objetivo do estudo, mas buscamos a própria relação das pessoas com o uso das garrafadas e características do uso desta prática, como a concepção global do corpo e da saúde, visão aproximada de uma medicina holística (Vilaça, 2014), a aliança com a fé, a busca de uma cura imediata e desburocratizada, todas as nuances foram percebidas com a resposta à questão proposta neste bloco.

Na terapêutica popular, a doença é vista como resultado de desordens entre “corpo/agentes (ou situações) agressores” e não apenas manifestação de sintomas (Pereira, 1993, p. 185). Nesta perspectiva, a saúde do corpo feminino, seria a harmonia da mulher associada a satisfação em sua vida emocional, social e com seu organismo que iria incidir diretamente sobre sua sexualidade.

Em várias respostas das entrevistas, houve a indicação de que o efeito das garrafadas não são apenas o material e fitoterápico das ervas sobre o corpo, mas ficou evidente a interferência do psicológico e social para contribuir com os efeitos dos remédios da natureza.

Maria, sobre o questionamento trazido neste bloco responde:

Pesquisadora: Quando a senhora fazia a garrafada, qual era assim a que mais as pessoas procuravam pra tratar dona Maria?

Maria: Era para problema de barriga, para asma, era a garrafada que eu fazia, para asma, para, mas quem faz pra asma não tem que saber

Pesquisadora: Hum...e as mulheres procuravam mais para quê?

Maria: Não a gente só fazia né depois que tinha o filho

Pesquisadora: Depois que tinha, antes não fazia?

Maria: Antes não, antes não tomava

Maria: E agora já tomam para abortar filho, a maioria já tão tomando para fazer aborto

Pesquisadora: Para engravidar elas não procuravam não?

Maria: A minha filha fazia. A Rita já fez várias garrafadas pra muitas engravidar

Pesquisadora: ...Mas a senhora fazia mais pro mal da barriga, o que era esse mal da barriga dona Maria? Males da barriga.... problema de barriga que a senhora fala?

Maria: É quando tá com inflamação

Pesquisadora: Inflamação na barriga?

Maria: É, inflamação no útero aí a mulher fica purgando né dá aquelas escorrimento isso é inflamação que dá no útero e na barriga

Pesquisadora: Ah...Entendi... Mas quem procura é a mulher, Dona Maria, ou não?

Maria: É as mulher que procuram

Na fala de Maria podemos inferir a proximidade do uso de garrafadas ao universo feminino, no que diz respeito à reprodução, aborto e saúde da mulher, vale lembrar que em outro momento da entrevista Maria afirma que não é frequente a procura das garrafadas por homens.

Duas questões pontuamos na resposta de Maria, a primeira diz respeito à prática do aborto, que se não passado pela esfera pública de permissão é definido como clandestino e outro ponto é a visão global que Maria tem quando se refere a inflamação do útero e da barriga.

Soares (2013), afirma que mesmo com as campanhas de prevenção, nas últimas décadas o número de adolescentes grávidas só aumenta. A gravidez precoce pode causar

danos relacionados materialmente à saúde das adolescentes ou pode trazer danos psicológicos, pois implementa uma nova realidade diversa com outras responsabilidades, que vai exigir maior disponibilidade financeira, por exemplo, o aborto clandestino tem sido uma saída desesperada para inúmeras adolescentes e jovens que engravidaram sem planejamento (Soares, 2013).

Na fala de Maria, as garrafadas para o aborto são comuns sobretudo hoje, então, na contramão das campanhas para o uso de preservativo, há um movimento de busca de garrafadas para interrupção de gravidez. O uso de garrafadas para o aborto obviamente não é quantificado, as instituições de saúde não possuem dados sobre os efeitos e o uso das misturas para tal fim, um uso que se torna arriscado, devido a interrupção de uma gravidez sem um acompanhamento dos adultos e com plantas que os próprios manipuladores afirmam ser perigosas se não se tem um cuidado para o uso e manipulação.

Soares (2013), afirma que muitas das adolescentes que estão praticando aborto clandestino não tiveram condições de refletir sobre uma gravidez em uma fase de imaturidade uterina e imaturidade emocional. É certo que, o período para que uma mulher possa engravidar varia cultural e temporalmente; em tribos indígenas, por exemplo, as relações sexuais iniciam cedo com as adolescentes e historicamente as mulheres em períodos anteriores casavam cedo (Soares, 2013), no entanto, estas questões devem ser problematizadas com os jovens, incluindo questões como: Por que a medicina oficial indica que a puberdade não é uma fase propícia para a gravidez?

A outra questão que elencamos no trecho da fala de Maria, é a concepção de organismo como um todo, a medida que, útero e barriga podem estar inflamados, alterando um ao outro e se transmutarmos estas informações para a concepção médica, a ginecologia como ramo da medicina se ocuparia em tratar o útero e a gastroenterologia trataria de questões estomacais; lembremos que as próprias divisões de especialidade médica é fruto de

um percurso histórico no qual descobertas e especialidades no campo do conhecimento indicam um único especialista para cada parte do corpo humano.

A lógica cartesiana dividirá o corpo humano em várias unidades que exigirão uma intervenção por especialidade (Pereira, 1993), modelo que se distancia da visão holística da saúde que a própria OMS busca se aproximar em seu conceito atual (Vilaça, 2014).

Alinhada a uma visão holística de saúde, Maria evidencia a relação de desordem e alteração do corpo feminino, que incidirá ao mesmo tempo no útero e na barriga exemplificando uma visão totalizante de doença e do corpo humano tratada por Pereira (1993).

Vilaça (2014), afirma que uma perspectiva holística deve estar presente no próprio objetivo da Educação Sexual na escola, quando não só informará sobre saúde ou outros temas comumente tratados, mas contribuirá para que alunas e alunos consigam ter um lugar na sociedade democrática exercendo sua cidadania.

Sobre o que as mulheres buscam curarem Rita afirma:

Rita: Não a maioria é resolver problema de relacionamento e saúde a procura maior é esse porque geralmente quando você tá com problema é de relacionamento afeta geralmente na saúde ou vice-versa, às vezes você tá com problema de saúde e você já mistura tudo, se tá bem com o relacionamento acaba complicando que você não consegue separar

Pesquisadora: ...uma coisa atinge a outra...

Rita: Né é que mexe justamente com o psicológico que no caso o psicológico tipo assim igual o nosso caso que tá com problema de saúde agora no momento muito e tô com problema de relacionamento eu misturo tudo

Pesquisadora: entendi...

Rita: Aí no caso para as mulheres o que eu aconselho justamente muita calma e paciência se você tá com problema de saúde, problema de relacionamento para você conseguir seu objetivo você tem que ter paciência e muita fé, porque para você tomar um remédio, no caso uma garrafada que eu faça se eu coloco a minha fé, tô me entregando por inteiro e você não acreditar ele não vai dar certo, só vai funcionar se você também tiver fé que você tá tomando pra sua cura entendeu?

Pesquisadora: Não é só a garrafada, tem que ter a fé se não....

Rita: pois é tem que ter a fé em primeiro lugar a fé acima de tudo.

Pesquisadora: Esses males da saúde das mulheres que você falou, são mais ligados à questão uterina é isso?

Rita: É porque no caso as pessoas que me procuram por problema de de uterino também quer engravidar, eu já ajudei muita gente a engravidar, mas eu sou sincera a feita do momento que você engravida geralmente vem um atrás do outro, porque já fez, já curou aquele problema que você tinha antes, por exemplo já veio umas pessoas aqui que o médico falou que nunca ia ter filho conseguiram engravidar eu fui sincera eu vou ajudar mas falo logo se você não se cuidar você vai ter mais de um porque aquele problema que foi curado tipo assim ele não vai impedir mais em nada você tá pronta para todos é para toda a gravidez porque já foi resolvido o seu problema

Pesquisadora: Ah entendi aí corre risco de ter mais....

Rita: Mais filhos que as vezes você quer engravidar que ter um e é difícil geralmente tem mais de um.

Mais uma vez o ser humano é concebido como um todo indivisível, no qual relacionamentos e seus efeitos psicológicos interferem no organismo e vice-versa, de modo

que é inseparável tratar dos sentimentos, da subjetividade e do corpo conjuntamente. A fé é elemento componente e indispensável do tratamento, a esse respeito Camargo (2011) destaca:

Neste sentido, podemos admitir repousar seu ‘poder de cura’ nos efeitos da fé religiosa, ao alimentar a esperança de cura, na ‘certeza da eficácia da garrafada’, sentimento que não é garantido pela medicina oficial, em nenhuma de suas formas de atenção ao doente que bate à sua porta (p. 48)

O elemento principal da cura para Rita é a fé, a garrafada é o instrumento pelo qual os resultados da fé chegarão à pessoa, outros elementos imateriais também são importantes para a cura da mulher na fala de Rita, a calma, a paciência, mas a fé está em primeiro lugar.

Notamos a palavra aconselhamento no trecho proferido por Rita, a partir do detalhe, nota-se que há o estabelecimento de uma relação de parceria entre o curador e o curado, como afirma Camargo (2011), “tal cumplicidade se dá quando do encontro isolado de um curador com seu consulente” (p. 47), uma relação de confiança e intimidade que, muitas vezes, não ocorre nas consultas tradicionais como afirma Loyola (1984). A mulher, então, é ouvida em seus problemas afetivos, é encorajada a ter confiança em si e na sua melhora, no reestabelecimento de seu corpo e sua alma. É estabelecida, então, uma “rede feminina de solidariedade”, no qual a consulente busca apoio para suas dificuldades e “há um tipo holístico de atenção a quaisquer sinais de sofrimento físico ou existencial da mulher”, conforme salientou Pereira (1993, p. 221).

Ao relatar quais os males que as mulheres buscam curarem o Sr. Antônio afirma:

É, as mulheres sempre é inflamação em geral, inflamação em geral, outras diz “ah eu quero engravidar tal mas eu tenho problema e tal”, aí tem que tratar o ovário, útero, cisto, mioma aí o tipo de alguma coisa, porque se ela não tiver preparada, não tiver

sadio ela não vai conseguir, aí tem que fazer um tratamento primeiro para poder ter benefício em engravidar e algum tipo de alguma coisa, porque se ela não fizer isso aí ela não vai conseguir ela tem que fazer um tratamento direto tem que fazer mesmo com ervas naturais, fazer asseio vaginal, a mulher tem que ter uma ducha para fazer o seu asseio, tem muitas mulheres aqui que tem quarenta, cinquenta anos, que pergunta “tu tem uma ducha”? ela diz “o que é isso”? Ela não sabe o que é uma ducha, a mulher tem que ter uma ducha e o asseio não é só para a mulher não inté para o homem e tem o homem que diz “olha isso é para tal assim...”

Pesquisadora: A ducha é...

Antônio: A ducha ela é uma coisinha assim, quase que nem aqui ó (faz um gesto representando o objeto), mas é como uma bolinha, ela é assim aí tem o bicozinho aí tu faz aquele aquela lavagem, aquele asseio e enche e acaba e injeta, ela é molinha aí tu injeta aquilo ali, a ducha é isso para você se tratar aí a ducha você pode botar verônica, barbatimão unha de gato, pode botar esse jucá, pode botar algumas coisas que ajuda aí vai coar ai enche a ducha para fazer o asseio, assento, se não tiver a ducha pode fazer um assento numa banheira, senta ali para fazer um assento aí demora ali um tempo para lavar suas partes íntimas que o homem ou a mulher ele não ter que ter vergonha dele mesmo ele tem que se assear, para não, depois se ele ter vergonha dele mesmo não se assear ele vai ter vergonha de outro, porque vai dizer assim “poxa tu não te zela cheio de pano branco, cheio de impingem”, aquelas partes velha preta aqui assim, nós temos que se assear, não é dizer assim que é a gente querer ser, não, que a higiene ela faz parte da saúde, ela faz parte da saúde, agora se você não tem higiene nada de saúde.

Pesquisadora: A higiene as pessoas não fazem...

Antônio: Pois então poucas pessoas que faz. Aí já acarreta outros males mais graves...é..é você...a higiene ela faz parte da área da saúde, não é vaidade

Pesquisadora: É bem-estar da pessoa...

Antônio: É bem-estar da pessoa

Em vários momentos, a palavra inflamação é anunciada pelos entrevistados. A medicina formal conceitua a inflamação como resposta dada por um tecido vivo depois de traumatismo ou infecção (know.net, 2008)⁷³. Para a medicina, a inflamação pode estar presente em diversos órgãos do corpo humano, subdividindo-se em vários tipos de inflamações em um mesmo órgão. Assim o termo genérico inflamação no útero poderia ser subdividido em inflamação no colo do útero ou numa localização mais interna como o endométrio⁷⁴, no entanto, tal compartimentação não aparece na fala dos entrevistados, pois como já expusemos, estes apresentam uma visão totalizante do corpo humano e para estes o “evento patológico” não é apenas uma alteração biológica rigorosamente localizada, mas totalizado como resultado também de um quadro social e simbólico (Pereira, 1993).

Há uma constatação na fala de Antônio, as pessoas não sabem se cuidar, não praticam cuidados básicos de higiene para com seu corpo. Um cuidado básico na opinião do entrevistado: o asseio, que não é feito pelo desconhecimento das mulheres sobre tal, faltando para mulheres, até mesmo na vida adulta, orientação.

Ao criticar um modelo biológico de Educação Sexual, não se descarta nesta pesquisa o que Antônio pontua, uma questão aparentemente simples, mas esquecida, o asseio. A compreensão dos cuidados com o corpo poderia ser a tônica de parcerias benéficas entre

⁷³Enciclopédia da Medicina. Recuperado de: <http://www.old.know.net/cienmedicas/medicina/inflamacao.htm>.

⁷⁴É importante lembrar que para este estudo não foi realizada pesquisa aprofundada sobre doenças na perspectiva da medicina formal. Apenas ilustramos algumas diferenças entre os dois modos de concepção, medicina formal e alternativa. (Sedicias, 2016)

sistema de saúde e sistema escolar, não em ações pontuais e desinteressantes, mas para uma troca de conhecimentos e experiências.

É preciso destacar também o corpo em uma Educação Sexual, mas inserido histórico e culturalmente, sem esquecer questões biológicas, que fazem parte da sexualidade, pois a abordagem da sexualidade não pode refutar a questão saúde do corpo. É necessário um cuidado, na intenção de privilegiar o histórico e cultural para a sexualidade, não taxar como menos importante a dimensão biológica da sexualidade ligada aos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo, essas dimensões são também importantes (Nunes, 1987).

Todos os entrevistados afirmaram que as mulheres buscam as garrafadas para facilitar a gravidez, mais uma vez lembramos que Loyola (1984), Del Priore (2010), Souza (2009) e Camargo (2011), afirmam que as garrafadas são buscadas para a resolução de problemas que a medicina não apresenta respostas satisfatórias. Sabe-se que o Sistema Único de Saúde não privilegia este campo da medicina para as classes populares, tratar de questões ligadas à reprodução humana. Sabe-se que, na sociedade brasileira, quem tem um melhor poder aquisitivo consegue buscar alternativas para engravidar utilizando técnicas da ciência. Neste sentido, cabem às mulheres que não podem arcar com um tratamento fora do Estado do Amapá, buscar alternativas numa fonte que tão bem conhecem a eficácia: as garrafadas. Eis mais um exemplo de busca de saídas para problemas que a medicina científica não soluciona em sua totalidade.

A escola e o saber popular sobre as plantas medicinais

Na conversa com Rita, após a indicação da escola como espaço de possibilidade de aprendizado sobre sexualidade para os jovens, a mesma responde:

Eu eu acho melhor...muito bom no colégio porque a maioria dessas crianças essas meninas jovens tão engravidando sem saber do que tá acontecendo elas fazem o sexo mas não imaginam que vai vim criança que vai ter filho, tipo assim, fazem porque é gostoso, você sabe que é bom entendeu, mas não imagina que de lá vem uma criança é é uma responsabilidade muito grande até então você comentando conversando no colégio elas já vão ter como saber lidar não vai totalmente resolver, mas ela já vai ter tipo assim vai se cuidar mais e tipo assim ter mais cuidado com ela própria, porque a maioria dessas meninas novas tem problema de barriga e justamente na gravidez ou antes no período de menstruação....não se conhecem...tem que se conhecer, o período é justamente disso os pais hoje em dia tem que orientar os filhos porque uma moça de quatorze anos menos de quatorze anos já tá engravidando, então você ajudar dando conselho explicando o que tem que usar aí ajuda bastante evita filho evita outros tipos de doenças transmissíveis. É que os jovens eles estão muito sem conhecer né sem conhecer as consequências do sexo né....é porque ele só vê por fora, dentro é difícil e a gente que tem um dom desses a gente tem um dom para ver dentro e ver fora porque a gente tá vendo aonde tá a gravidade do problema e eles não se dão conta eles acham que o que tá bem fora dentro tá a mesma coisa, não é a mesma coisa porque o organismo é diferente.

Nos chamou atenção a dimensão prazer do sexo apontada por Rita, dimensão que, muitas vezes, é descartada em projetos de Educação Sexual (Egypto, 2012).

Figueiró (2010), afirma que dimensões como desejo e prazer devem ser resgatadas na abordagem da sexualidade na escola. Na fala de Rita, os adolescentes reconhecem o prazer de

praticar o sexo, porém não refletem sobre tudo o que envolve o sexo, inclusive a saúde de seu corpo e consequências provenientes de uma prática sexual sem reflexão e orientação.

Rita acentua a contribuição dos pais e da escola para uma Educação Sexual no sentido de orientações aos jovens sobre questões que envolvem sexualidade, como a gravidez. Mas também dá ênfase à contribuição que a comunidade poderia dar por conta do aconselhamento de uso das plantas medicinais, conforme indica na continuação de sua resposta:

... (É importante para as jovens) conhecer a realidade da vida porque essas meninas novas não conhecem as plantas medicinais elas não sabem para que servem elas olham assim elas pensam que é uma brincadeira a gente manda tomar cura muito corrimento que tem crianças que nunca teve relação e tem corrimento e esses fazendo o chá elas conseguem se curar e fazer o asseio ele cura, é muito importante porque as vezes tem o conhecimento tão perto e não conhecem aproveitar esse conhecimento né... se torna perto e ao mesmo tempo distante....porque não tem como não tem o conhecimento.

A fala de Rita é elucidativa por realizar um panorama sobre a atuação das escolas no sentido de orientação sexual, definindo o papel da escola como importante, mas afirma que para os jovens é necessário conhecer a “realidade da vida”; a realidade da vida proferida por Rita parece muitas vezes distante do ambiente escolar, o que se aprende na escola parece longe do cotidiano do aluno, seus interesses e dúvidas.

Na fala de Rita há a validação de uma tríade de saberes, o proferido pela escola, através de uma educação sistemática, o proferido pelos pais em uma educação informal e contínua e o proferido pela comunidade, que retém saberes acumulados por gerações sobre

plantas medicinais. Para Rita, as três ordenações de conhecimentos somam para uma orientação para a saúde relacionada à sexualidade dos jovens. Na fala da entrevistada não há colocação de um campo de conhecimento sobre o outro e se dá destaque para uma complementaridade entre os mesmos.

A escola, na avaliação de Rita, não tem suprido a necessidade que as meninas têm de cuidar e conhecer seu corpo, por um dado da realidade quando afirma: “a maioria dessas crianças essas meninas jovens estão engravidando sem saber do que tá acontecendo”. Neste sentido, uma abordagem no “colégio” com conversas contribuiria para a mudança da realidade apontada e por sua vez, essas meninas tem um conhecimento palpável e próximo produzido fora da escola, ao descartar o conhecimento de sua própria comunidade, elas se afastam de um conhecimento produzido por sua própria família em prol de uma lacuna que a escola ainda não tem resolvido.

A entrevistada faz uma interpretação alarmante da falta de conhecimento do corpo pelas meninas que ainda não possuem uma vida sexual ativa, no entanto, apresentam problemas orgânicos que presumidamente aparecem em mulheres que já praticam por muito tempo relações sexuais.

Como o saber escolar ocupa um lugar de legitimidade para os jovens e para a sociedade, e há um afastamento dos saberes populares neste local no qual problematização sobre tais saberes não são estimuladas, há o reforço nesse espaço da separação entre os alunos e a cultura popular.

É pertinente para vários estudiosos da sexualidade (Britzman 2001; Nunes 1987), a consideração de outras matrizes de pensamento para compreender a própria historicidade da sexualidade e para instigar o desejo de um cuidado de si para os alunos a partir de uma educação que permita a reflexão tão anunciada por Paulo Freire (2016).

Na fala de Rita, a realidade de desconhecimento das meninas de seu próprio corpo prejudica sua saúde e um conhecimento que facilmente tem acesso na comunidade não tem cumprido seu papel. Seria possível e pertinente se houvesse um movimento de valorização deste conhecimento pelas próprias meninas com a ajuda da escola, na produção de sentido para os próprios conteúdos sobre sexualidade.

Para Antônio foi feita a pergunta:

“Seu Antônio e o que o senhor pensa dos jovens se eles se envolvem com a produção e para entender melhor a finalidade desses remédios caseiros ou não? O que o senhor pensa a respeito dos jovens em relação a esse assunto?”

Ao qual respondeu:

Olha em relação desse assunto sabe o que é os nossos governantes, qualquer um eles tem que saberem eles poderiam botar assim uma divulgação mais do conhecimento, uma disciplina nas escola para saber como eles buscam a natureza, qual é o remédio em benefício, qual o malefício tal, eu acharia a importância já para os nossos governantes que eles poderiam botar como uma disciplina sobre o conhecimento da natureza, é importante para os jovens, para os idosos e ter aqui acolá assim um seminário, quem quisesse pudesse buscar conhecimento e buscar mais conhecimento da natureza, porque se tu mora lá no interior, lá não tem uma farmácia mas tem muitas ervas medicinais que serve de medicina, que serve de remédio para eles, aí ele não pode vir aqui lá ele pode fazer o remédio dele, ter a farmácia dele ao quintal dele, se não dá de fazer um quintal, assim, em cima de uns vasos de algumas coisas, eu acharia que os nossos governantes deveriam fazer o benefício de alguma

disciplina algum seminário em um conhecimento, mas para a gente conhecer as ervas medicinais e ter palestra em cada bairro em cada centro comunitário ensinando para que serve isso para que não serve isso, é que nem a abóbora, a semente da abóbora ela serve para verme é serve para verme, depende de tu saber fazer os benefícios dela, olha a verdura, muitas verduras, um vendedor de verdura desse aí vende mas não sabe para que significa a verdura, como o agrião, agrião nem todas as pessoas podem comer agrião, se é uma mulher tu tá grávida, aí diz aí “quero o agrião”, tu tá com dois três meses de grávida aí eu te vendo agrião, agrião é abortivo, nem toda a mulher gestante, mulher gestante não pode comer agrião, mas o vendedor aí ele não sabe, ele não sabe explicar, porque eu gosto de explicar, tu chega aqui tu quer comprar um objeto, tu sofre de diabete, “ah eu sofro de diabete” eu digo: “Olha esse produto tu não pode usar” como esse produto aqui olha (aponta um produto que está na exposição para venda), a mulher gestante quem sofre de diabete não pode usar, o que sofre de diabete pode usar para fazer uma massagem, se é para dor de cabeça, enxaqueca e vários tipos, mas beber já não pode e o vendedor de produto natural ele tem que conhecer não é só vender não, e as pessoas que compram o produto natural cuidado de comprar desse pessoal que anda com a mochilinha nas costas tem deles que pode ser verdadeiro, sim ou não, cuidado, muito cuidado, vê se ele tem conhecimento, vê se aquele tipo é o tipo, porque tem vezes que como tem uma veia de cumaru aqui falso é aí tem gente: “Ah eu tomei esse cumaru não fez bem”, vamo ver, tá com rótulo tudo, rótulo mais aí é a gente tem saber se aquele daqui é aquele cara que fez, que manipulou aquele produto se ele tem responsabilidade, se tem conhecimento é isso que eu te digo, é muito sério, não é dizer “ah porque é natural se não fazer bem, mal”, não, faz mal sim senhor inté a comida se tu comer demasiado não te faz mal?

Pesquisadora: Humhum

Antônio: Pois é tudo isso

Para Antônio, há um distanciamento latente entre o mundo dos jovens e os conhecimentos sobre plantas medicinais, situação que poderia receber a intervenção do Estado na figura de seus governantes para uma inserção de um espaço para este conhecimento no ensino formal. Para Antônio, muitos desconhecem os benefícios para a saúde que a natureza pode trazer. Interessante a citação da própria escola como um espaço de divulgação deste saber, por meio de uma disciplina.

Na interpretação de Antônio, a escola tem que se aproximar de saberes que terão uma validade para os jovens, à medida que, conhecerão o benefício das plantas. Na fala dos sujeitos Rita e Antônio, há uma semelhança em elencar o espaço escolar como um espaço importante para a aprendizagem do cuidado com o corpo e que pode servir para a divulgação para os jovens de que as plantas curam.

As respostas trazidas aqui servem para ilustrar a multiplicidade de elementos a serem considerados, muitas proposições poderiam ser feitas a partir das mesmas, elencamos apenas alguns pontos ilustrativos que atestam a significância das garrafadas como prática cultural no Amapá de hoje.

Observamos alguns posicionamentos reveladores, como a presença da religião sobre o saber popular, um exemplo a incidência da fé na produção e eficácia das garrafadas, a presença de sentimentos como a caridade, solidariedade, aspectos presentes na subjetividade humana, além do próprio processo de aprendizado do efeito curativo das plantas. Apesar dos muitos elementos encontrados nas narrativas, todos os aspectos apontados são desprezados na constituição do currículo formal na escola. No que diz respeito à sexualidade, as falas dos entrevistados denunciam um distanciamento do entendimento de aspectos da saúde sexual e

reprodutiva por parte dos jovens. A próxima seção se ocupará, então, de encontrar algumas saídas para que a lacuna seja sanada.

7 ENUNCIADOS PARA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE EM HISTÓRIA E PROJETOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL QUE CONSIDEREM A CULTURA POPULAR E O USO DE GARRAFADAS

7.1 Possibilidades para a disciplina História

O currículo formulado para a disciplina História para o Ensino Médio no Amapá tem como base os PCNs. O documento amapaense contendo as sugestões de conteúdos data de 2016 e nele se propõe para a História considerar três aspectos colocados como fundamentais, “A relação entre o particular e o geral; Noções de diferenças e semelhanças, relativas à compreensão do eu (nós) e a percepção do outro (alteridade); Noções de continuidade e permanência” (SEED, 2016, p. 260).

Considerar a diversidade em seus múltiplos aspectos, através do diálogo e criticidade para o alcance pleno da cidadania está no bojo do plano e sobre o espaço amapaense se afirma:

Ensinar, estudar e aprender história significa olhar para o outro em tempos e espaços diversos, em um processo de apropriação da memória histórica que é perpassada pela miscigenação. Desse modo, no espaço amapaense, assim como nos demais estados brasileiros, faz-se necessário promover a valorização das culturas africana, afro-brasileira e indígena, em atendimento ao que dispõe a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, que altera a primeira citada: vindo promover o resgate não somente da cultura dos africanos e afro-brasileiros, mas também da inserção da cultura indígena, assim valorizando os grupos étnicos que fazem parte da história de formação da nacionalidade brasileira, e que foram tergiversados do ensino tradicional de história (SEED, 2016, p. 262).

O trecho exposto é importante por reconhecer a presença de influências de diversas culturas no Amapá; a consideração da história e cultura afro-brasileiras e indígenas está assegurada nas leis referidas no documento. Tais influências foram descartadas ou romantizadas por um ensino tradicional da História numa concepção equivocada já exposta neste estudo.

O conceito miscigenação aparece como central em toda a caracterização da disciplina, no entanto, é forte ainda uma conotação de resgate, uma conotação perigosa se privilegiar apenas um olhar sobre o passado das etnias, conforme apresenta em Ortiz (2012).

Para o objetivo geral da disciplina História o documento da SEED (2016) elenca que:

O ensino da história propõe oferecer ao educando apropriar-se de conhecimentos que venham possibilitar desenvolver as competências e habilidades articuladas no tempo e no espaço e de forma transdisciplinar, estimulando-o enquanto cidadão consciente, crítico, participativo, ou seja, enquanto agente transformador de sua própria história, instrumentalizando-o a refletir sobre si mesmo e a sociedade multicultural da qual vivencia, respeitando as especificidades das etnias, culturas dos demais sujeitos históricos (p. 262).

Permitir ao aluno o exercício da cidadania é a tônica dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio lançado em 2000, além do domínio de um conhecimento humanístico a última etapa do Ensino Básico deve permitir ao aluno a inserção no mundo do trabalho, que tem na tecnologia um viés marcante no contemporâneo. Assim, o Ensino Médio não será apenas profissionalizante, com formação do aluno para o trabalho na indústria, mas aliará a reflexão sobre o conhecimento com a capacidade de adaptação às novas realidades do mercado (MEC, 2000).

A proposta nesta dissertação não é fazer uma discussão aprofundada dos enunciados do currículo de História, apesar de termos feito algumas considerações preliminares. Nos cabe, no entanto, acentuar que o conceito de miscigenação, que parece como um conceito central no documento da SEED/Amapá para o currículo de História, permite tratar a múltiplas práticas culturais, se considerarmos tais práticas como produto do convívio e influências de três matrizes raciais brasileiras.

Acentuamos que, as inserções de conteúdos sobre práticas populares podem ser feitas pelos professores da disciplina no interior de cada escola, visto que, a própria SEED e os PCNs que regem até o momento o documento analisado orientam que os conteúdos apontados são parâmetros flexíveis, nos quais cada professor tem autonomia de ajustar temáticas de acordo com as necessidades pedagógicas e de acordo com a articulação da comunidade escolar.

Acentuamos ainda que, as sugestões dizem respeito à cultura popular, em seu caráter regional, assim, com ênfase nas garrafadas, outras assertivas acerca da sexualidade poderiam ser feitas, no entanto, o objetivo deste estudo foi pautado na aliança cultura popular e sexualidade.

De antemão, acentuamos que apenas algumas sugestões foram inseridas a partir dos conteúdos de História, impossível o esgotamento das possibilidades em torno da sexualidade.

Lembremos o caráter de obrigatoriedade da abordagem de conteúdos para as disciplinas tradicionais, sendo possível um melhor detalhamento sobre sexualidade em um Projeto de Educação Sexual que apresente uma disciplina específica, com carga-horária mais extensa e espaço apropriado para tratar do tema sexualidade.

A seguir temos três quadros contendo a estrutura curricular de História do Amapá e as inserções sugeridas após cada um deles.

Quadro 1

Eixos estruturantes: Ensino Médio – Primeira série

1ª SÉRIE		
EIXO	SUBEIXO	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
Antiguidade Clássica	Grécia Antiga; Roma Antiga: ascensão e declínio	<p>Os índios chegaram primeiro</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem são os nativos das terras brasileiras? - Organização social indígena antes de 1500; - Indígenas e portugueses; - Os indígenas no Brasil atual. <p>Chegada dos portugueses</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descoberta do outro; - Diferenças culturais; - Relação com o trabalho: visão indígena e visão europeia; - As riquezas do novo mundo. <p>Cotidiano na Colônia</p> <ul style="list-style-type: none"> - As características da colonização do Brasil; - As atividades desenvolvidas na colônia; - O trabalho escravo; - A vida na colônia: a diversidade de situações. <p>-Relação do Brasil com a África</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Continente Africano como berço da humanidade; - A escravidão na África e o comércio de gente; - Da África para o Brasil; - Um país chamado Brasil. <p>O tempo na história</p> <ul style="list-style-type: none"> - A contagem do tempo; - Como medir o tempo; - Vestígios de história: estudando o passado. <p>As Grandes Navegações</p> <ul style="list-style-type: none"> - A criação dos instrumentos de orientação; - Viagens em busca de riquezas; - Rotas comerciais; - Portugueses: os pioneiros das grandes viagens marítimas.
A expansão do islã e os reinos africanos	Os árabes e o islamismo. Os reinos africanos Escravidão na África	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a formação do Islamismo e alguns de seus fundamentos; - Entender o papel do Islamismo no processo de unificação e expansão dos povos árabes; - Compreender a formação do Império Islâmico e seus desdobramentos; - Identificar o legado do mundo Islâmico; - Identificar a diversidade étnica, espacial e cultural dos povos africanos; - Abordar as sociedades que desenvolveram na África sub saariana entre os séculos VII A.C. e XV; - Conhecer aspectos culturais e religiosos dessas sociedades; - Analisar as diferenças entre os povos africanos; - Identificar as raízes da Cultura Brasileira; - Compreender as diferenças entre a

		escravidão existentes na África e a implantada pelos Europeus.
A cristandade medieval	A formação do mundo medieval A sociedade feudal A crise do Feudalismo	-Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas, econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais; - Reconhecer o mundo medieval, levando em consideração seu modo de vida; - Compreender o fortalecimento da igreja católica; - Comparar diferentes pontos de vista presentes em textos analíticos e interpretativos sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica a cerca das instituições sociais, políticas e econômicas
A formação da Modernidade europeia	O movimento Renascentista Reformas religiosas. A formação dos Estados Nacionais absolutistas Expansão marítima europeia	- Perceber as disputas, mecanismos e estratégias empreendidas pelos reis para a centralização do poder; - Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder; - Analisar o papel da Justiça como instituição na organização das sociedades; - Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história; - Entender os processos e acontecimentos relacionados com a Reforma Protestante; - Compreender o movimento contra reforma; - Reconhecer a nova organização Geográfica trazida pela expansão; - Compreender os desdobramentos do processo expansionista, considerando aspectos culturais e econômicos.
A ocupação europeia da América	O império colonial português: 1500 a 1530 Administração da América portuguesa O processo de ocupação das terras do Cabo Norte Economia e sociedade açucareira União Ibérica e o Brasil Holandês A expansão territorial da América portuguesa	- Conceituar colonização; - Contextualizar e relacionar a ação dos primeiros missionários católicos entre os indígenas brasileiros; - Compreender e situar, espacial e temporalmente os vários processos de expansão da colonização portuguesa: a pecuária no Nordeste e no Sul; - O extrativismo no Norte bandeiras e entradas; - Entender os conceitos de pacto colonial e mercantilismo; - Compreender os aspectos coloniais, culturais, econômicos e territoriais.

Nota. Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED, 2016, pp. 287-290).

No quadro 1 por se dar destaque à experiência colonial do encontro entre culturas sugerimos o seguinte ponto como temática: Práticas mágicas na Colônia e atuação da Igreja católica em contraposição às tais práticas.

É pertinente considerar o uso de ervas para a cura do corpo e da alma, simpatias, uso de bolsas de mandinga, orações provenientes do catolicismo popular e associações dessas práticas com a sexualidade, como para fins amorosos e busca de parceiro (a), conforme salientou Souza (2009), considerando o sincretismo religioso envolvendo indígenas, africanos e europeus.

É possível ainda, a abordagem da mentalidade medieval e discutir com os alunos, a prática de uso de ervas pelas mulheres o que foi condenado pela Igreja Católica como bruxaria, ou feitiçaria, mas que era um uso popular e cotidiano.

É notório ainda no imaginário ocidental, a figura da bruxa como a dona de saberes maléficos que coloca em seu caldeirão vários elementos repugnantes, como parte de animais, gorduras de animais, gordura de crianças e outros ingredientes (Ginzburg, 2012). As bruxas reuniam-se a noite em rituais secretos e se deslocavam em cabos de vassoura, imagens citadas por Carlo Ginzburg (2012), tais imagens os alunos conhecem de filmes, livros ou histórias infantis e estão gravadas em sua memória. As imagens negativas sobre as bruxas e feiticeiras são comuns e resultam de estereótipos lançados na Idade Média. Posteriormente o próprio apelido “idade das trevas” elaborado por eruditos iluministas revelou estereótipos lançados sobre o período (Macedo, 2008).

Seria interessante introduzir problematizações nas imagens já consolidadas como: Por que a figura da bruxa e seus poderes em utilizar elementos da natureza para conseguir seus objetivos se tornaram tão temerosos e ameaçadores para instituições como a Igreja Católica?

É possível ainda, a partir do quadro, uma abordagem do regional com um olhar para o presente, através da abordagem da cosmologia indígena, por exemplo, no qual se demarcam papéis entre homem e mulher e natureza para a ordenação/origem do mundo. Ou a relação do indígena e afrodescendente para com a natureza em seu cotidiano por meio do uso de ervas para a cura do corpo.

É possível tratar da diversidade cultural, ao inserir discussões sobre a relação entre cultura de matriz afro com a natureza, que resultaram em práticas populares que exemplificamos, como as bolsas de mandinga, as garrafadas, as próprias religiões de matriz africana com sua formulação de elementos da natureza como ligação entre o visível e o invisível.

É preciso lembrar, no entanto, que ao falar de indígenas e africanos não podemos esquecer que existiram diversas etnias com variedades de práticas e costumes, constituindo comunidades distintas (Oliveira, 2009), então, é preciso ter em mente que a diversidade cultural está no interior das próprias etnias vistas tradicionalmente como uniformes e estáticas.

Quadro 2

Eixos estruturantes: Ensino Médio – Segunda série

2ª SÉRIE		
EIXO	SUBEIXO	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
Grandes transformações se anunciam	A Revolução Inglesa; O Iluminismo; A independência das Treze Colônias inglesas e a formação dos Estados Unidos da América. A América portuguesa no século XVIII; A Revolução Francesa. A formação e consolidação das primeiras vilas e sociedades urbanas no Amapá	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância das ideias iluministas para as transformações políticas e econômicas que afetariam as sociedades ocidentais a partir do século XVIII; - Conhecer alguns pensadores iluministas e suas principais ideias; - Compreender como se opunha as ideias iluministas com base na razão, e os princípios religiosos com base na tradição; - Perceber a relação entre as ideias iluministas do século XVIII e algumas práticas políticas, econômicas e científicas das sociedades democráticas atuais; - Entender a importância das Revoluções Inglesas, Puritana e Gloriosa, para consolidação do poder político na Inglaterra; - Compreender as transformações políticas ocorridas na Inglaterra. Perceber e contextualizar os diferentes interesses dos grupos sociais existentes; - Identificar algumas diferenças econômicas e sociais entre as treze colônias que deram a origem aos atuais Estados Unidos da América; - Compreender o processo de independência que marca a origem política dos Estados Unidos da América; - Receber as contradições étnicas raciais como fatores limitantes, no passado e no presente, para

		<p>construção da cidadania e da sociedade democrática norte-americana;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os grupos sociais envolvidos no processo histórico que resultou na Independência do Brasil, assim com os interesses que motivam tal envolvimento; - Identificar as lutas pela consolidação de Independência como um fator determinante para o desenvolvimento inicial de uma identidade nacional; - Compreender a singularidade da Independência brasileira em comparação com a das ex-colônias espanholas na América; - Perceber a participação feminina nos processos históricos relacionados à independência do Brasil; - Compreender o conceito central da Unidade, Política e participação, à luz dos temas relacionados à independência do Brasil; - Conhecer os processos históricos que resultaram na Revolução Francesa; - Compreender os principais processos históricos que resultaram na Revolução Francesa; - Compreender os significados e os impactos históricos da Revolução Francesa para a configuração de muitos dos atuais Estados nacionais. - Perceber as relações entre as ideias iluministas, os princípios revolucionários e as motivações; - Compreender como se deram os processos de formação das vilas de Macapá, Mazagão e Vistosa.
Do auge da Mineração à crise do Antigo Sistema Colonial	Economia e sociedade mineradora Movimentos anticoloniais O Brasil como sede do Reino Português O processo de independência da América portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar a sociedade mineira colonial como concretização do ideal colonizador português, sendo ao mesmo tempo seu oposto. - Compreender as mudanças socioeconômicas decorrentes da descoberta do ouro na colônia portuguesa da América. - Perceber a forte influência da mineração do ouro e da extração de diamantes sobre o processo de colonização das terras americanas sob o domínio português. - Compreender o processo de centralização e o controle de extração de ouro e diamantes colocados em prática pelo governo Português. - Perceber que, como resultado da mineração, a situação cultural e artística da região mineradora adquiriu características próprias, o que provocou reflexos também em outras regiões da colônia; - Conhecer as consequências do processo de mineração para a vida de indígenas e escravos na colônia portuguesa; - Compreender os motivos do governo português ao aumentar os impostos e o controle sobre a produção da colônia portuguesa na América; - Compreender as causas dos primeiros movimentos de insatisfação e de contestação em relação a alguns aspectos da administração portuguesa na colônia; - Perceber as formas de reação e de punição implantadas pelo governo português diante dessas

		<p>primeiras revoltas coloniais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os principais grupos sociais envolvidos nas revoltas ocorridas na colônia nos séculos XVII e XVIII; - Compreender o processo histórico que motivou a transferência da corte portuguesa para a sua colônia na América; - Compreender algumas das transformações políticas e socioeconômicas ocorridas na colônia antes e após a chegada da corte portuguesa; - Conhecer algumas das principais medidas de incentivo cultural científico implantados pelo governo Joanino na colônia; - Refletir sobre a importância da participação política tanto no passado quanto no presente. - Identificar os grupos sociais envolvidos no processo histórico que resultou na Independência do Brasil, assim como os interesses que motivaram tal envolvimento. - Identificar as lutas pela consolidação da Independência como um fator determinante para o desenvolvimento inicial de uma identidade nacional. - Compreender a singularidade da Independência Brasileira em comparação com as das ex-colônias espanholas na América, - Perceber a participação feminina nos processos históricos relacionados à Independência do Brasil; - Compreender o conceito central da unidade, política e participação, à luz dos temas relacionados à Independência do Brasil.
Revoluções na Europa	<p>A Revolução Industrial A unificação da Itália e da Alemanha Transformações culturais, sociais e científicas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Entender as transformações técnicas e tecnológicas seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social; - Compreender o processo histórico que, com base em inovação tecnológica e aspectos políticos e socioeconômicos, resultou na Revolução Industrial; - Perceber, na atualidade, os principais desdobramentos econômicos, sociais e políticos advindos da Revolução Industrial; - Entender os processos de unificação italiana; - Identificar as mudanças políticas no mapa no século XIX - Compreender o contexto histórico no qual nasceram teorias antagônicas ao capitalismo.
A formação do estado nacional brasileiro	<p>O primeiro Reinado Período Regencial O Segundo Reinado Da Crise da Monarquia à Proclamação da República</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a oposição de interesses entre brasileiros e portugueses durante o Primeiro Reinado; - Relacionar o caráter autoritário da Constituição de 1824 às tentativas de controle do poder por parte do governo e das elites brasileiras; - Compreender os fatores políticos, econômicos e sociais que contribuíram para a abdicação de dom Pedro I; - Refletir sobre os processos de participação política tanto no passado como no presente; - Conhecer os grupos sociais, suas respectivas propostas políticas para o país e os interesses que

		<p>defendiam durante o período de governo regencial;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que grandes partes das tensões existentes entre vários grupos sociais que disputavam a hegemonia no período regencial teve a origem nos embates pela centralização ou descentralização do poder; - Perceber que o período regencial foi marcado por instabilidade política e social provocada por inúmeras rebeliões; - Perceber o projeto “Civilizatório” implementado pela elite para as áreas de cultura e educação; - Compreender que o golpe da maior idade, que antecipou a coroação de Dom Pedro II e deu início ao segundo reinado, foi decorrência de disputas políticas entre liberais e conservadores; - Compreender o contexto e o processo histórico das rebeliões ocorridas nas províncias durante o período regencial.
--	--	---

Nota. Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED, 2016, pp. 290-295).

No quadro 2 é possível considerar em um plano mais global que o século XVIII demarca uma inflexão no campo do conhecimento que expusemos no decorrer deste estudo.

A razão ocupará um lugar de destaque pautada na racionalidade científica, cabendo a adaptação para a sala de aula de temas como a própria consolidação da medicina para se estudar e se cuidar do corpo em contraposição ao saber popular, que ocupará um lugar inferior em uma hierarquia construída para a ordenação do mundo, se considerarmos as imposições que se estabelecerão a partir deste momento histórico por instituições e conhecimento científico.

Também podemos sugerir a ascensão de uma indústria farmacêutica a partir dos novos estudos sobre o corpo humano e como essa indústria ocupará um lugar significativo no cerne do sistema capitalista emergente e terá impacto para o mundo todo, inclusive para populações tradicionais.

Propõe-se discussão sobre um modo emergente de ver a doença e a cura de acordo com um novo pensamento voltado, não para o popular, mas para a sistematização pautada na

ciência, sob este prisma as mulheres não deveriam buscar aconselhamento com parteiras e sim serem orientadas por um ginecologista para questões em torno da sexualidade.

Um novo olhar sobre a doença será instituído e locais serão autorizados a receitar e comercializar remédios, a exemplo as farmácias, ou na atualidade até mesmo as “casas” que ofertam produtos naturais, no entanto, sob um novo prisma, a partir da chancela de um especialista legitimado por ensinamentos sistemáticos.

É possível também discutir a ascensão na modernidade de novas formas de se tratar a doença, reconhecendo que o ser humano é um ser biopsicossocial, cenário no qual os “remédios naturais” ganharão novo destaque, ao invés de se privilegiar unicamente remédios sintéticos.

Quadro 3

Eixos estruturantes: Ensino Médio – Terceira série

3ª SÉRIE		
EIXO	SUBEIXO	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
O início do século XX no Brasil e no Mundo	Brasil: a Primeira República A Primeira Guerra Mundial - A Revolução Russa	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender os processos históricos que desencadearam as principais mudanças no Brasil a partir do século XIX; - Compreender o processo de surgimento e desenvolvimento do Movimento Republicano e perceber sua importância para o desenvolvimento dos fatos políticos, naquele momento; - Conhecer os diferentes grupos republicanos e seus respectivos projetos; - Compreender o significado da Proclamação da República como um processo histórico; - Compreender as causas e as consequências da 1ª Guerra Mundial, especialmente para os países europeus; - Entender as origens do Nacionalismo presente na Europa no início do século XX e sua influência para a ocorrência do conflito mundial; - Compreender as mudanças geopolíticas na Europa após a primeira guerra mundial; Compreender a importância dos aparatos tecnológicos e das estratégias bélicas para a violência e o desenrolar do conflito, assim como sua recuperação no desenvolvimento atual da indústria bélica; - Conhecer o contexto sócio econômico e político da Rússia no final do século XIX e princípio do século XX; - Relacionar o início do processo de

		<p>industrialização na Rússia, desde os movimentos operários de 1917 e a formação dos soviets até a consolidação do regime autoritário de Josef Stalin;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância do desenvolvimento tecnológico e suas implicações para as mudanças para a sociedade ocorridas na Rússia nas primeiras décadas do século XX
<p>Crise da democracia liberal e o avanço dos regimes totalitários</p>	<p>O período entre guerras A Segunda Guerra Mundial O governo de Getúlio Vargas A criação do Território Federal do Amapá</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a vantajosa situação econômica dos Estados Unidos após a primeira Guerra Mundial; - Compreender o papel dos meios de comunicação de massa (radio, televisão e cinema) na difusão de valores e na ideologia; - Relacionar o desenvolvimento do capitalismo ao comunismo sem limites no presente; - Compreender as razões da quebra da bolsa de Nova York e suas consequências para a sociedade estadunidense e para outros países; - Compreender a importância do plano governamental New Deal para superação da crise mundial de 1929. Compreender o contexto político e econômico que antecedeu a II Guerra Mundial; - Relacionar a política expansionista de Hitler, na Alemanha, as ações e reações dos outros países que levaram o mundo à segunda guerra mundial; - Compreender o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, reconhecendo a formação dos países em blocos e os avanços e recuos de cada um durante o conflito; - Reconhecer as formas de luta e resistência contra o nazismo, tanto na própria Alemanha quanto em outros países; - Compreender a importância dos meios de comunicação no contexto da guerra, em suas funções de divulgação de notícias e de entretenimento; - Compreender os diferentes momentos do extenso governo de Getúlio Vargas (entre 1930 e 1945), identificando suas características populistas, autoritárias e ditatoriais; - Perceber a influência do projeto de nacionalização e industrialização do governo varguista para o desenvolvimento de vários setores socioeconômicos; - Entender o processo histórico que culminou na participação brasileira que culminou na segunda guerra mundial; - Compreender as mudanças socioeconômicas ocorridas no período, relacionadas à participação de mulheres e negros e a legislação trabalhista e a formação dos sindicatos; - Perceber o uso dos meios de comunicação de massa para a propaganda política do governo de Getúlio Vargas; Entender a importância da criação dos territórios federais. - Compreender e contextualizar como se deu o processo de criação do Território Federal do Amapá.

A bipolarização mundial	<p>A Guerra Fria</p> <p>Os governos populistas no Brasil</p> <p>Consolidação e expansão do socialismo</p> <p>Os governos militares na América Latina</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o significado do termo guerra fria e relaciona-lo com o período de tensão política extrema entre os blocos comunista e capitalista, no período de 1947 a 1991; - Compreender as implicações da polarização político-ideológico no cotidiano das pessoas, com a instauração de métodos de cerceamento das liberdades individuais, como o macarthismo nos Estados Unidos e a construção do Muro de Berlim, na Alemanha; - Perceber a consolidação das duas superpotências – Estados Unidos e União Soviética – e a interferência direta de ambas sobre diversos países durante a guerra fria; - Entender a importância político-ideológico da corrida espacial e dos avanços tecnológicos dos armamentos nucleares; - Compreender o processo histórico que levou a implantação do comunismo em vários países do mundo na segunda metade do século XX; - Compreender as características da revolução comunista na China e em Cuba, e perceber as diferenças entre os dois processos; - Conhecer a importância da implantação do comunismo em Cuba, como uma referência para ascensão da esquerda em países da África e da América Latina; - Conhecer os contextos socioeconômicos e político em que foram instaurados regimes populistas e regimes ditatoriais na América Latina; - Compreender as características do nacionalismo latino-americano; - Relacionar o uso da violência, como instrumento repressivo, e a implantação de ditaduras militares.
Os caminhos para o terceiro milênio	<p>A crise do socialismo real</p> <p>A Nova República: o Brasil Democrático (esclarecer nas C.H)</p> <p>Conflitos internacionais na atualidade</p> <p>Os efeitos sociais no processo da globalização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender como se deu o processo que levou a crise do socialismo; - Entender a nova organização geopolítica após a crise do socialismo; - Compreender as principais transformações socioeconômicas, e políticas do Brasil a partir das duas últimas décadas do século XX; - Conhecer aspectos da Constituição de 1988, fundamentais para o fortalecimento do regime democrático no Brasil; - Compreender as disparidades e as contradições da sociedade brasileira atual, assim como identificar os desafios a serem vencidos; - Reconhecer, no conceito que preside a Unidade – Ética -, um importante valor universal de conduta, orientador as relações individuais e sociais; - Entender o processo da globalização e suas disparidades sociais e os conflitos envolvendo diferentes povos e países; - Compreender a configuração socioeconômica e política que passou a caracterizar o mundo a partir dos últimos anos do século XX; - Entender o processo da globalização e suas relações com as disparidades sociais e os conflitos

		políticos envolvendo diferentes povos e países; - Relacionar a questão do terrorismo na atualidade com o processo de globalização; - Compreender os desafios para o futuro que se impõem aos governos e às sociedades atuais diante da nova ordem mundial.
--	--	--

Nota: Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED, 2016, pp.295-299)

O século XX promove uma cultura planetária na qual ocorre a aceleração das transformações materiais que a caracteriza, como construção de rodovias, desenvolvimento de tecnologias de produção de alimentos, avanços na área de saneamento e rapidez no campo das comunicações (Souza, 1999). No século XX, a cultura global abarcou virtualmente o mundo todo, trazendo consequências extremas como a angústia do homem moderno (Souza, 1999).

No âmbito regional, a partir do quadro 3, podemos acentuar a contraposição entre novos modelos de comportamentos trazidos pelos “desbravadores da Amazônia” e o cotidiano do caboclo amapaense.

O uso de fontes, como jornais, promove a possibilidade de impulsionar uma atitude investigativa dos alunos. A detecção do texto e contexto da produção escrita tornam possíveis reflexões pertinentes sobre o que o Governo Territorial gostaria de implementar no Amapá. O que, no caboclo da Amazônia, divergia dessa cultura global que Souza (1999) acentua? Os trechos do *Jornal Amapá*, apresentados neste estudo podem ilustrar a proposta de uma educação que afastasse o habitante do uso secular que fazia da natureza e que disciplinasse as mulheres para serem esposas e do lar.

No contexto do século XX, os considerados, “homens da ciência”, têm a missão de direcionar a Amazônia para o conhecimento formal, o desenvolvimento econômico e para a saúde, vista pelo prisma de médicos e sanitaristas. Neste sentido, exemplifica o historiador Alexandre Souza Amaral (2011), a experiência implementada por Oswaldo Cruz que desembarcou na cidade de Belém em 1910 para o estudo da febre amarela.

A missão do Dr. Oswaldo Cruz, como bem afirma Amaral (2011), era uma missão contra a insalubridade na Amazônia. Neste contexto, as garrafadas usadas pelos caboclos ainda teriam a mesma validade em contraposição a seringa empunhada pelos médicos? Não se trata de diminuir a importância da necessidade do saber médico no combate às doenças, mas acentuar a diferença deste saber ao que os antigos habitantes do Amapá possuíam.

E nas sociedades atuais como se encontra a oposição medicina científica e conhecimento popular? As garrafadas utilizadas pelos caboclos no Território Federal do Amapá continuam sendo produzidas e comercializadas no Estado do Amapá? Será que a produção de garrafadas passou por mudanças e/ou permanências em todo esse intervalo de tempo? Todas são questões contemporâneas que a partir do quadro podem ser suscitadas.

Inúmeras outras temáticas relacionadas ao universo popular e a sexualidade podem ser inseridas no conteúdo de História, cabendo ao professor adequar leituras novas diversas ao contexto pedagógico, realizando a chamada transposição textual, pois os materiais didáticos muitas vezes não apresentam temáticas inovadoras que serão encontradas em textos acadêmicos com linguagem, muitas vezes, rebuscada e como afirmamos, ainda na justificativa deste trabalho, há ainda lacuna no que diz respeito à produção acadêmica referente ao conhecimento popular em especial a produção de garrafadas.

7.2 Possibilidades para um projeto de Educação Sexual

Antes de fazermos inserções sobre sexualidade na perspectiva popular em um possível projeto de Educação Sexual, gostaríamos de apresentar um pouco sobre como o tema é pensado pela Secretaria de Estado da Educação do Amapá.

Conforme o relato de psicóloga Ana, parceira do Projeto para uma Educação Sexual formulado pela SEED⁷⁵, existe um planejamento em conjunto com diversas organizações não governamentais (ONGs) para uma atuação nas escolas com o tema sexualidade e diversidade em seus múltiplos aspectos.

Um exemplo de ações foi o encontro promovido no dia 17/05/2016 na Universidade Estadual do Amapá (UEAP), por iniciativa da Secretaria de Educação do Amapá, que serviu como um processo de capacitação para que professores, trabalhadores, colaboradores das escolas saibam lidar com as demandas relacionadas à sexualidade na escola.

A psicóloga relatou que ações no sentido de considerar o tema sexualidade exigem cuidado e planejamento, pois no interior da escola há muitos sentimentos aliados ao assunto, como a identidade da pessoa, sua religiosidade e os aprendizados que a mesma teve no interior da família ao longo de sua vida.

Na opinião da psicóloga, a escola ainda não sabe trabalhar com a diversidade sexual, produz preconceitos, reforça violências, como a agressão atribuída cotidianamente aos alunos homossexuais.

A educadora afirma que é preciso paciência ao tratar o tema sexualidade, pois está fundamentado na vida de cada pessoa, está relacionado às diferentes visões de mundo e percepções morais. A educadora afirma que, se não houver o que chama de sensibilidade ao tratar destes temas, o mesmo pode ser deturpado e silenciado novamente. Assim, a mínima abertura que um professor ou equipe pedagógica pode ter para tratar do tema, pode se fechar.

No espaço das escolas do Amapá, para o Ensino Médio, existem geralmente as chamadas “salas ambientes” que são utilizadas para a abordagem de projetos direcionados, assim, é possível um espaço específico para a realização de um Projeto em Educação Sexual dependendo da articulação no interior da escola.

⁷⁵ Entrevista em anexo concedida no dia 16/07/2016, na mesma foi omitido o nome real da participante, sendo

É possível a contribuição da área de História para a inserção do eixo: cultura popular e sexualidade na proposta de um projeto de Educação Sexual. Inclusão esta, que destacaria a percepção da sexualidade como criação histórica e cultural.

É pertinente lembrar que uma proposta de Educação Sexual será definida por sua clientela, pela articulação entre as pessoas da escola e os anseios da escola, portanto, apresenta-se uma alternativa, que pode ser redesenhada considerando as necessidades de cada local.

Utilizamos como referência para organização dos quadros, o texto Orientações técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro⁷⁶ (UNESCO, 2014) e o documento Proposta Curricular da Educação básica do estado do Amapá (SEED, 2016), eixos estipulados nestes documentos serão considerados para inserirmos os temas relacionados ao conhecimento popular, com a inclusão da prática cultural de uso de garrafadas.

A pesquisa demonstrou que, no Amapá, ocorre uso constante das garrafadas para sanar diversos problemas referentes à sexualidade, no que tange à saúde sexual e reprodutiva, porém, tal relação fica distante do contexto escolar, o que foi apontado pelos próprios participantes. Os mesmos acentuaram a necessidade de um caráter preventivo de uma Educação Sexual que, se for proporcionada na escola, diminuirá o risco de gravidez precoce entre as alunas, o que, conseqüentemente, incidirá sobre a busca de garrafadas para o aborto. Pensando nestes aspectos, imaginamos um Programa de Educação Sexual que, em seus temas, considere as garrafadas como prática antiga, mas contemporânea, possível pela

substituído pelo nome Ana em alusão à Santa Ana.

⁷⁶ Para o ensino médio o MEC não esmiúça o tema Orientação Sexual, como deixa claro nos PCNs, para as primeiras etapas do ensino básico. Nos parâmetros para o Ensino Médio (MEC, 2000) há uma indicação de que os temas de interesse elencados para o Ensino Básico serão considerados e reforçadas as necessidades de interdisciplinaridade, flexibilidade de conteúdos e construção de projetos que atendam aos anseios sociais para a cidadania. A sexualidade está ligada ao exercício da cidadania, então, o tratamento do tema é legítimo e pertinente até pelas problemáticas vividas pelos jovens e adolescentes. Por não haver nos dispositivos legais do MEC temas definidos sobre a sexualidade para o Ensino Médio é necessário um esforço conjunto no interior das escolas para estipular temas de interesses aliados aos objetivos, aos anseios dos jovens e aos objetivos das disciplinas para a etapa de ensino.

mesclagem de conhecimentos e experiências étnicas, prática que possui lugar na memória e importância para a busca de soluções referentes à sexualidade, no cotidiano.

Os quadros apresentados foram resultantes, também, dos diálogos realizados nas disciplinas do curso Mestrado em Educação Sexual. Durante a trajetória do mesmo, foi evidenciado um conceito amplo de sexualidade que abranja além da saúde sexual e reprodutiva, as práticas culturais, a subjetividade humana e os interesses dos alunos, como temas contemporâneos relacionados aos veículos de comunicação utilizados pelos jovens, enfim, pontos que permitem uma abordagem que considere o universo dos discentes em uma Educação Sexual que faça sentido para os mesmos.

*Quadro 4*⁷⁷

Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Primeiro ano

PRIMEIRO ANO	
EIXO	TEMAS
Sexualidade, cultura e direitos humanos	1 Marcos legais nacionais e internacionais sobre direitos humanos 2 O que é sexualidade? 3 O olhar sobre a sexualidade por diversas etnias -Exemplos de práticas culturais relacionadas à sexualidade: -As garrafadas no Amapá - Exemplos de garrafadas utilizadas no Amapá 4 Sexualidade e mídias -Representações de homens e mulheres na mídia (propagandas, novelas, filmes) -Violência nas redes sociais 5 A construção social do gênero -Recortes sobre os papéis femininos e masculinos nas sociedades antigas -Redefinições de papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea - Funções relacionadas ao gênero em festas, nos cantos e na produção dos artefatos em etnias amapaenses

⁷⁷Como salientamos no decorrer da dissertação propusemos temas para um possível projeto em Educação Sexual, assim, detalhes como metodologia e tempos de realização de possíveis aulas sobre sexualidade não foram definidos, visto que o objetivo maior de nossa pesquisa é expor que o tema cultura popular através das garrafadas é possível e pertinente. Os quadros em questão são sugestões possíveis em determinada situação, visto que é necessário considerar as condições de produção do discurso, com a premissa de que “o saber individual e saber coletivo deslocam-se constantemente em função dos deslocamentos das relações interindividuais e intercoletivas”. O cenário para confecção de planos dentro de um espaço não é estático, abriga variações. O pertencimento a uma determinada comunidade social será uma circunstância incidente na produção de um texto (Charaudeau, 2009, p.30).

	<p>-A desigualdade de gênero</p> <p>-Violência de gênero, abuso e exploração sexual</p> <p>6 Refletir que as crianças não estão preparadas físico e psicologicamente para terem relações sexuais</p> <p>7 Refletir que existem diversas maneiras de viver a sexualidade sendo a relação sexual apenas uma delas</p> <p>8 Papéis de meninos e meninas em diversas etnias</p> <p>9 Comunidades quilombolas e indígenas no Amapá e o uso da natureza relacionado à sexualidade</p>
O corpo e a sexualidade	<p>1 Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva</p> <p>- Reprodução (ciclo menstrual, fecundação)</p> <p>2 Diferenças étnicas sobre reprodução, apontamentos sobre a realidade indígena</p> <p>3 Discutir várias concepções de corpo e saúde, a visão da cultura popular e a visão da medicina científica</p> <p>-Garrafadas <i>versus</i> remédios sintéticos</p> <p>4 Gravidez na adolescência</p> <p>- Riscos e responsabilidades</p> <p>- Direitos da menina adolescente grávida, refletir sobre situações de preconceito e complicadores sociais</p> <p>5 Puberdade</p> <p>- Mudanças neste ciclo de vida</p> <p>-A fase da adolescência vista por diferentes sociedades</p> <p>-Os rituais de iniciação indígenas e africanos</p> <p>6 Imagem corporal</p> <p>-Respeito ao outro e a si</p> <p>-Autoimagem e autoestima</p> <p>-Padrões de beleza como produtos culturais e temporais</p> <p>-Discutir sobre expectativas sociais para o estabelecimento de modelos corporais</p>
Saúde sexual e reprodutiva	<p>1 Entender o que são, formas de transmissão de DST e AIDS</p> <p>2 A atividade das parteiras em comunidades amapaenses</p> <p>-O uso de garrafadas por parteiras</p> <p>3 Estigmas e discriminação em relação às pessoas com AIDS</p> <p>- Desconstruir o mito de que pessoas com AIDS não podem exercer suas atividades diárias</p> <p>-Discutir sobre formas de tratamento para DST e AIDS</p>
Diversidade de comportamentos sexuais	<p>1 Choque entre cultura indígena e europeia sobre sexualidade</p> <p>- Uso de ervas para o cuidado do corpo na perspectiva dos colonos</p> <p>- Uso de ervas para o cuidado com o corpo na perspectiva do colonizador</p> <p>- Garrafadas para fins amorosos e de cura do corpo e da alma</p> <p>2 Questões de Gênero</p> <p>-Perseguição à feitiçaria feminina na Europa medieval</p> <p>-Mudanças no comportamento feminino na colônia após a chegada do europeu</p> <p>- As mulheres nas diversas sociedades (recortes sobre a atuação da mulher em diferentes sociedades e sua relação com o uso de ervas para resolver questões de seu cotidiano)</p> <p>3 Recusa e negociação em relacionamentos</p> <p>-Reflexões sobre privacidade e integridade corporal</p> <p>4 Reflexão sobre autonomia e responsabilidades individuais nas tomadas de decisões referentes ao comportamento sexual</p>

<p>Diversidade familiar e relacionamentos</p>	<p>1 Diversidade familiar hoje -Diversidade étnica familiar -Conflitos familiares provenientes de embates de gerações -Importância do diálogo familiar -A experiência dos mais velhos sobre a família</p> <p>2 Relações familiares ontem no Amapá - Ensinamentos familiares trazidos de antepassados no Amapá, como o uso de garrafadas</p> <p>3 Formas de relacionamentos ontem e hoje: O namoro, a amizade, o casamento e relações eventuais -Formas dos relacionamentos em outras etnias (Como o papel do genro e a nora em etnias indígenas amapaenses)</p> <p>4 Refletir sobre os discursos que influenciam para a vivência de relações sexuais Exemplo 1: Ideia de um período determinado para a iniciação sexual entre os jovens ou relacionamentos como namoro e casamento Exemplo 2: Ideia de que pessoas com deficiência não podem vivenciar sua sexualidade</p> <p>5 Identificação de relações abusivas e violentas</p> <p>6 A diversidade sexual -Respeito a diversas formas de manifestação de afeto e desejo - Diversidade sexual em outras etnias -Discriminação, preconceito, homofobia e sexismo</p> <p>7 Exemplos de narrativas indígenas e africanas relacionadas à sexualidade -Rituais relacionados à sexualidade</p>
---	--

Nota. Silva (2016).

Quadro 5

Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Segundo ano

SEGUNDO ANO	
EIXO	TEMAS
<p>Sexualidade, cultura e direitos humanos</p>	<p>1 Marcos legais nacionais e internacionais sobre direitos humanos</p> <p>2 Conceito de Sexualidade</p> <p>3 O olhar sobre a sexualidade por diversas etnias</p> <p>4 Medicina científica <i>versus</i> Cultura popular e a sexualidade -Exemplos de práticas culturais relacionadas à sexualidade: -As garrafadas no Amapá -Exemplos de garrafadas utilizadas no Amapá</p> <p>5 Sexualidade e mídias em especial a internet e redes sociais -Representações de homens e mulheres na mídia (propagandas, novelas, filmes) -Mídia como aporte para informação e reflexão sobre o respeito às diferenças e para o conhecimento de direitos -Violência nas redes sociais -Privacidade e cuidados com a imagem no ambiente da Internet</p> <p>6 A construção social do gênero -Recortes sobre os papéis femininos e masculinos nas sociedades modernas -Redefinições de papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea - Funções relacionadas ao gênero em festas, nos cantos e na produção dos artefatos em etnias amapaenses -A desigualdade de gênero</p>

	-Violência de gênero, abuso e exploração sexual
O corpo e a sexualidade	<p>1 Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva</p> <ul style="list-style-type: none"> -Reprodução (ciclo menstrual, fecundação) -Tecnologia e reprodução <p>2 Diferenças étnicas sobre reprodução</p> <p>3 Discutir várias concepções de corpo e saúde, a visão da cultura popular e a visão da medicina científica</p> <ul style="list-style-type: none"> -Garrafadas <i>versus</i> remédios sintéticos <p>4 Direitos reprodutivos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Tomadas de decisões quanto ao uso de métodos contraceptivos e prevenção de DST <p>5 Gravidez na adolescência</p> <ul style="list-style-type: none"> - Riscos e responsabilidades - Direitos da menina adolescente grávida na escola, refletir sobre situações de preconceito e complicadores sociais - O resguardo da mulher indígena (Exemplo: Etnia Wajãpi no Amapá) - O resguardo ou “quarentena” ontem e hoje <p>6 Puberdade</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mudanças neste ciclo de vida -A fase da adolescência vista por diferentes sociedades -Os rituais de iniciação indígenas e africanos <p>7 Imagem corporal</p> <ul style="list-style-type: none"> -Respeito ao outro e a si -Autoimagem e autoestima -Padrões de beleza como produtos culturais e temporais -Privacidade e integridade corporal -Discutir sobre expectativas sociais para o estabelecimento de modelos corporais <p>8 Comportamentos sexuais de etnias indígenas amapaenses (escolha do nome, divisão de tarefa, comportamento em festas)</p> <p>9 Refletir que existem diversas maneiras de viver a sexualidade sendo a relação sexual uma delas</p>
Saúde sexual e reprodutiva	<p>1 Métodos contraceptivos</p> <p>2 implicações de uma gravidez precoce</p> <p>3 Validade ou não de garrafadas para engravidar, atentando para o contexto cultural e riscos e que os próprios produtores afirmam a validade de um acompanhamento médico para a saúde da mulher</p> <p>4 Formulações e discursos em torno do aborto: diferença entre países em torno da questão</p> <ul style="list-style-type: none"> -Discutir aborto por meio das garrafadas, atentado para riscos <p>5 A atividade das parteiras em comunidades amapaenses</p> <p>6 Entender o que são, formas de transmissão de DST e AIDS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desconstruir o mito de que pessoas com AIDS não podem exercer suas atividades diárias -Discutir sobre formas de tratamento para DST e AIDS e busca de ajuda
Diversidade de comportamentos sexuais	<p>1 Choque entre cultura popular e erudita para a concepção de sexualidade, o encontro entre indígenas e europeus</p> <ul style="list-style-type: none"> -O uso de garrafadas pelos colonos -O uso de garrafadas na visão do colonizador <p>2 Questões de Gênero</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mudanças no comportamento feminino na colônia após a chegada do europeu -Práticas femininas para fins amorosos, de proteção ou cuidado com o corpo por meio de garrafadas e suas proibições por parte da Igreja Católica no Período Colonial <p>3 Recusa e negociação em relacionamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Reflexões sobre privacidade e integridade corporal <p>4 Reflexão sobre autonomia e responsabilidades individuais nas tomadas de decisões referentes ao comportamento sexual</p>

	5 Orientações para encontro de ajuda e informações para questões referentes à sexualidade e acesso à serviços de saúde
Diversidade familiar e de relacionamentos	<p>1 Diversidade familiar hoje</p> <ul style="list-style-type: none"> -Diversidade étnica familiar -Conflitos familiares provenientes de orientação sexual -Conflitos familiares provenientes de revelação de DST -Conflitos familiares provenientes de embates de gerações - Importância do diálogo familiar <p>2 Relações familiares ontem no Amapá</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ensinos familiares trazidos de antepassados no Amapá, como o uso de garrafadas <p>3 Formas de relacionamentos ontem e hoje: O namoro, a amizade, o casamento e relações eventuais</p> <p>4 Desconstruir discursos para a vivência da sexualidade</p> <p>Exemplo 1: Ideia de um período determinado para a iniciação sexual entre os jovens ou relacionamentos como namoro e casamento</p> <p>Exemplo 2: Ideia de que a pessoa com deficiência não pode vivenciar sua sexualidade</p> <p>5 Abuso e violência em relacionamentos amorosos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Desigualdades nas relações de gênero -Necessidade de consentimento para relacionamentos amorosos -Identificação de relações abusivas e violentas <p>6 A diversidade sexual e cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> -Respeito a diversas formas de manifestação de afeto e desejo, a diversidade sexual -Discriminação, preconceito, homofobia e sexismo - Diversidade sexual em diferentes etnias -Exemplos de narrativas indígenas e africanas relacionadas à sexualidade

Nota: Silva (2016).

Quadro 6

Pontos para um Projeto de Educação Sexual: Terceiro ano

TERCEIRO ANO	
EIXO	TEMAS
Sexualidade, cultura e direitos humanos	<p>1 Marcos legais nacionais e internacionais sobre direitos humanos</p> <p>2 Conceito de Sexualidade</p> <p>3 Medicina científica <i>versus</i> cultura popular e a sexualidade</p> <p>4 Conceito de cultura popular e miscigenação, reafirmar que também outras etnias tiveram um modo distinto de ver a sexualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> -Exemplos de práticas culturais relacionadas à sexualidade: - As garrafadas no Amapá. - Exemplos de garrafadas utilizadas no Amapá <p>5 Sexualidade e mídias em especial a internet e redes sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> -Representações de homens e mulheres na mídia (propagandas, novelas, filmes) -Mídia como aporte para informação, respeito às diferenças e para o conhecimento de direitos e rede de proteção aos direitos -Violência nas redes sociais -Privacidade e cuidados com a imagem no ambiente da Internet <p>6 A construção social do gênero</p> <ul style="list-style-type: none"> -Recortes sobre os papéis femininos e masculinos nas sociedades modernas -Redefinições de papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea, século XXI

	<p>-Divisão de tarefas de acordo com gênero em etnias indígenas amapaenses (construção de artefatos, tarefas em festas)</p> <p>-A desigualdade de gênero</p> <p>-Violência de gênero, abuso e exploração sexual e práticas prejudiciais</p>
Corpo e a sexualidade	<p>1 Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva</p> <p>- Reprodução (ciclo menstrual, fecundação)</p> <p>-Tecnologia e reprodução</p> <p>2 Diferenças étnicas sobre menstruação e reprodução, apontamentos sobre a realidade indígena (Um exemplo: O resguardo da mulher Wajãpi no Amapá)</p> <p>3 Discutir várias concepções de corpo e saúde, a visão da cultura popular e a visão da medicina</p> <p>-Garrafadas <i>versus</i> remédios sintéticos</p> <p>4 A mudança do corpo para aproximação do gênero e respeito aos direitos relacionados à identidade de gênero, como o nome social no interior da escola</p> <p>5 Direitos reprodutivos</p> <p>-Tomadas de decisões quanto ao uso de métodos contraceptivos e prevenção de DST</p> <p>6 Gravidez na adolescência</p> <p>- Implicações de uma gravidez precoce</p> <p>- Riscos e responsabilidades</p> <p>- Direitos da menina adolescente grávida na escola, refletir sobre situações de preconceito e complicadores sociais</p> <p>- A mulher grávida em outras etnias</p> <p>7 Imagem corporal</p> <p>- Respeito ao outro e a si</p> <p>- Autoimagem e autoestima</p> <p>- Padrões de beleza como produtos culturais e temporais</p> <p>- Privacidade e integridade corporal</p> <p>- Discutir sobre expectativas sociais para o estabelecimento de modelos corporais</p> <p>8 Refletir que existem diversas maneiras de viver a sexualidade sendo a relação sexual uma delas</p>
Saúde sexual e reprodutiva	<p>1 Métodos contraceptivos</p> <p>2 Validade ou não de garrafadas para engravidar, atentando para o contexto cultural e riscos e que os próprios produtores afirmam a validade de um acompanhamento médico para a saúde da mulher</p> <p>3 Formulações e discursos em torno do aborto: diferença entre países em torno da questão</p> <p>-Discutir aborto por meio das garrafadas atentando para os riscos apontados pelos próprios produtores</p> <p>4 Entender o que são, formas de transmissão, reconhecer sintomas e reduzir o risco de DST e AIDS</p> <p>5 Estigmas e discriminação em relação às pessoas com AIDS</p> <p>- Desconstruir o mito de que pessoas com AIDS não podem exercer suas atividades diárias</p> <p>-Discutir sobre formas de tratamento para DST e AIDS</p>
Diversidade de comportamentos sexuais	<p>1 Recortes sobre choque entre cultura popular e erudita para percepções em torno da sexualidade</p> <p>2 Questões de Gênero</p> <p>- Mudanças de comportamento feminino com a instalação do Governo do Território Federal do Amapá (o exemplo da escola para moças ilustrado pelo Jornal <i>Amapá</i>)</p> <p>3 Recusa e negociação em relacionamentos</p> <p>-Cenas cotidianas ou fatos ocorridos na comunidade noticiados na mídia</p> <p>-Reflexões sobre privacidade e integridade corporal</p> <p>4 Reflexão sobre autonomia e responsabilidades individuais nas</p>

	<p>tomadas de decisões referentes ao comportamento sexual</p> <p>5 Orientações para encontro de ajuda e informações para questões referentes à sexualidade e acesso aos serviços de saúde</p>
Diversidade familiar e de relacionamentos	<p>1 Diversidade familiar hoje</p> <ul style="list-style-type: none"> -Diversidade étnica familiar -Conflitos familiares provenientes de orientação sexual -Conflitos familiares provenientes de revelação de DST -Conflitos familiares provenientes de embates de gerações -Importância do diálogo familiar - Comparação entre a família de ontem e de hoje pelos mais velhos <p>2 Relações familiares ontem no Amapá</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ensinamentos familiares trazidos de antepassados no Amapá, como os usos de garrafadas <p>3 Formas de relacionamentos ontem e hoje: O namoro, a amizade, o casamento e relações eventuais</p> <p>4 Desconstruir discursos para a vivência da sexualidade</p> <p>Exemplo 1: Ideia de um período determinado para a iniciação sexual entre os jovens ou relacionamentos como namoro e casamento</p> <p>Exemplo 2: Ideia de que pessoas com deficiência não podem vivenciar sua sexualidade</p> <p>5 Abuso e violência em relacionamentos amorosos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Desigualdades nas relações de gênero -Necessidade de consentimento para relacionamentos amorosos -Identificação de relações abusivas e violentas <p>6 A diversidade sexual e cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> -Respeito a diversas formas de manifestação de afeto e desejo, a diversidade sexual - Diversidade sexual em diversas etnias -Realidade de discriminação, preconceito e homofobia e sexismo na cidade -Realidade de discriminação, preconceito e homofobia e sexismo na escola -Exemplos de narrativas indígenas e africanas relacionadas à sexualidade

Nota: Silva (2016).

Atentamos que os quadros são resultados de um recorte possível, considerando os resultados das entrevistas, as diretrizes documentais citadas e as experiências alcançadas no Mestrado em Educação Sexual.

A relação de conteúdos referentes à sexualidade que cada instituição de ensino irá adotar, tem a ver diretamente com a própria concepção de sexualidade elencada pela comunidade escolar. Uma concepção restrita se remeterá apenas a aspectos relacionados às consequências das relações sexuais. Tal concepção é inadequada pois está afastada dos

interesses dos alunos e de uma própria concepção abrangente de sexualidade, conforme sustentamos em nossa pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular apresenta uma riqueza inestimável para problematizações em torno da sexualidade, pois apesar da instituição de saberes oficiais sobre o corpo humano, uma das dimensões da sexualidade, várias outras formulações permaneceram por parte de grupos sociais e étnicos distintos. Tais formulações possuem um percurso histórico que certamente instigaria a reflexão e curiosidade dos adolescentes e jovens na escola.

O uso de garrafadas tem origem em um passado, no qual as pessoas encontraram alternativas para sobreviver, utilizando a natureza para sararem dores do corpo e da alma, resolverem uma gama de problemas cotidianos, estabelecendo um contato com o divino, acrescentando a fé como componente das misturas e da cura por meio delas. O uso das garrafadas também é uma prática cultural contemporânea que contém características antigas, mas sana ausências causadas pela dificuldade da oferta de uma assistência formal à saúde para a população.

As mulheres tiveram e têm protagonismo na difusão, produção e uso das garrafadas para resolver incontáveis males relacionados à saúde feminina e à afetividade e a ligação desse grupo social com a prática foi atestada pelos participantes da dissertação.

Os seis quadros de conteúdos apresentados na pesquisa são sugestões para a introdução da temática garrafadas, como produto da cultura popular e miscigenação brasileira. As possibilidades trazidas neste estudo não descartam outras formas de inclusão das garrafadas como temática, que podem ser configuradas em cada contexto escolar para a disciplina História, em Projetos de Educação Sexual e até com a contribuição de outras disciplinas, como Língua Portuguesa, ao cotejar a escritura de História de vida dos sujeitos produtores de garrafadas, ou Ciências, ao problematizar o efeito curativo das plantas e suas relações com remédios e cosméticos da indústria atual.

As entrevistas que trouxemos demonstraram um uso constante das garrafadas no Amapá, com aceitação da comunidade, apesar da oferta da medicina científica. No entanto, os sujeitos Maria, Rita, Benedito e Antônio atestaram o afastamento dos jovens sobre o conhecimento da importância dessa prática, e mais, do conhecimento sobre o seu próprio corpo, bem como, as falas demonstraram uma distância entre o saber popular e a escola.

A memória dos sujeitos é uma fonte histórica rica que contribui para a desconstrução da ideia de História como a Disciplina dos documentos escritos pelos heróis do passado, pois, a História é a ciência do passado e do presente e somente através de questões buscadas no presente encontramos sentido para o estudo do que já ocorreu. Escutar as pessoas nos permite identificar como as mesmas se inseriram na trama dos fatos e discursos ao longo do tempo, não como sujeitos passivos, mas que atuaram e atuam na realidade e ressignificaram e ressignificam o vivido.

As narrativas dos participantes destacaram um conflito no campo do conhecimento, embate no qual visões de mundo divergentes são protagonistas, o conhecimento popular e o conhecimento médico científico. Há a ilustração da sobreposição de um discurso médico sobre o popular que embasou o silenciamento na escola de práticas culturais atreladas ao cuidado do corpo, como o uso de garrafadas.

Não se tratou no estudo de se avaliar a validação científica das garrafadas, ou tratar das polêmicas atuais que remetem ao receituário divulgado por pessoas que afirmam cura da AIDS ou cânceres, através do uso de determinadas ervas e menos ainda buscamos ignorar os ganhos alcançados pela medicina tradicional para a cura de doenças. Procuramos sobretudo considerar a importância da problematização na escola de práticas populares, como as garrafadas, que são frutos da diversidade cultural e de percepções de mundo diversas e que demonstram formas singulares de conceber o corpo e olhar a sexualidade humana.

Inferimos que, considerar uma Educação Sexual refletindo sobre diversas criações culturais permite situar a sexualidade como produto cultural e histórico social sem descartar ou privilegiar aspectos biológicos.

O aluno que é capaz de refletir sobre os imperativos históricos da sexualidade, pode ter ferramentas para refletir sobre seu lugar e o de seus pares na História, seu lugar na atualidade e as ferramentas para cuidar do outro e de si respeitando as diferenças.

A escuta dos sujeitos diversos é relevante para a compreensão da existência de uma pluralidade de visões de mundo que definem distintamente corpo e saúde, no entanto, somente uma visão foi privilegiada na escola, a visão destacada pela medicina e ciência que infere sobre uma abordagem normativa da sexualidade a qual, muitas vezes, afasta os alunos do tema sexualidade.

É papel da escola permitir a reflexão sobre as construções discursivas que até hoje apontam a sexualidade como algo que deve ser silenciado, ou apontam etnias e suas criações culturais como inferiores.

É pertinente que no espaço em questão se problematize construções discursivas que tiveram uma trajetória que podem ser evidenciadas na disciplina História e em Projetos de Educação Sexual. Construções discursivas referentes também às diversas características relacionadas à vivência da sexualidade humana hoje, como, por exemplo, as violências relativas à identidade de gênero e que estão presentes no cotidiano escolar.

É possível uma aproximação da escola ao mundo dos alunos, tanto no que diz respeito a sua realidade e interesses, quanto evidenciar a vivência dos membros das comunidades nas quais os jovens estão inseridos.

É necessário também, resgatar o prazer nas salas de aulas, prazer que é um componente da própria sexualidade humana, mas é ignorado no diálogo com os alunos. O prazer pode ser resgatado em inúmeras dimensões, não só referente ao estudo da sexualidade,

mas o prazer que o aluno pode sentir ao estudar sua realidade através da memória dos seus, como os produtores de garrafadas. Prazer que podem ter ao ver suas práticas culturais destacadas na escola, ao ter seus anseios e curiosidades escutados, ao ter o seu mundo reconhecido e não esquecido em prol de informações descontextualizadas.

Para outros estudos seria interessante considerar uma Proposta completa de Educação Sexual considerando carga-horária estipulada, metodologia, objetivos específicos definidos para cada bimestre e semestre do ano letivo, bem como, aplicação e avaliação dos possíveis resultados de um Projeto que considere a cultura popular, com um de seus produtos as garrafadas. Neste estudo nos ocupamos em anunciar a importância de tal consideração e possíveis caminhos trazidos nos quadros apresentados que podem ser readaptados de acordo com os anseios e planejamento de cada escola.

Ao atentar para a característica de autonomia de cada instituição de ensino, pontuada em diversos documentos educacionais, de acordo com os anseios locais e a articulação de seus componentes, é possível inserir a partir do currículo apresentado para a rede pública Estadual do Amapá uma articulação entre sexualidade e cultura popular, já que o currículo formal obrigatório não expressa diretamente tal articulação, mas seus conteúdos permitem sua inserção.

É preciso lembrar, que a característica de não tratar da sexualidade em suas diversas vertentes, não pertence ao Amapá especificamente, mas é comum diante o próprio objetivo dos conteúdos escolares que foram estabelecidos para a contemporaneidade, conforme apresentamos em nosso estudo.

A distância entre universo popular e a escola foi construída historicamente, em níveis macro, com marco na supremacia do pensamento racional no século XVIII, e em um nível micro, nas articulações locais com a participação da Ciência e Estado em cada lugar. Ilustramos a tendência com o caso do Amapá, espaço no qual foi formulado um projeto de

eliminação de saberes tradicionais vivenciado pela população local, na segunda metade do século XX, e a adoção e legitimação de saberes sistemáticos sobre o corpo e relativos à sexualidade.

Apesar do conflito entre conhecimentos mencionado pelos produtores de garrafadas, os mesmos afirmam a necessidade de convivência harmoniosa entre diversos saberes, entre os vários especialistas e entre as pessoas e a natureza. Para os entrevistados, é pertinente um esforço conjunto para a orientação das pessoas com relação ao cuidado com o seu corpo, bem como, é necessário um respeito ao outro para considerar a contribuição de cada segmento que atua na área da saúde, seja o popular ou o formal.

No contexto atual brasileiro, no qual presenciamos a ascensão de discursos conservadores sobre a sexualidade, novos caminhos devem ser construídos nos espaços possíveis e já existentes para tratar do tema. A escola é um desses espaços privilegiados, pois a cultura popular pode ensejar um debate renovado e interessante no ambiente escolar.

A realização de uma Educação Sexual torna-se um desafio na escola, pois interfere na subjetividade humana, na identidade dos sujeitos, em sua opção religiosa, em seus preceitos construídos em vários espaços, por isso, sua construção requer além de preparo teórico, um cuidado ao se adentrar no tema sexualidade, aspecto que está inclusive no centro de um debate político no Brasil contemporâneo que incide sobre a legislação educacional.

Não existe receita para se pensar uma Educação Sexual pertinente para os alunos, mas a busca de reflexão com aporte teórico e construída conjuntamente com todos os agentes da escola, deve propiciar um novo sentido para o tema sexualidade e inclusive pode facilitar o encontro de temáticas significativas que situem a sexualidade como uma criação histórica e cultural, como a temática garrafadas.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2010). Fontes orais: Histórias dentro da História. In C. B Pinsky (Org). *Fontes Históricas* (2a ed., pp.155-202). São Paulo: Contexto.
- Almeida, N. (2000). *Trajetória histórica do Instituto de Pesquisas e Tecnológicas do Estado do Amapá*. Macapá: IEPA.
- Amaral, A. S. (2011). A cruzada de Oswaldo Cruz nas tramas do poder: O tour de force e o combate à febre amarela na Amazônia. In A. S., Amaral; A. Oliveira; D. Santos; P. Cambraia & S. Lobato. *Do lado de cá – fragmentos de História do Amapá*. (pp. 63-94). Belém: Editora Açáí.
- Anjos, K. M. B., Silva, P. R. C. & Sangel, R. O. (2008). *A Construção da identidade quilombola: Três experiências no Amapá*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Amapá. Macapá, AP, Brasil.
- Araújo, L. A, Neto., Teixeira, L. A. *De doença da civilização a problema de saúde pública: câncer, sociedade e medicina brasileira no século XX*. (pp.173-188). Recuperado de: [http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv12n1_2017/doenca\(neto\).pdf](http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv12n1_2017/doenca(neto).pdf)
- Apina, Awatec e Iepé. (2015). *I'ã – Para nós não existe só “imagem”*. (2a ed). Amapá: Apina, Awat e Iepê.
- Argenta, S. C, Argenta L. C., Giacomelli, S. R. & Cezarotto, V. S. (2011). *Plantas medicinais: Cultura popular versus ciência*. (pp.51-60) Recuperado de: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_05.pdf
- Barros (2012). As entidades brasileiras da Umbanda. In: Isaia, A. C. & I. A. Manoel (Orgs). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. (pp. 291-317). São Paulo: UNESP.
- Bezerra, H. G. (2008). Ensino de História: Conteúdos e conceitos básicos. In L. Karnal. *História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas* (5a ed.). São Paulo: Contexto.

- Bittencourt, C. F. (2014). Reflexões sobre currículo e diversidade cultural. In J. G. S. Bueno; K. Munakata & D. F. C. Chiozzini. *A escola como objeto de estudo* (pp153-169). São Paulo: Junqueira & Marin.
- Boarini, M. L. (2004). O “Ensino” da sexualidade e a (des) informação do adolescente contemporâneo. In P. R. Ribeiro (Org.). *Sexualidade e educação – Aproximações necessárias* (pp.181-197). São Paulo: Arte e ciência.
- Brandão, C. R. (1981). *O que é o método Paulo Freire*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Britzman, D. (2001). Curiosidade, sexualidade e currículo. In G. L. Louro. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. (2a ed., pp. 83-111). Belo Horizonte: Autêntica.
- Camargo, M. T. L. de A. (1975). *Garrafada*. Ministério da Educação e Cultura. Departamentos de assuntos culturais. (2a ed). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- Camargo, M. T. L. de A. (1976). *Medicina popular*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- Camargo, M. T. L. A. (2011). A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. In *Conferência apresentada no XXI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil* (Vol. 27, pp.41-49). João Pessoa, PB. Dominguezia. Recuperado de <http://www.dominguezia.org/volumen/articulos/2714.pdf>
- Cambraia, P. & Lobato, S. (2013). *Rios de História: Ensaio de história do Amapá e da Amazônia*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Cambraia, P. (2009). Os governos territoriais do Amapá e a substituição dos rios por estradas: hidrografia, cultura e progresso. In A. Oliveira & R. Rodrigues (Org.). *Amazônia, Amapá – Escritos de História*. (pp.143-171). Belém: Paka-Tatu.
- Campos, E. (1955). *Medicina popular*. (2a ed) Rio de Janeiro: Livraria-Editora da casa do estudante do Brasil.

- Canclini, N. G. (2008). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (4a. ed). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Canto, F (2017). *O Marabaixo através da História*. Macapá: Printgraf.
- Capra, F. (1997). *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix/Amaná Key.
- Chauí, M. (1991). *Repressão sexual – Essa nossa (des)conhecida* (12a. ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Chauí, M. (1997). *O que é ideologia*. (Primeiros Passos). Rio de Janeiro: Brasiliense.
- Charaudeau, P. (2009). *Linguagem e discurso. Modos de organização*. São Paulo: Contexto.
- Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Concone, M. H. V. B. & Rezende, E. G. (2012). Entre passes plantas e garrafadas: a busca da cura. In: Isaia, A. C. & I. A. Manoel (Orgs). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: UNESP.
- Costa, N. G. & Trindade, E. (2009). Disfunções sexuais femininas, terapia sexual e abordagem centrada na pessoa: possíveis articulações. In A. Messenger & M. A. M. Martins. (Org). *Enlaçando sexualidades* (pp. 213-225). Salvador: EDUNEB.
- Cozby, P. C. (2011). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Crawford, P. (1998). Conhecimento sexual na Inglaterra de 1500-1750. In R. Porter & M. Teich. (Orgs.). *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade* (pp. 105-132). São Paulo: Editora UNESP.
- Dantas, F.A.C. (2005). Os povos indígenas brasileiros e a cidadania ativa. In: *Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica da Fundinopi*, (5),180-194. Recuperado de: seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/download/46/47
- Decker, I. C. U. (2010). *A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de Educação Sexual emancipatória* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, SC, Brasil.

Del Priore, M. (2007). História das mulheres: as vozes do silêncio. In M. F. Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. (6a ed., pp. 217-235). São Paulo: Contexto.

Del Priore, M. (2009). Mil e uma receitas sexuais. Entre a obrigação de procriar e a prevenção do pecado, afrodisíacos e anafrodisíacos se espalharam pela Europa. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 4(40), 18-21).

Del Priore, M. (2010). Magia e medicina na colônia: O corpo feminino. In M. D. Priore (Org.). *História das Mulheres no Brasil* (pp.78-114). São Paulo: Contexto.

Projeto Aparando vidas – casa das parteiras tradicionais do Amapá (2013). Macapá:

IEPA

Dias, M. R. (2009). Repressão ao curandeirismo na comarca do Rio das Mortes na segunda metade do oitocentos. In *ANPUH XXV Simpósio Nacional de História*. (pp. 1-10). Fortaleza. CE. Recuperado de <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0614.pdf>

Egypto, A. C. (Org.). (2012). *Orientação sexual na escola – um projeto apaixonante*. (2a ed.). São Paulo: Cortez.

know.net. (2008). *Enciclopédia da Medicina* Recuperado de <http://www.old.know.net/ciencomedicas/medicina/inflamacao.htm>.

Engel, M. (1997). História e sexualidade. In C. F. Cardoso & R. Vainfas. (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia* (5a ed., pp. 297-311). Rio de Janeiro: Campus.

Ferrari, A. (2014). “Elas são homossexuais” – Homossexualidades no interior das escolas. In J. C. Magalhães & P. R. C. Ribeiro. *Educação para a sexualidade* (pp. 13-25). São Paulo: Editora da FURG.

- Ferreira, E. (1997). História e Etnia. In C. F. Cardoso & R. Vainfas. (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia* (5a. ed., pp. 313-328). Rio de Janeiro: Campus.
- Figueiredo, A. M. (2008). *A cidade dos encantados. Pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA.
- Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. 2. Ed. Londrina: Eduel.
- Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação Sexual – retomando uma proposta, um desafio*. (3a. ed.). Londrina: Eduel.
- Forline, L. C. (2005). *Povos indígenas do Brasil*. Recuperado de: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guaja/205>.
- Foster, E. L. (2015). *Garimpendo pistas para desmontar racismos e potencializar movimentos instituintes na escola*. Curitiba: Appris.
- Foucault, M. 1996. *A ordem do discurso*. (3 a. ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. (13a. ed). Rio de Janeiro: Graal.
- Freire, P. (2016). *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez.
- Freitas, J. A., Neto. (2008). A transversalidade no ensino de História. In: Karnal, L. *História na sala de aula. Conceitos, práticas e propostas* (5a ed. pp. 57-74). São Paulo: Contexto.
- Freyre. G. (1984). *Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. (23a ed). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Gallois, D. T. (Org.) (2011) *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas. Exemplos no Amapá e norte do Pará*. Amapá: IEPÉ.

- Garrafadas ([2016]): *Dicionário On line de Português*. Recuperado de:
<https://www.dicio.com.br/>: Editora 7 graus
- Garrafadas ([2016]): *Dicionário Priberam de língua portuguesa*. Recuperado de:
<http://www.priberam.pt/dlpo/Consultar.aspx>.
- Ginzburg, C. (2012). *História noturna*. São Paulo: Companhia das letras.
- Gomes, A. R. & Novais, S. N. da S. (2013). Práticas sexuais e homossexualidade entre os indígenas brasileiros. In: *Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 26, n. 2 - Jul/Dez* (pp. 44-57). Recuperado de:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/24666/13726>
- Hunt, L. (2001). *A nova história cultural*. (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- IBGE ([2016]). *Estados @*. Recuperado de
<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap#>.
- IBGE (2001). *Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do Censo Demográfico*. Recuperado de:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv773.pdf>
- Instituto de Pesquisa e formação indígena IEPÊ. (2016). *Povos indígenas na região de atuação do Iepê*. Recuperado de: <http://www.institutoiepe.org.br/area-de-atuacao/povos-indigenas/>
- Karnal, L. (2008). A História moderna e a sala de aula. In: Karnal, L. *História na sala de aula - Conceitos, práticas e propostas*. (5a ed, pp.127-142). São Paulo: Contexto.
- Karnal, L. Tatsch, F. G. (2009). Memória evanescente. In: Luca, T. R de., Pinsky, C. B. *O historiador e suas fontes* (pp. 9-27). São Paulo: Contexto.
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. (5a ed.). Campinas: Editora da Unicamp.

- Leal, M. (2009). A mística do Amapá: a invenção do cidadão amapaense – brasileiro. In: Oliveira, A., Rodrigues, R. (Org.) *Amazônia, Amapá – Escritos de História*. (pp. 267-295). Belém: Paka-Tatu.
- Leão, A. M. C. (2012). *A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de pedagogia da UNESP quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: Analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. (Tese de Pós-Doutorado). UNESP, Araraquara, SP, Brasil.
- Lobato, S. (2009). *Educação na fronteira da modernização: a política educacional no Amapá (1944-1956)*. PUC: São Paulo.
- Louro, G. L. (2014). *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. (16ª ed). Rio de Janeiro: Vozes.
- Loyola, M. A. (1984). *Médicos e curandeiros. Conflito social e saúde*. São Paulo: DIFEL.
- Macedo, J. R. (2008). Repensando a idade média no ensino de História. In: L. Karnal *História na sala de aula. Conceitos, práticas e propostas*. (5ª ed., pp. 109-124). São Paulo: Contexto.
- Maia, A. C. B. (2011). *Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba. Juruá.
- Maia, A. C. B., Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação Sexual: princípios para ação. In: *Revista Brasileira de Psicologia e Educação* (Vol 14, pp 75-84). Araraquara: UNESP.
- Makowiecky, S. (2003). Representação: A palavra, a idéia, a coisa. *Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. (5),1-25. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2181>.
- Ministério da Educação e Cultura (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio – Bases legais*. Brasília: MEC.

- Ministério da Educação e Cultura (2001a) *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. (Vol. 5, 3a ed.). Brasília: MEC.
- Ministério da Educação e Cultura. (2001b). *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e Orientação Sexual*. (Vol. 10, 3a ed.). Brasília: MEC.
- Ministério da Saúde. (2010). *Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais*. Brasília: MS.
- Montenegro, A. T. (2010). *História oral e memória: A cultura popular revisitada*. (6a ed.). São Paulo: Contexto.
- Nunes, C. A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. (2a. ed). São Paulo: Papyrus.
- Nunes, J. G. *Educação*. (1947, 19 de abril). Sem numeração do exemplar. *Jornal Amapá*, 3,1.
- O Lar é alicerce da família - escola doméstica de Macapá cumpre e amplia suas finalidades. (1952, 30 de setembro), *Jornal Amapá*, 8(391),2-3.
- Oliveira, A. (2009). Duas margens de uma história de Além-mar: as origens históricas da apropriação da biodiversidade da Amazônia. In A. Oliveira & R. Rodrigues. *Amazônia, Amapá – Escritos de História* (pp. 29-75). Belém: Paka-Tatu.
- Oliveira, F. (1994). A Reconquista da Amazônia. In M. A. D'Incao & I. M. Silveira (Orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização* (pp. 85-95). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Oliveira, T. P. & Ferreira, N. I. B. (2015). Onde se reza e também se estuda: Estado, Igreja católica e escolarização no Território Federal do Amapá (1948-1964). *Revista Tempo Amazônico*, 2(2), 64-93. Recuperado de: http://www.ap.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=61913.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) (2014). *Orientações técnicas de orientação em sexualidade para o cenário brasileiro. Tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.

- Orlandi, E. P. (2007). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (6a. ed.). São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Orlandi, E. P. (2003). *A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais*. Recuperado de: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>
- Ortiz, R. (2012). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- Palazzo, C. L. & Sabeh, L. A. (2007). *Entre Deus e o Diabo: Santidade reconhecida, santidade negada na Idade Média e Inquisição portuguesa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Paniago, M.L.F. (2005). *Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, SP, Brasil.
- Parker, R. (2001). Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In G. L. Louro. *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. (2a. ed., pp.125-150). Belo Horizonte: Autêntica.
- Pereira, M. L. G. (1993). *Fazendo parto, fazendo vida: Doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
- Pinsky, C. B. (2010). Gênero. In C. B. Pinsky (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. (pp. 29-54). São Paulo: Contexto.
- Pinsky, J. & Pinsky, C. B. (2008). Por uma história prazerosa e consequente. In L. Karnal (Org.). *História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas* (5ª. ed., pp. 17-36). São Paulo: Contexto.

- Quadrado, R. P. & Barros, S. C. (2014). *Corpos, gêneros e sexualidades: tensões e desafios para o currículo escolar*. In A. C. B. Maia; J. C. Magalhães & P. R. C. Ribeiro. (Orgs.). *Educação para a sexualidade* (pp. 115-127). Rio Grande: Editora da FURG.
- Queiroz, J. M. & Coelho, M. C. (2001). *Amazônia – Modernização e conflito* (séculos XVIII e XIX). Belém: UFPA/NAEA; Macapá: UNIFAP.
- Rampazzo, L. (2015). *Metodologia Científica – para alunos do curso de graduação e pós-graduação*. São Paulo: Edições Loyola.
- Reis, A. C. F. (1966). *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas.
- Reis, G. V. & Ribeiro, P. R. M. (2004). A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil In P. R. M. Ribeiro, (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias* (pp. 27-71). São Paulo: Arte e Ciência.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Ribeiro, P. R. C. (2013). (Re)pensando outras possibilidades de discutir a sexualidade na escola. In: Ribeiro, P. R. C., Quadrado, R. P. (Orgs). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. (Caderno pedagógico anos finais. 3a ed.pp. 39-43). Rio Grande: Editora da FURG.
- Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da Educação Sexual no Brasil. In P. R. M. Ribeiro (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias* (pp. 15-25). São Paulo: Arte e Ciência.
- Rohden, F. (2002). Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), 101-125. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100006.

- Rosa, M. V. F. P. C. & Arnoldi, M. A. G. C. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Ruiz, R. (2008). Novas formas de abordar o ensino da história. In L. Karnal (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas* (5a ed., pp. 75-91). São Paulo: Contexto.
- Santos, V. M. (2015). Culturas populares: Clivagens e rasuras conceituais. *Revista do GT de literatura oral e popular no Brasil: Voz, poesia e performance na idade média*. (19), 278-191.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e realidade*, 20(2),71-99.
- Secretaria de Educação do Estado do Amapá (SEED). (2016). *Proposta curricular da Educação Básica do Estado do Amapá*. Macapá: SEED.
- Sedicias, S. (2016). *Como identificar e tratar a Inflamação no útero*. Recuperado de: <https://www.tuasaude.com/inflamacao-no-uterio/>
- Silva, V. G. (2000). *Candomblé e Umbanda – Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Editora Ática.
- Silva, E. S. A. (2011). Os museus do Amapá e a modernização da Amazônia: A natureza nos escritos de Waldemiro de Oliveira Gomes. In: Amaral, A., Oliveira, A. Santos, D., Cambraia, P., Lobato S. *Do lado de cá; fragmentos de História do Amapá* (pp. 139-153). Belém: Editora Açáí.
- Soares, G. F. Gravidez na adolescência. (2013). In P. R. C. Ribeiro & R. P. Quadrado (Orgs.). *Corpos Gêneros e sexualidades: Questões possíveis para o currículo escolar*. (Caderno pedagógico anos finais, 3a ed., pp. 16-22) Rio Grande: Editora da FURG.
- Souza, L. de M. (2009). *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das letras.

- Souza, N. G. S. (2013). *O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de ciências*. In P. R. C. Ribeiro & R. P. Quadrado (Orgs.). *Corpos Gêneros e sexualidades: Questões possíveis para o currículo escolar*. (Caderno pedagógico anos finais. 3a ed., pp. 16-22) Rio Grande: Editora da FURG.
- Souza, N. G. S. (2013). *Que corpo a escola produz?* In P. R. C. Ribeiro & R. P. Quadrado (Orgs.). *Corpos, gênero e sexualidades: Questões possíveis para o currículo escolar*. (Caderno pedagógico anos iniciais. 3a ed. pp. 17-18). Rio Grande: Editora da FURG.
- Souza, N. M. (1999). *Modernidade: a estratégia do abismo*. São Paulo: UNICAMP.
- Teixeira, F. L. (2014). Pensando os desafios de uma educação para a sexualidade na escola. In J. C. Magalhães & P. R. C. Ribeiro. *Educação para a sexualidade* (pp. 97-113). Rio Grande: Editora da FURG.
- Theodoro, J. (2008). Educação para um mundo em transformação. In L. Karnal (Org.). *História na sala de aula. Conceitos, prática e propostas*. (5a. ed. pp. 49-56). São Paulo: Contexto.
- Tramonte, C. (2012). *Ciência ou fé? Religiões afro-brasileiras e práticas de saúde popular*. In A. C. Isaia & I. A. Manoel (Orgs.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras* (pp. 271-290). São Paulo: UNESP.
- Trecho do discurso do Sr. Governador na inauguração do Museu Territorial. *Jornal Amapá* (1948, 31 de janeiro). Ano 3. N 151. *Jornal Amapá*, p.3.
- Vainfas, R. (1997). História das mentalidades e História Cultural In C. F. Cardoso & R. Vainfas. *Domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia* (pp. 127-162). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Vainfas, R. (1999). *Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira*. (pp.1-12). Recuperado de: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg8-1.pdf.

- Vainfas, R. (2014). *O trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. (2a. ed.). Rio de Janeiro: civilização brasileira.
- Vidal, L. (2008). *Mazagão – a cidade que atravessou o atlântico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Videira, P. L. (2009). *Marabaixo, dança afrodescendente: Significando a identidade étnica do negro amapaense*. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza Edições.
- Vilaça, T. (2014). A educação em sexualidade na escola como uma vivência de cidadania: alunos e alunas como agentes catalisadores da promoção de sexualidades saudáveis. In J. C. Magalhães & P. R. C. Ribeiro (Org.). *Educação para a sexualidade* (pp. 143-175). Rio Grande: Editora da FURG.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar da pesquisa referente à pesquisa intitulado *Sexualidade e conhecimento popular a partir do uso de garrafadas: Possibilidades de intervenções em Educação Sexual*. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é realizada por Evelanne Samara Alves da Silva, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (96)981217506 ou e-mail evelannesamara2010@hotmail.com. A pesquisa está sob orientação do Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado sobre os objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é: Analisar o uso de garrafadas como prática cultural resultante do saber popular e incidente na vivência da sexualidade no Amapá, propondo a utilização desta temática nas aulas de História e em Projetos em Educação Sexual.

Fui também esclarecido (a) que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Fui ainda informado (a) que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Macapá, AP ____ de _____ de 2016

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1- Com quem aprendeu a produzir as garrafadas?
- 2- Qual o significado da produção das garrafadas para a sua vida?
- 3- Qual o envolvimento dos mais jovens com a produção das garrafadas?
- 4- Você acha importante que os mais jovens conheçam sobre as garrafadas?
- 5- Quais os males ligados à saúde e a sexualidade que as pessoas buscam curar com as garrafadas?

ANEXO A – ENTREVISTA COM SUJEITO 1: MARIA

IDADE: 79 ANOS

Pesquisadora: Estava conversando com sua filha Dona Maria

Maria: Ela que deveria falar a Rita, porque ela é que prepara as garrafadas. Não é eu que faço, é ela que faz as garrafadas pras doença ou problema de barriga pras mulheres que querem engravidar

Pesquisadora: A senhora não faz?

Maria: Não, é ela é que prepara essas garrafadas

Pesquisadora: Ah sim....Ah tá...Eu pensava que a senhora fazia também...

Maria: Eu fazia muito mas depois eu parei de fazer, até pra asma eu preparava as garrafadas mas eu parei de fazer

Pesquisadora: Mas acho que a senhora pode me ajudar porque eu quero conversar com pessoas que faziamO seu nome é diferente né?

Maria: É diferente mesmo (lembramos que o nome Maria é fictício) que até eu me surpreendi, naquela geração de passado o pessoal botava mais nome fácil de chamar porque os meus pais não sabiam ler nem escrever, eu achei que o meu nome foi complicado para eles saberem

Pesquisadora: Tenho seu nome aqui, mas na hora de escrever eu não coloco, não se preocupe tá?

Maria: Não, eu não me importo porque já tou mais do que divulgada ai no grupo das parteiras

Pesquisadora: Ah sim

Maria: Todo mundo já sabe o que eu faço

Pesquisadora: ah...a sua idade você pode me dizer Dona Maria?

Maria: Eu fiz setenta e nove o mês...o ano passado já estou por dentro dos 80. Eu já tou muito conhecida por aí a fora, como parteira, benzedeira, ainda hoje eu tava no encontro das parteiras, na reunião do Capi e da Janete, lá em Macapá, sim, eles chamam as parteiras que foi eles que criaram, o grupo das parteiras

Pesquisadora: Do projeto das parteiras tradicionais....

Maria: Justamente...pois é foi eles que criaram isso e de vez em quando eles fazem a chamada das parteiras pra reunir, por que um bocado já foi cortada do programa, por causa que a gente recebia uma pensão, uma mensalidade, do trabalho que a gente fazia e não era remunerado né, então eles criaram isso para poder a gente ganhar um troquinho pra ajudar....porque a gente trabalhava como parteira qualquer hora do dia e da noite, a gente ia fazer parto na casa das mulher que tinham filho, era de noite era de dia, era com sol com chuva a gente sempre tava preparado para ir, depois que eles deram o material até sombrinha para a gente levar, mas esse meu tiket que eles deram de parteira eu eu....já foi doado para outras parteiras que faziam a função mais de que eu

Pesquisadora: Ah entendi

Maria: É

Pesquisadora: A senhora não faz mais?

Maria: Agora aqui no Curiaú o pessoal já prefere ir para maternidade que é perto né

Maria: A senhora nunca mais fez um parto?

Um um (balançando a cabeça negativamente)

Pesquisadora: Faz anos já...

Maria: Já, já tá fazendo anos que eu não fiz...

Pesquisadora: Mas antes se fazia muito parto né....

Maria: Era só aqui mesmo as mulheres que eu fiz parto tinha mulheres que eu fiz parto de cinco filhos de seis, só da comunidade

Pesquisadora: Ai depois vai tratando do parto depois que a mulher tem o filho trata com a garrafada...

Maria: É...fica oito dia cuidando da mãe e do filho e depois fazer garrafada para ir tomando durante os quarenta dias a tomar o remédio...É o resguardo para sarar e por causa da mãe do corpo e do útero da mulher para não ficar com problema

Pesquisadora: Ah

Pesquisadora: Dona Maria e as garrafadas com quem a senhora aprendeu a fazer?

Maria: Ah a gente é como diz...a ideia da gente, a gente às vezes aprende as coisas sem ver...sem ver alguém fazer as vezes é a ideia...porque sempre não é todas, porque tem muitas parteiras que tem o dom mesmo de parteira e tem ajuda divina então é por essa ajuda de espírito que a gente faz certas coisas que às vezes a gente nem lembra como faz.

Pesquisadora: Vai guiando né?

Maria: Vai guiando para pegar as plantas, para pegar os caules né...

Maria: É é, já fala quais são as plantas que é medicinal que é bom para fazer aquilo e aí a gente junta tudo e pila aquelas plantas bota numa garrafa e bota ou quando não é com vinho é com cachaça e álcool também que a gente... mas pra botar a cachaça a gente tem que queimar pra tirar o álcool da cachaça.

Pesquisadora: Tem que queimar é?

Maria: É a gente bota numa vasilha a cachaça e bota um pouco de açúcar e bota a cachaça dentro numa vasilha assim que dê pra coisa e tapa e bota e risca o fósforo e tapa para poder queimar tirar a fortidão da cachaça.

Pesquisadora: E isso sempre foi muito importante para a senhora...fazer garrafadas? É importante para a senhora?

Maria: Não só para mim como pra muita gente que tiveram filho de antigamente mas agora essa nova geração não fazem isso, eles não tomam isso

Pesquisadora: Não?

Maria: Hum hum (balança a cabeça negativamente)

Maria Eles não tomam antes de oito dia elas já tão andando por aí, como bicho aí, não tem resguardo, não tem nada, não se cuidam não...

Pesquisadora: Não se cuida mais como antes?

Maria: Não

Pesquisadora: E os jovens não se interessam de aprender sobre as garrafadas dona Maria?

Maria: Os jovens? Principalmente os homens não...

Pesquisadora: De aprender como é que faz?

Maria: Ahhh não, não, não eles não se interessam

Pesquisadora: A senhora começou a fazer quando dona Maria, jovem?

Maria: Não eu já tinha filho quando eu comecei eu já era mãe de filho quando eu comecei fazer tratamento como parteira eu já era mãe de filho

Pesquisadora: Quando a senhora fazia a garrafada, qual era assim a que mais as pessoas procuravam pra tratar dona Maria?

Maria: Era para problema de barriga, para asma, era a garrafada que eu fazia, para asma, para, mas quem faz pra asma não tem que saber

Pesquisadora: Hum...e as mulheres procuravam mais para quê?

Maria: Não a gente só fazia né depois que tinha o filho

Pesquisadora: Depois que tinha, antes não fazia?

Maria: Antes não, antes não tomava

Maria: E agora já tomam para abortar filho, a maioria já tão tomando para fazer aborto

Pesquisadora: Para engravidar elas não procuravam não?

Maria: A minha filha fazia. A Rita já fez várias garrafadas pra muitas engravidar

Pesquisadora: ...Mas a senhora fazia mais pro mal da barriga, o que era esse mal da barriga dona Maria? Males da barriga.... problema de barriga que a senhora fala?

Maria: É quando tá com inflamação

Pesquisadora: Inflamação na barriga?

Maria: É, inflamação no útero aí a mulher fica purgando né dá aquelas escurimento isso é inflamação que dá no útero e na barriga

Pesquisadora: Ah...Entendi... Mas quem procura é a mulher, Dona Maria, ou não?

Maria: É as mulher que procuram

Pesquisadora: Hoje em dia que a senhora falou que os jovens não querem mais tomar...

Maria: Os jovens mesmo não, é só as pessoas que tem idade e tem... quando se sentem com problema de barriga ai pede pra fazer e tomar

Pesquisadora: Ah entendi...então obrigada viu a senhora já me ajudou muito...

Pesquisadora: E como foi esse curso que a senhora falou das parteiras?

Maria: A gente foi chamada para ir fazer o curso das parteiras leigas dos interior e a gente foi pra lá, foi passar a experiência que a gente sabia para os médicos e os médicos disseram que eles iam passar a deles, e a gente ficou de passar a experiência dum pro o outro, mas teve foi só uma parteira que não quis aceitar quando por que cada dia tinha, cada aula a gente tinha que passar pelo um médico, por uma enfermeira, uma doutora e a doutora (cita o nome da médica) não recebeu nós e disse que ela não ia dar a experiência dela, eu digo, a experiência dela ela foi estudada e nós aprendemos sem estudar porque nos fazia sem estudo e muitos parto bom, muitos parto complicado e a gente mesmo com as oração com as ervas medicinais a gente tinha a gente realizava e dava tudo certo mas ela se achou que ela por ela ser estudada ela era mais sabia de que a gente né e teve uma época que eles também eles não acharam bom a gente receber eles porque eles é que eram médicos que deviam ser pagos não nós, mas isso aí é consciência divina que pesa também porque todo mundo trabalha né, todo mundo tem sua missão de fazer as coisas pelo outro, ajudar uns aos outros, e apesar que os o nosso trabalho ninguém...não era de cobrança ninguém cobrava nada muitos davam de consideração e por causa da luta que a gente tinha né ficar ali cuidando da mãe e do filho durante oito dias e então eles nos davam alguma coisa, outros não ficava só pelo obrigada e ficava por isso mesmo.

Pesquisadora: A senhora não tem ideia assim de quantos partos a senhora fez dona Maria, não dá para saber?

Maria: É primeiro eu tinha eu sabia, porque quando nós fizemos o estágio e deram um papel, um livro né para a gente ir anotando eu anotava tudinho os partos que eu fiz mas agora perdi a conta, porque muitas já são mãe outros já tão pai e ainda tá tudo vivo, as pessoas que eu fiz que eu peguei os meninas daqui já são mãe e outros já são pai, ainda tão tudo vivo

Pesquisadora: Esse projeto foi em 99 né dona Maria daquele governo do Capiberibe....?

Maria: Parece que foi e eles buscaram, muitas tinham medo de vim porque achavam que era para prender sabe que iam prender as parteiras porque naquele tempo a gente tinha medo de fazer e ser divulgada por causa de da gente ser castigadas pelas autoridade né, que quando o governador começou a fazer isso muitas tinham medo de vim ai a gente fazia todo mês fazia tinha uma reunião, todo mês tinha uma reunião era a gente era chamada pelo rádio, chamava as parteiras de tudo o que era interior e a gente fazia as reunião pra dar palestra mesmo, pros médicos dar palestra pra gente

Pesquisadora: A maioria dos médicos aceitaram, só essa médica que não quis?

Maria: Só essa que não quis! Foi só essa, já morreu e levou o saber com ela...não adiantou nada isso

Pesquisadora: A pessoa tem que trocar o saber...

Maria: É trocar ideia, trocar ideia, trocar ideia

Pesquisadora: Vocês sabem coisas que eles não sabem...

Maria: Justamente, olha depois que nós fizemos esse curso ainda teve um médico que veio aqui em casa me perguntar como era querendo que eu explicasse as coisas como era que a gente fazia eu disse “todo mundo tem um segredo vou te passar o meu segredo e o senhor vai e me passa o seu”, todo mundo tem os seus segredos e a experiência nem tudo que a gente faz a gente tem que falar como é que a gente faz

Pesquisadora: Hum...

Maria: É se eu fiz um parto que da primeira barriga da menina que teve um filho né nunca tinha tido um filho o primeiro filho dela veio errado porque ela nunca mandou puxar a barriga pra ver porque a gente sendo controlada pela a parteira a criança a gente sabe do jeito que tá, mas às vezes muitas não procuram

Pesquisadora: Não sabem nem como é que fica...

Maria: Não sabem como fica acaba às vezes a criança, às vezes tá de lado, tá de atravessado como o dela veio de bumbum as todo as perninhas para pode ele nasceu, foi botou primeiro um lado da bunda na nascença enquanto tinha que vim a cabeça veio a bunda, isso e as pernas tava tudo para de baixo assim....muito, muito complicado esse parto dessa menina, porque se fosse no hospital já tinha ido para a faca porque eu acho que eles não iam conseguir fazer aquele parto...

Pesquisadora: Entendi, Não iam saber como é que tava...

Pesquisadora: Ah...Esse projeto continuou dona Maria agora recente? Ele...ele acabou?

Maria: Ah para nos ainda não acabou porque de vez em quando olha hoje eu tava para lá

Pesquisadora: Mas é pelo ex governador né?

Maria: É pela Janete e pelo Capi então eles não acabam, eles vão dar assistência e estão revoltados porque agora no governo do Waldez ele cortou um bocado delas aí muitas reclamaram que não receberam que já foram cortado do programa e então eles vão reverter esse caso porque foi ele que criou esse projeto

Pesquisadora: Ah sim...

Maria: Pois é então eles vão reverter esse caso ele que criou o projeto das mães que tinha filho na escola também que elas recebem essa renda, renda para viver melhor e ele o outro governo não criou e então o que o Capi criou ele quer dar um basta ele quer acabar

Pesquisadora: Hum mas tem muita parteira ainda né dona Maria?

Maria: Era parece que tinha... foi tirada mil e pouco tinha mais de dois mil, duas mil parteiras

Pesquisadora: Dona Maria e gente que faz garrafada aqui na comunidade só era a senhora que fazia e a Rita?

Maria: É por agora é, aquelas que faziam já morreram agora por esses tempos, no momento agora só tá eu e ela

Pesquisadora: Só vocês duas

Pesquisadora: Que bom que eu consegui falar com vocês

Maria: Pois é

Pesquisadora: Tomara que dê tudo certo com esse meu trabalho. Ai eu venho lhe contar aqui como é que ficou posso?

Maria: Pode sim teve tanta gente que já fez esse papel que você tá fazendo...

Pesquisadora: Os jovens não sabem dar a informação...

Maria: Eles não dão, eles mandam para mim eu peço para o meu filho que ali do lado o Sabá o meu irmão Roldão o outro que é o João é nos que damo a informação, eles não dão

Pesquisadora: Eles não sabem?

Maria: Hum hum eles não sabem, eles tem vergonha de falar

Pesquisadora: O pessoal que estudam aqui ou o pessoal de fora é que vem procurar informação?

Maria: Teve um senhor que veio de são Paulo, uma turma aí ele passou uma semana, naquela época tinha um bocado de planta medicinais aqui no quintal e ele ficou pesquisando aí de cada planta

Pesquisadora: Ficou aqui na sua casa?

Maria: Não ele andava, é que ele vinha todo dia, ele andava aqui na vila pegando cada planta aí eu dizia pra que era a finalidade para que servia ai ele ia marcando levou cada planta ele anotava, colava tipo uma cola.

Pesquisadora: Levou embora?

Maria: Levou depois eles mandou o resultado pra mim dizendo que foi tudo positivo eles fizeram as pesquisa pelas as doença que era, ai deu tudo certo disso.

Pesquisadora: Então a senhora ajudou muita gente...

Maria: Ixi e muito mesmo...através desse estudo

Maria: Porque que eu acho que os que estudam eles não tem que se afastar dos que já sabem as coisas né...

Pesquisadora: E vocês já sabem já...

Maria: Pois é, não dão valor a gente tem valor pelos de fora, mas pelos da da comunidade, não reconhecem o que eu, a gente faz.

Pesquisadora: Como os mais jovens da comunidade?

Maria: É são desinteressados.

ANEXO B – ENTREVISTA COM SUJEITO 2: RITA

IDADE: 41 anos

Pesquisadora: Então Rita vamos começar nossa conversa sobre a garrafada, eu vou perguntando aí você vai respondendo e a aí gente vai conversando, eu pensei nessa primeira pergunta: Com quem você aprendeu a produzir as garrafadas?

Rita: Não, foi através de meu dom, por causa que tipo assim eu trabalho vou tirando as folhas e tirando as cascas e eles vão me ensinando como usar, tipo assim, eles eles sabem me guiar pra coisa certa entendeu? Tipo assim, ai no caso eu uso barbatimão, eu uso aroeira, eu uso é quina eu uso folha de uxi, eu uso mel, eu uso cabi que chamam e boto pra ferver tudinho esses pau junto e às vezes depende de cada problema a gente...eu...se for pra inflamação aí é isso aí ajuda, se for pra outro problema de problema como gastrite isso vai ser outro material, como vai ser canaficha, vai ser... leva mel, mas só que as folhas são diferentes vai ter arruda, catinga de mulato, é mastruz que já é tipo assim pra, como é meu Deus? Pra infecção urinária, aí isso que eu tô te falando...pra cada inflamação, no caso pra engravidar já é outro material, já é, só usa só o barbatimão que é para cortar o efeito da inflamação e o o o cabil, aí você já coloca já o azeite doce e coloca que é pra firmar, pra dá limpeza e coloca o... eu coloco água benta nesse meio.

Pesquisadora: Mas aí esse seu dom foi manifestado desde a juventude assim...como foi?

Rita: Não já foi, foi de agrado, já foi com uns 23 anos eu comecei a tipo assim, a sentir diferente eu fui fazendo as coisas eu comecei a sonhar e eu no caso eu sonhava aquilo eu contava e aquilo se realizava e tudo o que eu sonhava se realizava e tudo o que eu pedia outro dia pra mim e pra outras pessoas acontecia, aí foi daí que comecei a fazer banho às pessoas aí dar certo e fazer os remédios também e começou a dar certo, tipo assim eu fiz tipo um teste e graças a Deus ia melhorando e eu continuei que eu senti segurança que tava dando certo porque tipo assim eles falam pra gente o que tem que usar o que é pra cada coisa pra cada tipo de problema.

Pesquisadora: ai foi fazendo com as pessoas e ai ai elas foram falando...

Rita: é eu fui fazendo com as pessoas e ai foi dando certo, ah que bom graças a deus né...é

Pesquisadora: E assim qual o significado? Qual o significado pra ti, disso que tu consegue fazer...

Rita: Não eu me sinto feliz, eu me sinto agradecida, entendeu, porque você ter uma dádiva e conseguir um dom desses e ajudar para vários problemas que antes só era com a medicina que curava, não com remédio caseiro se torna no meu caso tenho ajudado mais gente mais rápido do que o remédio de farmácia então eu agradeço a Deus por tudo pela oportunidade que ele tem me dado de ter me dado uma sabedoria e dum dom desses.

Pesquisadora: Então Rita deixa eu te perguntar... quais os males assim ligados à saúde que as mulheres mais buscam tratar? O que as pessoas mais querem resolver em relação à saúde, primeiro de um modo geral e se puder falar das mulheres...

Rita: Não a maioria é resolver problema de relacionamento e saúde a procura maior é esse porque geralmente quando você tá com problema é de relacionamento afeta geralmente na saúde ou vice-versa, às vezes você tá com problema de saúde e você já mistura tudo, se tá bem com o relacionamento acaba complicando que você não consegue separar

Pesquisadora: ...uma coisa atinge a outra...

Rita: Né é que mexe justamente com o psicológico que no caso o psicológico tipo assim igual o nosso caso que tá com problema de saúde agora no momento muito e tô com problema de relacionamento eu misturo tudo

Pesquisadora: entendi...

Rita: Aí no caso para as mulheres o que eu aconselho justamente muita calma e paciência se você tá com problema de saúde, problema de relacionamento para você conseguir seu objetivo você tem que ter paciência e muita fé, porque para você tomar um remédio, no caso uma garrafada que eu faça se eu coloco a minha fé, tô me entregando por inteiro e você não acreditar ele não vai dar certo, só vai funcionar se você também tiver fé que você tá tomando pra sua cura entendeu?

Pesquisadora: Não é só a garrafada, tem que ter a fé se não....

Rita: pois é tem que ter a fé em primeiro lugar a fé acima de tudo.

Pesquisadora: Esses males da saúde das mulheres que você falou, são mais ligados à questão uterina é isso?

É porque no caso as pessoas que me procuram por problema de de uterino também quer engravidar, eu já ajudei muita gente a engravidar, mas eu sou sincera a feita do momento que você engravida geralmente vem um atrás do outro, porque já fez, já curou aquele problema que você tinha antes, por exemplo já veio umas pessoas aqui que o médico falou que nunca ia ter filho conseguiram engravidar eu fui sincera eu vou ajudar mas falo logo se você não se cuidar você vai ter mais de um porque aquele problema que foi curado tipo assim ele não vai impedir mais em nada você tá pronta para todos é para toda a gravidez porque já foi resolvido o seu problema

Pesquisadora: Ah entendi ai corre risco de ter mais....

Rita: Mais filhos que as vezes você quer engravidar que ter um e é difícil geralmente tem mais de um.

Participante: Em relação aos mais jovens, o que você pensa sobre os mais jovens para aprender sobre isso que a gente está falando, é importante, a escola ajuda?

Rita: Eu eu acho melhor...muito bom no colégio porque a maioria dessas crianças essas meninas jovens tão engravidando sem saber do que tá acontecendo elas fazem o sexo mas não imaginam que vai vim criança que vai ter filho, tipo assim fazem porque é gostoso você sabe que é bom entendeu, mas não imagina que de lá vem uma criança é é uma responsabilidade muito grande até então você comentando conversando no colégio elas já vão ter como saber lidar não vai totalmente resolver mas ela já vai ter tipo assim vai se cuidar mais e tipo assim ter mais cuidado com ela própria, porque a maioria dessas meninas novas tem problema de barriga e justamente na gravidez ou antes no período de menstruação....não se conhecem...tem que se conhecer, o período é justamente disso os pais hoje em dia tem que orientar os filhos porque uma moça de quatorze anos menos de quatorze anos já tá engravidando então você ajudar dando conselho explicando o que tem que usar ai ajuda bastante evita filho evita outros tipos de doenças transmissíveis. é que os jovens eles estão muito sem conhecer ne sem conhecer as consequências do sexo né....é porque ele só vê por fora, dentro é difícil e a gente que tem um dom desses a gente tem um dom para ver dentro e ver fora porque a gente tá vendo aonde tá a gravidade do problema e eles não se dão conta eles acham que o que tá bem fora dentro tá a mesma coisa, não é a mesma coisa porque o organismo é diferente

Pesquisadora: Também vejo que é muito importante. Aí então quero agradecer né pela conversa, eu vou te falar como é que tá meu trabalho sempre. A minha ideia é criar um projeto para trabalhar na escola sobre isso né.....

Rita: Muito bom muito bom....

Pesquisadora: sobre a importância de conhecer seu corpo sobre a importância de conhecer os remédios...

Rita: Conhecer a realidade da vida porque essas meninas novas não conhecem as plantas medicinais elas não sabem para que servem elas olham assim elas pensam que é uma brincadeira a gente manda tomar cura muito corrimento que tem crianças que nunca teve ralação e tem corrimento e esses fazendo o chá elas conseguem se curar e fazer o asseio ele

cura, é muito importante porque as vezes tem o conhecimento tão perto e não conhecem aproveitar esse conhecimento né...se torna perto e ao mesmo tempo distante....porque não tem como não tem o conhecimento.

Pesquisadora: Sim

Rita: Então é isso...

ANEXO C – ENTREVISTA COM SUJEITO 3: ANTÔNIO

IDADE: 56 anos

Pesquisadora: O senhor é de onde seu Antônio? É daqui da cidade? De perto...

Antônio: Sou maranhense

Pesquisadora: Chegou faz tempo aqui no Amapá?

Antônio: Eu moro a trinta e cinco anos aqui em Macapá, ao Perpétuo Socorro, bairro Perpétuo Socorro, eu viajo mas volto ao Perpétuo Socorro

Pesquisadora: Ah sim, qual a sua idade seu jacinto?

Antônio: A minha idade, eu cheguei contar até os cinquenta de cinquenta em diante esqueci a idade

Pesquisadora: Ah tá bom

Antônio: A gente esquece a idade passar de cinquenta a gente esquece

Pesquisadora: Ah tá bom

Antônio: Não eu tenho cinquenta e seis anos vou fazer agora no dia vinte e um de abril vou fazer cinquenta e seis

Pesquisadora: Ah sim, seu Antônio e com quem o senhor aprendeu a fazer as garrafadas?

Antônio: Eu aprendi que eu sou filho de índio com negro, a minha mãe é guajá, índio guajá lá da região de Barra do Corda aí a gente vem de descendência já de família não sabe, de minha mãe para cá minha família trabalha sempre trabalha sempre com ervas naturais que sempre os índios ele busca o recurso ao lado da saúde sobre a natureza, antigamente, hoje não porque os índios, o índio, porque o próprio governo ele está tirando o direito deles trazerem do interior para a cidade abandonando a riqueza deles, o conhecimento deles com o da cidade que eu acharia se o Governo Federal quisesse ajudar os índios ele quisesse fazer algumas coisas ele botava ele lá e botava quem pudesse ensinar ele lá dentro para ele não perder os costumes dele, não é trazer para a cidade não, porque hoje daqui uns tempos o nosso bisneto se você falar em índio ele não vai saber nem o que é índio, ele vai achar que era uma lenda, porque eles estão tirando os índios da natureza e tá acabando mas não sabe quanto estão perdendo tanto nós como eles, porque os índios preservam a natureza, preservam os animais da floresta e tudo.

Pesquisadora: Entendi. Aí o senhor foi aprendendo da sua família mesmo?

Antônio: Da minha família mesmo,

Pesquisadora: Foi passando de avós para os pais...

Antônio: ai vem vindo

Pesquisadora: ...para filho

Antônio: Neto, pai...a gente tá indo, a minha mãe ela tá com noventa e poucos anos

Pesquisadora: Ela mora lá no Maranhão?

Antônio: Mora no Maranhão, ela enxerga bem, ela conversa bem, a minha mãe já teve dois AVC (Acidente Vascular Cerebral), mas se tratou com remédio do mato, tu não vê sequela alguma nela, porque remédio de boutique, remédio de farmácia, de médico não cura AVC, você pode tomar ele melhora mas se não ser o remédio do mato tudo bem, o remédio da farmácia ele te deixa sequela, você vai ficar com uma coisa, você não vai controlar os seus nervos nem nada porque você acha que o remédio da medicina traz recurso para o AVC não, você vai buscar o mato, a natureza como nós temos gergelinho, nós temos, aliás muitos tipos de coisas, a pula contra, pula do mato, jalapa, tudo traz sobre a benefício do AVC, como nós temos também a marapuãma que ajuda também a controlar os nervos também vale para o AVC, o cipó Pucá, a gente faz o banho, vai puxando os nervos deles fazendo simulação, alongamento dos nervos, não é dizer assim, porque os médicos, químicos eles não gostam dos homeopáticos das pessoas que trabalham com produto natural, eles não gostam, eles acham

que isso aí é coisa satânica, é ralado ter um médico, médico mesmo da medicina ele amar a natureza eu não sei porque isso, porque todos os produtos químicos é tirado da substância da natureza mas eles acham que não, mas aí ele se ele for buscar o conhecimento o produto, produto químico foi tirado da natureza, todos os benefícios foi tirado das ervas medicinais, mas ele não é a favor, eles sempre eles nós, se nós chegamos lá ao lado de um médico que ele é formado nas faculdades é graduado pós graduado essa é a palavra ele já nos traz como coisa satânica, aí eu digo se é coisa satânica como tem nas drogarias? Como foi tirado daqueles produtos? Eu não acho correto isso aí, eu acharia que cada uma pessoa tem o direito de respeitar o espaço do outro e ter ética no trabalho, porque se você não tiver uma ética no seu trabalho você não é um bom profissional, eu sou vendedor de produto natural, trabalho com produto natural se tiver outro vendedor de produto natural se ele faz o serviço dele, eu não vou chegar e dizer que ele trabalha mal, eu falo assim fulano trabalha bem, porque a palavra mais inferior para mim é a palavra eu, a palavra mais importante para mim é tu trabalha bem e nos profissional que trabalhamos para o lado da natureza temos que honrar respeitar um ao outro o espaço do outro se ele tá trabalhando ali com aquele produto é porque Deus deu um conhecimento para ele e ele tem que respeitar um ao outro, o mal profissional se ele chegar e tu tá fazendo aqui esse objeto aqui para uma pessoa ele vai dizer “poxa tu tá trabalhando” vamos supor...tu tá...como é teu nome:

Pesquisadora: Evelanne

Antônio: “Evelanne esse cara não sabe Evelanne ele vai só ganhar o teu dinheiro” eu sou o mal profissional. Se tu chegar e me procurar “Antônio ele trabalha bem?” Eu digo “rapaz eu acho que ele trabalha”. Meu dever não é ir te derrubar porque se eu for te derrubar tu que saiba que quem não presta sou eu, eu não gosto disso, o meu amigo que trabalha bem, mas eu respeito gosto sempre de respeitar para mim ser respeitado porque quem quer respeito começa de si mesmo para poder ser respeitado.

Pesquisadora: Entendi.... Então seu Antônio o senhor vende os produtos, assim qual o significado disso para o senhor, a importância, o que que o senhor pensa do que o senhor faz?

Antônio: Eu penso em vamos supor, aliviar os problemas daquelas pessoas é... eu me sinto bem quando eu preparo, apronto um produto ai o meu cliente se sente bem, eu não quero saber de fama, eu quero saber que aliviei as dores mas também não é importante como eu vou vender isso aqui e dizer você vai ficar bom porque nós, qualquer um que trabalhamos com produto natural não vai te vender o produto e dizer “toma o produto que você vai ficar bom”, nós não podemos garantir, nós dissemos assim “esse produto aqui é bom”, “o pessoal usa e tem se dado bem”, mas também eu não posso dizer pra ti que você vai tomar e ficar boazinha, alguns que trabalham com produto natural se ele chegar e te garantir isso aí não acredita, não acredita, ele tem...você tem que acreditar naquele que diz, “olha eu não sei”, muitas pessoas já se deram bem, porque organismo o meu e o teu é diferente, talvez dá para mim e talvez não dá, não dá para você, aí já vai dar para outras pessoas porque o organismo é diferente e tem cada um tipo de... vamos supor, deficiência que a pessoa tem, doença, aí de acordo seu organismo e o remédio que você pode tomar, porque tem vezes que eu posso tomar um remédio eu sinto o mesmo problema, você sente o mesmo problema, mas aí você já tem alergia a algum produto, é natural mas faz mal, não vai pensar que esse produto porque seja natural, seja natural ai você vai usar ah é natural não faz mal, não, você tem que saber toda a dosagem como você vai fazer, como você vai tomar e quando você for pedir assim uma orientação que você poderia manipular o seu medicamento você não sabe se aquela pessoa tem mesmo conhecimento se ele tem preparação para poder saber o benefício, é como muitas pessoas aqui na região Norte usa mastruz com leite para benefício de quebradura de verme de tudo, mastruz com leite não é remédio, mastruz com leite não é em benefício, mastruz com leite é uma complementação alimentar e o leite ele corta o efeito, até quando a pessoa toma um remédio, um veneno ai ele tá envenenado a gente diz dá um pouco de leite, para tu ver... o

mastruz se você for tomar para uma verme para uma coisa você tem que tomar ele sem leite porque o leite corta o efeito e não pode abusar, tem que ser aquelas dosinha pequena, é natural, sim é natural não faz mal, se não fazer bem mal não faz, não senhor faz, você tem que saber fazer a dose, se você for fazer um chá de quebra-pedra para os rins, tu pega dez gramas de quebra pedra, dez gramas de quebra pedra com raiz com tudo, pega lava bem lavadinha aí escorre aí faça o chá, dez gramas é um litro de água aí você cõa aqueles dez gramas, aquela água e enche o litro aí bebe o dia, o chá de hoje você não pode deixar na geladeira para beber amanhã, como tem gente que pega um chá deposita dois, três dias, não pode, sabe porque aquele chá vai fermentar, que ali não tem conservante, aí você... chá você fez hoje, bebeu hoje, você não pode pegar um chá fazer hoje deixar numa garrafa e beber dois ou três dias, aquele chá completamente é para beber hoje, se você puder fazer, toda a vida que você puder fazer o chá e beber seria melhor, não guardasse, não acumulasse, dois três dias porque logo ele vai fermentar, se você pega essas folhas põe de molho hoje amanhã ela não tá fermentada? Ela não vai lhe fazer bem, ela já vai lhe fazer mal porque você não botou o conservante, aí se você já botou o conservante o conservante já vai passar por um lado químico, aí já não é mais natural, já tá com algumas coisas, aí tem muita gente que já não poderia tomar o conservante por causa do conservante, porque ele estraga o fígado, estraga algumas coisas, que nem o refrigerante tem conservante, nem todas as pessoas que tem sofre gastrite poderia tomar o refrigerante como a coca cola que a coca cola é a mais querida, não para todo mundo, é certo...cada organismo tem o tipo de você respeitar e quem trabalha com produto natural também tem que não abusar com o cliente, “ah porque o fulano tomou!” porque o fulano tomou a dose minha e tua não é a dose de uma pessoa de setenta anos não, você tem que reduzir, a dose de uma pessoa de setenta anos é que nem de uma criança de menos de dez anos, não vai dizer, não é o mesmo... Não senhor e tem vezes que tem uma pessoa adulto que ele não pode tomar uma dose de um adulto porque o organismo dele é mais fraco aí ele tem que diminuir reduzir e os pessoal que trabalha com produto natural ele tem que saber respeitar e tem que ter conhecimento, saber se a pessoa tem o...vamos supor...tem capacidade de usar...se você vai passar um remédio para um produto natural, um xarope desse daí para uma pessoa que ele é para fazer laxante você tem que perguntar se tem o organismo forte ou fraco, tem gente com três, quatro *pula contra* ele tá direto no banheiro e outros que tomam até cinco seis não, aí você tem que saber é...manipular, administrar o remédio para ele para não errar, não fazer mal, se não trazer benefício, mas também malefício não traz é isso que eu te digo, é que nem a rodada do chá, nós temos faz um chá, muitas pessoas quer fazer um chá fazer esse chá aqui (aponta para um pacote com ervas que está em exposição para venda) aí eu peguei coloquei dentro de uma vasilha, abafei, aí acaba eu vou tomo, não, se eu fazer um chá eu pego umas três folhinhas dessa aqui aí eu boto dentro numa xícara, venho com água fervendo aí abafó vinte a trinta minutos eu vou cõo e tomo, porque tem gente que acha que é ferver, ferver não é benefício, ferver sim, se você quiser espantar algum inseto, carapanã, muriçoca aí você pode ferver erva cidreira o ferver o capim porque aquele odor ele espanta o mosquito da carapanã e vários outros tipos de inseto, aí você pode botar para ferver que é para tomar conta do cheiro da casa mais o resto, aí muitas pessoas acham que não que toda vez é assim, a rodada de chá, quando eu vou fazer a rodada de chá, que eu tenho uma preparação sobre chá, eu tenho oito horas de chá, vários tipos de chá, porque muitas pessoas pensam que fazer chá, muitas pessoas idosas fazem chá, é só botar para ferver, não, não e você não pode deixar o chá ferver bem para ficar bem forte não, porque ele vai lhe fazer mal, tem que ser sempre aquela dose, bem...(Faz um movimento com as mãos que indica suavidade)

Pesquisadora: entendi...

Antônio: bem...vamos supor para lhe trazer benefícios para as pessoas porque se você faz mais forte ele vai lhe fazer mal e prejudicar e assim vai indo

Pesquisadora: Seu Antônio, como é essa preparação que eu não entendi que o senhor tem?

Antônio: A preparação é a manipulação, vamos supor, eu vou manipular um remédio aqui bacana, eu vou manipular esse aqui, eu vou manipular a preparação que nós chamamos de preparação aí esse aqui eu vou, como é, esse aqui é o composto intestinal (apontando um produto), esse composto intestinal é nós temos, alcachofra, chapéu de couro, cavalinha, carqueja, espinheira santa, ipê roxo é... é... jurubeba, ai temos é quebra pedra, cana do brejo, quina e japecanga, é como nós temos o alcachofra, o chapéu de couro ele serve em benefício de pele, mancha na pele, a camomila é um grandioso calmante até para a mulher que tem cólica, o carqueja serve para limpeza de pele, serve para esmagrecer, queimar gordura, a espinheira santa serve para o estômago, para gastrite, para vários outros tipos de coisa assim, o ipê roxo serve para problema de inflamação, do ovário, útero, trompa é... próstata e até para o câncer, tanto faz a casca como qualquer tipo de coisa e isso aqui é a manipulação dele que a gente manipula

Pesquisadora: Ah entendi

Antônio: É...é ai a cavalinha serve para aquelas infecção, urinária, infecção urinária que você vamos supor tem aquelas infecção urinária, faz aquele chá da cavalinha ai ele solta ele alimpa os canal urinário e ajuda a purificar o sangue

Pesquisadora: Entendi.

Antônio: Entendeu?

Pesquisadora: Entendi...é a composição usada na mistura

Antônio: Ai a gente faz a dosagem.

Pesquisadora: O senhor faz também seu Antônio os remédios, porque o senhor vende os produtos já feitos também...

Antônio: E eu faço também, algumas manipulações quando as pessoas querem que eu faço caseira e faço

Pesquisadora: Ah sim...

Antônio: É... ai sim

Pesquisadora: O senhor faz desde quanto tempo assim esse trabalho?

Antônio: Ih, já desde muito tempo, muitos tempos já, como esse lambedor (mostrando o produto) a gente faz também, esse lambedor de cupim, olhe vamos supor, se eu for fazer um chá de quebra pedra, só o quebra pedra eu boto dez gramas, se eu for fazer o chá de quebra pedra com canafixa eu boto cinco grama de canafixa, cinco grama de quebra pedra

Pesquisadora: Ah entendi, vai distribuindo os elementos...

Antônio: É que é para dar dez gramas, se eu for fazer quebra pedra e cavalinha e canafixa já, são três produtos, aí eu tenho que reduzir aqueles três produtos que é para dar só dez gramas, se eu for botar, cavalinha, canafixa é quebra pedra e carqueja eu tenho que botar duas gramas e meia de cada das dez gramas e eu se eu for aumentando eu tenho que colocar só um pouquinho para ficar só aquele totalzinho de grama para dar só dez gramas ara um litro de água, eu não posso esforçar, colocar, colocar, colocar aquilo ali não, não, ahhh...porque, sim o que não faz mal é natural, mas também o que não faz bem, mas faz... o que não faz mal faz bem, não eu tenho que saber que eu estou abusando daquele produtor e estou botando demais ai a minha manipulação em vez de fazer bem, vai fazer mal e a gente que trabalha tem que ter grande responsabilidade como é que você trabalha, como você manipula, então um lugar adequado para você limpar, ver as ervas onde você está pegando, se é uma erva num lugar bem limpo, bem arejado, cuidado para você não pegar umas ervas em cemitério, perto de esgoto, perto assim de canal onde joga bicho podre, ai você: olha achei o quebra pedra, vou levar, não vê onde você está arrancando e vê na mão de quem você pede para trazer para você se ele tá trazendo de um lugar seguro, se ele tá trazendo de um lugar seguro, talvez ele tá trazendo de um lugar contaminado em vez de trazer benefícios vai trazer mais malefícios para você, tem que saber se aquele produto é de um lugar bem seguro, porque vai dizer, não

porque é isso eu vou lavar, escaldar aquilo ali, tirar a bactéria, não senhor às vezes você pensou que está fazendo o bem tá lhe fazendo mal, tá trazendo mais consequências para você

Pesquisadora: Entendi

Antônio: Quando você for pedir umas cascas de algum lugar você preste a atenção onde tem porque tem muito olha, se eu quisesse quebra pedra, qualquer coisa eu pegava muito aí mas não, ah! Mas não, isso aí faz bem! Não! Tem que saber se eu tô pegando de um lugar seguro porque eu quero que o meu cliente venha e sintam bem, eu acho bacana quando o cliente vem me agradecendo, olha Antônio eu me senti muito bem eu fico muito satisfeito, agora quando o cara chega ô Antônio me senti muito mal, não! É que nem eu trabalho com massagem eu sou massoterapeuta eu acho bacana, eu acho bacana quando eu trabalho, venho de uma sessão de massagem e o cliente acha bem, no entanto que meu cliente vai hoje, volta de novo porque eu gosto de fazer, não é o meu prazer, é o prazer dele e eu trabalho com a profissão do que eu gosto, do que eu gosto, eu não trabalho com a coisa que eu não gosto, eu não me interessou que eu ganhe o mundo de dinheiro não, eu quero saber que estou trabalhando no que eu quero, no que eu gosto, no que eu amo e tenho prazer

Pesquisadora: O senhor lembra assim as primeiras vezes que o senhor começou a trabalhar assim com ervas, o senhor tem essa lembrança?

Olha nós, a primeira vez tem uma senhora que ela vinha com um problema, senhora assim né, aí esse problema e ela já tinha feito curetagem, feito o diabo, não sei que mais, feito em Terezina, feito em Codó, teve não sei aonde, vários macumbeiros, macumbeiro tem ao modo de chegar, também eu não acredito mas também respeito de dizer assim, ah tá era macumba tal o benefício que ela teve foi o assa peixe, esse assa peixe, esse assa peixe eu comecei ler, valia para inflamação de útero, ovário, trompa, ou seja e para outros tipos de coisa assim ela foi tomando, tomando, hoje ela já está com um pouco de idade tá sadia, através disso aí eu ensinei como era o chazinho, aí outras que eu ensinei em imperatriz também, uma senhorinha já tinha feito quase as mesmas coisas, raspagem, curetagem tudo eu ensinei para ela, já ouviu falar no confrei? Confrei? Aqui no Museu tem, no Museu Sacaca aí eu ensinei para ela a fazer o chá de confrei, ensinei para ela tudo, ela ficou boazinha onde ela me via ela me agradecia lá em Imperatriz isso aí eu fiquei muito satisfeito e ela passou a ser uma parenta minha, porque ela quando ela me via Ave Maria. Ô meu Deus eu vivia numa dificuldade, mas não foi eu que fiz, foi Deus que deu o conhecimento para mim mostrar para ele, ensinar para ela, não fui eu foi Deus, muita pessoa diz Ah! Tu me ajudou eu digo não te ajudei, quem te ajudou foi Deus, eu não tenho ladainha, eu não tenho pai nosso, não é nada, eu não sei nem rezar, acredito em Deus, acredito em Deus porque o que eu tenho de conhecimento e tô olha eu tô buscando mais através que Deus está me ensinando, eu peço a Deus, quando eu vou passar algum produto natural para ti, primeiro eu peço a Deus autorização ele me dá mais um conhecimento e aquele que eu for fazer em benefício para ajudar a cura daquele paciente que eles tem, paciente não, cliente, é isso.

Pesquisadora: Seu Antônio e o que o senhor pensa dos jovens se eles se envolvem com a produção e para entender melhor a finalidade desses remédios caseiros ou não? O que o senhor pensa a respeito dos jovens em relação a esse assunto?

Antônio: Olha em relação desse assunto sabe o que é os nossos governantes, qualquer um eles tem que saberem eles poderiam botar assim uma divulgação mais do conhecimento, uma disciplina nas escolas para saber como eles buscaram a natureza, qual é o remédio em benefício, qual o malefício tal, eu acharia a importância já para os nossos governantes que eles poderiam botar como uma disciplina sobre o conhecimento da natureza, é importante para os jovens, para os idosos e ter aqui acolá assim um seminário, quem quisesse pudesse buscar conhecimento e buscar mais conhecimento da natureza, porque se tu mora lá no interior, lá não tem uma farmácia mas tem muitas ervas medicinais que serve de medicina, que serve de remédio para eles, aí ele não pode vir aqui lá ele pode fazer o remédio dele, ter a farmácia

dele ao quintal dele, se não dá de fazer um quintal, assim, em cima de uns vasos de algumas coisas, eu acharia que os nossos governantes deveriam fazer o benefício de alguma disciplina algum seminário em um conhecimento, mas para a gente conhecer as ervas medicinais e ter palestra em cada bairro em cada centro comunitário ensinando para que serve isso para que não serve isso, é que nem a abóbora, a semente da abóbora ela serve para verme é serve para verme, depende de tu saber fazer os benefícios dela, olha a verdura, muitas verduras, um vendedor de verdura desse aí vende mas não sabe para que significa a verdura, como o agrião, agrião nem todas as pessoas podem comer agrião, se é uma mulher tu tá grávida, aí diz aí “quero o agrião”, tu tá com dois três meses de grávida aí eu te vendo agrião, agrião é abortivo, nem toda a mulher gestante, mulher gestante não pode comer agrião, mas o vendedor aí ele não sabe, ele não sabe explicar, porque eu gosto de explicar, tu chega aqui tu quer comprar um objeto, tu sofre de diabete, “ah eu sofro de diabete” eu digo: “Olha esse produto tu não pode usar” como esse produto aqui olha (aponta um produto que está na exposição para venda), a mulher gestante quem sofre de diabete não pode usar, o que sofre de diabete pode usar para fazer uma massagem, se é para dor de cabeça, enxaqueca e vários tipos, mas beber já não pode e o vendedor de produto natural ele tem que conhecer não é só vender não, e as pessoas que compram o produto natural cuidado de comprar desse pessoal que anda com a mochilinha nas costas tem deles que pode ser verdadeiro, sim ou não, cuidado, muito cuidado, vê se ele tem conhecimento, vê se aquele tipo é o tipo, porque tem vezes que como tem uma veia de cumaru aqui falso é ai tem gente: “Ah eu tomei esse cumaru não fez bem”, vamo ver, tá com rótulo tudo, rótulo mais aí é a gente tem saber se aquele daqui é aquele cara que fez, que manipulou aquele produto se ele tem responsabilidade, se tem conhecimento é isso que eu te digo, é muito sério, não é dizer “ah porque é natural se não fazer bem, mal”, não, faz mal sim senhor inté a comida se tu comer demasiado não te faz mal?

Pesquisadora: Humhum

Antônio: Pois é tudo isso

Pesquisadora: Seu Antônio o que que as pessoas procuram mais assim quantos mulheres, quantos homens o que é que eles procuram mais se tratar com esses remédios caseiros?

Antônio: Olha de acordo a idade, tem gente tem homem, todo homem sempre tem a próstata, ai tem deles que procuram muito remédio para uma parede à próstata para não desenvolver de ter tem outros procuram para colesterol, uns para diabete ai vai indo, outros problemas de dor nas costas e outros tipo de coisa assim que a gente não pode tá...

Pesquisadora: Hãham entendi...e as mulheres?

Antônio: É, as mulheres sempre é inflamação em geral, inflamação em geral, outras diz “ah eu quero engravidar tal mas eu tenho problema e tal”, aí tem que tratar o ovário, útero, cisto, mioma aí o tipo de alguma coisa, porque se ela não tiver preparada, não tiver sadio ela não vai conseguir, aí tem que fazer um tratamento primeiro para poder ter benefício em engravidar e algum tipo de alguma coisa, porque se ela não fizer isso aí ela não vai conseguir ela tem que fazer um tratamento direto tem que fazer mesmo com ervas naturais, fazer asseio vaginal, a mulher tem que ter uma ducha para fazer o seu asseio, tem muitas mulheres aqui que tem quarenta, cinquenta anos, que pergunta “tu tem uma ducha”? ela diz “o que é isso”? Ela não sabe o que é uma ducha, a mulher tem que ter uma ducha e o asseio não é só para a mulher não inté para o homem e tem o homem que diz “olha isso é para tal assim...”

Pesquisadora: A ducha é...

Antônio: A ducha ela é uma coisinha assim, quase que nem aqui ó (faz um gesto representando o objeto), mas é como uma bolinha, ela é assim aí tem o bicozinho aí tu faz aquele aquela lavagem, aquele asseio e enche e acaba e injeta, ela é molinha aí tu injeta aquilo ali, a ducha é isso para você se tratar aí a ducha você pode botar verônica, barbatimão unha de gato, pode botar esse jucá, pode botar algumas coisas que ajuda aí vai coar ai enche a

ducha para fazer o asseio, assento, se não tiver a ducha pode fazer um assento numa banheira, senta ali para fazer um assento aí demora ali um tempo para lavar suas partes íntimas que o homem ou a mulher ele não ter que ter vergonha dele mesmo ele tem que se assear, para não, depois se ele ter vergonha dele mesmo não se assear ele vai ter vergonha de outro, porque vai dizer assim “poxa tu não te zela cheio de pano branco, cheio de impingem”, aquelas partes velha preta aqui assim, nós temos que se assear, não é dizer assim que é a gente querer ser, não, que a higiene ela faz parte da saúde, ela faz parte da saúde, agora se você não tem higiene nada de saúde.

Pesquisadora: A higiene as pessoas não fazem...

Antônio: Pois então poucas pessoas que faz. Aí já acarreta outros males mais graves...é..é você...a higiene ela faz parte da área da saúde, não é vaidade

Pesquisadora: É bem-estar da pessoa...

Antônio: É bem-estar da pessoa

Pesquisadora: O senhor é massoterapeuta também?

Antônio: Trabalho com massagem, tô terminando o curso de massoterapia, técnico em massoterapia.

Pesquisadora: Ah sim

Antônio: É

Pesquisadora: Então quero agradecer o senhor, a minha pesquisa ela vai encerrar em julho do ano que vem só que eu sempre vou estar vindo em Macapá porque a minha família é daqui...

Antônio: Aquele menino é teu tio...

Pesquisadora: É meu tio..é irmão da minha mãe

Antônio: Eu sei

Pesquisadora: Ai eu venho para cá em julho, em julho o senhor vai estar aqui?

Antônio: Em nome de Jesus!

Pesquisadora: Então venho lhe dar notícia como é que tá meu trabalho...

Antônio: Eu já tenho um trabalho para o Rio de Janeiro já, na UNIFAP (se refere à Universidade Federal do Amapá) que já pegaram já sobre produto naturais

Pesquisadora: Eles estão valorizando né?

Antônio: Mas eles tem que valorizar, porque todo o medicamento daqui da natureza, do planeta terra químico é tirado da natureza, ou que queira ou que não é retirado da natureza, ou de um animal de um qualquer tipo de uma planta dumas ervas medicinais mas é tirado da natureza, não é dizer que ele vem totalmente não, apenas a radiação que vem do ar algumas coisas, mas para nós faz benefício

Pesquisadora: entendi sempre sai dos produtos naturais os princípios né, independente se é de farmácia....

Antônio: Mas é natural

Pesquisador: Na hora de eu escrever meu trabalho o senhor prefere que eu deixe anônimo o seu nome ou não?

Antônio: Pode colocar, nome se quiser colocar meu nome, se quiser colocar até o meu endereço pode.

ANEXO D: ENTREVISTA COM SUJEITO 4: BENEDITO

IDADE: 58 anos

Pesquisadora: Então vamos começar nossa conversa seu Benedito, eu queria primeiro saber como o senhor assim aprendeu a fazer esses remédios caseiros né essas garrafadas? Com quem o senhor aprendeu? Como foi?

Benedito: Meu avô, meu avô fazia por parte da minha mãe, o pai da minha mãe

Pesquisadora: Ah

Benedito: Aí eu era pequenino na época ai ele mandava tira o pau pra, aí eu ia lá tirava tal pau tirava, ai eu tirava para ele ai na época esse remédio caseiro não tinha saída como tem hoje né, ai levava para a feira lá vendia ai eu aprendi e fiquei eu morei no interior assim mas quase não trabalhei em roça trabalhei mais com remédio

Pesquisadora: O senhor veio para Macapá quando seu Benedito?

Benedito: Em Macapá eu cheguei aqui em 96

Pesquisadora: Ai já ficou aqui no bairro Marabaixo?

Benedito: Não daqui eu me mudei para Laurindo Banha, do Laurindo Banha eu fui para o Canal do Jandiá, ai do canal do jandiá foi que vim para o Marabaixo

Pesquisadora: A sim...e muita gente procura o senhor?

Benedito: Procura

Pesquisadora: É muito procurado...

Benedito: Muito procurado

Pesquisadora: Já tem as pessoas que vem sempre?

Benedito: Tem, tem eu mando para São Paulo remédio eu mando para o Rio, tudo eu mando, mando para Manaus, mando para Rondônia.

Pesquisadora: O senhor mesmo que faz aqui?

Benedito: Eu faço aqui

Pesquisadora: Hum...

Benedito: O que é mais ruim assim é porque eu faço é manual né ainda não deu assim condições de comprar um maquinário para você engarrafar não eu pego por encomenda ai eu faço para a pessoa vim pegar e tomar

Pesquisadora: Hum hum a pessoa vem pega e manda

Benedito: É por exemplo olha para câncer, câncer cura muito o câncer é hoje o quê, a aroeira, a catingueira, o uxi amarelo, arapoãma, catuaba, para câncer, qualquer tipo de câncer cura

Pesquisadora: Tem muita saída...

Benedito: Tem

Benedito: Se for para gastrite você usa o memelera é um pau que tem no Nordeste, ai então vem de avião vem caro

Pesquisadora: Hum

Benedito: É ai eu peço de lá pra fazer para gastrite, pneumonia, é muito difícil acho que desde que eu faça remédio eu me lembro que uma pessoa morreu porque eu não dei garantia já tava muito avançado ai não tinha jeito mas o resto tudo, olha para mulher ter filho, tem mulher que se bate com médico, eu faço a primeira se tomar a segunda mas é difícil, na primeira já fica grávida já...uma vez ali em Santana aquele menino da casa da Armota, a mulher dele não engravidava ia pro médico ia para o médico eu digo eu faço fiz lá teve logo parece foi dois logo... eu faço

Pesquisadora: Ai o senhor tira as plantas daqui mesmo né?

Benedito: É um bocado tem aqui outro eu peço do Nordeste vende muita casca já

Pesquisadora: Já vem pronto...

Benedito: Já sim a baruêra você compra lá embaixo (comércio da cidade, no bairro central), o jucá jucá eu tenho um pé aqui atrás que eu até já plantei, então o pessoal daqui ele não liga muito para plantar e o governo se tu for pedir empréstimo de terra ele não te dá tanta terra que tem pode plantar bastante ó que socorria muita gente porque porque até você chegar pro médico às vezes você chegar o médico não tá, ai “tal dia tu vem”, até tal dia a doença tem desenvolvido bastante né?

Pesquisadora: A doença vai ganhando espaço...

É vai ganhando espaço...olha isso aqui (apontando para uma planta) isso aí eu plantei também aqui olha alecrim, serve para que serve, serve para fazer chá serve para defumação, porque cada um causo é uma doença diferente para por exemplo tem gente aqui que vem o médico passa certo o remédio mas não é pro médico às vezes é pra fazer asseio aí lá vai desfazer mas eu tenho as plantas pra desfazer olha isso aqui arapuruzinho perto disso ai ó (apontando vasos de plantas) tudo é planta de remédio

Pesquisadora: O Senhor pantou...

Benedito: Planto tenho que plantar

Pesquisadora: Seu Benedito e qual o significado disso (a produção das garrafadas) para sua vida, assim... como é que o senhor se sente podendo fazer esse conhecimento?

Benedito: Eu me sinto assim feliz, feliz porque deu ver uma pessoa gritando com dor e dez vinte trinta minutos você tá alegre e satisfeito a gente não faz assim por amor ao dinheiro não, às vezes tem gente que não tem condição eu faço de graça e dou mas é o meu dever é fazer que a pessoa fica boa quando tem dinheiro ele dá quando não tem o que pode fazer? Né. É porque não tem vai deixar morrer? Não, faz. Aqui eu fiz muito remédio para aquele finado Sacaca, Sacaca eu...morava no Zerão na época Sacaca ia lá comigo contava a história ai eu fazia ai botava na garrafinha... um senhor que era muito bacana pagava direitinho.

Pesquisadora: Esse seu aprendizado foi de ver o seu avô fazer e hoje em dia o senhor vai buscar? Como é que o senhor vai buscando aprender assim?

Benedito: Hoje eu já sei tudinho

Pesquisadora: Já sabe...já sabe....de memória...

Benedito: Você me mostra uma planta tal aí eu digo que planta é, se ela é, se for Sacaca, Aroeira, porque aqui na região norte já tem muito plantado, já também em Monte Alegre plantaram muito Aroeira, catingueira, plantaram muito, porque a catingueira ela serve para cirrose, ela serve para câncer, ela o mufumbo tudo é planta que dá aqui é planta que dava muito....

Pesquisadora: Os jovens seu Benedito, o senhor acha que os jovens se envolvem com esse conhecimento? Ou não o que que o senhor acha?

Benedito: Muito difícil

Pesquisadora: Eles não conhecem....

Benedito: Alguns vamos de mil tira um, ou dois mil tira um para poder, mas é uma coisa você sabe que a unha suja porque mete naquele coisa lá (a terra) vai ficar roxo logo ai os jovens não quer andar com a unha suja quer andar limpinho

Pesquisadora: Sei

Benedito: Né? E é o jeito de você sujar a unha...

Pesquisadora: Eles não tem muito interesse?

Benedito: Não e os mais velhos já estão morrendo, ó a Maroca um dia desses morreu ai vai acabando até para benzer criança hoje anda de muito longe não acha e o pessoal não quer mais

Pesquisadora: O senhor benze seu Benedito?

Benedito: Eu benzo

Pesquisadora: os jovens não se interessam...

Benedito: É hoje ele hoje vai para a sacanagem né, para a vagabundagem, não aprendem naquela nossa época não eu nasci e me criei no interior ai se você tivesse com uma dor de dente, tivesse seu dente furado o que você pode para estancar aquela dor de dente, querosene, mas pergunta pro jovem que dai que ele não sabe se molha um boiazinho de algodão e bota no buraco do dente pronto a dor passa, mas o jovem não quer fazer...

Pesquisadora: Como é o querosene?

Benedito: O querosene, você molha no algodão né, você pega o querosene você molha no algodão ai você bota no dente pronto para de doer

Pesquisadora: Hum hum

Benedito: Aí quer dizer que hoje se passar no médico ele já diz que é receita doida né que a pessoa não pode usar aquilo

Pesquisadora: Hum hum

Benedito: Pode sim

Pesquisadora: O senhor acha importante que os jovens se interessassem mais por isso?

Benedito: Eu achava... ixi!!! se o jovem se interessasse, o governo se interessasse desse área de terra pra a gente plantar olha em Santarém o meu terreno é 33 metros e 10 centímetros por 46 e meio de fundo que o prefeito me deu lá mas os daqui não dão nada, tem a terra e fica ai, tu vai cortar, rimpar o que não vale nada e não quer que corte, olha se me desse uma área de terra dessa aí eu plantava eu ia no Ceará no mês de outubro, a catingueira só flora no mês de outubro, terminasse o mês de outubro trouxesse o remédio e plantava aqui

Pesquisadora: E aqui tem espaço...

Benedito: Tem e aqui eu tenho que pedir de fora para vim pra cá aonde se tivesse aqui era bem...saia baratinho né?

Pesquisadora: Me diga seu Benedito...o que é que as pessoas mais procuram assim para tratar com as garrafadas?

Benedito: Garrafada procura mais para câncer

Pesquisadora: Para câncer?

Benedito: É

Pesquisadora: E os homens?

Benedito: Os homens também para próstata

Pesquisadora: E a mulher?

Benedito: A mulher para câncer

Pesquisadora: Câncer no útero?

Benedito: Câncer no útero, câncer de mama é mais isso

Pesquisadora: E pra ter filho?

Benedito: Ter filho, a gente faz muito garrafada para a mulher ter filho só que é uma garrafada que eu não cobro barato para ter filho ela sai em torno de 150

Pesquisadora: É mais caro...

Benedito: Mais caro, porque a mulher não ter filho é a coisa mais fácil que tem o que é que eu faço por exemplo vem tu e teu marido aqui ai eu tentei quatro anos casada não tenho filho né eu disse tá tu pega esse bacio compra um bacio rosa e um azul leva, lá tu bota meio quilo de trigo no teu bacio meio quilo de trigo no bacio do teu marido, trigo ai vai urinar, quando for de manhã aquele que não pode fazer filho, aquele trigo tá tufado o bicho tá subindo e baixando ai tu já sabe qual é os dos dois que pode ter filho

Pesquisadora: É mesmo?

Benedito: É ai um dia desses veio um assim e eu disse mas é tu, não é tua mulher tua mulher pode ter filho tu é que não pode e ele achou graça, porque sempre se condenava a mulher né peguei fiz o remédio para ele pronto dois filhos ai na porrada

Pesquisadora: O negócio era com ele?

Benedito: Com ele, aí quer dizer, se for pro medico tem que fazer dois exames, pro medico fazer ai ele vai castigar primeiro a mulher né, porque o homem dizia, minha mulher não tem filho, não é que a gente tem essa ciência essa técnica, bota o baio azul para ele urinar e o rosa para ela urinar de manhã sabe ai de manhã tava só o dele subia e baixava eu digo “é tu que não faz filho”, a ciência né...

Pesquisadora: O senhor é católico?

Benedito: Sou, meu pai, minha mãe meus avô tudo era católico, tu sabe porque igreja de crente não foi Deus que fundou, eu não não....desacredito....mas foi um padre Martinho Lutero ele adulterou com a... com a pessoa a mulher e aí a igreja católica ficou, mas a única religião que atende do princípio é a igreja católica e eu sei que é pecado nós temos uma coisa errada de adorar o ídolo a imagem né, isso ai se você pedir diretamente para Deus não vai pedir para nossa senhora não, eu sou assim católico mas não sou fanático por esse negócio de imagem não... não, mas eu gosto da igreja católica

Pesquisadora: ah sim....Seu Bebedito eu quero agradecer muito o senhor...

Benedito: E aparece

Pesquisadora: Tá eu venho aparecer porque venho lhe dar as notícias...

Benedito: É....pode procurar se precisar

Pesquisadora: venho para o senhor saber como é que tá o resultado...eu sou daqui mesmo de Macapá, eu sou professora...

Benedito: A minha filha também é professora

Benedito: Eu disse minha filha essa é a profissão mais ruim que tem, porque era para vocês ganharem muito bem, porque vocês é que educam o juiz, o promotor tudo se não fosse vocês não tinha

Pesquisadora: Não é valorizado né...

Bebedito: Não era para vocês ter muito valor...

Pesquisadora: então a gente é colega de profissão...

Benedito: Eu passei 39 anos casado separamos por que Deus separou é o jeito separar né mas eu nunca discuti com a minha mulher

Pesquisadora: Ela era de lá também do Nordeste?

Benedito: Não de Santarém

Pesquisadora: De Santarém, O senhor que é do....

Benedito: Cearense

Pesquisadora: Vocês se conheceram aqui em Macapá?

Benedito: Nos fumos para o Ceará

Benedito: Um dia cheguei lá em Belém a polícia militar tava lá né ai eu disse rapaz quem é o comandante de vocês aqui...ah é o major Macedo que era de Santarém eu digo ah eu conheço ele ai eu fui para lá para o quartel chego lá no quartel demorou lá vem ele, mas rapaz o que tu faz por aqui eu digo eu é que pergunto à você era um eu passei três dias com ele lá em Belém né mas eu disse “não Macedo já vou direto eu já vou já vou passando direto eu já vou para o Ceará na volta quando eu voltar eu faço o remédio” ele confiava né eu fui uma pessoa assim que eu nunca me envolvi com roubo nunca me envolvi com droga não e ainda fui policial dezesseis anos em Santarém

Pesquisadora: Foi mesmo?

Benedito: Foi agora eu tô assim, agora o pessoal diz que eu era carrasco, eu era carrasco, poxa eu te pegava tu ai amanhã eu te pegava no mesmo lugar ai tu faz a mesma coisa eu me mordida, eu já tive três derrames

Pesquisadora: Foi mesmo seu Benedito? O senhor tem qual idade agora?

Benedito: 58, a gente pelega para se aposentar e não consegue

Pesquisadora: Ainda não conseguiu?

Benedito: Não porque, porque, eles querem que a gente more na colônia ah se eu já tive três derrame eu vou morar mais na colônia

Pesquisadora: É longe...

Da longe né não vai morar mais

Pesquisadora: ah sim....então tá...

Benedito: Pois é apareça viu aqui...

Pesquisadora: Vou aparecer sim

Benedito: Isso para tua pesquisa é bom isso aí

Pesquisadora: É

ANEXO E – ENTREVISTA COM ANA

Psicóloga participante do *Projeto Gênero e Diversidade nas Escolas* desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação do Amapá.

Pesquisadora: O que eu queria saber é como é esse trabalho que vocês desenvolvem ou estão projetando desenvolver com as escolas no sentido da sexualidade?

Ana: Sim, é o que é que acontece, tem um projeto né que foi uma das idealizadoras do projeto já a (cita o nome de uma funcionária da SEED) né eu faço parte do movimento social eu me chamo Ana (cita seu nome completo), eu trabalho com movimento social LGBT, eu sou psicóloga, tô finalizando a minha especialização de gênero e diversidade na escola

Pesquisadora: Na UNIFAP (Referindo-me à Universidade Federal do Amapá)...

Ana: Na UNIFAP isso para me dar esse aparato além de teórico da militância mas de ter realmente respaldado e legalizado que eu tenho o conhecimento específico para tá abordando essa temática que eu trabalho né, tanto na parte da educação, quanto na parte da saúde, então a professora (cita o nome da professora pertencente ao quadro da SEED) ela deu início a esse processo, a professora (cita o nome da professora) também lá da Secretaria onde esse núcleo ele tá fazendo esse trabalho, então o trabalho do núcleo, o nosso projeto lá é de gênero e diversidade, então a gente não vai trabalhar só gênero, mas todas as temáticas de minorias, que são diversas, são plurais, a gente tá trabalhando dentro das escolas também como a questão da laicidade, pessoas com deficiência, racismo, vai tá trabalhando tudo né e a gente deu início com as questões de gênero, porque no dia 28 maio, dia 28 é 28? Não desculpa, dia 17 de maio a gente celebra o dia do combate à homofobia que hoje em dia a gente chama de LGBT fobia que foi acordado dentro da conferência nacional de direitos humanos e LGBTs né? Então já foi acordado que o termo agora universal é LGBT fobia então foi o dia do combate à LGBT fobia e a gente trabalhou isso com as escolas convidamos escolas né, foi dividido pelos NAES⁷⁸ das escolas (as escolas em Macapá são definidas em grupos de escolas) para que essas escolas mandem professores né, dois representantes professor e da coordenação para que pudesse tá participando dessa jornada com a gente que foi um dia inteiro, onde a gente abordou a questão dos marcos legais para que os professores, os profissionais em geral da escola, eles é... soubessem já o que a gente já tem de legalizado, como a questão do nome social que precisa ser respeitado né os próprios direitos, os direitos que já tem voltado para a questão LGBT e também falamos sobre a afetividade num todo né, como que a afetividade ela é importante nesse processo de ensino aprendizagem para essas pessoas LGBT,s dentro da escola? Então foi muito legal, a gente teve muitos é, muitos resultados positivos e negativos também, é nós conversamos, desculpa, alguns professores e professoras já vieram me procurar para tirar dúvidas né, porque a gente sabe que é um assunto que ainda é visto com muita anormalidade né, se tem medo, porque a gente vive numa sociedade que é extremamente preconceituosa é machista, é muito embasada em princípios morais, bíblicos religiosos, e isso afeta diretamente a população LGBT né, é basicamente isso, a gente tá agora com uma nova proposta para ser trabalhada no mês, é no novo semestre né, de agosto a outubro onde a gente vai tá incluindo outras temáticas, não só gênero, mas a gente vai tá falando sobre a questão do racismo, a laicidade nas escolas, então a gente dividiu também por NAE para a gente tentar alcançar e vamos fazer um dia de palestra de rodas de conversas com esses professores das escolas então tá tá bem legal essa proposta.

Pesquisadora: A comunidade escolar vai ser chamada para discussão?

⁷⁸ Núcleo de Ação Educacional. As escolas públicas estaduais do Amapá são agrupadas em núcleos: NAE 1, NAE 2, NAE 3, NAE 4, NAE 5.

Ana: Isso

Pesquisadora: Foi na UEAP né o encontro?

Ana: É a primeira jornada foi na UEAP (se refere à Universidade Estadual do Amapá) aí agora nesse segundo semestre a gente vai fazer uma outra jornada, é como se fosse um processo de capacitação, entregar instrumentos para que esses professores e trabalhadores, colaboradores das escolas saibam lidar com todas as demandas, tanto que na última reunião que nós tivemos, nos organizamos um cronograma né, a gente tem também, como é o nome dela gente? Eu esqueci que ela tá ajudando a gente que ela é do pessoal da pessoa com deficiência, deixa eu ver se eu acho aqui o nome dela...(Pesquisa o nome de uma pessoa no celular)

Pesquisadora: Ai vai ser sempre nessa chamada das escolas né?

Ana: Pelos NAES, é aí fica mais fácil

Pesquisadora: Vocês fizeram só com um NAE, esse da UEAP foi chamado qual NAE mesmo?

Ana: Todos os NAES foram chamados.

Pesquisadora: Vocês sempre vão chamar todos?

Ana: Isso para que todos tenham acesso porque a gente, não dá para a gente fazer só com um e outras escolas não, porque a gente compreende também que as escolas de periferia elas acabam sofrendo muito mais né, os alunos dessas escolas sofrem muito mais porque eles tem outra realidade, então é por isso que a gente tá tentando chamar todos, mas ainda é uma temática que os professores fogem, que os diretores fogem, que a coordenação foge, “não na minha escola não tem homossexual não tem essas coisas” e tem gente, não tem como a gente fechar os olhos dizendo que não existe porque tá aí, tá latente e a gente precisa encontrar estratégias para trabalhar com essa população né, não só os LGBTs, mas a questão do racismo que é muito forte também dentro das escolas, a questão do machismo né, da falta da laicidade nas escola também que é algo assim que a gente fica pasmo como que alguns diretores ou professores eles acabam usando da sua própria religião para julgar aqueles alunos, para julgar o o próprio a própria percepção da Direção, então tem muito esse jogo, a comunidade de professores que é de uma religião mais conservadora que julga o diretor ou a coordenação por tá dando esse tipo de capacitação, por tá chamando, então é muito difícil e só que a gente precisa ir martelando aquilo e quebrando para falar, a gente não tá ali para impor, ninguém quer impor nada, na verdade nós queremos que as pessoas compreendam que vivemos em uma sociedade que é plural e que a gente tem que atender a toda essa pluralidade, por exemplo, a questão do nome social, como é que você vai par uma escola onde você não é respeitado pelo seu nome? Então isso para mim já é algo que para mim faz com que principalmente a população T que são as travestis e as pessoas trans se sintam abandonadas. É abandono de fato se eu me identifico como João e o professor ou a professora insiste em chamar de Joana eu não vou me sentir a vontade ali né, então a gente precisa mudar, é porque lei nós já temos embasamento legal tanto no Município, Federal e Estadual, o uso e o direito do nome social então só falta a gente o que? É sensibilizar esses professores porque o exemplo básico que eu dou é o meu, o meu nome é Ana, eu não gosto que me chamem de Ana né, eu não me identifico com o nome Ana, mas ninguém briga comigo por eu não gostar de Ana eu falo quero ser chamada de I. (indica o outro nome de seu nome composto verdadeiro) e todo mundo respeita e me chamam de I. né? Por que que com outra pessoa é diferente? Por que que com uma travesti é diferente? Por que que uma pessoa trans é diferente, então é muito delicado essas questões que a gente tem que ir aos pouquinhos, com muito carinho, muita sensibilidade, porque eu também não posso chegar num ambiente e dizer: “olha tudo que tu faz é errado!”, não posso fazer isso, eu tenho que ir aos poucos dizer: “olha você está indo por esse caminho, está indo bem, vamos fazer assim, apontar é cortar

alguns fiapos que estão soltos aí”, então a gente tem que ter uma sensibilidade também, como palestrante, como pessoas que estão implantando é...esse projeto nas escolas

Pesquisadora: Nesse encontro que foi dia 17 de maio, qual foi a receptividade dos professores qual a avaliação que tu fazes das dúvidas, num apanhado geral que tu possas fazer?

Ana: Olha eu vi como algo muito positivo é nós tivemos principalmente pela parte da manhã, é nós tivemos um público bem grande é um público participativo que não adianta estar só ali mas foi um público participativo, questionador pela parte da tarde também, mas é como eu estou falando ainda tem assuntos que a gente precisa ir devagar, não dá para eu jogar tudo de uma vez só, eu preciso ir devagar né, como é que eu vou dizer para um professor, ou para um diretor e diretora né que aquela aluna, não é o fato de ela estar de sainha que ela não precisa, que ela não pode assistir aula, porque já é cultural entende, então a gente tem que ir devagarzinho, como é que eu posso falar para aquelas pessoas que trabalha naquela escola que aquele aluno homossexual ele também pode demonstrar afetividade com o rapaz que ele tá namorando, já que os outros casais heterossexuais fazem a mesma coisa. Então a gente tem que ir com muita cautela, porque se a gente for batendo de frente e quebrando as muralhas assim só duma porrada a gente vai perder parceiros e nesse momento principalmente esse atual momento político que a gente tá nós não podemos perder parceiro nenhum, então é importante a gente saber também, então dar passos para trás, para que pelo menos a temática seja falada dentro da escola que eu tenha liberdade de conseguir os professores, que eles me escutem, por isso que a palestra que eu fiz foi sobre a afetividade, então eu fiz todo o aparato do que é a afetividade e qual a importância da afetividade para o ser humano depois cheguei na questão da homoafetividade, que eu não suporto essa palavra homoafetividade né, porque para mim não existe homoafetividade, porque se não para mim tem que existir heteroafetividade né, então para mim é muito nesse parâmetro, mas eu tive que fazer isso, para que eles compreendam que um relacionamento homossexual também existe afetividade, não é só sexo não é só promiscuidade, porque isso também tem no relacionamento heterossexual, eu tenho casais heteros que são promíscuos que traem seus companheiros, que traem suas companheiras, assim como eu vou ter no casal homossexual, porque, porque eu tô falando de seres humanos e seres humanos são assim, então eu não posso dizer que isso é só de pessoas homossexuais ou só de pessoas heteros, eu não posso falar isso, então tem que ter muito essa cautela, é um jogo de cintura, é a maneira que você vai fazer com que aquele professor reflita também no que vem acontecendo, as piadas, então a escola em si ela é uma mini sociedade, quanto tempo que a gente não passa dentro de uma escola? Quanto tempo que a gente não passa ali naquela escola com aquele professor, com aqueles colegas, então é muito tempo e lá dentro já vão se criando maneiras de saber lidar com aqueles problemas aqui fora na macro sociedade né, a questão dos preconceitos, das piadas né, de tudo e a gente precisa saber lidar com tudo isso, então é injusto até para o professor só jogar no peito dele se não der um respaldo, não der alguém que possa ajudar, então por isso que eu bato muito tem alguns professores que vem falar comigo, mas eu não sou do funcionária efetiva do Estado então eu acabo fazendo um trabalho voluntário né, não é o meu trabalho, eu sou funcionária efetiva do município eu trabalho na saúde, mas por ser a temática que eu abordo que eu acolhi para a minha vida eu dou, eu vou, no tempo disponível que eu tenho né eu vou eu dou dicas, eu passo estratégias tento verificar o que tá acontecendo repasso para o pessoal da Secretaria de Educação para a gente também ter o que falar né ter como maneiras de ajudá-los, porque se não a gente vai ficar nadando, nadando, não vai sair do lugar.

Participante: Ah você é parceira do projeto que acontece na secretaria né?

Ana: Isso. Porque eu faço parte da saúde eu trabalho numa equipe de saúde do município e por eu fazer parte do movimento social LGBT que eu sou vice-presidente da ALBA eu é a Articulação de Lésbicas e Bissexuais do Amapá e aí eu fui convidada a tá participando junto

com eles então quando eu não vou a presidente vai e a gente fica se revezando né, mas a gente procura tá presente no máximo de ações que vão ser realizadas

Pesquisadora: O nome do projeto é, tem um nome assim, ou....

Ana: É gênero e diversidade nas escolas

Pesquisadora: Ah tá, e ele existe desde quando, essa ideia, essa sensibilidade de levar esses temas...

Pesquisadora: A gente vem trabalhando de fato assim esse projeto é desde de 2011, só que a gente trabalhou muito mais a questão de gênero né e a questão da população LGBT e a gente trabalhou unicamente no período de combate a LGBTfobia que foi no dia 17 de maio, na data, agora esse eu tô vendo que é o primeiro ano que a gente tá abrindo né, para esse segundo semestre nós estamos provocando, já temos um cronograma de atendimento de idas nas escolas para fazer essa capacitação e onde a gente vai abordar todas as outras temáticas também para não falar assim “ah mais só tá falando de gênero”, porque tem isso também né “e as outras minorias?” Não, então gente tá indo e estamos tentando levar a maior quantidade de temas como é que esse professor vai saber lidar com o racismo em sala de aula? Com bullying. Com a gordofobia? Porque tá aí, como é que esse professor vai saber lidar? Porque é uma coisa é tem uma briguinha lá entre alunos é “ô menino para com isso, ele não é feio” e a outra é o menino tá chamando o outro de viadinho como é que tu vai saber lidar com isso né? Então são coisas bens distintas, tá chamando o outro de negrinho, como é que o professor vai saber lidar com isso? Se não for um professor que tenha um embasamento, um empoderamento ele não vai conseguir lidar, porque nós mesmos acabamos também cometendo certos tipos de gafes, se a gente pegar o nosso material, o nosso material ele é altamente é racista, é um material didático onde coloca é... apenas apresenta a população negra em situações de rua, em situações de uso e abuso de álcool né, então isso já mostra aonde tem que tá a população negra e a população LGBT nem aparece lá né, então a gente tem que ter muita cautela, não dá, como eu tô colocando, não dá para a gente mudar tudo de uma vez só, mas a gente conseguindo sensibilizar e fazer com que aquele professor ou aquela professora já tenha um olhar diferenciado a gente tá conquistando um espaço né que essas pessoas que trabalham nas escolas consigam compreender que nós não queremos mais privilégios e sim os mesmos direitos a gente tá conseguindo já um grande espaço, uma grande mudança.

Pesquisadora: O que me chamou a atenção do evento é a parceria das ONGs com a Secretaria né, você falou da ALBA, a ALBA ela nasceu quando? Faz tempo?

Não a ALBA tem dois aninhos só, nós somos novinhos, a GATA que o grupo de homossexuais e tildes do amapá que é a mais antiga né, foi a primeira instituição que fez a primeira parada do orgulho LGBT foi o GATA, e aí a gente também tem a Federação amapaense LGBT que é uma que tá sempre à frente, ela é que tá sempre trabalhando com essas questões fazendo esse advogo com a Secretaria né, se eu não me engano a Federação ela é de 2010, tem seis anos a Federação, então são bem novinhos assim.

Pesquisadora: Todos se envolvem no projeto?

Ana: Sim a gente procura mas... mas existem aquela que só tão no papel aí não aparecem então a gente tem essas dificuldades como em qualquer outro projeto na minha concepção, pessoas que ao longo do caminho vão saindo, vão desistindo, então pra mim por ser um trabalho voluntário fica um pouco difícil porque eu tenho que trabalhar né, eu não posso ficar, tenho que conciliar, então eu atendo à noite eu atendo de manhã eu tô no NASP que é meu projeto pela saúde da família onde eu faço os acolhimentos também que é do Município, ainda tem essa questão, eu sou do Município eles são Estadual, então tem as picuinhas né também então é bem delicado, mas o máximo que eu puder eu tô, eu tô também dentro do conselho regional de psicologia, nós temos uma seção aqui em Macapá e eu tô com um grupo de trabalho sobre gênero e diversidade lá também, então dá pra ver que é o que manjo é o que

eu quero, é a temática que eu estou trabalhando sempre, o meu tcc ele fala sobre a questão da violência simbólica à população LGBT então tudo isso eu tô procurando, eu vou lendo eu vou me empoderando sobre o conhecimento para que eu tenha um embasamento tanto teórico quanto prático do que tá acontecendo né para poder dar essas contribuições

Pesquisadora: Hum consegue ver os dois lados né, por estar na psicologia também, a gente tá vendo na educação um retrocesso como você falou, alguns os professores estão tendo resistência quando tentam tratar essa temática e isso tá vigorando muito hoje em dia um conservadorismo...

Ana: Hum hum bastante e assim a gente compreende falar de educação sexual “não não precisa” gente como que não precisa? Eu tenho adolescente de doze anos grávida, você vai me dizer que eu não preciso falar sobre relação sexual, que eu não preciso falar sobre afetividade? Porque as pessoas elas confundem muito o que é a sexualidade com o ato sexual, sexualidade com afetividade, são coisas distintas mas que andam juntas, então eu não posso fechar meus olhos e dizer, “não na minha escola”, porque diretor tem disso né, “na minha escola a gente não vai falar sobre essas coisas não porque se a pessoa quiser se a criança quiser aprende isso em casa” aí os pais também não estão preparados porque...aí fica um jogando para cima do outro então a gente tem que parar com isso né, eu acredito sim que as pessoas tem o seu direito de ter a sua religião mas eu não acho certo que essa religião ela faça com que você acredite que os outros tem que agir do mesmo jeito que o que tu acredita, não acho correto então aí ficam dizendo né “ah aí vai ter educação sexual todo mundo vai sair transando”, gente não tem, tá todo mundo transando então tem alguma coisa muito errada aí, então eu vejo muita hipocrisia nessa parte, é um fechar de olhos né, a minha esposa ela trabalha aqui na escola Castelo Branco e foi pego já ano passado um casal hetero transando dentro do banheiro e depois pegaram um casal LGBT, um casal homossexual transando no banheiro aí vai me dizer o que a escola fez? Nada, no máximo chamou, eu perguntei para ela “e aí, o que aconteceu com aquela situação lá”? “Ah a escola não fez nada, só chamou eles deu uma advertência”. Poderia ser uma possibilidade para chamar a discussão, para já fomentar a discussão, mas quando a gente não tem embasamento a gente tem medo, a gente não faz, a gente não faz né.

Pesquisadora: Prefere silenciar...

Ana: Isso mesmo, esses foram pegos, imagina quantos os que não foram né, então a gente tem que ter muita cautela é é um tema difícil é um tema complicado, é um tema que mexe contigo, porque se você não tá bem com a tua sexualidade, você também não consegue conversar com outras pessoas, não consegue e isso é fato, isso é psicologicamente explicável, não tem como as pessoas dizem “não, mas eu não tenho nenhum problema” tem! Não quer falar é porque tem! É porque nós viemos de uma educação conservadora, nós viemos de famílias onde isso era tabu, isso não deveria ser falado entende, nós viemos de uma educação onde a mulher é submissa e ela precisa esconder os seus desejos, então assim, tem muita coisa que a gente precisa lutar para mudar e não dá para a gente mudar tudo de uma vez, tem que ser aos poucos.